

NICOLE JORDAN

A Paixão

Um casamento desesperado.
Uma noite de paixão.
Um amor que poderia durar para sempre...

tiara

Ficha Técnica

Título: A Paixão
Título original: The Passion
Autora: Nicole Jordan
Tradução: Ana Reis
Revisão: Cristina Pereira
Capa: Maria Manuel Lacerda
Imagem da capa: Photographer / © Susan Fox / Trevillion Images
ISBN: 9789722048576
Tiara
LIVROS D'HOJE
[Uma chancela do grupo Leya]
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01
Copyright © 2000 by Anne Bushyhead
© Publicações Dom Quixote, 2011
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.livrosdhoje.leya.com
www.leya.pt

Dedicado a quatro amigas escritoras maravilhosas:
Rosemary Edghill, India Edghill, Donna Sterling e Deborah Smith.
Espero que compreendam o quanto são especiais.

PRÓLOGO

Anotação do diário, 16 de julho

Pego uma vez mais na minha pluma, sofrendo com a luta que me vai no coração. Devo escapar a esta paixão que me consome, mas não sei como fazê-lo.

Esta noite vieste até mim. Senti a tua presença, o teu calor, antes de escutar as tuas passadas, a tal ponto os meus sentidos estão harmonizados com a tua proximidade. O feitiço que me lançaste fez de mim tua escrava com mais eficácia do que quaisquer grilhões.

Murmuras o meu nome e eu volto-me para ti. Os teus olhos negros são intensos, inquisitivos. Devolvo-te o olhar, fascinada. Basta esse teu olhar, e sou inundada por uma torrente de prazer.

Refugio-me nos teus braços sofrendo de amor e desespero. O teu contacto é como um bálsamo, a tua mão no meu peito alivia-me e excita-me ao mesmo tempo.

Fecho os olhos ao sentir a tua virilidade, a tua força, contra a minha fragilidade. Sabes muito bem o quanto sou vulnerável em relação a ti e à tua paixão feroz. Sinto o meu corpo inflamar-se com ela. Estremeço com as carícias dos teus lábios, do teu hálito quente, dos teus dedos hábeis à medida que me desnudas.

As tuas roupas caem no solo. À luz das velas perfumadas com almíscar, o teu corpo nu cintila de graça e poder, dono e senhor de todas as fantasias femininas.

As tuas mãos roçam o meu ventre e estremeço. Por minha vez, acaricio a intumescência compacta da tua dureza e não sinto vergonha. Ensinaste-me os desejos da carne, sensibilizaste o meu corpo para o prazer e aniquilaste toda a inibição.

Já estou a flutuar, o meu centro incendiado e pulsante convertido em líquido com o teu contacto, enquanto te deitas comigo. Com um olhar desafiante e repleto de desejo moves-te sobre o meu corpo e deslizas para o meu interior, penetrando-me profundamente. O meu grito é rouco de prazer enquanto me arqueio em jeito de rendição.

Tu dominas os meus sentidos. Estou desesperada, ansiosa por te provar, drogada com o teu opiáceo, com a necessidade de preencher e ser preenchida.

Inundas-me com a tua paixão. Estou a afogar-me e arrasto-te comigo.

Depois deitamo-nos juntos lado a lado, os nossos hálitos ofegantes misturam-se, as nossas peles húmidas aderem-se. Sinto que te manténs imóvel ao provar o sal das minhas lágrimas. Erguendo-te sobre mim, olhas-me nos olhos e vês a dor do meu coração, que não consigo ocultar.

O teu beijo intenso tinha a intenção de me acalmar, mas só aprofunda ainda mais o conflito que me despedaça o coração.

Dizes que a escolha é minha. Ofereces-me a liberdade, uma dádiva valiosa. Porque a minha felicidade significa mais para ti do que tu mesmo, deixar-me-ás partir.

Mas conseguirei suportar viver sem ti?

E caber-me-á realmente a mim fazer essa escolha?

PRIMEIRA PARTE

LAÇOS DE DESEJO

CAPÍTULO 1

À primeira vista, parecia infinitamente perigoso, bárbaro até.
E, contudo, havia algo no seu olhar que me atraía…

Índias Ocidentais Britânicas, fevereiro de 1813

A cena era pagã: o homem seminu amarrado com correntes, o seu musculoso torso bronzeado pelo sol do Caribe. A sua silhueta, recortada contra os altos mastros do navio, mantinha-se desafiante, inquebrável.

Por um breve instante, Lady Aurora Demming sentiu o seu coração vacilar enquanto erguia o olhar para a amurada da fragata.

Bem poderia ter sido uma estátua esculpida por um mestre escultor, os músculos bem torneados de grande agilidade… só que ele era um homem de carne e osso e estava muito vivo. A luz do sol realçava os contornos bem delineados do seu corpo e dourava os seus cabelos louro-escuros.

Aquele tom de ouro fulvo era-lhe estranhamente familiar. No primeiro olhar, Aurora tinha estremecido com a recordação de um outro rosto perdido para sempre. Mas aquele homem impudente e quase nu era um desconhecido, e possuía uma masculinidade intensa que o tornava totalmente diferente do seu defunto noivo.

Usava apenas uns calções e, embora transportasse os grilhões de um prisioneiro, mantinha uma postura indomável e um olhar bravio e distante na direção do cais. Mesmo àquela distância, os seus olhos pareciam brilhar de modo perigoso, dando a impressão de estar a conter uma raiva latente.

Como se sentisse o seu intenso olhar, o homem voltou-se lentamente e fixou-se nela, deixando-a totalmente fascinada. O bulício e a agitação do cais desvaneceram-se. Por um momento fugaz, o tempo deteve-se e só existiam eles os dois.

A intensidade do olhar dele paralisou-a, contudo Aurora sentiu-se estremecer e, de repente, o coração começou a bater-lhe no peito a um ritmo doloroso, quase selvagem.

− Aurora?

A voz do seu primo Percy sobressaltou-a e fê-la recordar-se do lugar onde se encontrava. Estava no cais do porto de Basseterre, em St. Kitts, diante dos escritórios do agente marítimo, com o sol cálido do Caribe a incidir sobre ela. Os odores penetrantes a peixe e a alcatrão impregnavam o ar salgado junto com os gritos estridentes das gaivotas. Para lá do cais buliçoso estendiam-se as águas azul-esverdeadas e brilhantes do oceano, enquanto à distância se vislumbrava a exuberante ilha montanhosa de Nevis.

O primo seguiu a direção do seu olhar até ao prisioneiro da fragata naval.

− O que te mantém tão fascinada?

− Aquele homem… − murmurou. − Por um momento fez-me lembrar Geoffrey.

Percy semicerrou os olhos num esforço para ver para lá do cais.

− Como é que consegues discerni-lo a esta distância? − Franziu o sobrolho. − A cor do cabelo talvez seja similar, mas qualquer outra semelhança deve ser superficial. Não consigo imaginar o defunto conde de March como um condenado, e tu?

− Suponho que não.

Todavia, não conseguia afastar os olhos do prisioneiro de cabelos louros. E, ao que parecia, ele também não conseguia afastar os olhos dela. Ainda continuava a observá-la enquanto se encontrava de pé no topo da prancha de desembarque, pronto para sair. Tinha as mãos agrilhoadas e estava guardado por dois marinheiros armados e de constituição robusta da Marinha Britânica, todavia, não deu pela presença dos seus captores até um deles puxar violentamente pela corrente que lhe unia os pulsos.

A dor ou a fúria fizeram-no cerrar os punhos, mas não ofereceu nenhum outro sinal de resistência enquanto era conduzido à zona dos mosquetes, no final da prancha de desembarque.

Uma vez mais, Aurora ouviu alguém chamar pelo seu nome, desta vez com mais firmeza.

O primo tocou-lhe no braço com um olhar repleto de simpatia.

− Geoffrey partiu, Aurora. Não te fará nenhum bem continuar a cismar na sua perda. E a tua dor só pode ser prejudicial para o teu próximo matrimónio. Estou certo de que o teu futuro esposo não apreciará que estejas de luto por outro homem. Pelo teu próprio bem, deves aprender a reprimir os teus sentimentos.

Sentia vergonha de admitir que não era exatamente na sua perda nem no matrimónio não desejado a que o seu pai estava a obrigá-la que estava a pensar, mas assentiu para tranquilizar o primo. Não fazia sentido demonstrar interesse por um

desconhecido seminu. Ainda para mais um criminoso. Alguém que evidentemente tinha cometido algum crime execrável para merecer um castigo tão brutal.

Com um ligeiro estremecimento, Aurora obrigou-se a desviar a atenção. A primitiva exibição não era espetáculo para uma senhora, muito menos para a filha de um duque. Raramente tinha visto tanta carne masculina nua. Não havia dúvida de que nunca se havia sentido tão perturbada por um homem como há momentos, quando o olhar dele se cruzara com o dela.

Repreendendo-se a si mesma, voltou-se para permitir que o primo a conduzisse à carruagem aberta. Tinha vindo com Percy ao cais para confirmar a sua passagem para Inglaterra. Devido ao conflito com a América e à ameaça de pirataria havia poucos navios a saírem das Índias Ocidentais. De acordo com a programação, o próximo navio de passageiros devia partir da ilha de St. Kitts daí a três dias e estava apenas a aguardar uma escolta militar.

Temia regressar a casa, e retardara-o durante tanto tempo quanto se havia atrevido, muitos meses mais do que o originalmente previsto, utilizando a desculpa de que era perigoso viajar em plena guerra. Mas o pai tinha-se mostrado inflexível e havia-lhe exigido que se apresentasse de imediato a fim de preparar a boda com o nobre que tinha escolhido para ela. Na sua última carta ameaçara-a dizendo-lhe que a iria buscar pessoalmente caso deixasse de honrar o acordo que tinha feito em seu nome.

Aurora tinha já um pé no degrau da carruagem quando um tumulto no cais a fez deter-se. O prisioneiro tinha atingido o fim da prancha de desembarque, e estava a ser obrigado a subir para um vagão, uma tarefa que era, obviamente, difícil devido às correntes.

Ao verem que se movia com demasiada lentidão, os guardas aplicaram-lhe um empurrão brutal que o fez tropeçar e quase cair de joelhos. Para o impedir, o homem segurou-se à porta traseira do vagão, endireitando-se e fitando o guarda com um olhar desdenhoso.

A sua fria insolência pareceu enfurecer os seus carrascos porque recebeu um golpe nas costelas com a culatra de um mosquete que o fez dobrar-se de dor.

O grito de protesto que Aurora estava prestes a soltar perante o cruel ataque morreu-lhe na garganta quando o prisioneiro agitou as suas correntes na direção do guarda. Era um gesto inútil de desafio, pois ele estava amarrado de uma forma demasiado firme para conseguir causar algum dano real, mas, aparentemente, a sua rebelião era a desculpa que os guardas pretendiam.

Ambos os marinheiros o atacaram com a culatra dos seus mosquetes fazendo-o cair sobre as pedras da calçada com gritos de «cão desprezível» e «escória bastarda!».

Aurora retrocedeu horrorizada ao ver alguém a ser tratado com tanta crueldade e sem misericórdia.

− Por amor de Deus…! − murmurou com uma voz rouca. − Percy, fá-los parar!

− É assunto da Marinha − respondeu o primo num tom sombrio, falando como tenente-governador de St. Kitts. − Não tenho justificação para intervir.

− Meu Deus, vão matá-lo à pancada!

E, sem aguardar resposta, recolheu a saia e correu em direção ao tumulto.

− Aurora!

Escutou Percy a praguejar entre dentes, mas não abrandou nem se deteve para refletir no perigo ou na loucura de intervir na violenta disputa.

No dispunha de nenhuma arma e não tinha um plano definido para além de tentar um resgate, mas quando chegou junto dos guardas lançou a sua bolsa contra o atacante mais próximo e conseguiu acertar-lhe num lado da cara.

− Que diabo…?

Quando o surpreendido marinheiro se deteve perante o ataque inesperado, Aurora largou a bolsa e abriu caminho entre o prisioneiro caído e os seus assaltantes. Dissimulando o seu próprio temor, ajoelhou-se cobrindo parcialmente o homem quase inconsciente com o seu próprio corpo para o proteger de ser novamente atingido.

O guarda praguejou de um modo vulgar.

Com uma fúria gélida, Aurora ergueu o queixo e olhou-o fixamente, desafiando-o silenciosamente a atingi-la.

− Minha senhora, este não é assunto para si − declarou irritado. − Este homem é um pirata violento.

− E o senhor deve dirigir-se a mim como *milady* − respondeu ela num tom de voz que, normalmente era sereno, mas que agora era quase feroz, enquanto sublinhava a importância da sua posição social. − O meu pai é o duque de Eversley e conta entre os seus amigos mais chegados com o príncipe regente e o lorde primeiro-almirante.

Aurora reparou que o marinheiro avaliava o seu aspeto e as suas roupas; a sua elegante touca de seda e o traje de passeio

eram no tom de cinzento de meio luto, apenas com o toque de lilás na guarnição das lapelas da casaca para aliviar a severidade.

− E este cavalheiro − acrescentou enquanto Percy chegava apressadamente ao seu lado −, é o meu primo, sir Percy Osborne, que por acaso é o tenente-governador de Nevis e St. Kitts. Eu pensaria duas vezes antes de o desafiar.

Percy cerrou o maxilar com força perante esta declaração e murmurou em desaprovação:

− Aurora, isto é muito impróprio. Estás a provocar um espetáculo.

− Seria mais impróprio ficar sem fazer nada enquanto estes cobardes assassinam um homem desarmado.

Ignorando o olhar furioso do guarda, observou o prisioneiro ferido. Tinha os olhos fechados, mas parecia estar consciente, porque apertava o maxilar devido à dor. Ainda parecia meio selvagem. A pele reluzia com o brilho do suor e do sangue e tinha o queixo coberto por uma barba incipiente e escura.

A cabeça parecia ter sofrido os danos maiores. Não só sangrava profusamente da têmpora, como os seus cabelos dourados pelo sol, de um dourado muito mais escuro que o dela, estavam emaranhados e negros de sangue seco, evidentemente de uma ferida anterior.

Aurora sentiu-se tensa quando o seu olhar desceu pelo corpo dele, contudo, ainda assim, sentiu acelerarem-se as batidas do seu coração. A manifesta masculinidade que a havia desconcertado à distância era ainda mais evidente de perto, a dureza do corpo do homem, inconfundível. O peito e os ombros bronzeados estavam cobertos de músculos, enquanto os calções de lona cingiam as suas coxas musculadas.

Foi então que ele abriu os olhos e os fixou nela. O seu olhar era escuro da cor do café, salpicado de âmbar. Aquele olhar fixo produziu a mesma sensação surpreendente que Aurora havia experimentado antes: a de estar totalmente sozinha com ele, juntamente com uma intensa consciência da sua feminilidade.

Quase tão estranhos eram os delicados sentimentos de proteção que as suas feridas lhe despertavam. Aurora enxugou-lhe suavemente o sangue que tinha na fronte.

Com as correntes a tilintar, ele segurou-a pelo pulso.

− Não o faça − murmurou com voz rouca. − Fique fora disto… sairá prejudicada.

A pele ardia-lhe onde os dedos dele lhe haviam tocado, mas procurou ignorar aquela sensação, da mesma forma que tencionava não fazer caso do pedido dele. Naquele momento, estava menos preocupada em proteger-se a si mesma do que em salvar-lhe a vida.

− Não espera que eu fique a assistir enquanto o assassinam, pois não?

O sorriso de sofrimento que ele esboçou foi fugaz, enquanto lhe soltava o pulso e se esforçava por se apoiar nos cotovelos. Uma tontura momentânea fê-lo fechar os olhos.

− Necessita de um médico − proferiu Aurora alarmada.

− Não… Tenho a cabeça dura.

− Pelos vistos, não o suficiente.

Tinha-se esquecido de que não estavam sozinhos até que o primo se inclinou sobre o seu ombro e proferiu uma exclamação consternada.

− Santo Deus…! Sabine!

− Conhece-lo? − perguntou Aurora.

− De facto, conheço. Possui metade dos barcos mercantes do Caribe. É americano… Que diabo estás aqui a fazer, Nick?

O homem fez uma careta de dor.

− Receio ter tido um encontro desafortunado com a Marinha Britânica.

Quando o primo se voltou para os guardas e lhes pediu uma explicação, Aurora apercebeu-se de que a sua maneira de falar era muito mais suave e delicada, quase de adulação, em contraste com os seus próprios sons entrecortados.

− Que significa isto? Porque está este homem acorrentado?

Os homens livraram-se de responder quando o seu comandante se reuniu a eles. Aurora recordou-se de ter conhecido o capitão Richard Gerrod nalgum ato social do governo, há cerca de uma ou duas semanas.

− Eu posso responder a isso, excelência − disse Gerrod friamente. − Está acorrentado porque é um prisioneiro de guerra, condenado a ser enforcado por pirataria e assassinato.

− Assassinato, capitão? Isso é francamente absurdo. Deve ter ouvido falar de Nicholas Sabine − insistiu Percy, pronunciando o nome à maneira americana.− Nestes lugares é um herói, não um assassino. É evidente que deve ter confundido a sua identidade.

− Garanto-lhe que não me enganei em nada. Foi reconhecido por um dos meus oficiais em Montserrat, onde foi temerário e arrogante o suficiente para visitar uma mulher a meio de uma guerra. Não há dúvida de que se trata do famoso pirata capitão Sabre. Não só capturou pelo menos dois navios mercantes britânicos desde que a guerra começou, como afundou o navio de guerra britânico *Barton* precisamente no mês passado.

− É do meu conhecimento que a tripulação do *Barton* foi salva de se afogar pelo mesmo pirata, e depositada na ilha mais próxima − disse Percy.

− Sim, mas faleceu um marinheiro nessa batalha, e muitos outros ficaram feridos. E Sabine quase matou ontem um membro da minha tripulação quando resistia à prisão. Cometeu realmente atos de guerra contra a coroa, sir Percy. Atos punidos com a morte.

Percy voltou-se para o homem caído.

− Isto é verdade, Sabine? És um pirata?

O meio sorriso de Sabine continha uma ira fria.

− Na América usamos o termo corsário, e nunca renunciámos ao direito de protegermos os nossos próprios navios. O *Barton* estava a atacar um dos meus navios mercantes e por isso intervim. Quanto ao facto de ter capturado os vossos navios, considerei-o como um intercâmbio justo pela perda de um dos meus.

Aurora não estava tão horrorizada como talvez devesse perante a acusação de pirataria. Com os dois países em guerra, a Inglaterra considerava culpado qualquer navio armado americano. E Sabine teria certamente direito a defender os seus próprios navios. Sabia que o seu primo estaria de acordo. Embora tais ideias políticas fossem desleais com a coroa, Percy considerava a guerra um erro, e a Inglaterra a principal culpada por instigá-la. Todavia, a acusação de assassinato inquietava-a bastante…

− Pirata ou não… − disse Percy ao capitão, obviamente preocupado − haverá consequências por tomar este homem como prisioneiro. Por acaso sabe que o senhor Sabine tem ligações com a coroa, incluindo vários governadores de ilhas e o comandante da frota caribenha?

O capitão franziu o sobrolho.

− As relações que ele tem são tudo o que me impede de o enforcar imediatamente. Embora duvide que o salvem. Quando o almirante Foley souber dos seus crimes, estou certo de que dará a ordem de execução.

Depois, o capitão Gerrod olhou para Aurora e acrescentou:

− *Milady*, será melhor que se mantenha afastada dele. É um homem perigoso.

Ela acreditava que o americano fosse de facto perigoso, mas aquilo não justificava a perversa brutalidade dos seus guardas.

− Oh, realmente! − respondeu com desdém, erguendo-se para enfrentar o capitão cara a cara. − Tão perigoso que a sua tripulação deve espancá-lo até ele ficar sem sentidos, ainda que esteja amarrado como um peru de Natal. Temo seriamente pela minha vida.

Gerrod apertou os lábios furioso, mas Percy interveio rapidamente.

− O que pretende fazer com ele, capitão?

− Será entregue ao comandante da guarnição e encarcerado na fortaleza até ser executado.

Aurora sentiu um aperto no coração ao pensar que aquele homem tão vigoroso ia perder a vida.

− Percy… − implorou, olhando-o fixamente.

− Agradecia-lhe que não interferisse no cumprimento do meu dever, excelência − disse sombriamente Gerrod. − Poe-te de pé, pirata!

Sabine apertou os lábios evidenciando o seu ódio latente pelo capitão no fogo abrasador dos seus olhos escuros. Mas a sua fúria permaneceu tensamente controlada enquanto se esforçava por se ajoelhar.

Aurora ajudou-o a levantar-se, oferecendo-lhe apoio quando cambaleava, e sentiu o pulso acelerar quando ele encostou momentaneamente o seu corpo forte contra o dela. Mesmo ferido e ensanguentado, a sua perturbadora masculinidade afetava-a.

O primo deve ter reparado no quão imprópria era a situação porque lhe pegou suavemente no braço e afastou-a para o lado.

− Vem, querida − disse-lhe.

Obviamente tenso de dor, Sabine moveu-se em direção ao vagão. Aurora estremeceu ao ver as lacerações sanguentas que lhe sulcavam os ombros largos e as costas musculosas, e de novo quando um dos guardas corpulentos lhe pegou rudemente pelo braço e o apressou a entrar no vagão.

Aurora, impotente, mordeu o lábio para evitar proferir um grito de protesto.

O capitão Gerrod dirigiu-lhe um olhar severo enquanto ambos os guardas subiam para o veículo atrás do prisioneiro, mas

dirigiu-se ao primo:

− Não tinha planeado escoltar o prisioneiro até à fortaleza… Devia estar a preparar a minha fragata para partir em direção à costa americana para me juntar ao bloqueio naval, mas vejo que terei de assegurar-me de que as minhas ordens são executadas à letra.

− Tenciono visitar em pessoa a fortaleza − ameaçou Aurora impetuosamente, temendo o que pudessem fazer com o prisioneiro assim que estivessem sozinhos. − Se se atreverem a continuar a bater-lhe, prometo-lhe que o lamentarão.

Sentiu que o primo lhe apertava o braço em sinal de advertência, e conteve-se para não se soltar bruscamente da sua pressão.

O capitão fez uma vénia tensa e irada, e depois subiu para o lugar do passageiro e ordenou ao condutor negro ancião que se pusesse em marcha. Aurora e Percy ficaram a observar os dois cavalos de tiro a puxarem a carruagem.

− Não te envolverás mais, Aurora − murmurou Percy entre dentes.

Ela libertou-se obstinadamente da firme pressão da sua mão.

− Estou certa de que não concordas com aquele comportamento violento. Se o senhor Sabine fosse um prisioneiro inglês em mãos americanas esperarias que o tratassem humanamente.

− Claro que sim.

− O que lhe sucederá? − perguntou com uma voz subitamente rouca.

Percy não respondeu imediatamente, o que confirmou os seus piores temores.

− Decerto haverá um julgamento − protestou Aurora. − Não enforcarão uma pessoa da sua importância sem o julgarem, não é verdade?

− Pode não chegar a haver enforcamento − respondeu severamente o primo. − O almirante pode muito bem mostrar indulgência.

− E se não o fizer? Podes intervir?

− Tenho autoridade para desautorizar a ordem de um almirante, mas fazê-lo podia significar o fim da minha carreira política. É conhecido que desaprovo a guerra, e pôr em liberdade um prisioneiro condenado podia ser visto como traição. A pirataria e o assassinato são acusações graves, querida.

Aurora devolveu a Percy um olhar sombrio.

− Pelo menos deves enviar-lhe um médico para lhe examinar os ferimentos.

− Claro que sim. Falarei agora mesmo com o comandante da guarnição e certificar-me-ei de que Sabine recebe cuidados médicos apropriados.

Ela olhou fixamente os olhos azuis do primo, tão parecidos com os seus, e pôde ler neles a preocupação… assim como o comentário que não exprimiu em voz alta. Que importava cuidar dos ferimentos de Nicholas Sabine se em breve ia ser enforcado?

A esposa de Percy ficou alarmada ao ver o vestido de Aurora manchado de sangue, mas menos horrorizada pela razão do que seria esperado.

− Não sei se teria tido coragem para intervir − disse Jane pensativa quando se inteirou do sucedido.

As duas mulheres estavam sozinhas no quarto de Aurora. Depois de Percy a ter deixado em sua casa, na plantação, e partido para cumprir a sua promessa relativa ao tratamento médico do prisioneiro, a aia de Aurora tinha-a ajudado a mudar de vestido e levara-o logo para que fosse lavado. Lady Osborne permaneceu para escutar uma versão mais detalhada e privada dos acontecimentos dessa manhã.

− Não me parece que seja uma ação particularmente corajosa evitar que um homem seja sovado até à morte − respondeu Aurora ainda indignada pelo incidente matinal. − E a minha intervenção parece ter influído pouco no seu destino.

− O senhor Sabine tem família importante em Inglaterra − disse Jane para a tranquilizar. − O conde de Wycliff é seu primo em segundo grau. Além de possuir uma grande riqueza, Wycliff sempre deteve muito poder nos círculos do governo. Pode muito bem interceder a favor do primo.

− Talvez o enforquem muito antes de chegarem a Inglaterra notícias do seu encarceramento − respondeu Aurora sombriamente.

− Aurora, não começaste a desenvolver nenhum tipo de sentimento em relação a Sabine, pois não?

Sentiu-se enrubescer.

− Como podia fazê-lo? Só o conheci esta manhã e, ainda assim, por um breve momento. Nem sequer fomos formalmente apresentados.

− Ótimo. Porque, francamente, apesar das suas relações, não é em absoluto a classe adequada de cavalheiro. Para dizer a

verdade, suspeito que seja um tanto perigoso.

− Perigoso?

− Para nós as mulheres, é o que quero dizer. É um aventureiro e uma espécie de libertino… e, além disso, é americano.

− Percy disse que ele era um herói.

− Suponho que sim. Há alguns anos, salvou a vida a uns duzentos colonos durante uma revolta de escravos em Santa Luzia. Mas isso apenas o torna mais aceitável. As más-línguas dizem que é a ovelha negra da família, que passou anos a viajar por países estrangeiros, embrenhando-se em todo o tipo de aventuras desregradas. Só depois da morte do pai é que se tornou um pouco mais respeitável… E isso unicamente porque herdou uma fortuna e se encarregou dos negócios da família.

− Não o acusaste de ser muito pior do que a metade dos jovens libertinos de Inglaterra.

− É indiscutivelmente pior, garanto-te. Caso contrário, nunca lhe teria sido concedido ser membro da célebre Liga Fogo do Inferno, apesar de ter sido recomendado pelo seu primo Lorde Wycliff.

Aurora sabia que a Liga Fogo do Inferno era um clube exclusivo dos principais libertinos de Inglaterra, dedicado ao prazer e à depravação. Se Sabine era membro daquela associação licenciosa, devia realmente ser perverso.

− E não podes menosprezar o facto de ser um pirata condenado com sangue nas mãos − acrescentou Jane intencionadamente.

Aurora olhou para as suas próprias mãos. Jane era uma das suas amigas mais queridas, e era ao mesmo tempo atenta e astuta o suficiente para avaliar uma situação com objetividade, atributos que a convertiam na esposa ideal de um político. Percy tinha motivos de sobra para a adorar, e esse sentimento era totalmente recíproco.

− Aurora − disse Jane −, será possível que te tenhas absorvido com os problemas desse homem para escapares às tuas próprias preocupações? Talvez procures esquecer a tua própria situação melindrosa envolvendo-te no destino de um desconhecido.

Aurora entrelaçou tensamente os dedos. Sim, era muito possível que a sua simpatia por Sabine fosse maior devido às suas próprias circunstâncias difíceis. Podia identificar-se com ele; sabia o que era ver-se impotente para controlar o próprio futuro, ver que a sua vida deixava de ser sua. Ele estava à mercê dos seus captores, e ela estava sujeita às ordens paternas… e em breve ver-se-ia encurralada num matrimónio extremamente desagradável.

Jane deve ter lido a verdade na sua expressão, porque lhe disse suavemente:

− Tens preocupações mais importantes do que as vicissitudes de um pirata. Farias muito melhor se esquecesses por completo esse incidente. − Ergueu-se com um suave ruge-ruge das suas saias de seda. − Desce para o almoço quando estiveres pronta. Suponho que te sentirás melhor quando tiveres comido.

Todavia, Aurora não se sentiu melhor nem tinha apetite. Limitou-se a brincar com a comida enquanto aguardava ansiosa por notícias do primo.

Quando por fim chegou uma mensagem dos seus escritórios em Basseterre, o bilhete de Percy dizia mais ou menos que ficasse tranquila, que já tinha falado com o comandante da guarnição, e que este lhe tinha prometido que o médico da fortaleza examinaria os ferimentos do prisioneiro.

Aurora mostrou o bilhete a Jane e fingiu descartar qualquer outro pensamento sobre o assunto. Pouco tempo depois, desculpou-se com o pretexto de que necessitava de pensar na bagagem para o regresso a Inglaterra, mas não fez absolutamente nenhum progresso em relação ao assunto. Em vez disso, deu por si de olhos fixos no solo, a recordar uns olhos escuros que a fitavam intensamente e o estremecimento que lhe tinham feito sentir…

«Por amor de Deus, para de pensar nele!», repreendeu-se a si mesma.

Logicamente estava de acordo com Jane. Era muito mais prudente afastar o famoso pirata dos seus pensamentos. Estava de partida de St. Kitts daí a poucos dias, e tinha os seus próprios problemas graves para enfrentar, nomeadamente o seu matrimónio com um nobre dominante, uns vinte anos mais velho do que ela. Um homem a quem não só não amava, como lhe desagradava profundamente devido ao seu comportamento imperioso e despótico, e ao seu modo estrito e quase puritano de seguir as convenções. O noivado seria anunciado publicamente logo que regressasse a Inglaterra.

Por um momento, Aurora sentiu a mesma agitação de pânico que lhe provocava pensar no seu matrimónio. Logo que estivessem casados, ela seria uma prisioneira virtual do decoro, e poder-se-ia considerar afortunada se lhe fosse permitido sequer um pensamento original seu. Mas, como vinha a fazê-lo desde há alguns meses, obrigou-se a afastar a sua inquietude.

Abandonando a ideia de planear a sua viagem, pegou num livro de poesia mas, quando tentou ler, foi incapaz de se concentrar na página. Ao invés disso, viu as feições manchadas de sangue de Nicholas Sabine enquanto jazia aos seus pés, seminu e acorrentado. Quando tentou afastá-lo da sua mente, fracassou terrivelmente.

Não precisava de fechar os olhos para o ver deitado numa cela de prisão, ferido e com dores, talvez até perto da morte. Será

que ao menos teria um cobertor para cobrir a sua nudez quase total? Apesar do calor do Caribe, estava a chegar o inverno. As frescas brisas do oceano que sopravam do lado atlântico da ilha podiam tornar as noites muito frias. E a fortaleza de Brimstone Hill, o lugar para onde ele tinha sido levado, estava construída sobre uma rocha, exposta aos elementos.

Ainda mais alarmante era o facto de um prisioneiro condenado poder desaparecer para sempre no labirinto vasto e caótico de câmaras escuras e passagens estreitas da fortaleza. A sua imensa cidadela estava defendida por muros de mais de dois metros de espessura, de pedra negra vulcânica, que tinham demorado décadas a ser construídos.

Ela tinha assistido uma vez a uma receção militar em Brimstone Hill com Percy e Jane, e até as zonas dos oficiais lhe tinham parecido pouco acolhedoras. Estremeceu ao pensar como seriam os lugares destinados aos prisioneiros.

A ideia de que tinha feito tudo o que podia por ele não lhe servia de consolo. Era inútil argumentar consigo mesma e exigir-se ser razoável. Nunca tinha sido capaz de se afastar de alguém que estivesse numa situação vulnerável.

Os últimos anos teriam sido mais fáceis se ela tivesse sido capaz de simplesmente ignorar a sua consciência, de controlar os seus impulsos protetores. Se tivesse podido manter o afastamento adequado quando o seu pai descarregava a sua ira nos seus indefensos subalternos. Mas ela não conseguia ser tão insensível.

E agora não conseguia parar de pensar em Nicholas Sabine, vulnerável e indefeso, à mercê dos seus brutais captores.

Talvez se lhe fizesse uma visita breve, só para se assegurar de que estava a ser tratado, pudesse tranquilizar a sua mente o suficiente para o esquecer…

Sentindo a ansiedade diminuir pela primeira vez desde o inquietante incidente do cais, Aurora poisou tranquilamente o livro. O coração voltou a acelerar-se perante a perspetiva de voltar a ver o americano. Não obstante, sufocou os sentimentos proibidos enquanto se dirigia ao cordão da campainha para chamar a aia.

Desafiaria as conveniências morais, talvez arriscando-se até ao escândalo, visitando um pirata condenado na prisão. Todavia, aquele podia ser um dos últimos atos de independência que efetuaria.

CAPÍTULO 2

Devia ter estremecido de medo, mas o seu contacto deixou-me enfeitiçada

Estava a sonhar outra vez. Com ela. O pulsar feroz na sua fronte aliviara quando ela se tinha inclinado sobre ele. O toque suave dos seus dedos na sua fronte febril era terno e calmante, mas despertava uma vibração pior nos seus órgãos genitais.

Ela era a essência de qualquer fantasia masculina: anjo, valquíria, deusa, sereia. Era uma tentação áurea e um tormento primário. Queria atraí-la a si e beber dos seus lábios. Todavia, ela mantinha-se longe do seu alcance…

− Ei, tu aí!

Despertou com um sobressalto, a recordação e a dor inundaram-no com uma intensidade brutal. Confuso, Nicholas levou a mão à cabeça dorida e sentiu uma ligadura. Estava estendido numa tarimba simples e não estava amarrado com correntes. Todavia, a culatra do mosquete golpeando as suas costelas doridas era-lhe lamentavelmente familiar, assim como o guarda brutamontes que se inclinava sobre ele.

− Ei, tu aí, mexe-te!

O olhar enevoado de Sabine foi ganhando foco. Recordava-se de que tinha sido feito prisioneiro e conduzido à fortaleza de St. Kitts, onde provavelmente o enforcariam por pirataria e assassínio. De início, tinha passeado pela cela como um animal ferido, os seus frenéticos pensamentos centrados na sua meia-irmã, e no resultado desastroso que tinha provocado com a sua promessa de a proteger. Mas a exaustão e a dor tinham-no finalmente obrigado a deitar-se. Caíra num sono leve e torturado apenas para começar a sonhar com a beldade de cabelos louros que com tanta valentia o tinha defendido no cais.

O que diabo estava ele a fazer? Nicholas praguejou para si mesmo. Desejar uma desconhecida, por muito bela ou corajosa que fosse, era uma completa loucura naquelas circunstâncias. Ao invés, devia estar a pensar na sua irmã e na sua proteção, tratando de imaginar um meio de garantir a sua segurança assim que estivesse morto…

− Eu disse para te mexeres! Está ali uma senhora para ti.

Nicholas ergueu-se lentamente sobre os cotovelos. Para lá do guarda, a porta da cela estava parcialmente aberta… O seu olhar desviou-se para lá e as batidas do seu coração pareceram parar.

Ela estava ali, junto à entrada da sombria câmara, alta, esbelta e majestosa como uma princesa. Reconhecia-a até com o capuz da sua capa negra que projetava sombras sobre as suas feições delicadas. Todavia, ao contrário do anjo vingador que recordava do porto, agora parecia vacilante, insegura. Cautelosa.

− Deixarei a porta entreaberta, *milady*. Se ele lhe der a perceber algum sinal de perigo, chame-me.

− Obrigada.

A sua voz era baixa e melodiosa, mas não disse mais nada, nem mesmo depois de o guarda ter saído da cela.

Nicholas sentou-se lentamente, interrogando-se se aquela visão seria ilusória. O pálido raio de sol que se entrava pela diminuta janela de grades iluminava as partículas de pó que bailavam em redor das suas saias negras, mas eram insuficientes para iluminar as suas feições.

Foi então que ela puxou para trás o capuz da sua capa pondo a descoberto os seus cabelos brilhantes, atados num rolo suave, e provocando em Nicholas um estremecimento sensual. A sua extraordinária beleza parecia iluminar a escura cela de pedra.

Ela era bem real, a materialização dos seus sonhos… a menos que tivesse morrido e aquela fosse uma visão dos céus. Os seguidores da fé muçulmana acreditavam que um homem bendito estaria rodeado de belas donzelas quando chegasse ao Paraíso. Todavia, a dor dos seus ferimentos fê-lo suspeitar que ainda conservava a sua forma terrena.

Ela olhava-o surpreendida, examinando o seu rosto. Depois, como se se tivesse apercebido de que estava a olhá-lo fixamente, enrubesceu ligeiramente e desviou o olhar para a ligadura que lhe envolvia a cabeça.

− Vejo que pelo menos chamaram um médico. Temia que não o fizessem. Não, por favor, não se levante por minha causa − acrescentou ao ver que ele tentava pôr-se de pé. − Não está em condições de cumprir formalidades.

− O que…? − A voz soou demasiado rouca, de modo que aclarou a garganta e começou de novo. − Porque veio?

− Queria assegurar-me de que estava bem.

Nicholas franziu o sobrolho procurando deslindar a confusão que tinha na sua cabeça dorida. Talvez os golpes lhe tivessem afetado o cérebro.

Nenhuma dama arriscaria a sua reputação para entrar nas entranhas de uma prisão em defesa de um desconhecido. E sabia que ela era uma dama até ao último centímetro, com sangue azul até à medula. Não é verdade que tinha afirmado ser filha de

um duque naquela manhã, quando tinha enfrentado aquele marinheiro?

Nicholas olhou-a fixamente interrogando-se se lhe teria escapado alguma pista vital para o enigma que ela oferecia. Então ocorreu-lhe subitamente um pensamento.

Seria possível que estivesse ali para lhe armar uma cilada? Teria o canalha do Gerrod tramado alguma espécie de estratagema e estava a utilizá-la para conseguir informações?

Desconfiado, Nicholas estreitou os olhos. O seu navio ainda estava ao largo pelo Caribe, pois ele tinha ido sozinho a Montserrat, a bordo de uma chalupa de pesca holandesa, para ir buscar a irmã. Não tinha querido pôr em perigo a sua tripulação por uma missão pessoal. Mas o capitão Gerrod estava ferozmente obstinado em averiguar o paradeiro da escuna americana.

Seria uma grande promoção na carreira naval do capitão capturar um navio inimigo, o que, suspeitava Nicholas, era uma razão plausível para atrasarem a sua imediata execução. Isso e o facto de Gerrod não desejar dar nenhum passo em falso em termos políticos, ofendendo as ilustres relações do seu prisioneiro.

Nicholas contemplou lugubremente a sua bela e inesperada visitante. Estaria ela de algum modo ligada a Gerrod? Naquela manhã, a sua compaixão parecia autêntica, assim como a sua animosidade para com o capitão. Mas talvez a tivessem convencido de alguma forma a colaborar com Gerrod contra ele.

Teria sido enviada ali para o atormentar? Para tentar um homem condenado como quem promete água a alguém que está a morrer de sede no deserto? A possibilidade de tal beleza e amabilidade poderem ser um ardil, fazia Nick ferver de raiva.

Cerrou os maxilares. Fazia bem em recordar-se que as suas nações estavam em guerra. Como inglesa, ela era sua inimiga, e tinha de manter-se alerta.

Ela parecia incomodada com o modo como ele a olhava, e quando Nicholas baixou intencionadamente os olhos para contemplar os seus seios, pareceu-lhe distinguir o rubor à luz ténue.

− Não creio que tenhamos sido devidamente apresentados, minha senhora − começou.

− Não. Não houve tempo. Sou Aurora Demming.

Um nome apropriado, pensou sem que isso fosse relevante. Aurora em latim significava amanhecer.

− Lady Aurora. Já me recordo. Mencionou-o no cais.

− Não estava certa do quão consciente se encontrava daquilo que o rodeava.

Ao recordar a agressão, Nicholas ergueu uma mão para tocar na ligadura.

− Receio que me encontre em desvantagem.

Um incómodo silêncio instalou-se entre eles.

− Trouxe-lhe algumas coisas que poderia necessitar − disse ela finalmente.

Quando Aurora deu um passo vacilante em direção a ele, Nicholas centrou o seu olhar no embrulho que ela segurava nos braços. Parecia estranhamente nervosa enquanto depositava a sua oferenda na tarimba e olhava em redor pela cela sombria e espartana.

− Devia ter trazido velas. Não pensei nisso. Mas há um cobertor… e alguma comida.

O seu olhar encontrou o dele brevemente e depois desviou-o.

− Também trouxe uma camisa e uma casaca do capataz de Percy. O senhor parece-me mais largo do que o meu primo…

Nicholas compreendeu que era o seu estado de nudez que lhe atava a língua. Se ela era como as outras damas da sua classe, dificilmente estaria acostumada a visitar um homem seminu, ou a calcular as dimensões do seu físico.

− Como conseguiu entrar? − perguntou ele cautelosamente.

Ela pareceu agradecer a mudança de assunto.

− Consegui convencer o comandante da guarnição, senhor Sabine. − Esboçou um sorriso fugaz. − Na realidade, recorri a uma leve mentira. Dei a entender que tinha sido enviada pelo meu primo Percy.

− E foi ele que a enviou aqui?

− Não exatamente.

− Pensei que Gerrod me tivesse proibido as visitas.

− O capitão Gerrod não tem autoridade sobre a guarnição da fortaleza, nem sequer é muito apreciado aqui na ilha.

− Então ele não a enviou para me interrogar?

Uma expressão de perplexidade fê-la unir as finas sobrancelhas.

− Não… Porque lhe ocorreu essa ideia?

Nicholas encolheu os ombros. Não se admiraria muito que ela estivesse a mentir. Mas se tinha algum outro motivo para vir

ali, não conseguia compreender qual era. Desejaria algo dele?

Quando estendeu a mão para pegar no embrulho que ela lhe trouxera, Aurora retrocedeu um passo, como se receasse a sua proximidade. Ele retirou a camisa e cobriu-se cuidadosamente, fazendo uma careta de dor pelos seus músculos doridos.

− Perdoe-me, *milady* − refletiu em voz alta −, mas não compreendo as suas razões para me defender, a mim, um desconhecido e, além disso, um prisioneiro condenado.

− Não me agrada ver matarem um homem diante dos meus olhos. Parecia que o capitão estava demasiado ansioso por encontrar um pretexto para o fazer. No mínimo, os homens dele tê-lo-iam espancado sem motivo.

− Mesmo assim, isso não é razão para a senhora agir como uma defensora acirrada, inclinada à amabilidade e às boas ações.

O cinismo do seu tom fê-la erguer um pouco o queixo.

− Queria assegurar-me de que tinham tratado dos seus ferimentos.

− E deseja tornar mais cómodos os meus últimos dias. Porquê?

Aurora colocava a si própria essa mesma questão. Era impossível explicar a atração que sentia por ele. Até mesmo muito difícil de negar. No mínimo, ele era um corsário, um homem com sangue nas mãos.

E agora que já não estava indefeso, o seu efeito sobre ela era ainda mais forte. Tinha-lhe sido dada a oportunidade de lavar o sangue do rosto e a sua beleza era desconcertante, mesmo com a barba incipiente. Aquela penugem agreste, juntamente com a ligadura que lhe envolvia a cabeça, davam-lhe uma aparência libertina, fazendo-o parecer-se ainda mais com um pirata indómito.

Podia compreender por que razão a esposa do primo o considerava perigoso para as damas. Tinha o ar pecaminoso de um anjo caído, com os seus cabelos cor de âmbar e um rosto de traços magnificamente esculpidos. A visão cor de bronze dos seus ombros e braços bem torneados e musculados também tinha provocado uma estranha palpitação no seu estômago.

Todavia, naquele momento, o rosto dele podia ter sido talhado em pedra, e a fria insolência do seu olhar deixou-a atónita. Parecia muito desconfiado dos seus motivos, o que não era assim tão surpreendente, uma vez que nem ela estava certa deles.

A sua reação perante o espancamento daquela manhã tinha sido puramente instintiva, talvez porque intervir em disputas violentas se tivesse convertido num costume enraizado nela. Tinha-se interposto vezes sem conta na casa do seu pai para proteger os empregados da sua fúria irracional.

Mas aquilo não explicava a urgente necessidade de se certificar do bem-estar dele. Talvez a atração por aquele estranho − aquela inexplicável familiaridade − se devesse simplesmente ao muito que lhe recordava o seu defunto noivo, um homem a quem ela tinha amado profundamente.

− Suponho que vim porque me recorda alguém que me era muito querido − respondeu Aurora de forma pouco convincente.

Quando ele ergueu um sobrolho com um ar cético, ela desviou o olhar da extensão de carne tostada pelo sol do seu peito nu, onde a camisa continuava aberta.

Assumiu uma posição rígida ao sentir que ele passeava os olhos pelo seu corpo, roçando os seios num exame insolente. Parecia estar a avaliar o vestido que usava sob a capa. Um traje de corte severo, de tom cinzento cor de carvão.

− Está de meio luto − observou. − É viúva?

− Não. O meu noivo perdeu-se no mar há uns oito meses.

− Não me recordo de a ter visto antes em St. Kitts.

− Cheguei no verão passado. O meu primo e a esposa visitaram a família em Inglaterra pouco depois da tragédia ter ocorrido. Pensaram que uma mudança de cenário poderia ajudar-me a esquecer a minha dor e convidaram-me a viajar com eles para o Caribe. Partimos antes de terem chegado a Inglaterra as notícias sobre a declaração de guerra da América. Se o tivesse sabido, nunca teria vindo. E, na realidade, vou regressar dentro de uns dias.

Aurora tinha consciência de que tinha baixado a voz, e sabia que ele devia ter percebido o tom sombrio de relutância que não conseguia ocultar. A última coisa que desejava era regressar a Inglaterra e enfrentar o destino que a aguardava.

Nicholas Sabine continuava a estudá-la como se procurasse determinar a sua veracidade.

− Não parece especialmente ansiosa de regressar a casa, *milady*. Acreditei que depois de todo este tempo estivesse impaciente.

O sorriso de Aurora era de sofrimento.

− Suponho que a minha falta de entusiasmo resulte do matrimónio que o meu pai acordou para mim.

− Ah! − exclamou ele com ar de entendido. − Um contrato impiedoso. A classe superior britânica faz muita questão em vender as suas filhas em matrimónio.

Aurora assumiu uma postura rígida perante a ousadia dele. Não tencionara fazer confidências pessoais com o senhor Sabine

nem lhe interessava a intimidade daquela conversa.

− Garanto-lhe que não estou a ser vendida. É mais um caso de conveniência social. E o meu pai deseja ver-me bem instalada.

− Mas a Aurora não está exatamente com vontade de o fazer, não é verdade?

− Ele não seria a minha escolha para marido, não − admitiu ela em voz baixa.

− Surpreende-me que não tenha pensado em rebelar-se. Não me parece do género submisso. Esta manhã, no cais, comportou-se como uma autêntica fera.

− As circunstâncias eram muito pouco usuais − explicou Aurora enrubescendo. − Mas não tenho por costume desafiar as convenções.

− Não? E, todavia, está aqui. Deve admitir que é um tanto imprudente arriscar a sua reputação deste modo. De onde eu venho, as damas não visitam os prisioneiros na prisão.

− Em Inglaterra também não o fazem − respondeu Aurora forçando um sorriso irónico. − Estou totalmente consciente do quanto é inadequado… e normalmente sou muito sensata. Mas pelo menos vim acompanhada da minha aia. Ela está lá fora no corredor à espera… junto ao guarda.

A alusão intencional ao guarda pareceu não ter efeito no senhor Sabine, que começou a abotoar a camisa lentamente, observando-a por entre as suas longas e negras pestanas.

Quando se pôs de pé, ela deu um cauteloso passo atrás. Era alta o suficiente para não ficar demasiado pequena ao lado do corpo de ombros largos e pernas musculosas de Sabine, mas àquela distância, a sua masculinidade era quase esmagadora, a sua proximidade ameaçadora.

− Não tem receio de mim? − perguntou Sabine num tom de voz aveludado que lhe provocou arrepios na espinha.

Perturbada, Aurora lutou pelo controlo dos seus sentidos tumultuosos enquanto se mantinha onde estava. Sim, receava-o. Receava a sua intensidade, a forma como a sua manifesta virilidade fazia acelerar os batimentos do seu coração.

− Não parece o tipo de homem que causaria mal a uma mulher − respondeu insegura.

− Podia tomá-la como refém. Não pensou nisso?

Ela abriu os olhos surpreendida, enquanto a sua inquietação aumentava.

− Não, não tinha pensado nisso. Percy disse que Sabine é um cavalheiro − acrescentou, de repente duvidando disso.

Nicholas sorriu e encurtou a distância entre eles.

− Alguém devia ter-lhe ensinado a não ser tão confiante.

Aproximando-se mais, pegou-lhe no pulso com uma ligeira pressão. Os dedos dele pareciam queimar-lhe a pele, contudo, Aurora estava decidida a não demonstrar o quanto se sentia agitada com o seu contacto.

− E a si deviam ter-lhe ensinado as boas maneiras − replicou Aurora friamente, adotando o seu ar mais majestoso. Ao ver que ele não a soltava, lançou-lhe um olhar fulminante. − Não esperava necessariamente gratidão, senhor Sabine, mas também não esperava ver-me maltratada deste modo.

A dureza no olhar de Sabine diminuiu um tanto enquanto a soltava. Vários segundos depois, baixou por completo aquele olhar insultuoso.

− Perdoe-me. Parece que perdi os meus modos.

Com um ar ausente, Aurora esfregou o pulso onde o contacto dele a tinha marcado.

− Compreendo que está a passar por momentos difíceis. E, afinal, é americano.

Ele esboçou um sorriso trocista.

− Ah, sim, um pagão das colónias!

− Deve admitir que é muito… direto.

− E a senhora deve compreender que os homens condenados são dados a atos desesperados.

Ela adotou uma expressão séria ao recordar que ele ia ser enforcado.

− Percy tenciona usar a sua influência a seu favor, mas poderia perder o cargo caso pedisse que o libertassem. Já suspeitam que ele é simpatizante da causa americana… Ele acredita que a guerra é absurda e que os britânicos são mais culpados dela do que os americanos.

Nicholas contemplou o seu belo rosto voltado para ele. Se ela estava inocente da duplicidade, tinha sido muito injusto com ela. Sentia uma ira selvagem contra muitos ingleses, mas jamais deveria ter descarregado a sua fúria e ressentimento naquela mulher.

− Peço que me perdoe − disse de má vontade. − Não há dúvida de que estou em dívida para consigo. Se alguma vez puder devolver-lhe o favor…

Deixou o comentário a meio, consciente de que era improvável que alguma vez viesse a estar em situação de lhe devolver a gentileza.

Uma súbita tristeza inundou os olhos de Aurora.

− Oxalá houvesse algo mais que eu pudesse fazer.

− Já fez o bastante.

Ela mordeu o lábio.

− É melhor ir andando.

Nicholas deu por si a fitar a boca dela.

− Sim.

− Necessita de mais alguma coisa?

Nicholas exibiu um sorriso forçado que pretendia ser de diversão.

− Para além de uma chave da porta da minha cela e de um barco rápido para a minha fuga? Uma garrafa de rum não caía mal.

− Vou… tentar.

− Não, não o faça. Estava a brincar.

Acariciou-lhe levemente as faces com os nós dos dedos. Aurora apartou os lábios, e escutou uma suave inspiração de ar. Nicholas sentiu uma agitação nos seus órgãos genitais.

− Não devia estar aqui − disse em voz baixa. − Pelo seu próprio bem, devia manter-se longe.

Ela assentiu e deu um passo atrás, com os olhos azuis a embaciarem-se. Como se fosse incapaz de falar, voltou-se sem dizer mais nada e saiu rapidamente da cela escura.

A porta fechou-se atrás dela com um som metálico, sem dúvida pela mão do guarda prisional. Nicholas reprimiu uma maldição perante a inexorável lembrança do seu encarceramento.

Manteve-se imóvel por um momento, inalando o ténue aroma a lilás que ela tinha deixado e desejando bater em alguma coisa. Teria preferido que ela não tivesse aparecido ali. Quer fosse intencionalmente ou não, tinha-lhe incendiado o sangue.

O que era de surpreender, tendo em conta o tipo de mulher que ela era… de sangue azul, correta, afetada. Exatamente o oposto das mulheres por quem costumava sentir-se atraído. Todavia, se estivesse livre, podia muito bem tê-la perseguido.

Se estivesse livre…

Com o maxilar apertado, Nicholas olhou para a alta janela de grades da sua cela. Maldição, tinha de sair dali, ou pelo menos encontrar uma solução para o seu problema.

Voltou-se e começou a caminhar pelos estreitos limites da sua cela, mais uma vez com os pensamentos num torvelinho. Que seria da irmã quando estivesse morto? Tinha feito um juramento solene ao pai que cuidaria do seu bem-estar, mas por causa do seu estúpido erro de cálculo tinha sido feito prisioneiro e agora não podia ajudá-la.

A sua impotência pouco habitual fê-lo sentir-se em brasa, com a furiosa necessidade de empreender alguma ação, por inútil que fosse. Os seus passos tornaram-se mais agitados… até que, de repente, deteve-se bruscamente. Nicholas olhou sem ver, com uma ideia louca a formar-se na sua mente.

Nunca tinha receado a morte, embora tivesse sempre retirado um imenso prazer em viver a sua vida com plenitude. Se ia ser enforcado, o seu maior desgosto seria não ter podido honrar a sua promessa. Todavia, talvez ainda houvesse um meio de fazer frente às suas responsabilidades, embora para além do túmulo.

Lady Aurora Demming.

Ela podia ser a resposta.

Ou estaria louco?

Começou a passar a mão pelos cabelos, mas deteve-se ao encontrar a ligadura, uma ligadura que tinha sido obra dela. Evidentemente, tinha-se enganado acerca daquela mulher. Era bondosa, afetuosa; a sua preocupação por ele era uma boa prova disso. Não estava de conluio com Gerrod nem, de facto, com ninguém; era certamente um anjo de misericórdia.

Anjo e sereia, pensou Nicholas recordando os seus olhos cor de safira. Também era mais jovem do que sugeria o seu porte régio e aristocrático, talvez nem tivesse vinte anos. Todavia, apesar da sua temeridade primeiro ao vir em sua ajuda e depois ao visitá-lo na prisão, sem dúvida era bem-nascida e virtuosa… e de bastante nobre berço para inspirar respeito, senão até admiração, entre o mundo elegante. Como filha de um duque, teria acesso aos mais altos escalões da sociedade britânica.

Temerário, Nicholas atirou-se para cima da tarimba, ignorando os protestos dos seus músculos doridos. Os seus pensamentos giravam furiosamente enquanto fitava o lúgubre teto que tinha sobre a cabeça. Não sentia vontade de arrastar Aurora para as suas preocupações, mas se isso significava proteger a irmã, utilizaria até o próprio diabo. Utilizaria Lady

Aurora, aproveitando a sua proeminente posição na sociedade inglesa…

A sua boca curvou-se em algo parecido com um sorriso. Ainda devia estar afetado pelos golpes que recebera na cabeça se albergava tais fantasias. Era altamente duvidoso que a filha de um duque estivesse recetiva a uma proposta tão louca como aquela, sem dúvida concebida no desespero. Tencionava fazer com que o sacrifício dela valesse a pena, evidentemente, mas mesmo assim ela podia negar-se.

Bem, então, só teria de convencê-la.

Não tinha escolha. Se havia a menor possibilidade de cumprir a sua promessa, tinha de a aproveitar.

CAPÍTULO 3

Quando ele me chamou ao seu quarto,
o coração subiu-me à garganta

Aurora sabia que era irracional pensar num estranho que tinha conhecido durante um breve momento e o qual jamais voltaria a ver. Todavia, nem mesmo a dormir conseguia esquecê-lo. Toda a noite deu voltas na cama, e teve sonhos sombrios com imagens de Nicholas Sabine a esforçar-se por quebrar as correntes enquanto ela se via impotente para o ajudar.

Quando a corda do carrasco se apertou em redor da robusta garganta de Sabine, despertou sobressaltada, com o coração a martelar-lhe no peito de temor. Incapaz de continuar a suportar aquelas visões lúgubres, Aurora vestiu-se apressadamente e desceu as escadas. Encontrou-se com Percy que estava a tomar o pequeno-almoço para sair para o emprego. Sentou-se à mesa junto dele, mas só tomou um café.

− Vais hoje à fortaleza? − perguntou, procurando manter um tom despreocupado, mas sabendo que não estava a consegui-lo.

Percy olhou para ela, preocupado. Não lhe parecia bem que tivesse ido visitar o prisioneiro no dia anterior, nem sequer em missão de misericórdia para com um homem que era seu amigo. Na verdade, tinha ficado muito surpreendido ao tomar conhecimento da sua audácia.

− Nem parece teu, Aurora. Sei que deves estar consciente do quanto o teu comportamento é inadequado. Normalmente mostras mais consideração pela tua posição social.

Aurora baixou o olhar sabendo que o primo tinha razão. Todavia, não se sentia ela própria desde que tinha posto os olhos em Nicholas Sabine. Não conseguia explicar a si mesma a sua desesperada preocupação, e ainda menos ao seu primo.

− É que detesto ver alguém ser tratado de uma forma tão terrível − respondeu evasiva.

O olhar de Percy expressava simpatia.

− Minha querida… deves preparar-te para o pior. Ontem foram enviadas mensagens a Barbados pedindo permissão do almirante para enforcar Sabine. Hoje mesmo pode chegar a resposta.

Sentiu um nó de temor no estômago. Tivera esperança de que ele pudesse ser poupado àquele terrível destino, quando muito devido às suas relações importantes.

− Prometo-te que te informarei assim que saiba algo − assegurou-lhe Percy.

Aurora assentiu, não se atrevendo a falar devido ao nó que sentia na garganta.

Alegrou-se quando Percy mudou de assunto para temas mais mundanos, e ainda mais quando ele se despediu. Quando se viu sozinha, pôs-se de pé, dirigiu-se à janela da sala do pequeno-almoço e contemplou o exterior, incapaz de ver os jardins banhados pelo sol com as suas palmeiras altas e oscilantes e os seus arbustos de buganvílias vermelhas.

Compreendia que tinha agido mal ao visitar Nicholas Sabine na sua cela. Não apenas pelo facto de ser uma situação imprópria, mas também porque assim só tinha conseguido acumular novas imagens que faziam como que fosse mais difícil esquecê-lo. Era-lhe impossível deixar de pensar nele. Ainda podia sentir a sua presença perturbadora, a proibida visão da sua pele nua e bronzeada pelo Sol, o roçar suave dos dedos na sua face, a ternura nos seus olhos negros…

Aurora mordeu o lábio inferior repreendendo-se pela sua tolice. Não tinha aprendido que era melhor não se interessar demasiado por alguém?

Tinha perdido as duas pessoas que lhe eram mais queridas. A mãe, alguns anos antes, e depois, mais recentemente, o seu noivo, Geoffrey Crewe, conde de March.

O seu futuro, planeado desde há muito tempo, tinha ficado arruinado quando Geoffrey perecera no mar. Estivera comprometida com ele praticamente desde o berço. Geoffrey, como o parente masculino mais próximo do seu pai, era o primeiro na linha sucessória do ducado e das vastas propriedades de Eversley. E o pai estava decidido a conservar o título para os seus netos, uma vez que uma ignóbil afeção física o tinha deixado incapaz de gerar mais filhos.

Aurora compreendia por que razão ele desejara tanto um filho, para prosseguir a linha hereditária que se tinha mantido ininterrupta desde o reinado de Henrique II, e porque ela tinha sido sempre a sua maior deceção.

Quem lhe dera ter nascido varão, pois assim poderia evitar o destino que o pai tinha decidido para ela. Ainda mal se tinha recuperado da trágica notícia da morte de Geoffrey quando o pai aceitou discretamente em seu nome o cortejo de um amigo nobre, o ilustre duque de Halford. Não importava que ela mal conseguisse suportar pensar em casar-se com semelhante homem, nem que ele já tivesse sobrevivido a duas jovens esposas, perdendo uma delas no momento do parto e a outra num acidente bizarro onde a mulher se afogou. Halford era rico o suficiente para comprar a filha de um duque, e a sua linhagem

remontava a muito antes de Henrique II.

O pai não via o enlace como um castigo. Afirmava que simplesmente desejava vê-la bem instalada e com as suas necessidades preenchidas, com uma fortuna e um título quando o de Eversley se perdia com a sua morte. Com um suspiro de amargura, Aurora interrogava-se se, na realidade, ele apenas desejava livrar-se dela para que a filha não continuasse a recordar-lhe o seu fracasso.

Quando Percy e Jane a convidaram a visitar o seu lar nas Índias Ocidentais, aceitou agradecida, não só na esperança de que a sua dor cicatrizasse mais rapidamente num novo ambiente, mas também desejando retardar a todo o custo aquele matrimónio não desejado. Contudo, nos meses decorridos, a repugnância que sentia por ter de se converter na esposa de Halford não tinha diminuído. Temia regressar a Inglaterra, onde se afirmava que o seu ilustre pretendente estava impaciente por tornar público o compromisso, mas já tinha esgotado os pretextos para permanecer por mais tempo.

Aurora cerrou os punhos e afastou-se da janela. Noutra altura teria saído a cavalo para se libertar dos seus sentimentos de frustração e impotência, ou teria ido com Jane realizar a sua ronda semanal de visitas de caridade, uma responsabilidade que Jane levava muito a sério como esposa do tenente governador. Mas Aurora não pretendia afastar-se de casa pois podiam chegar notícias acerca do prisioneiro americano.

Ao invés, foi buscar um xaile para poder passear pelos terrenos com vista para o caminho principal. Todavia, era-lhe difícil permanecer inativa, ficar passivamente sentada enquanto o mundo era governado por homens.

Pensou furiosa no quão diferente teria sido a sua vida se tivesse nascido varão. A maior liberdade de que teria desfrutado. Ter-lhe-ia agradado possuir uma certa medida de controlo sobre a sua existência. Se tivesse nascido homem, teria podido influir no seu próprio futuro… e também no dos outros.

Talvez nessa altura tivesse podido ajudar Nicholas Sabine em vez de se ver obrigada pelas convenções a aceitar a sina de uma mulher e aguardar impotente em casa notícias sobre o destino do prisioneiro.

Quando Percy regressou a casa, a tarde já ia muito avançada. Aurora permanecera na sala de visitas a vigiar ansiosamente a sua chegada e foi recebê-lo à porta principal.

− Alegra-me encontrar-te aqui, querida − disse Percy carinhosamente. − Pensei que podias ter ido acompanhar Jane nas suas visitas.

− Queria saber as notícias.

Dispensando com um gesto da mão o lacaio que aguardava para lhe levar o chapéu, Percy mostrou-se relutante em olhar para ela. A sombria expressão do seu rosto expressou sem palavras o que ela temia ouvir.

Levou a mão à boca para reprimir um grito.

− Lamento, Aurora − disse simplesmente. − O almirante não se mostrou inclinado a ser clemente.

O primo permaneceu silencioso por um momento, como se estivesse a dar-lhe tempo para se recompor. Depois pegou-lhe nas mãos e apertou-as com suavidade.

− Querida, é um momento difícil, mas tenho um assunto grave para falar contigo.

Aurora, ainda paralisada pela surpresa, mal ouviu o que o primo lhe dizia.

− Houve uma mudança inesperada nos acontecimentos. − Fez uma pausa com uma expressão preocupada. − Nicholas quer fazer-te… um pedido.

− Um pedido? − repetiu ela com voz rouca.

− Falei com Nicholas depois de se conhecer a decisão do almirante − explicou Percy em voz baixa −, e ele pediu a minha opinião acerca de uma ideia um tanto louca. Não a recusei de imediato porque pensei que devias ouvi-la e decidir por ti mesma. É uma proposta extraordinária… mas estas circunstâncias também o são.

− Não… compreendo. O que deseja pedir-me?

− A verdade é que deseja a tua ajuda. Ao que parece, tem um dever a cumprir, mas a morte vai impedi-lo de o fazer.

− Que dever?

− Sabine tem uma pupila, uma meia-irmã que vive em Montserrat. A jovem necessita da proteção de alguém da tua classe, assim como de uma companhia em Inglaterra. E uma vez que planeias regressar para lá em breve… Bom, há mais, mas não desejo influir de modo indevido. Deves escutar a proposta diretamente da boca do próprio Sabine. Se estiveres disposta a escutá-lo, acompanhar-te-ei imediatamente à fortaleza.

− Queres dizer agora, neste momento? − perguntou Aurora confusa.

− Sim, agora. − Soltou-lhe as mãos. − Receio que o tempo urja. A execução foi adiada até amanhã, mas depois…

A voz foi sumindo, e Aurora sentiu-se reconhecida por ele não ter expressado o resto da frase com palavras.

Não tinha esperado voltar a ver o audaz americano que, com uma aparição tão fugaz, tinha perturbado a sua vida. Regressou à fortaleza prisão com pesar, sentindo um vazio na boca do estômago enquanto precedia o primo na cela sombria.

Nicholas Sabine estava de costas para ela e um raio de sol dourava os seus cabelos louros. Reparou, distraída, que nessa ocasião estava totalmente vestido. Alguém, talvez Percy, tinha-lhe fornecido uma casaca e umas botas altas, de modo que agora assemelhava-se mais a um cavalheiro com fortuna do que a um pirata selvagem ou a um prisioneiro condenado.

Todavia, quando ele se voltou lentamente para a enfrentar, ainda teve sobre ela o mesmo efeito poderoso; Aurora sentiu acelerarem-se os batimentos do seu coração quando se encontrou com a negra intensidade do seu olhar.

− Obrigado por ter vindo − disse ele em voz baixa, e depois olhou para o primo de Aurora. − Posso abusar um pouco mais da tua amizade, sir Percy, e pedir se nos permites alguns momentos em privado? Nada de mal acontecerá a Lady Aurora, doute a minha palavra.

Embora relutante, Percy anuiu.

− Muito bem. Espero por ti lá fora no corredor, minha querida.

O primo saiu, deixando a porta entreaberta. Sabine exibiu um sorriso breve, quase irónico, ao reparar nesta precaução.

Voltando o seu olhar para Aurora, indicou-lhe a tarimba com um gesto da mão.

− Quer sentar-se, Lady Aurora? Penso que será melhor ouvir o que tenho para lhe dizer sentada.

− Obrigada, mas prefiro estar de pé − respondeu educadamente.

− Como queira.

O seu olhar escuro estava fixo nela enquanto a contemplava em silêncio. Aurora resistiu à sua penetrante avaliação sentindo-se insegura e perguntando a si mesma o que teria para lhe pedir. Como ele tardava em falar, o seu olhar dirigiu-se à ligadura na sua têmpora. Parecia limpa e um pouco mais pequena do que a do dia anterior, como se tivesse sido mudada recentemente. Estava prestes a perguntar como estava o ferimento na cabeça, quando ele falou.

− O que foi que Percy lhe disse? − perguntou Sabine.

− Apenas que necessita da minha ajuda com a sua irmã.

− De facto. − Olhou para ela pensativo, depois voltou-se para começar a caminhar pela diminuta cela a passos largos como um gato enjaulado, ágil, gracioso e agitado. − Pode chamar-me louco, mas peço que me ouça até ao fim antes de tomar uma decisão.

A urgência que emanava dele deixou Aurora inquieta.

− Muito bem, senhor Sabine − concordou Aurora. − Estou a ouvir.

− Suponho que devia começar por lhe contar uma história, uma história de amor, se assim o desejar. Mas receio que possa escandalizar uma dama de delicada sensibilidade. Está disposta a escutá-la?

− Sim − murmurou Aurora sem muita convicção.

Sabine continuou a caminhar pela cela e manteve a voz baixa enquanto falava.

− Era uma vez um homem, um americano, que foi para Inglaterra e apaixonou-se. A dama correspondeu ao seu afeto, mas desde o início que a união entre eles estava condenada. Não só ela era muito jovem, como a sua família jamais teria permitido que se casasse com alguém de classe inferior. Ainda mais grave, ele já tinha esposa e um filho, e outro iria nascer em breve.

«Negando-se a desonrá-la, ou aos seus próprios votos matrimoniais, o homem saiu de Inglaterra decidido a vencer os seus sentimentos e a não voltar a ver a dama. Mas, alguns anos mais tarde, teve de regressar por assuntos de negócios e descobriu-a quase em desespero. Estava prometida em casamento a um cavalheiro mais velho cujas deformidades físicas o convertiam num monstro aos seus olhos. Como sua esposa, residiria nas propriedades distantes do marido, afastada de tudo o que lhe era querido.

«Não podia suportar ver-se prisioneira de tal matrimónio, e acreditava que a sua vida tinha chegado ao fim sem ter vivido nem conhecido a paixão. De modo que, implorou ao homem que amava que lhe mostrasse o que era a autêntica intimidade. Incapaz de resistir aos seus apelos ou de negar os seus sentimentos por mais tempo, ele tornou-se seu amante.»

Sabine fez uma pausa na narração e olhou para Aurora como que para avaliar a sua reação. Ao ver que ela conseguia manter o seu ar evasivo, prosseguiu:

− A sua relação ilícita durou apenas uns meses, porque ele tinha de regressar para junto da sua família e para as suas responsabilidades. Todavia, pouco tempo depois, a jovem descobriu que estava grávida.

Aurora estremeceu por dentro. Podia perfeitamente imaginar o desprezo que enfrentaria uma jovem solteira caso o seu estado

de gravidez fosse conhecido.

− Que aconteceu? − murmurou.

− Como não é de admirar, o compromisso foi rapidamente dissolvido. Para abafar o escândalo, obrigaram-na a casar-se com o filho mais novo de um nobre irlandês e desterraram-na para o Caribe enquanto o seu indignado pai lavava as mãos do assunto. A dama faleceu no ano passado sem ter voltado a ver a sua família. Deixou uma criança, uma menina.

− A sua irmã − disse Aurora suavemente.

Sabine exalou um lento suspiro.

− Sim. A minha meia-irmã, para sermos mais exatos. Como terá suspeitado, o amante da dama era o meu pai.

− Ele sabia da existência da criança?

− De início, não. Mas quando o marido faleceu, ela escreveu-lhe a explicar o que tinha acontecido. O meu pai apoiou-a a nível financeiro durante anos, embora não pudesse reconhecer publicamente a filha. Considerava necessário manter a sua família na ignorância, evitar à minha mãe o vergonhoso conhecimento da sua aventura amorosa. O meu pai faleceu há quatro anos, mas no seu leito de morte falou-me da filha, e fez-me prometer que cuidaria dela.

Sabine esboçou de novo aquele meio sorriso irónico que enternecia o coração de Aurora.

− Não podia negar-me a honrar um pedido feito no seu leito de morte. Para dizer a verdade, nunca fui o filho ideal. A nossa relação foi sempre… tensa, porque eu não tinha nenhum interesse em assumir o controlo da empresa de navegação que ele criara. É que o meu pai era sobrinho do sexto conde de Wycliff, mas com poucas perspetivas de herdar o título. Antes da guerra com as colónias ele emigrou para a Virgínia para fazer fortuna. E, na realidade, superou em muito os seus maiores sonhos, construindo um império formidável quase do nada. Todavia, eu preferi a vida aventureira a seguir os seus passos. Porém, quando ele faleceu, senti-me na obrigação de assumir as responsabilidades que sempre tinha negligenciado.

− Conheceu então a sua irmã?

− Sim. A primeira coisa que fiz foi visitá-la em Montserrat. Usa o apelido de Kendrick, o irlandês com que a sua mãe se casou, mas sabe desde sempre a história do seu nascimento. A sua mãe pretendia que ela compreendesse que era filha do amor.

− O capitão Gerrod disse que foi a Montserrat ver uma mulher − observou Aurora pensativa.

Os lábios de Sabine contraíram-se perante a menção do seu justiceiro.

− Sim, a minha irmã. Ela agora é praticamente uma adulta, tem dezanove anos, e é uma verdadeira beldade, e também é minha pupila. A mãe dela sucumbiu a umas febres no ano passado, pouco antes de rebentar a guerra, e antes de morrer confiou-me a tutela de Raven.

− Raven? É um nome pouco habitual para uma donzela.

− Talvez. Mas é muito adequado. Ela nasceu com os cabelos tão negros quanto a asa de um corvo, tudo indica que herdou traços de algum dos meus antepassados espanhóis. E é despreocupada em muitos aspetos, principalmente com a aparência. Quando a conheci, era uma autêntica maria-rapaz, mais à vontade num estábulo ou na gruta de uma praia a brincar aos piratas. Mas ultimamente tem feito sérias tentativas para se emendar e comportar-se como uma correta dama inglesa. Está decidida a realizar o sonho que a sua mãe tinha para ela, ser aceite pelos seus parentes ingleses e ocupar o seu legítimo lugar entre a nobreza. E, além disso, foi superado o maior dos obstáculos, Raven foi convidada pelo avô a viver em Inglaterra.

− O pai da mãe dela?

− Sim. É o visconde Luttrell, de Suffolk. Talvez o conheça.

Aurora fez uma tentativa para se recordar.

− Conheço, mas não sabia que tinha tido uma filha.

− Porque Luttrell a renegou há vinte anos atrás. Mas ultimamente os seus sentimentos mudaram. Ao saber da morte da filha, lamentou não ter feito nunca uma tentativa para se reconciliar com ela. A sua saúde também se deteriorou e deseja conhecer a sua única neta e procurar que ela assuma o seu lugar na sociedade. Embora relutante, a tia de Raven concordou em apresentá-la formalmente, mas nunca se sabe o tempo que a sociedade vai demorar a aceitá-la, dadas as duvidosas circunstâncias do seu nascimento. Ela está ansiosa, impaciente até, de fazer uma boa aliança de modo a poder ser bem recebida na sociedade que repudiou a sua mãe. Decerto o seu caminho seria muito mais fácil se alguém de um estatuto social elevado a apoiasse e aconselhasse.

− E o senhor deseja que eu seja essa pessoa.

− Sim. − Fixou os seus olhos negros nos dela com uma intensidade intencional. − Não me agrada muito suplicar, Lady Aurora, não é da minha natureza, mas ficar-lhe-ia muito reconhecido se concedesse a minha irmã a mesma generosidade que

mostrou ontem para comigo.

Aurora pensou que, evidentemente, Nicholas Sabine era um homem acostumado a levar a sua avante. A impotência não devia ser um sentimento bem-vindo para ele. Todavia, ela não tinha nenhuma dificuldade em aceder ao seu pedido. Teria de ter um coração de pedra para não se comover com a situação da rapariga.

− Com certeza, senhor Sabine. Terei muito gosto em fazer todo o possível para que a sua entrada na sociedade seja um êxito.

O rosto de Sabine suavizou-se ligeiramente. Surpreendeu-a que o seu alívio não fosse maior, até que se recordou da outra preocupação dele.

− Percy mencionou que a sua irmã também necessita que alguém a acompanhe a Inglaterra.

− Assim é.

Retomou a sua caminhada pela cela com movimentos rigorosamente controlados.

− Antes de começar a guerra, tinha planeado levar Raven para Inglaterra num dos meus navios, mas como sou americano agora não seria ali bem recebido. O meu primo Wycliff está demasiado ocupado a tentar derrotar os franceses para se encarregar de Raven, e podem decorrer anos antes que os britânicos consigam finalmente derrotar Napoleão. Tenho um primo por parte da minha mãe, mas também é americano.

Sabine ia a passar a mão pelos cabelos mas deteve-se ao encontrar a ligadura.

− Tinha combinado com Wycliff que utilizaria um dos navios da sua frota caribenha ao invés de um dos meus, enquanto eu forneceria a Raven uma escolta armada para atravessar o Atlântico. Na realidade, fui a Montserrat para ultimar com ela os pormenores da viagem. Lamentavelmente, a tripulação de Gerrod armou-me uma cilada. E agora que se decidiu o meu destino…

Aurora sentiu um nó na garganta ao pensar que aquele homem tão cheio de vida estava prestes a morrer.

− Bem − prosseguiu Sabine com um sorriso tenso −, apesar deste contratempo, tenciono fazer tudo o que estiver ao meu alcance para cumprir a promessa que fiz a meu pai e assegurar o bem-estar da minha irmã. Por isso é que… − fez uma pausa de novo, desta vez examinando-a com atenção por entre as suas espessas pestanas − … gostaria de lhe fazer uma proposta formal de matrimónio.

Aurora limitou-se a olhar fixamente para ele sem compreender. Depois de um breve espaço de tempo apercebeu-se de que o tinha entendido corretamente. Soltou um breve suspiro.

− Está a falar a sério?

− Completamente a sério.

A bela boca de Nicholas contorceu-se de uma forma nada divertida.

− Garanto-lhe que não encaro com leveza a perspetiva do matrimónio. Nunca propus matrimónio a nenhuma mulher antes… e se as circunstâncias não fossem tão graves, não o estaria a fazer agora.

Ainda aturdida, Aurora limitou-se a fitá-lo. Abriu a boca para dizer algo e voltou a fechá-la. Aproximou-se da tarimba e sentou-se como ele lhe havia sugerido antes, necessitando agora de se apoiar em algo. A sua mente fervilhava de pensamentos devido ao choque e à confusão enquanto procurava formular uma resposta.

− Senhor Sabine, eu não…

− Disse que me escutaria antes de tomar uma decisão.

Ela ergueu os olhos para ele.

− Sim, mas… não sabe que é esperado que me case assim que regressar a Inglaterra?

− Percy informou-me disso. Sei que está prometida ao duque de Halford. Mas parece-me que o compromisso ainda não é oficial.

− Não. Não se podia anunciar publicamente enquanto eu estivesse de luto pelo meu falecido noivo. Mas o meu pai está empenhado nesse enlace.

− E quanto a si, Lady Aurora? Pensei que se sentia relutante em casar-se segundo a escolha de seu pai. Estou enganado?

− Não, não está enganado − admitiu ela em voz baixa. Sabine posicionou-se diante dela reclamando toda a sua atenção.

− Então pense nas vantagens de uma união entre nós. Não teria de se casar com Halford. Só isso já devia ser um grande incentivo. Recordo-me do duque da minha última visita a Inglaterra há três anos. Ele deve ter mais do dobro da sua idade, e é tão arrogante e vaidoso, tão convencido da sua própria importância como qualquer nobre que tive a infelicidade de conhecer. É isso que deseja para si, toda uma vida de prisão como esposa desse homem?

Ao ver que ela não respondia, prosseguiu:

− Além disso, existem outras vantagens. Garanto-lhe que lhe tornaria todo este inconveniente financeiramente rentável. Sou

um homem abastado, Lady Aurora, com uma fortuna que provavelmente supera a de Halford. Tomei a liberdade de comentar com o seu primo os possíveis pormenores e ele ficou muito satisfeito com o acordo que proponho para a deixar numa boa situação. Teria completa independência financeira do seu pai. Pense nisso. Não se veria obrigada a permanecer sob a sua tutela ou casar-se de acordo com a sua escolha de candidatos…

A ideia de não continuar sujeita às ordens paternas era imensamente atrativa. Mas ainda assim…

− Atrevo-me a dizer que poderia ser para si um marido bem mais agradável do que Halford − pressionou Sabine −, mas mesmo que não seja assim, não é como se tivesse de ficar ligada a mim para toda a vida… Ou antes, para toda a minha vida. O nosso matrimónio só durará algumas horas, um dia no máximo. Depois disso, será a minha viúva.

Aurora estremeceu perante a sua despreocupada alusão ao seu iminente enforcamento. Era evidente que estava a tentar tirar a importância à sua situação desesperada. Todavia, quando examinou o expressivo rosto masculino, compreendeu que ele não desejava a sua piedade. Estava concentrado apenas em procurar o bem-estar para a irmã.

− Compreendo que estaria a abusar da sua generosidade − murmurou tomando uma mão de Aurora na sua, maior e mais poderosa −, mas infelizmente não tenho muitas opções.

Perturbada com o seu contacto, retirou a mão e pôs-se de pé passando junto a ele para caminhar também de um lado para o outro.

− Já lhe disse, senhor Sabine − proferiu num tom que acreditava ser razoavelmente calmo −, que me alegraria poder ajudar a sua irmã, e estou disposta a isso sem nenhum acordo formal entre nós. Sem dúvida não será necessário que nos casemos.

− Talvez não, mas melhoraria imenso as possibilidades de assegurar o futuro de Raven. Se a Aurora estiver relacionada com a minha pupila por matrimónio, terá todo o direito de a orientar e de influir na sua entrada na sociedade. Na realidade, se estiver disposta, poderia transmitir-lhe a tutela de Raven.

Sabine fez uma pausa para que ela captasse as consequências das suas palavras e depois acrescentou:

− Isso poderia tornar-se impossível se desposar Halford. Imagino que ele se oporia a que a sua duquesa estivesse relacionada com uma… jovem tão invulgar como Raven. Ele é obcecado com a propriedade.

− Isso é verdade − respondeu ela com um ar ausente.

− Na sua qualidade de marido, poderia até proibi-la de ter algum tipo de relacionamento com a minha irmã.

Aurora levou uma mão à sua têmpora. Halford não só poderia proibi-lo, como sem dúvida o faria.

− Ainda assim… casar é uma medida tão drástica…

Sabine, que estava visivelmente a conter a sua impaciência, exibiu um sorriso forçado.

− Talvez tivesse sido mais aceitável para si se tivesse conduzido o assunto de outro modo. Se tivesse tentado cortejá-la ou adular a sua sensibilidade.

Aurora assumiu uma postura rígida, na defensiva, e deitou-lhe um olhar duro.

− A minha sensibilidade não necessita de ser adulada, senhor Sabine.

− Não? − Pela primeira vez o sorriso chegou-lhe aos olhos. − Não foi o que me pareceu.

Depois suspirou e reduziu a voz a um murmúrio.

− Lamento ter de pedir a sua mão em circunstâncias tão desagradáveis. Normalmente tentaria usar todo o meu poder de persuasão, mas receio não ter tempo para tentar seduzi-la. Todavia, não mentiria se declarasse que estou profundamente impressionado com a sua beleza.

Aurora deu por si a olhar para ele fixamente, interrogando-se se a sua confissão era simples adulação. Sem dúvida que Nicholas Sabine possuía um encanto implacável que podia exercer efeitos letais.

Suspirou profundamente e retomou a conversação.

− Não posso simplesmente concordar em casar-me consigo, senhor Sabine. Existem outras circunstâncias que devo considerar.

− Tais como?

Como por exemplo o facto de Nicholas Sabine não ser o tipo de homem que ela escolheria de livre vontade como marido. Nunca tinha conhecido um homem com tanto poder de persuasão ou que lhe tivesse causado um impacto tão profundo. Transmitia uma sensação de perigo, uma intensidade tal que era intimidante, senão mesmo assustadora… embora a sua ferocidade agora derivasse da preocupação que sentia pela irmã.

− Se estivesse à procura de marido, a minha primeira escolha não seria um pirata, um americano. Como o senhor reconheceu, é um homem violento.

− Não me recordo de ter reconhecido tal coisa.

− Então e o homem que o capitão Gerrod mencionou? Ele disse que o senhor quase matou um membro da tripulação dele enquanto resistia à prisão.

Sabine cerrou o maxilar, mas suportou o olhar fixo dela, impávido.

− É verdade que um homem ficou ferido, mas pela mão dos seus próprios companheiros. Eu estava desarmado quando caí na cilada de meia dúzia de marinheiros. Defendi-me e alguém sacou de uma navalha e na confusão outro caiu sobre a lâmina. Eu vi o que sucedeu pouco antes de perder a consciência. Penso que me atingiram na cabeça com uma garrafa.

Levou a mão à ferida da cabeça, indicando o ferimento que a garrafa tinha provocado. Depois a sua expressão suavizou-se.

− Compreendo que se sinta relutante em aceitar a minha proposta. Sou um homem que vai ser enforcado como pirata… Não sou o tipo de cavalheiro com que uma senhora como a Aurora se relaciona.

Riu-se suavemente para si mesmo.

− Na verdade, se fosse minha irmã, não lhe permitiria estar a um quilómetro de distância de mim. Mas em minha defesa, quaisquer atos que tenha cometido como corsário, fi-lo para salvar o legado de meu pai. Os seus compatriotas estão empenhados em destruir tudo aquilo por que ele lutou, e eu jurei que o seu império se manteria próspero sob a minha direção.

Dirigiu-lhe com um olhar negro intenso.

− O meu erro fatal foi pensar que poderia escapar à Armada Britânica em Montserrat. Fui descuidado. Na realidade, é irónico. Tinha reservado um quarto numa taberna e dispunha-me a visitar Raven quando fui reconhecido por um dos oficiais de Gerrod. Um tenente cuja vida tinha salvo um mês antes, quando evitei que a tripulação do *Barton* naufragasse com o navio.

Aurora franziu o sobrolho. De facto, salvar uma tripulação inimiga tinha sido um gesto nobre, mas isso não fazia de Nicholas Sabine um santo.

− Gerrod chamou-lhe capitão Sabre. Não é exatamente o título de um homem gentil.

− Sabre é apenas um nome de guerra, nada mais. Calculado para que o inimigo pense duas vezes antes de atacar os meus navios.

Com uma expressão preocupada, Aurora examinou o rosto dele.

− Mas tinha sido acusado de assassinato para além de pirataria − murmurou.

− Lamentavelmente, os homens morrem na guerra, Lady Aurora − respondeu ele friamente. − Não tenciono desculpar-me por ser um corsário. E garanto-lhe que Gerrod e os da sua classe também não são inocentes. Muitos americanos foram assassinados pela Armada Britânica, alguns deles eram meus amigos. Tive tripulantes aprisionados ilegalmente por destacamentos ingleses que foram selvaticamente sovados como animais. Alguns deles morreram no cumprimento do dever…

Fez uma pausa e exalou um lento suspiro. Tendo controlado a sua ira, foi situar-se diante dela.

− O meu passado não é totalmente imaculado, mas nunca assassinei ninguém. E nunca fui violento com uma mulher. Nunca. Prometo solenemente que não tem nada a recear de mim.

Não, pensou Aurora. Nada a recear à exceção do que a fazia sentir. A sua simples proximidade acelerava-lhe o pulso, aquecia-lhe a pele e inflamava-lhe o corpo de uma forma descontrolada.

− E não se esqueça − insistiu ele − da curta duração do nosso enlace. Ainda que eu fosse o tipo de homem que a Aurora refere, não teria de suportar a minha companhia por muito tempo. Decerto posso fazer os possíveis por não me comportar como um pirata selvagem durante o breve prazo do nosso matrimónio.

Aurora sentiu uma dor profunda no coração. Não podia acreditar que aquele homem fosse morrer em breve. Irradiava tanta vitalidade, uma vida tão vibrante…

− O que me propõe parece tão… frio − disse por fim, agarrando-se a qualquer desculpa.

Ele sacudiu a cabeça.

− Considere-o como um acordo de negócios. As senhoras da sua classe costumam aceitar tais acordos.

Não era costume as senhoras casarem-se para perderem o marido no dia seguinte, pensou Aurora consternada.

− Quer dizer que deseja que seja apenas um acordo comercial?

− Não exatamente.

Ouviu-o exalar um lento suspiro.

− Devo expressar claramente a minhas intenções, Lady Aurora. O nosso matrimónio não será apenas de nome. Para ser legal, deve estar totalmente consumado.

Aurora fixou o seu olhar no dele, inquisitiva. Os olhos de Sabine eram insondáveis, inabaláveis na sua intensidade.

− Não desejo que se ponha em dúvida a legalidade da nossa união − disse num tom sereno −, nem a possibilidade de que possa ser anulado. O seu pai é um homem poderoso, assim como Halford. Não quero que os meus esforços para assegurar o

futuro da minha irmã possam ser arruinados.

O coração de Aurora acelerou-se ao compreender o significado: partilhariam o leito como marido e mulher.

Atónita, olhou fixamente para ele. Havia estado a ponderar seriamente na sua desesperada proposta até ele acrescentar esta inquietante condição. A possibilidade de intimidade física com aquele homem deixava-a desconcertada. Pensar em entregar-se a um desconhecido… Mas não era isso o que lhe seria exigido quando se casasse com Halford? E aquele homem, por muito intimidante que fosse, era infinitamente mais atraente do que o velho duque. Sentiu o coração acelerar-se de um modo perigoso.

Sabine continuava a observá-la. Sem afastar o olhar, pegou-lhe na mão e levou-a aos lábios. Mas ao invés de lhe beijar os dedos, virou-lhe a mão e beijou o suave interior do pulso. Os seus lábios sobre a pele sensível pareceram a Aurora ter sido marcada com um ferro em brasa, e provocaram-lhe calafrios por todo o corpo.

− Concordará em ser minha esposa por uma noite, querida? Creio poder prometer-lhe que a sua introdução no leito matrimonial não lhe será desagradável.

Ela ficou sem respiração perante as imagens que a sua promessa conjurava na sua mente. Isso e a sedutora sensualidade dos seus olhos deixaram-na tão enfeitiçada que não conseguiu responder. Sabine baixou o olhar em direção aos lábios dela.

− Lamento não poder cortejá-la como merece. Uma mulher tão encantadora como a Aurora devia ter um cenário igualmente encantador… luar, rosas, promessas sussurradas… − Ele inclinou-se para ela e Aurora sentiu o hálito dele nos seus lábios…

Todavia, ao sentir que ela assumia instintivamente uma postura rígida, deteve-se. Ao invés de a beijar, falou-lhe num tom aveludado.

− Não acredito que tenha realmente medo de mim, Aurora, uma mulher da sua coragem. Eu assisti à fascinante mudança que se operou em si ontem, de dama correta a anjo vingador.

Ela examinou o rosto dele cautelosamente. Uma barba incipiente ainda sombreava o seu maxilar, conferindo uma aura perigosa às suas belas feições. Podia afirmar que não era um pirata, mas continuava a parecê-lo. Não costumava sentir-se intimidada, mas aquele homem, com a sua vital masculinidade, inquietava-a. E ainda se sentia mais agitada com as sensações proibidas que despertava nela com tanta facilidade. A intensa e poderosa sexualidade que emanava dele era palpável e a tensão entre ambos era muito real.

− Dê-me a sua mão, querida. Toque-me… − Pegou-lhe na mão e guiou-lhe os dedos até ao seu rosto. − Sou de carne e osso, como a Aurora. Não sou assim tão ameaçador.

Era-o, sim. Deixava-a sem fôlego, palpitante por dentro. E, contudo, havia algo doce e terno nos seus olhos que mitigava o autêntico pânico que ela sentia.

− Isto não a assusta, pois não? − perguntou, levando os dedos dela aos lábios, fazendo com que lhes tocasse.

− Não… − murmurou ela honestamente.

− E isto?

Quando ele roçou a sua boca na dela, sentiu que os lábios dele eram cálidos e suaves… suaves como a carícia da asa de uma borboleta. Uma ânsia inconfundível inundou Aurora, junto com uma fome estranha a que só poderia dar o nome de desejo.

Manteve o olhar fixo nele, aturdida, enquanto ele se afastava.

O tom rouco da sua voz acariciou-a tanto como a mão que percorria a linha do seu queixo.

− Nunca foi beijada?

− Sim… pelo meu noivo.

− Mas imagino que não tenha sido um verdadeiro beijo. Um beijo a sério é mais do que o encontro dos lábios. É um acasalamento… de boca, língua e respiração… Um conhecimento íntimo. − Percorreu com os dedos a linha da sua boca. − Desejo beijá-la a sério, anjo.

O seu delicado contacto fê-la estremecer.

− Eu… o senhor não devia…

O sorriso de Sabine era doce, indulgente, terno. Tinha uma bela boca, em especial quando sorria.

− Em circunstâncias como esta − respondeu − não é impróprio que um homem corteje a sua dama pedindo-lhe um beijo. Esta é a minha única oportunidade de a persuadir a tornar-se na minha esposa. Talvez seja a última vez que vou vê-la ou tocar-lhe. Negar-me-á esta última oportunidade de cumprir o desejo de meu pai no seu leito de morte?

− Não − sussurrou ela, incapaz de lhe resistir.

Desta vez, quando ele inclinou a cabeça ela não se pôs rígida nem recuou. Permitiu-lhe que a tomasse nos seus braços e a estreitasse como faria um amante.

Aquele beijo foi algo que ela nunca havia experimentado. A boca dele era cálida, húmida, aberta contra a sua, audaz e inesperadamente íntima. As narinas de Aurora encheram-se com o aroma dele, a boca com o seu impudente sabor, à medida que um prazer escandaloso invadia os seus sentidos.

A atrevida resposta do seu próprio corpo deixou-a consternada. Todavia, para sua surpresa, foi ele quem bruscamente concluiu o beijo.

− Talvez isto tenha sido um erro − disse com voz vacilante, inclinando a fronte contra a dela. − Acreditei que teria mais controlo…

Inspirou profundamente e afastou-se devagar sem deixar de olhar para ela.

− Não − prosseguiu depois de se recompor −, a julgar pela sua resposta não diria que tem medo de mim. A Aurora sentiu o mesmo fogo que eu. Os sinais são bem claros. O seu pulso acelerou-se, a sua pele está ruborizada.

Com o coração aos pulos, Aurora permaneceu em silêncio debatendo-se entre a consternação e o desejo enquanto ele descrevia tão bem as sensações avassaladoras. Não podia sentir-se assim, não podia experimentar esses sentimentos poderosos e proibidos em relação a um desconhecido. Nunca sentira uma atração tão primária por um homem, uma reação que nenhuma mulher da sua posição reconheceria.

− E isto é só o princípio, querida. Há muito mais que lhe posso mostrar. Dê-me esse direito, Aurora.

Ela viu que os olhos dele se tinham ensombrecido de sensualidade e eram tão impenetráveis como a noite. Ficou fascinada a olhar para eles.

Sabine falou num tom de voz ainda mais baixo.

− O seu primo acredita que poderá conseguir uma licença especial a tempo de nos casarmos amanhã à tarde. Considerar-me-ia o mais afortunado dos homens se me desse a honra de me conceder a sua mão em matrimónio.

Aurora fechou os olhos lutando por recuperar os seus sentidos aturdidos. A sua mente rodopiava e sentia um caos parecido no seu coração; um tumulto de esperança, temor e dúvida. Atrever-se-ia a ter em conta este projeto insensato? Era muito tentador e, contudo, também inegavelmente assustador.

− É a minha melhor esperança, anjo. A minha única esperança. Uma noite. Pode conceder-me isso?

Ela engoliu com dificuldade.

− Tenho de responder… neste momento? − perguntou por fim. − A decisão que me pede que tome é muito séria. Necessito de tempo para pensar.

− Claro. − O seu olhar expressava simpatia. − Mas por muito que me desagrade pressioná-la, talvez deva recordar-lhe que o tempo urge.

− Eu sei − respondeu com voz sombria.

Retrocedeu um pouco, para longe do abraço dele, e não se surpreendeu ao descobrir o quão débeis estavam as suas pernas. Não necessitava de que o senhor Sabine lhe recordasse a urgência. Ia ser enforcado no dia seguinte… a menos que ela consentisse converter-se na sua esposa. Nessa altura, a execução seria adiada o tempo necessário para se casarem.

Observou-o com um fogo no olhar e a garganta tensa. Tão tensa que não conseguia pronunciar uma única palavra.

Voltou-se de repente e saiu da cela. No exterior, apoiou-se debilmente contra a parede de pedra. Um estremecimento percorreu-lhe o corpo ao pensar nele morto…

− Não te sentes bem, Aurora? − A voz de Percy soava preocupada.

Tinha esquecido completamente que o primo a aguardava no corredor.

Incapaz de falar, sacudiu a cabeça em negação.

− Vamos, temos de sair deste calabouço e respirar ar fresco.

Sentiu-se agradecida quando o primo lhe pegou no braço e a conduziu, primeiro pelo corredor escuro e depois por um estreito lanço de escadas. Quando chegou ao ar livre inalou profundamente, procurando conter o torvelinho de emoções que a despedaçavam por dentro.

Percy aguardou pacientemente enquanto ela lutava por recuperar a compostura.

− Então − disse ele finalmente −, presumo que Sabine te pediu em casamento?

− Sim. − A sua voz tinha uma ponta de tristeza que não conseguia ocultar.

− E deste-lhe uma resposta?

− Ainda não. Não podia… tão rapidamente. Disse-lhe… que necessitava de tempo para pensar num passo tão drástico.

− Bem, claro que sim. Posso imaginar quão difícil deve ser essa decisão para ti… Desafiar o teu pai e desposares um desconhecido. Talvez devêssemos ir a casa e conversar com Jane.

Ela esboçou um sorriso forçado.

− Sim.

Percy conduziu-a até à carruagem que os aguardava, ajudou-a a subir e depois ocupou o lugar ao lado dela. Aurora recostou-se contra as almofadas e fixou o olhar na janela sem todavia ver nada.

Estremeceu ao pensar na reação do pai, na fúria que teria de suportar… Porém, não era apenas enfrentar a ira inevitável do pai ou desposar um desconhecido que tornava tão difícil tomar uma decisão. Estava a ser-lhe pedido que desposasse um homem morto.

Ainda assim, o que lhe destroçava o coração era pensar em Nicholas Sabine na forca.

CAPÍTULO 4

Não consigo compreender o poder que ele tem sobre mim.
Como é possível, se o conheço há tão pouco tempo?

− Quer dizer que ele te propôs um casamento de conveniência para salvaguardar o futuro da sua irmã ilegítima? − perguntou Jane pensativa ao tomar conhecimento do sucedido.

Estavam os três na sala de visitas, Percy no sofá, junto a Jane, relatando os pormenores da proposta de Sabine enquanto Aurora permanecia de pé diante da janela, demasiado inquieta para se sentar.

− Sim − respondeu Percy por ela. − Só que a rapariga não é considerada ilegítima nem a sua ilícita conceção é do conhecimento geral. O assunto foi silenciado há muito tempo.

Jane franziu os lábios, pensativa.

− Consigo compreender as vantagens para a irmã do senhor Sabine, mas em que beneficia Aurora desposando um pirata?

Percy respondeu prontamente.

− A nível financeiro, esse matrimónio poderia ser muito conveniente para Aurora, uma vez que ele se propôs a estabelecer um bom dote. A mãe e as duas irmãs, que vivem na Virgínia, herdarão parte da sua fortuna, e a sua empresa de navegação ficará a cargo de um primo americano. Mas Nicholas acredita poder manter a sua meia-irmã sem que a sua mãe venha a saber da existência dela ou da infidelidade do marido. Nick propõe-se a deixar uma soma substancial a Aurora, parte da qual ela administrará até à maioridade da jovem Kendrick. Também pedirá a Aurora que assuma a tutela. Sendo sua esposa, tais incumbências não são excecionais.

− É verdade − concordou Jane −, mas se ele é enforcado por pirataria… um matrimónio sob tal nuvem poderá vir a ser socialmente difícil para Aurora, se não impossível.

− A sua reputação na sociedade protegê-la-á até certo ponto. E lembra-te de que Nick também tem família nobre pela sua parte. O seu primo, o conde de Wycliff, será um aliado formidável.

− Todavia, ela regressará a Inglaterra como viúva, já pensaste nisso?

− O que seria uma decidida vantagem. Nunca me agradou a ideia de que tivesse de desposar Halford. Se Aurora for viúva, não seria adequado voltar a casar sem ter decorrido um intervalo decente, e Halford teria de procurar outra esposa. É claro que nessa altura ela não viria a ser duquesa, o que é um inconveniente.

Aurora não apreciava o facto de estarem a falar sobre o seu futuro como se ela não estivesse presente.

− Será que posso dizer algo em relação ao assunto? − perguntou.

Jane pareceu contrita.

− Perdoa-me, querida. Parece que nos entusiasmámos devido ao facto de seres tão importante para nós. Mas Percy tem razão. Devias considerar muito seriamente a proposta do senhor Sabine.

− Recordo que me disseste que era um homem perigoso − respondeu Aurora francamente surpreendida com o apoio de Jane. − Chamaste-lhe famoso aventureiro, não é verdade?

− É verdade, qualquer homem com a sua reputação seria perigoso para jovens damas solteiras. Mas uma oferta de matrimónio muda totalmente as coisas. O matrimónio pode tornar respeitável até o pior tipo de libertino. E esta pode muito bem ser a resposta para o teu dilema, Aurora. Sei o quanto receias ter de desposar Halford. Na qualidade de teu marido, seria tão controlador como o teu próprio pai, e ser-te-ia repugnante veres-te obrigada a viver sob o seu pulso dominante e além disso dar-lhe filhos. − Jane estremeceu levemente. − Sabine é, de longe, o menor de dois males.

Aurora conseguiu esboçar um sorriso ténue.

− Isso não soa exatamente como uma recomendação entusiasta para um marido.

− Não é a escolha ideal, isso te garanto, mas a sua riqueza pode compensar um grande número de pecados.

− Dás-te conta do quanto isso parece mercenário?

− Estou apenas a ser prática, Aurora. Uma dotação generosa permitir-te-á uma larga independência. Não só escaparias às exigências matrimoniais do teu pai, como ainda poderias ter a tua própria casa.

− Aprovas que desafie o meu pai? − perguntou cética, sem conseguir acreditar no sedicioso conselho de Jane. − Ficará furioso se não puder desposar Halford, como concordei.

Percy respondeu pela esposa.

− Foste obrigada a concordar com a escolha do teu pai, Aurora. Ele jamais teria permitido que aceitasses o nosso convite de

vir aqui se não lhe tivesses prometido desposar Halford quando regressasses a Inglaterra. Em todo o caso, eu seria mais merecedor da sua ira do que tu. Dei-lhe a minha palavra de que cuidaria do teu bem-estar. Todavia, acredito que apoiando o teu casamento com Sabine estou a agir de modo a defender os teus interesses. Só não o estou a fazer da forma que o teu pai espera.

Aurora manteve-se em silêncio, pensando com amargura no seu severo e ilustre pai. Nem sequer Percy podia compreender o quão violento podia ser o temperamento do duque de Eversley. Em geral, tinha sido uma filha submissa; de uma forma correta ou errónea, Aurora possuía um firme sentido da lealdade familiar e das obrigações da sua posição. Ao contrair um matrimónio tão escandaloso como aquele, estaria a contrariar tremendamente o pai.

Jane levantou-se, dirigiu-se a ela e rodeou-lhe a cintura com o braço para a confortar.

− Talvez seja insensível da minha parte dizê-lo, Aurora, mas não é como se o enlace tivesse de durar para sempre. Podes vê-lo até como se Sabine estivesse simplesmente a dar-te o seu nome. Assim que partires daqui não voltarás a vê-lo. Não terás de passar a vida ligada a um homem que não amas.

Ao recordar que Nicholas ia perder a vida, Aurora fechou os olhos com força.

− Sei o quanto amavas Geoffrey, querida − murmurou Jane, aparentemente interpretando a razão do seu desespero de forma errada. − Mas só agravarás a tua infelicidade se entrares num matrimónio sem amor com Halford. Já tiveste mágoas que cheguem na tua vida.

Aurora baixou o olhar para os seus punhos cerrados para ocultar as suas reflexões. Tinha amado profundamente Geoffrey, mas não do modo que Jane supunha. Tinha sido mais uma cómoda aliança do que uma grande paixão. Geoffrey era uma alma doce e um dos homens mais gentis que tinha conhecido, um homem com uma mente perspicaz que preferia entregar-se a ocupações eruditas.

Aurora sabia que tinha sido a sua natureza tranquila e complacente que havia tornado esse matrimónio numa possibilidade tão atraente. Tinha amado Geoffrey sobretudo pelo seu temperamento… por ele ser completamente diferente do seu pai. Jamais teria tentado dominá-la ou dar-lhe ordens, nem teria tido acessos de cólera pela mínima provocação como fazia o seu pai. Na sua qualidade de esposa de Geoffrey, poderia ter sido livre de viver a sua própria vida, de controlar o seu próprio futuro. Na realidade, Geoffrey mostrava-se totalmente de acordo em seguir as suas iniciativas em todas as questões, desde que pudesse continuar com o nariz metido nos seus livros. Aurora tinha lamentado a sua morte, mas amara-o mais como um irmão do que como amante.

Sentiu formar-se um nó na garganta de culpa e pesar por não ter sentido maior paixão por ele, mas baniu a dor agridoce que a sua recordação sempre lhe provocava e forçou a saliva pela sua garganta seca.

− O senhor Sabine deseja algo mais do que um matrimónio só de nome − disse finalmente. − Se nos casarmos, ele insiste em… consumar a nossa união para que ninguém possa questionar a sua legitimidade.

Isto fez Jane imobilizar-se enquanto Percy exibia uma expressão séria. Todavia, quando falou, o primo não pôs nenhuma das objeções que Aurora esperara.

− De facto, assim o teu pai não poderia pôr o matrimónio em causa − afirmou Percy. − E todas as pessoas conhecem bem a preferência de Halford pelas jovens donzelas. Sem dúvida, se fosses uma viúva a sério e não uma esposa virgem, ele renunciaria a perseguir-te.

Aurora não pôde deixar de enrubescer ao escutar aquelas palavras tão diretas, embora por aquela altura já devesse estar acostumada.

A sincera honestidade e abertura que havia no lar dos Osborne era algo pouco comum, mas sem dúvida estimulante em comparação com os costumes rígidos sob os quais tinha sido criada.

Ao ver o seu desconforto, Jane franziu o sobrolho na direção do marido, mas depois assentiu lentamente em concordância.

− O senhor Sabine está ferido, Aurora. Não é provável que se mostre um marido muito exigente. E só terás de submeter-te uma vez. Além disso… e peço que me desculpes pela minha falta de pudor, querida, mas atrevo-me a dizer que o senhor Sabine deve ser hábil o suficiente para fazer com que a experiência não te seja de modo algum… desagradável.

Nesta altura foi Percy quem franziu o sobrolho, mas Jane antecipou-se ao seu comentário interrogando-o acerca dos preparativos nupciais.

− Não podes permitir que a tua prima se case naquela prisão deprimente, Percy − disse enfaticamente.

− Duvido que seja dada permissão a Nicholas para sair da fortaleza, mas a capela de Brimstone é muito adequada. A cerimónia teria lugar ali amanhã à tarde, o que nos daria tempo suficiente para conseguirmos uma licença especial e arranjar um solicitador para redigir um novo testamento.

Ao ver que Aurora se mantinha em silêncio, Percy aproximou-se dela e pegou-lhe na mão.

− Sabes que não és obrigada a aceitar a proposta de Sabine nem a de Halford, querida. Podes continuar a viver aqui connosco durante todo o tempo que queiras. Aqui és bem recebida, e não necessitas de regressar a Inglaterra.

− Obrigada, Percy − respondeu Aurora numa voz baixa. − Mas a minha vida é ali, com a minha família e os meus amigos.

− Bem, não permitas que te influenciemos a tomar uma decisão de que te venhas a arrepender.

Ela sorriu brevemente.

− Não o farei.

Era uma questão demasiado importante para se deixar pressionar, até mesmo pelos seus parentes afetuosos e bem-intencionados.

− Estou profundamente agradecida pela vossa preocupação, agradecida aos dois − disse, incluindo Jane no olhar. − Mas perdoam-me se vos disser que necessito de uns momentos a sós para pensar no assunto?

− Claro que sim − replicou Jane com carinho, dando-lhe um abraço.

− Com certeza − concordou Percy −, mas receio que tenhas de decidir com rapidez. O tempo de Nicholas Sabine está a acabar.

− Eu sei − replicou Aurora sombriamente.

Depois de ir buscar uma capa, Aurora saiu para caminhar sob as palmeiras. O sol do Caribe estava a pôr-se e brilhava no horizonte distante do oceano como uma rosa de cobre resplandecente, mas Aurora nem reparou na sua beleza. Ao invés, viu um rosto magro e bronzeado de olhos negros impenetráveis, que a olhavam atentamente.

Havia muitas razões pelas quais seria uma loucura casar-se com Nicholas Sabine. Era um libertino, um aventureiro e estava a ser acusado de assassínio. Além disso, eram inimigos, os seus países estavam em guerra. O seu pai ficaria furioso. A sociedade ficaria horrorizada. Todavia, eram as suas próprias emoções que mais temia. Poderia suportar perder um marido na forca imediatamente depois de ter jurado amá-lo e honrá-lo até que a morte os separasse?

Já tinha perdido demasiadas pessoas que lhe eram queridas, incluindo o homem a quem estava prometida em casamento desde há tanto tempo. E por muito irracional que pudesse ser, ela já chorava por Nicholas Sabine quando fazia apenas um dia que o conhecia. Estava já demasiado envolvida e vir a ser sua esposa só reforçaria o seu envolvimento.

Depois da morte trágica de Geoffrey tinha prometido a si mesma não voltar a interessar-se profundamente por ninguém. Já tinha sofrido perdas suficientes.

Quando chegou ao fim do caminho ladeado de palmeiras, Aurora voltou-se na direção da casa, alheia ao que a rodeava, debatendo-se com as suas emoções conflituosas. Como é que tinha chegado àquela escolha difícil?

Antes da morte de Geoffrey, o seu futuro estava bem definido. Como esposa do conde de March teria tudo o que desejava da vida. Tranquilidade, um casamento reconfortante, um marido agradável por quem sentia uma grande afeição, um elevado grau de independência e a esperança de filhos.

Depois da tragédia do desaparecimento de Geoffrey no mar, Aurora tinha tentado esquecer a sua dor, mas o pai só tinha agravado o seu sofrimento obrigando-a a aceitar um outro pretendente. Pelo menos, não havia nenhuma possibilidade de poder sofrer por entregar o seu coração a Halford.

Os seus lábios curvaram-se num sorriso amargo enquanto se detinha junto a uma palmeira.

Parecia destinada a contrair um matrimónio desprovido de sentimentos. Para ela, o verdadeiro amor era algo que só podia ser desejado e imaginado. Jamais conheceria aquele tipo de paixão sobre a qual os poetas teciam lendas, o tipo de amor intenso e avassalador que a mãe de Raven havia conhecido com o pai de Nicholas Sabine…

Nicholas Sabine. Aurora fechou os olhos recordando a forma como ele a tinha beijado. A carícia dos seus lábios tinha sido ardente, embora contida, e mais excitante do que qualquer beijo que recebera até então.

Não se parecia em nada com Geoffrey. Era um aventureiro e um corsário, um homem mais de ação do que um intelectual. Audaz e atrevido mais do que terno e estudioso. Perigoso. O seu contacto acelerava-lhe a circulação do sangue. Os seus olhos negros prometiam prazeres que ela nunca havia sequer imaginado…

E, não obstante, tinha honra. Que outro homem teria feito tamanhos esforços para cumprir uma promessa feita ao pai no seu leito de morte? Quem arriscaria a sua vida para tentar que uma irmã que mal conhecia ficasse bem instalada na vida?

Aurora recostou-se contra o tronco grosso da palmeira. Como podia ela recusar o seu pedido? O coração contraiu-se dolorosamente ao recordar a cela sombria onde estava prisioneiro. A sua situação difícil de se ver forçada a desposar Halford não se podia comparar com a situação desesperada e grave de Sabine, mas Aurora também sabia o que era sentir-se

encurralada. E ela era a sua única esperança.

Soltou um suspiro tranquilizador. Se tinha de contrair um matrimónio desprovido de sentimentos, preferia ser ela mesma a escolher o candidato. E apesar dos inconvenientes, tinha excelentes razões para se unir ao senhor Sabine. A principal era que assim podia escapar a uma pena perpétua como duquesa de Halford. Podia ser dona da sua própria vida pela primeira vez desde que se conseguia recordar. E ver-se-ia livre do pai e dos seus acessos de cólera.

Liberdade. Aurora não se tinha apercebido do quão desesperadamente ansiava por ela até Sabine lha ter oferecido. Tinha chegado ao Caribe em busca de um porto de abrigo, ansiosa por se libertar da tirania do pai. Os últimos meses tinham sido como um bálsamo para o seu coração desolado, sem as sombrias recordações dos seus entes queridos desaparecidos nem a tensão de viver na casa de seu pai.

Era pouco provável que voltasse a ter outra oportunidade como aquela. Casar-se com Nicholas Sabine era o único modo de desfrutar de uma autêntica independência. Como sua viúva, conseguiria a tranquilidade por que ansiava.

É claro que os votos do matrimónio teriam de se consumar. *Uma noite. Pode conceder-me isso?* Ele tinha insinuado que lhe mostraria uma paixão que ela nunca havia imaginado, e não duvidava disso. Todavia, teria de entregar-lhe a sua inocência… A sua mente repudiava a ideia da intimidade carnal com o aventureiro de olhos negros.

Aurora suspirou lentamente, ignorando o nó que se formava no estômago. A intimidade do leito conjugal só pioraria o seu conflito emocional, mas se conseguisse superar uma noite sem se sentir ainda mais perigosamente ligada a ele… Se se esforçasse por manter um distanciamento racional, pensando no matrimónio apenas como uma proposta de negócios que seria cancelada o mais rápido possível. Se se limitasse a fazer o que tinha de ser feito…

Encheu-se de coragem e afastou-se da árvore, procurando acalmar-se. Podia estar a cometer um erro enorme, mas tinha tomado a sua decisão.

Concordaria em converter-se na esposa de Nicholas Sabine. O dia seguinte seria o dia do seu casamento.

− Ela aceitou o meu pedido? − repetiu Nicholas, querendo certificar-se de que não tinha entendido mal a mensagem do seu visitante.

− Sim − garantiu-lhe Percy. − E, além disso, o comandante Madsen concordou em adiar a tua sentença por mais um dia, de modo a que possam celebrar-se as núpcias. Casar-vos-eis amanhã à noite.

Nick soltou lentamente o ar, libertando a tensão que lhe havia formado um nó no estômago desde o momento da sua captura.

− Tens a minha mais sincera gratidão, Percy, por me permitires expor o meu caso à tua prima e por me ajudares a convencê-la.

− Não tive de fazer muito para a convencer. Aurora tomou sozinha a sua decisão.

− Imagino que subestimas a tua influência. − disse Nicholas deslocando-se até junto de uma mesa sobre a qual havia uma garrafa e vários copos. − Acompanhas-me na celebração da minha boa sorte com um copo de vinho?

− Vinho? − Percy franziu ligeiramente o sobrolho, lançando um olhar em volta da lúgubre cela. − Vejo que agora tens cadeiras. Parece que o teu alojamento melhorou desde a última vez que aqui estive.

− Gentileza do comandante Madsen para expressar o seu pesar por ter de me prender − replicou Nick secamente.

− Ah, sim! Diz que tem uma dívida de gratidão para contigo. Ouvi dizer que a mulher do irmão dele foi uma das muitas pessoas a quem salvaste durante a sublevação de Santa Luzia, há seis anos.

− É o que ele diz. Receio não me lembrar bem dela.

− Em contrapartida, Madsen recorda-se muito bem. Foi por isso que concordou tão rapidamente em atrasar a tua execução. − Percy sorriu debilmente enquanto aceitava o copo de Nick. − Na realidade, parecia encantado por te fazer um favor. Creio que está francamente irritado por ter de cumprir ordens tão desagradáveis. E entre ele e o lorde almirante Foyler também não existe nenhuma simpatia. Madsen disse que preferia ter-te enviado para Barbados e deixar que Foyler se entendesse contigo.

− Farei todos os possíveis para que o comandante receba alguma mostra significativa da minha gratidão depois de ter partido.

− Imagino que uma caixa de um bom *brandy* francês seria magnífico − replicou Percy com um pouco de humor. − Como aliados dos franceses, vós os americanos tendes mais acesso aos prazeres da vida do que nós. − Olhou para a tarimba com desdém. − Teria sido melhor que Madsen te tivesse proporcionado outro alojamento. A minha prima merece uns aposentos mais convenientes do que o calabouço de uma fortaleza como leito nupcial.

− De facto, merece − respondeu Nicholas com uma severidade calma. − Não te preocupes. Tentarei convencer Madsen.

− Bem. Mas ele pode estar disposto a fazê-lo tanto por Aurora como por ti. Ele está encantado com ela.

− Duvido que seja o único… ela é uma mulher encantadora − respondeu Nicholas.

− Sim, mas jamais se aproximaria dela sabendo que está de luto. Felizmente ou não, as suas circunstâncias protegeram-na de ser cortejada. Em Inglaterra teria sido muito mais solicitada pela sua posição social do que pela sua beleza, mas o seu conhecido compromisso com Lorde March manteve afastados os outros pretendentes. E o pai também o fez. Duvido que Aurora se aperceba do efeito que tem sobre os homens… − Franziu o sobrolho. − O que me recorda que há algo que devo dizer-te, Nick a minha prima é uma autêntica senhora. Espero que sejas comedido quando fizeres dela tua esposa.

Nicholas devolveu-lhe um olhar frio.

− Garanto-te que nunca maltratei nenhuma mulher na minha vida.

− Não acredito que a magoasses intencionadamente. Só me refiro a que… a que refreies a tua luxúria… que mantenhas controlada a tua fogosidade habitual. Aurora não se parece em nada com as tuas amantes habituais. É completamente inocente, sem experiência em assuntos carnais.

− Dou-te a minha palavra de que serei delicado − jurou Nicholas solenemente. − Agora talvez fosse melhor discutirmos assuntos financeiros. A guerra dificultará que Lady Aurora tenha acesso aos meus fundos em qualquer banco americano, mas escreverei uma carta ao meu primo Wycliff em Inglaterra. Tenho a certeza de que Lucian cumprirá os meus desejos e tomará medidas imediatas para cobrir o acordo matrimonial. Ele poderá compensar a importância com o meu património assim que a guerra terminar.

Os dois homens falaram durante algum tempo sobre assuntos de negócios, os bens dotais de Aurora, que parte se devia manter num fundo destinado à sua irmã e como tudo aquilo devia ser redigido.

Quando Percy considerou que se tinham previsto as principais contingências, Nick mudou outra vez de tema dizendo gravemente:

− Tenho de pedir-te outro favor, meu amigo. Assegura-te de que Lady Aurora sai de St. Kitts antes de se executar a sentença. Não desejo que a minha esposa me veja morrer.

− Essa pode ser a parte mais difícil − respondeu Percy lentamente. − É muito possível que Aurora se recuse a deixar-te antes do amargo final. É que ela é muito leal, e pode sentir-se obrigada a ficar até tudo ter terminado.

− Percy, não podes permitir que me veja ser enforcado.

− Pois não. Estou de acordo contigo.

− Leva-a para Montserrat, à força se for necessário. A escuna de Wycliff deverá estar ali atracada, à espera para conduzir a minha irmã a Inglaterra. Podem embarcar diretamente daí.

− Vou tentar − assegurou Percy com sinceridade. Olhou Nick nos olhos. − Deveria estar a fazer mais para te ajudar a sair desta malfadada situação.

Nicholas exibiu um largo sorriso e apertou a mão do amigo.

− Já fizeste mais do que tenho direito a pedir. Acredita-me, se puder ver a minha irmã a salvo, morrerei em paz.

Quando Percy saiu, Nick estendeu-se na tarimba com a mente tranquila pela primeira vez desde que tinha sido feito prisioneiro. Um sentimento estranho, tendo em conta que o dia seguinte seria o dia do seu casamento. O matrimónio era uma instituição que ele havia evitado sempre com ardor, deplorando quaisquer grilhões que restringissem a sua tão amada liberdade. Comummente, a perspetiva de tomar alguma mulher como sua esposa tê-lo-ia feito rebelar-se, resistir com todas as suas forças. Mas as suas circunstâncias não eram de todo comuns.

Assim como também não o era a sua esposa.

Aurora Demming era uma contradição, surpreendentemente resistente para se tratar de uma dama da sua classe e educação, e com uma espantosa combinação de elegância régia e encanto.

Estaria a pedir demasiado dela? Era a filha privilegiada e mimada de um duque. Respeitável. Inocente. E encantadora o suficiente para fazer fluir o sangue até aos seus genitais perante o simples pensamento de lhe tocar.

Era uma beldade, o tipo de mulher que povoa os sonhos de qualquer homem, com cabelos louro-claros, profundos olhos azuis e lábios carnudos feitos para beijar.

Quando recordou ter provado aqueles lábios, foi trespassado por outra punhalada de desejo. Nicholas praguejou em voz baixa. Como conseguiria controlar-se? Tivera infinitas mulheres. Amantes apaixonadas que podiam exigir o máximo de um homem até o deixarem sem forças; mulheres audazes e provocantes, que tinham desafiado a sua experiência e posto à prova os limites do seu controlo; outras ternas, que tinham satisfeito o seu apetite masculino num excesso de prazer. Porém, suspeitava que fazer amor com Aurora seria uma experiência diferente de todas as que tinha conhecido. Quando a beijara, havia vislumbrado no seu olhar o fogo de um desejo reprimido há muito tempo.

Fechou os olhos e permitiu-se fantasiar com a sua noite de núpcias. Inspirou bruscamente ao imaginar aquela beleza fria debaixo dele. Pensar em despertar-lhe a paixão causava-lhe uma dor no corpo que nada tinha a ver com os seus ferimentos. Um homem podia morrer feliz depois de ter estado nos seus braços.

Nicholas soltou o ar lentamente sentindo os seus músculos rígidos a relaxarem.

Casar-se com ela não era um erro. Se o dia seguinte ia ser a sua última noite na terra, desejava passá-la nos braços de uma sereia cujos cabelos reluziam com o sol.

CAPÍTULO 5

Ele tomou o meu corpo com uma ternura surpreendente,
tratando a minha inocência como uma dádiva preciosa

A cerimónia realizou-se, tal como planeado, na capela da fortaleza, com a assistência de Jane, Percy e o comandante Madsen. Todavia, quando Aurora poisou os olhos no seu futuro esposo, sentiu uma emoção inesperada. Ele tinha tomado recentemente um banho e feito a barba, e as feições limpas e bem cinzeladas do seu rosto revelavam uma beleza surpreendente que a deixou sem fôlego.

Estava vestido como um cavalheiro abastado mais do que como um condenado à morte, com uma casaca verde-garrafa e um lenço branco imaculado, que contrastava atrativamente com a sua pele dourada, e os seus cabelos aclarados pelo sol estavam bem penteados num estilo quase moderno.

Todavia, tanto a nova ligadura que lhe envolvia a fronte como o seu rosto sério punham em relevo a natureza sombria do acontecimento. Um casamento deveria ser uma ocasião feliz, mas ninguém no grupo nupcial experimentava qualquer alegria, incluindo os noivos.

Aurora sentia-se particularmente entorpecida. Aquele estranho ritual não era o que ela em criança havia imaginado ser o seu dia de casamento. O pesado anel de ouro que Nicholas Sabine lhe havia oferecido (o seu, gravado com o emblema de um navio) era demasiado grande para o seu dedo delgado, e o ligeiro roçar dos seus lábios nos dela quando selou a sua fidelidade foi quase frio. Mas foi a expressão lúgubre nos olhos dele que lhe provocou amargura no coração.

A ceia celebrada em seguida pelo comandante na sua residência foi algo menos solene, mas ainda assim embaraçoso, pois ninguém conseguia esquecer o que devia suceder no dia seguinte. Não houve brindes por uma longa vida nem desejos de felicidade ao casal de noivos, e o coronel Madsen não ocultou a sua ira por se ver forçado a empreender um dever tão desagradável. Despediu-se pouco tempo depois de terem sido servidas as sobremesas, recusando-se a ouvir as tentativas de Aurora de lhe agradecer a hospitalidade e desejando simplesmente uma boa noite a todos os presentes.

Percy e Jane ficaram um pouco mais, e abraçaram Aurora carinhosamente quando se despediram. Tinha ficado combinado que a aia de Aurora iria assisti-la, mas quando Jane quis chamar a rapariga, Nicholas interveio dizendo que ele mesmo assistiria a sua esposa.

Ignorou a expressão carrancuda de desaprovação de Jane e o olhar inquisitivo de Aurora, mas, no espaço de pouco tempo, os primos saíram deixando-a sozinha com o homem cujo apelido agora também era o seu.

− Acredito que me perdoas por não estar desejoso de companhia − murmurou ele, trancando a porta de modo a resguardá-los do exterior.

− Claro − respondeu Aurora inquieta, sem saber bem como devia comportar-se ou o que era esperado dela.

− Queres um pouco de vinho? Ou talvez algo mais forte?

Começou por recusar, mas depois mudou de ideias, compreendendo que o vinho podia ajudá-la a aliviar a tensão que, de repente, a invadiu.

− Sim, obrigada.

A residência do comandante não era grande nem especialmente sumptuosa, e o quarto que eles ocupavam era ao mesmo tempo sala de jantar e de visitas, mas era o melhor que a lúgubre fortaleza tinha para oferecer.

Aurora tinha ficado surpreendida ao saber que o comandante tinha cedido os seus aposentos para a noite de núpcias a pedido de Nick. Mesmo na prisão, o seu recente marido não estava totalmente incapacitado para influir no seu destino.

Enquanto Nicholas se dirigia ao aparador, Aurora brincou alheadamente com o anel que bailava no seu dedo.

− Não tens de o usar − disse ele, observando a sua ação.

− Só estou preocupada se o perco. Talvez devesse tirá-lo.

− Isso seria prudente.

Introduziu-o na bolsa e depois enlaçou as mãos para as manter firmes.

Nicholas serviu um copo de *brandy* para ele e um copinho de xerez para Aurora, que o aceitou agradecida. Depois ergueu o copo como que a fazer um brinde antes de ingerir um longo trago de *brandy*.

Aurora, incapaz de suster o seu olhar, sorveu o seu vinho mais lentamente. Sentiu o coração quase parar quando o seu recente esposo lhe assinalou a porta contígua com um gesto cortês.

− Retiramo-nos, *milady*?

Aurora precedeu-o relutantemente até ao quarto. O compartimento estava escuro, iluminado apenas por uma candeia de mesa de cabeceira e uma lareira onde ardia um lume brando. Aurora contemplou cautelosamente o leito. A estrutura era um tanto estreita, todavia as colchas tinham sido convidativamente abertas e a sua camisa de noite tinha sido estendida com um cuidado evidente. De repente sentiu a boca seca.

Sentiu o olhar dele a examiná-la enquanto ela permanecia imóvel. Depois de a observar um momento, Nicholas dirigiu-se à lareira e remexeu as brasas para as atiçar, provocando umas chamas mais vivas.

− Descudei de novo os meus modos − disse descontraidamente. − Ainda não te agradeci por teres aceite a minha proposta.

− Parecia… a solução mais sensata − respondeu ela, esforçando-se por evitar que a sua voz soasse débil.

− E és sempre sensata?

− Normalmente sim, senhor Sabine.

− Porque não me tratas por Nicholas? Afinal, agora somos marido e mulher.

Aurora estremeceu ligeiramente ao recordá-lo.

Nicholas voltou-se para ela fixando o seu olhar no dela.

− Eu sei que é comum as noivas sentirem-se nervosas.

− Penso que sim.

− Já te disse antes, Aurora, não tens nada que temer de mim. Não é necessário que tenhas o aspeto de que vais para a guilhotina.

Ela inspirou fundo repreendendo-se interiormente por ser tão cobarde. Tinha concordado em ser sua esposa, e manteria a sua parte do acordo… ou morreria a tentá-lo.

− Sabes o que é suposto que aconteça entre nós? − perguntou ele ao vê-la erguer o queixo com determinação.

− Tenho uma ideia. Jane explicou-me o que é costume acontecer. Estou preparada para me submeter como tua esposa.

Ele suavizou o olhar.

− Não quero a tua submissão, Aurora. Desejo que desfrutes disto tanto como eu. Na realidade, penso que irás considerar bastante agradável o ato amoroso.

− Jane disse… que isso poderia acontecer contigo.

O débil sorriso de Nicholas continha mais do que um indício de satisfação.

− Farei todo o possível por justificar a sua fé em mim.

Ao ver que Aurora permanecia imóvel, Nicholas ergueu um sobrolho.

− Vem sentar-te junto ao fogo, querida. Prometo que não te vou violar.

Aurora fitou os seus olhos convincentes e encontrou uma ternura que, para sua surpresa, a tranquilizou.

Diante da lareira havia duas poltronas de orelhas e uma mesinha de madeira de cerejeira entre elas. Aurora escolheu a mais perto da porta. Nicholas ficou onde estava, com uma bota apoiada no guarda-fogo da lareira. Quando voltou a falar, o seu tom era sério.

− Nunca te ocorreu que este acordo matrimonial pudesse ser aterrador também para mim?

− Para ti? − perguntou Aurora surpreendida.

− Sim, para mim. − Curvou a boca num sorriso seco e irónico. − Nunca tive noiva. Sinceramente, persegui homens comedores de tigres na Índia com menos ansiedade.

Ela olhou-o fixamente sem acreditar que aquele homem, com a sua audaz vitalidade, pudesse sentir temor de alguma coisa. Examinou-o durante um momento admirando de maneira inconsciente a sua absoluta beleza, o queixo firme, as sobrancelhas oblíquas, os olhos sensuais de pestanas longas e negras.

Na realidade não o temia, embora não soubesse porquê. Um homem com o seu historial de violência deveria tê-la amedrontado, mas ele continuava a ser para ela um enigma.

Havia uma energia controlada no seu corpo ágil e poderoso que era intensamente masculina. Uma intensidade que era sexual… Não havia outro modo de a descrever. Todos os seus sentidos ganhavam vida na sua presença, os seus instintos femininos excitavam-se tremendamente. Compreendeu que aquilo era o que a desconcertava. A sua poderosa sexualidade… e o efeito perturbador que causava nela.

− Penso que devíamos falar dos pormenores relativos ao nosso matrimónio − disse ele ao fim de outro momento. − Passei a maior parte do dia com os solicitadores, tentando prever várias dificuldades e resolvendo todas as provisões legais de que me consegui recordar. A nível financeiro, pelo menos, ficarás comodamente situada.

− Obrigada − murmurou ela, suspeitando que ele havia introduzido esse tema para lhe dar algo em que pensar diferente da

consumação do matrimónio que se aproximava.

− Todavia, Raven pode vir a ser um possível problema para o meu plano − meditou Nicholas. − Talvez não esteja disposta a aceitar-te como tutora, uma vez que és uma total desconhecida. Também não irá aceitar de bom grado as limitadas restrições que encontrará em Inglaterra, tanto da parte da sua família como da sociedade em geral. Embora afirme ter plena intenção de se adaptar a fim de encontrar um bom partido, sente aversão pelas normas rígidas. Receio que seja muito rebelde. Muito parecida comigo.

Aurora suspeitou que o sorriso dele tinha a intenção de a deixar mais à vontade, mas a sensualidade que continha causava exatamente o efeito contrário.

− Estou certa de que tudo se resolverá pelo melhor − disse corajosamente.

− Ótimo. Escrevi uma carta a Raven falando-lhe do nosso matrimónio e de como ela sairá a ganhar, mas tu terás de a convencer a que te aceite como aliada. Creio que o fará assim que compreender o que fizeste por ela. − Hesitou por um momento. − Confio em ti para a orientares, Aurora. Já comentámos o apoio que ela necessitará de ti assim que chegarem a Inglaterra, mas ainda existe outra questão que me esqueci de mencionar. Ao que parece, a mãe de Raven deixou algo entre os seus pertences pessoais para eu guardar… trata-se de um livro raro, pelo que me parece. Foi um presente do meu pai há anos. Ele falou-me do livro antes de morrer, mas não sabia bem o que lhe tinha sucedido. Teria ficado satisfeito por saber que Elizabeth Kendrick o tinha em seu poder durante todo este tempo. Ela disse-me que desejava que a filha ficasse com ele, mas não até Raven ter idade suficiente, até ela própria se ter casado. Agora que ficas encarregue dela, terás de ser tu a julgar o momento certo para lho dares. Não tenho dúvidas de que agirás da maneira mais conveniente.

− Claro − murmurou ela, perguntando a si mesma que tipo de livro inspiraria uma tal preocupação.

Nick desviou o olhar para contemplar a lareira. A luz do fogo bailou sobre as suas belas feições enquanto ele contemplava as chamas.

− Tenho de pedir-te outra coisa, Aurora. Prometes-me uma coisa?

− O quê?

− Quero que partas amanhã para Montserrat.

− Amanhã? − Aurora sentiu-se a franzir o sobrolho. − Tem de ser assim tão depressa?

− Morreria mais tranquilo sabendo que o bem-estar de Raven está nas tuas mãos.

Aurora sentiu um frio invadir-lhe o coração. Ele ia morrer no dia seguinte. Como podia negar-lhe um pedido tão simples?

− Prometes?

− Sim − disse numa voz repentinamente rouca.

Ele acenou brevemente com a cabeça num gesto de satisfação.

− Em Montserrat encontrarás um navio pronto para vos levar às duas para Inglaterra. O teu primo acompanhar-te-á à ilha e cuidará que embarques sem problemas. Lamento o incómodo, mas existem boas razões para essa pressa. Nesta altura, Raven já terá tido conhecimento do que me aconteceu, e indo amanhã, podes chegar junto dela a tempo de evitar que faça algo totalmente precipitado… como tentar salvar-me.

− Muito bem. − Aurora hesitou antes de acrescentar: − Na realidade, não será incómodo algum. A maior parte da minha bagagem já está preparada. Antes de… de te conhecer tinha planeado partir para Inglaterra no dia seguinte.

− Antes de eu ter interferido na tua vida, é o que queres dizer − respondeu com um trejeito da sua boca sensual.

Havia pouco que ela pudesse dizer quanto a isso. O certo era que estava contente que ele tivesse aparecido na sua vida evitando assim um matrimónio repugnante, mas não parecia o momento mais adequado para falar dos seus sentimentos.

As labaredas modelaram o perfil de Nicholas quando ele ingeriu outro gole de *brandy*.

− Bem − acrescentou de uma forma bastante tranquila para um homem que está prestes a morrer −, pelo menos amanhã tudo terá acabado para ti.

Ela estremeceu, não desejando que lhe recordassem o destino que o aguardava.

Com um ar quase ausente, inclinou-se para atiçar de novo o fogo, e uma madeixa de cabelo fulvo caiu sobre a ligadura cobrindo-lhe a fronte. Quando levantou a mão para deitar o cabelo para trás, ela avistou uma mancha de sangue através da musselina branca.

− Estás a sangrar − disse pondo-se em pé alarmada.

Ele tocou cautelosamente a ligadura e os dedos ficaram manchados de sangue.

− É verdade. A ferida deve ter-se aberto quando me lavei à pouco.

− Posso vê-la?

Ele ergueu um sobrolho mas não levantou nenhuma objeção quando ela se aproximou para explorar debaixo da ligadura.

− Por favor, podes aproximar-te da luz para poder ver bem?

Quando ele obedeceu, Aurora depositou os copos sobre a mesa de cabeceira e acendeu a candeia. Nicholas estava sentado na beira da cama, observando-a, enquanto ela desenrolava cuidadosamente a tira de musselina da sua fronte. Aurora podia sentir o seu olhar fixo nela enquanto inspecionava o ferimento sob a gaze.

− Duvido que isto fosse o que planeavas para a tua noite de núpcias − disse ele em voz baixa. − Lamento.

Não, não era aquilo que tinha planeado. Se Geoffrey tivesse sobrevivido, essa noite teria sido muito diferente para ela. Não estaria a preparar-se para se entregar a um desconhecido, nem se teria sentido tão inquieta pela proximidade do seu marido como lhe sucedia com Nicholas Sabine. Nem tão estranhamente excitada.

Aurora repreendeu-se mentalmente. Não devia estar a pensar em Geoffrey nem a comparar os dois homens. Geoffrey tinha desaparecido, e em breve sucederia o mesmo àquele homem.

A tristeza devia ser patente no seu rosto porque ele perguntou-lhe discretamente:

− O teu noivo… amava-lo muito?

Ela sorriu, compreendendo que ele tinha interpretado mal a causa da sua mágoa.

− Sim.

Fazendo um esforço para afastar a melancolia, dirigiu-se ao lavatório e molhou nele a ponta de uma toalha, regressando depois para junto do esposo.

− A ferida sangra um pouco. Devíamos limpar o sangue para não se colar aos cabelos.

− Fá-lo, por favor.

− Desculpa se te magoar.

− Não o farás.

Todavia, enquanto Aurora lhe limpava suavemente o couro cabeludo, ele não parecia muito inclinado a mudar de tema.

− Disseste que eu tinha parecenças com o teu noivo.

− De início assim me pareceu por causa do cabelo louro, mas estava enganada. Tu realmente não te pareces em nada com Geoffrey.

− Como assim?

− Geoffrey era um…

− Um cavalheiro correto?

− Um cavalheiro correto e gentil.

− Não acreditas que posso ser gentil? − perguntou Nicholas solenemente.

O coração dela deu um pulo repentino.

− Também não era isto que esperavas, pois não? − perguntou Aurora, procurando ignorar as sensações que Nicholas despertava nela.

− Para ser sincero, nunca pensei muito no matrimónio.

− Não desejavas casar-te nunca?

Nicholas uniu as sobrancelhas pensativo.

− Suponho que tinha uma vaga ideia de que um dia o iria fazer, e gerar um herdeiro. Mas estava demasiado ocupado com as minhas aventuras de juventude que não albergava nenhum pensamento sério de assentar.

O meio sorriso que surgiu na sua boca foi fugaz, antes de encolher graciosamente os ombros.

− Agora é demasiado tarde para arrependimentos ou discussões sobre o que poderia ter sido.

− Lamento que te tenhas visto encurralado num matrimónio não desejado − replicou Aurora com a voz rouca de emoção.

Nicholas apoiou a sua mão forte sobre a dela reclamando a sua atenção.

− Não quero passar a minha última noite a falar de lamentações. − Os seus olhos negros deixaram-na enfeitiçada. − Achas que poderíamos fazer um pacto, querida? Por esta noite, vamos esquecer tudo o que aconteceu.

− Gostaria muito.

− Também eu. − Disse ele num sussurro. − Muito bem, esta é a nossa noite. Não existe nada antes ou depois deste momento. Esta noite viveremos só o presente.

− Sim − sussurrou ela.

Ele deslizou-lhe os dedos atrás da nuca. De repente, o tempo pareceu interromper-se quando ele lhe deitou a cabeça para trás. Com o pulso acelerado, Aurora compreendeu que ele ia beijá-la.

A boca dele era espantosamente suave e terna quando tocou brevemente a dela, contudo despertou-lhe um remoinho de emoções violentas. Desejou voltar-se e fugir a correr, mas quando ele se endireitou lentamente, com o seu olhar impenetrável fixo no dela, aprisionou-a nos seus braços com mais firmeza do que se lhe tivesse posto algemas.

Aurora sentiu o coração a martelar-lhe no peito enquanto Nicholas lhe retirava calmamente a toalha que ela segurava debilmente na mão e a deixava cair no solo. Rodeou-lhe a cintura com o braço e atraiu-a mais para si entre as suas pernas abertas, até os seios dela lhe tocarem no peito. Um estremecimento percorreu o corpo de Aurora.

Com algum pensamento inútil de autodefesa apertou as palmas das mãos contra os ombros largos de Nicholas, fitando-o. Os olhos negros e sensuais dele expressaram-lhe claramente que não ia contentar-se com um beijo.

− A tua ferida…

− Vai ficar bem. Mas não posso dizer o mesmo de mim se não te saborear rapidamente.

Mantendo-a num abraço suave, estendeu-se lentamente de costas no leito, atraindo-a a si. Ela sentiu o calor invadi-la e alcançar dolorosamente o seu estômago enquanto se encontrava totalmente deitada em cima dele, protegida pelo seu poderoso corpo. Estremeceu perante a surpreendente intimidade daquele simples contacto, a dureza pouco familiar contra a sua suavidade, o calor de Nicholas sob o seu ténue vestido de seda.

− Agora abre a boca, bela Aurora − murmurou ele, incitando-a delicadamente a separar os lábios.

A intrusão da língua dele foi lenta e sensual, mais erótica do qualquer outra coisa que tivesse sentido antes. Durante um longo momento, permaneceu rígida, experimentando a estranha sensação da boca de Nicholas aberta, saboreando intensamente a sua. Estava a beber dela, saboreando-a. A cálida carícia da língua dele dentro da sua boca era tentadora.

Conseguia sentir o seu corpo a suavizar-se, a respiração a acelerar perante aquela firme excitação, mas a sua simples docilidade não era suficiente para ele.

Interrompeu o beijo o suficiente para murmurar com voz rouca:

− Beija-me também, querida. − E procurou de novo a sua boca.

Aturdida, Aurora moveu timidamente a língua até encontrar a dele, e foi gratificada por um som de aprovação baixo e gutural.

A pressão na boca dela intensificou-se. Uma impressão intensa começou a tomar forma na parte inferior do seu corpo enquanto os embriagadores lábios de Nicholas e a sua língua a ensinavam a beijar. As mãos dele deslizaram-lhe pelas costas até aos quadris, atraindo-a a si e excitando-a ainda mais com esse gesto.

Permaneceram assim durante um longo tempo, provando-se um ao outro no silêncio escaldante. Aurora perdeu toda a noção do tempo, toda a sensação de si mesma. Para ela havia apenas a presença fascinante de Nicholas, a sua intensa masculinidade, os seus beijos sensuais e hipnotizantes e o corpo musculoso dele debaixo do seu.

Finalmente, as carícias dele tornaram-se mais ardentes; ele reclamava a sua boca por completo, arrastando-a no seu beijo e fazendo com que o seu corpo indefeso fosse inundado de deliciosas sensações. Por vontade própria, Aurora afastou os dedos dos ombros de Nicholas para os enredar nos cabelos ondulantes e sedosos do homem cuja boca era uma chama devastadora que lhe roubava o fôlego.

Estreitou-se mais contra ele, indefesa, ansiando algo que não podia identificar. Sentia-se mole, incendiada… Sentia-se como se estivesse a cair…

Mas era apenas Nicholas que estava a voltá-la de costas sobre o colchão suave.

Moveu as pálpebras, abriu os olhos e olhou fixamente para ele. Estava a tremer, tinha as faces incendiadas e os sentidos alterados.

Ele não afastou o olhar dela enquanto dirigia a mão até ao corpete de «cintura império» do seu vestido. Ela sentiu que se afundava nas suas sombrias profundidades.

Quando os dedos dele se curvaram sob o decote baixo, o corpo de Aurora retesou-se, mas ele inclinou-se de novo sobre o seu corpo, com a boca a pairar acima da dela, aquecendo-lhe os lábios.

− Não tenhas medo de sentir, anjo. Esta noite podes abandonar a razão e permitir que os teus sentidos se imponham.

Ao ver que ela não protestava, puxou-lhe gentilmente o decote do corpete e, em seguida, baixou o rebordo da camisa sobre a parte superior do espartilho para expor as ondas dos seios, que eram empurrados para cima pelo tecido engomado. Com hábil perícia, destapou-lhe os mamilos fazendo-a estremecer. Quando os seus dedos audazes acariciaram aqueles botões endurecidos, ela gemeu involuntariamente com a sensação ardente e delicada que lhe percorreu o corpo.

− Nunca ninguém te tocou assim antes? − sussurrou-lhe ao ouvido com um hálito quente.

− Não… − A palavra saiu por entre um suspiro sufocado enquanto ele movia lentamente o polegar sobre a sensível

protuberância, rodeando-a e brincando com ela.

Aurora fechou os olhos, abandonando-se ao prazer que ele estava decidido a despertar nela. A sua boca cálida e dominante voltou a reclamar a dela à medida que atormentava com delicadeza os seus seios intumescidos, deixando todo o seu corpo incendiado de vergonha e excitação.

Mal se deu conta de quando ele, lentamente, ergueu a bainha do seu vestido, ou de quando chegou ao rebordo interior da sua camisa. Mas nessa altura a palma da mão dele moveu-se mais para cima, roçando apenas a suave e intumescida carne do vértice das suas pernas e persistindo aí na carícia.

Aurora ficou rígida. Procurou unir os joelhos, mas ele introduziu-lhe a mão mais profundamente por entre as coxas.

Nicholas respirava com intensidade, e as suas pestanas projetavam uma negra sombra contra o seu rosto bronzeado, continuando a incitá-la com voz rouca:

− Abre as pernas para mim, sereia, e deixa-me tocar-te.

Incapaz de se negar, fez o que ele lhe pedia. Excitando-a ainda mais, Nicholas acariciou o suave montículo da sua feminilidade. Uma húmida e dolorosa debilidade pulsou naquele lugar secreto entre as suas pernas. Sentiu-se muito estranha, a derreter-se, a latejar… Instintivamente, lamuriou-se e arqueou as costas, ansiando alguma culminação que parecia escapar-se-lhe.

Todavia, ele parecia saber exatamente o que ela desejava, o que necessitava. Com um cuidado extremo, deslizou um dedo na fenda dos seus lábios e penetrou-a.

Ela sufocou um grito na boca dele, mas Nicholas prosseguiu o seu terno assalto, explorando, sondando, conhecendo os seus segredos. Os dedos dele submergiram no seu calor latente enquanto a carne áspera do seu polegar acariciava o agora húmido botão da sua feminilidade.

Aurora agarrou-se aos ombros dele, insegura de poder suportá-lo por mais tempo, mas ele continuou a acariciá-la, avançando e retrocedendo ritmicamente, fazendo-a chegar cada vez mais longe, até que ela ergueu de modo instintivo os quadris e adaptou-se ao ritmo da mão dele.

Agora quase desesperada, ela gemia e retorcia-se sob as suas carícias, à medida que a insuportável tensão do seu interior se tornava cada vez mais urgente a cada toque contra o vibrante centro de todas as suas sensações. Tudo o que Aurora percebia era o calor devastador da boca dele contra a sua, o ardente pulsar do seu sangue e a delícia feroz que ele lhe estava a provocar.

De repente, o prazer foi demasiado forte, demasiado intenso para ser suportado. Frenética, contorceu-se sob a sua mão possessiva, mas a fulgurante faísca foi crescendo cada vez mais até parecer cair sobre o seu corpo com brasas incandescentes. Aurora sentiu a torrente de uma sensação ardente e vergonhosa a sacudir-lhe o corpo indefeso.

Nicholas levou a mão à garganta dela procurando aliviar o potente pulsar do seu coração, enquanto a boca dele lhe enchia de beijos o rosto ruborizado.

Passou um longo momento até se desvanecer a reverberação sensual. Aurora sentia os membros débeis, frouxos, os seus sentidos aturdidos pela desconcertante vaga de fogo que se tinha estendido por todo o seu corpo.

Abriu os olhos, cobertos de uma neblina de prazer, e olhou para ele. Nicholas jazia a seu lado, apoiado num cotovelo, observando-a. Ela estava deitada na cama de um modo nada elegante, com as pernas penduradas sobre o rebordo, as saias levantadas até aos quadris, totalmente exposta acima das meias e ligas. Ele passeava por ela o seu olhar incendiado, desde os seios expostos de mamilos pontiagudos e mais para baixo, até à união das suas coxas nuas.

Ao tomar consciência disto, Aurora enrubesceu e procurou pôr um pouco de ordem no seu desalinho, mas Nicholas deteve-a, cobrindo-lhe a mão com a sua.

− Não deve haver vergonha nem timidez entre nós, anjo.

Ela desviou o olhar.

− Comportei-me como uma rameira. Normalmente não sou tão… licenciosa.

− Só porque nunca tinhas tido a oportunidade. Suspeito que, no fundo, és uma mulher apaixonada. Há um fogo no teu interior que manténs oculto…

Ao ver que ela se mantinha em silêncio, pegou-lhe no queixo e obrigou-a a olhar para ele.

− Os homens consideram incrivelmente desejável uma mulher excitada.

O rubor dela intensificou-se.

− Nunca imaginei…

− Quão agradável poderia ser o ato amoroso?

− Sim.

Ele exibiu um meio sorriso indulgente.

− Isto é só um aperitivo, querida. Há mais, muito mais que aprender sobre o desejo carnal. E, com a tua permissão, pretendo passar o resto da noite a mostrar-to.

Aurora devolveu-lhe o olhar com ar solene. Queria que Nicholas lhe ensinasse sobre a paixão. Desejava sentir de novo aquele fogo desconcertante. Aquela noite podia ser a sua única oportunidade, a sua única experiência com o ato amoroso. Ela podia muito bem não voltar a casar-se. Se assim fosse, nunca mais voltaria a conhecer as carícias de um homem, nem saber o que era ser mulher. Todavia, podia haver complicações…

− Jane disse que… podia nascer um filho da nossa… união.

O olhar dele nunca vacilou.

− Jane parece ser muito prática.

− Sim. Ela queria que eu ficasse a conhecer as possíveis consequências de estar contigo.

− Existem meios de evitar a conceção, mas sim, é muito possível que resulte um filho da nossa união. Seria muito indesejável? − perguntou.

Uma estranha ânsia invadiu-a perante aquele pensamento.

− Não. − Compreendeu então que desejaria aquele filho. Ficar com algo dele depois de ele ter partido. − Não seria nada indesejável.

A expressão de Nicholas suavizou-se.

− Então, não tens nada que temer.

«Nada, exceto perder o meu coração.» Mas o pensamento diluiu-se quando Nicholas a surpreendeu pondo-se de pé.

− Penso que devíamos começar por nos desfazermos de todas estas camadas de roupa desnecessárias.

Quando ele se dispôs a ajudá-la, ela aceitou com relutância a sua colaboração.

− A luz − murmurou coibida, recompondo o corpete para se cobrir. A luz da candeia era demasiado viva para ela.

Nicholas hesitou um momento, mas depois, obsequioso, apagou a candeia deixando que apenas a luz da lareira iluminasse o quarto.

− Assim está melhor?

− Sim, obrigada.

Ele pegou-lhe na mão e levou-a até ao lenço do pescoço.

− Podes fazer-me as honras, amor.

− Queres que eu te dispa?

A débil curva dos seus lábios foi irresistivelmente sensual.

− Esta parece uma boa maneira de começar se devemos dominar o teu nervosismo. É apenas a falta de familiaridade que te deixa apreensiva, querida. Quando te tiveres acostumado a mim, descobrirás que não tens nada que temer.

Fixava o seu olhar convincente no dela enquanto a sua voz rouca a incitava.

− Podes tomar a iniciativa, fixar o ritmo. Eu não te obrigarei a fazer nada que não desejes. Tens o controlo total.

Tranquilizada em certa medida, acedeu com hesitação ao que ele lhe pedia tirando-lhe primeiro o lenço, depois a casaca, o colete e a camisa de linho. As botas e as meias ele próprio as descalçou. Ao ver que ela hesitava, despiu também as calças e as ceroulas.

Quando ficou diante dela, o seu corpo alto e nu, esbelto, forte e musculoso, ela ficou a observá-lo enfeitiçada.

− Sou o teu marido, Aurora − disse ele num murmúrio aveludado. − Não tens de ter medo de mim. Sou apenas um homem de carne e osso, como tu.

Ele não era nada como ela, pensou ceticamente ao ver a sua carne nua, bronzeada pelo sol e os seus músculos tensos. Nicholas tinha um peito amplo, quadris estreitos e coxas poderosas, como as estátuas dos deuses gregos que tinha visto. E a estranha dureza que surgia dos cabelos encaracolados cor de ouro-escuro do seu baixo-ventre fazia pulsar o seu coração de uma forma irregular. Não era temor o que experimentava, mas também não se sentia nada confortável.

− Agora é a tua vez − murmurou ele. Quando ela hesitou, ele sorriu. − Claro, estás acostumada a uma aia. Aceitas a minha ajuda?

− Sim.

− Será para mim um prazer.

Começou pelos cabelos, retirando os ganchos e deixando cair pelas costas a cascata ouro-pálido.

− Tens uns cabelos lindos − murmurou, deslizando os dedos por entre a melena de seda. − Como fios de ouro.

Ao fim de um momento, as mãos dele deslizaram sob os cabelos dela para lhe abrir os fechos da parte de trás do vestido. Aurora, educada e tímida com o seu corpo, manteve-se em silêncio enquanto ele lhe retirava o vestido, o corpete e as meias. A camisa foi a última a sair. Aurora estremeceu ao sentir o ar frio da noite acariciar a sua nudez.

− O teu corpo também é muito atraente − disse, voltando-lhe o rosto para ele. − Tenciono mostrar-te todos os prazeres para os quais foi criado.

Quando ela moveu instintivamente os braços para diante do corpo a fim de o ocultar, ele afastou-os para o lado com suavidade.

− Nada de timidez entre nós, sereia. − Deslizou um dedo pela garganta dela até à ponta de um dos seios, e a erótica sensação fê-la exalar um profundo suspiro. − Que importa se vejo os teus encantos? Qualquer segredo que partilhes comigo estará a salvo.

A visão de Aurora nublou-se perante a lembrança. No dia seguinte ele teria partido. Qualquer intimidade que partilhassem ele levá-la-ia para o túmulo. Mas essa noite era o que importava. Nessa noite ele era o seu marido, o seu amante. Podia entregar-se a ele sem medo nem vergonha. Podia abandonar as suas inibições, a sua reserva natural.

Aurora tocou a sensual boca masculina com as pontas dos dedos.

− Disseste que querias esquecer − recordou-lhe com voz suave. − Nada existe nem antes nem depois deste momento.

− Sim.

Chamas ternas inflamavam a profundidade das suas pupilas. Tinha uns belos olhos. Um olhar que se apoderava dela onde quer que poisasse.

Ele deu então um passo em frente pondo a pele de ambos em contacto. O calor do corpo dele passou para o dela, abrasando-a.

Aurora estremeceu com a sensação erótica, sentindo os seus seios a roçarem no peito dele e, mais abaixo, a ardente e palpitante virilidade dele que se comprimia contra o seu estômago.

− Alguma vez te interrogaste como seria estar deitada ao lado de um homem? Sentir a sua carne dura penetrando-te profundamente?

Nicholas inclinou a cabeça e os seus lábios traçaram um caminho pela face dela.

«Sim, tinha-se interrogado», pensou Aurora aturdida. Nos cantos mais recônditos da sua mente tinha sonhado com um amante sem nome que a despertava para a paixão…

− Mas se o fizeste − disse Nicholas em resposta à sua própria pergunta − não conseguirás admiti-lo.

Aquilo suscitou um sorriso ténue nos lábios de Aurora.

− Não. Uma senhora nunca se permitiria tal coisa.

− Nunca. Mas se alguma vez o tivesses feito… agora é o momento de satisfazer a tua curiosidade.

Pegando na sua mão trémula cerrou-a em torno da haste latente da sua virilidade.

− Toca-me, amor. Sente a minha carne…

Sustendo a respiração perante o seu alarmante tamanho, Aurora aceitou a sua audaz orientação, apreendendo dele aquela sensação única. A pele lisa e aveludada do seu falo, a sua dureza granítica, a cabeça marmórea e intumescida, o suave cabelo encaracolado e as pesadas bolsas debaixo. Realmente, ele não era tão aterrador. Para ser sincera, admitia que as diferenças dos seus corpos lhe pareciam excitantes. A sua masculinidade atraía tudo o que havia de feminino nela.

Ele levou então as mãos aos seios dela, envolvendo a sua exuberante protuberância. Aurora fechou os olhos e suspirou. Pensou aturdida que ele era muito hábil. As mãos dele eram um murmúrio contra o seu corpo, as pontas dos dedos deslizando sobre a sua carne, bailando sobre os seus peitos em carícias profundas.

− És encantadora.

Ele é que era encantador, pensou Aurora, incapaz de resistir à intensa languidez que se tinha apoderado dos seus membros. Ele tinha-a enfeitiçado.

A sua boca procurou voluntariamente a dele à medida que se aproximava numa tentativa de sentir a sua carne contra a de Nicholas. Da garganta dele saiu um murmúrio de agradecimento.

Ele beijou-a durante um longo momento, os seus lábios aliviando e excitando ao mesmo tempo. Por fim, segurou-a nos seus braços e deitou-a no leito, estendendo-se ao seu lado.

Com os olhos meio fechados e um olhar sensual e decidido, Nicholas voltou a acariciar os excitados seios dela, passando as palmas pelos globos túrgidos, os seus dedos como flechas de um êxtase insuportável nos seus mamilos eretos.

Aurora rendeu-se totalmente a ele. Parecia-lhe mágico estar assim deitada nos seus braços, aspirar o seu aroma quente e masculino e sentir o seu incrível contacto. Depois Nicholas inclinou a cabeça e começou a saborear o seu mamilo rígido com a boca e Aurora sufocou um grito.

Compreendeu que o desejava. Queria experimentar a faísca e o fogo existente entre um homem e uma mulher que ele lhe havia mostrado antes. A língua de Nicholas movia-se rapidamente sobre o botão rosado, roçando ao de leve, até que os seus lábios se fecharam para sugar a crista intumescida. Aurora arqueou-se perante o calor abrasador da boca dele, e as suas mãos procuraram às cegas os seus cabelos.

Sabia que ele também a desejava. Podia senti-lo até antes de a sua virilidade ereta se mover pesadamente contra o seu ventre suave.

E depois os seus dedos maravilhosos e arreliadores deslizaram uma vez mais por entre as suas coxas húmidas.

− Estás húmida para mim. − Disse numa voz rouca. − O teu corpo está a ressumar mel.

Era verdade. Havia uma humidade entre as suas coxas e o corpo doía-lhe vergonhosamente por ele. Pronunciou o nome dele com uma voz que soou trémula enquanto Nick lhe acariciava o botão humedecido. Aurora devia ter-se escandalizado com aquela paixão descarada e com a sua própria licenciosidade, mas só conseguia concentrar-se nas mágicas carícias dos seus dedos e da sua boca.

No momento em que ele parou de lhe excitar os seios e se moveu para a cobrir com o seu corpo, Aurora estava já a tremer de desejo. Para não apoiar sobre ela a maior parte do seu peso, instalou-se entre as suas coxas e começou a beijá-la de novo, captando a sua atenção. Aurora não tinha consciência das suas intenções até ele começar a introduzir dentro dela a cabeça aveludada da sua virilidade.

Vendo-a retesar-se, beijou-a mais intensamente, introduzindo a língua na boca dela da mesma forma que estava a introduzir o membro. Sem permitir qualquer resistência, as suas poderosas coxas mantinham as dela afastadas à medida que, lentamente, a ia penetrando cada vez mais profundamente, empurrando com uma pressão inexorável.

Aurora retesou-se e esforçou-se por recuperar o fôlego. Estava certa de que nunca conseguiria albergar aquele tamanho enorme e, todavia, o seu corpo abria-se para ele, esticando-se dolorosamente, a sua estranha dureza preenchendo-a…

Fechou os olhos com força e procurou recuperar o fôlego.

E depois ele imobilizou-se.

− Olha para mim, doce sereia.

Havia ternura no olhar que lhe lançou.

Ela permanecia rígida, sentindo-se insuportavelmente cheia dele.

− Isso… dói.

Nicholas beijou-a na têmpora.

− Só da primeira vez. A dor desaparecerá e só sentirás prazer. − Fixou intensamente o seu olhar no dela. − Confia em mim.

Incrivelmente, ela confiou nele. Nicholas jazia completamente imóvel, aguardando que ela se acostumasse à penetração e a sentir o seu membro grosso profundamente dentro de si. Por fim, Aurora sentiu que a dor se desvanecia.

Ele afastou-lhe uma mecha de cabelos do rosto.

− Sentes-te melhor agora?

− Sim.

Já não era insuportável. O ardor tinha diminuído.

Depois de outro longo momento, ela moveu os quadris num gesto hesitante, experimentando. O desconforto estava a dissipar-se totalmente.

Nicholas beijou-a ao de leve no canto da boca enquanto se retirava, mas quando voltou a deslizar cuidadosamente para dentro, ela sentiu de novo o aumento de calor. Ele manteve um ritmo lento e deliberado incitando-a com o seu corpo forte até que, no seu interior, começou a surgir uma ânsia urgente e escaldante.

O desejo era tão intemporal quanto o homem e a mulher. Aurora gemeu febrilmente, cravando as unhas nos ombros dele, à medida que, instintivamente, seguia o seu ritmo. Nicholas fechou os olhos com força, como se sentisse dor, respirando com dificuldade enquanto se movia dentro dela, deslizando com suavidade para o interior da sua carne que se derretia.

Quando Aurora chegou perto do clímax, ele estendeu a mão até ao lugar onde os seus corpos se uniam para continuar a excitar o botão intumescido do sexo dela. Surpreendida, Aurora arqueou-se contra ele, gritando, enquanto no seu interior se desencadeava um tumulto terrível e ardente.

Nicholas captou com a sua boca os gemidos alucinados de Aurora, mas não se deteve, utilizando toda a sua habilidade para

prolongar o clímax, à medida que ondas intermináveis de êxtase convulsionavam o seu corpo esbelto. Enquanto Aurora se empinava e contorcia contra ele, Nicholas cerrou os dentes, esforçando-se por recuperar o controlo, tentando desesperadamente dominar-se enquanto permanecia profundamente imerso no seu interior.

Mas foi demasiado para ele. Um grande estremecimento percorreu o seu corpo quando Nicholas se permitiu finalmente preenchê-la com o cálido desejo que tinha sentido por ela quase desde a primeira vez que a vira. Um gemido rouco brotou da sua garganta enquanto se submergia num prazer infinito e absoluto, tão intenso que abrasava.

Por fim, estava terminado. Nicholas sentia o corpo trémulo enquanto jazia na obscuridade. Contudo, finalmente recuperou a consciência. Quando a sentiu estremecer debaixo do seu corpo, uma intensa ternura inundou o seu coração.

Movendo-se para um dos lados, puxou as cobertas sobre eles e estreitou-a nos seus braços. O seu corpo envolveu o dela aquecendo-a, tranquilizando-a.

Permaneceram juntos, inertes depois das réplicas do prazer. Ao fim de um longo momento, ele ergueu a cabeça.

À luz da lareira, ela parecia um anjo licencioso, com a sua nuvem de cabelos emaranhados, a sua pele pálida como marfim, os seus lábios carnudos inchados e húmidos dos seus beijos.

Era de surpreender que ela lhe tivesse causado um tal efeito, pensou Nicholas alheadamente. Era fisicamente inexperiente, virgem, e, todavia, fazer amor com ela tinha criado um tumulto de sentimentos no seu interior totalmente inesperados. A imensa doçura do ato tinha-o possuído por completo.

Talvez os votos matrimoniais que haviam pronunciado significassem mais do que um simples e frio acordo de negócios, unindo-os de uma forma que ele jamais havia suspeitado.

Esposa. A palavra era estranha, gerando até estranhos sentimentos de anseio e necessidade. Interrogava-se se deixaria um herdeiro, se teriam concebido uma criança. Um filho… ou filha. O pensamento causou-lhe uma dor estranha na proximidade do coração.

Como se pudesse perceber as suas confusas reflexões, a mulher que tinha nos braços moveu-se. Nick comprovou que ela estava a observá-lo, perscrutando o seu rosto com os seus luminosos olhos azuis. O desejo trespassou-o de novo, agudo e insistente, mas ele refreou-o recordando-se do seu estado virginal.

− Estás bem? − murmurou, beijando-a na fronte.

− Sim − respondeu ela com um suspiro. − Isto foi… maravilhoso.

Nick esboçou um breve sorriso, sentindo-se inundado por uma nova vaga de ternura.

− Fico satisfeito que penses assim.

− Isto foi… eu fui… uma deceção para ti?

Ele ergueu uma sobrancelha surpreendido.

− Antes pelo contrário, sereia. Nunca tinha experimentado o ato de amor como algo tão apetecível.

Aurora franziu o sobrolho, cética, e ele soltou uma gargalhada suave.

− A sério. Talvez sejas demasiado inexperiente para reconhecer o enorme controlo que tive de exercer, mas foi tudo o que consegui fazer para evitar violar-te.

Inclinou-se para a frente para lhe depositar um beijo leve no nariz.

− Podia fazer amor contigo a noite toda… mas penso que devo mostrar alguma consideração pela tua inocência e deixar-te dormir.

Uma expressão de tristeza passou pelo rosto de Aurora, que lhe tocou a boca com os dedos.

− Na realidade, não desejo dormir. Se esta é a minha única noite contigo, desejo que dure o máximo possível.

Ele olhou para ela desejando afastar as sombras dos seus belos olhos. Sabia que ela estava a pensar na manhã que tinha de chegar.

Mudou de posição e deixou-te sobre ela.

− Também eu o desejo, anjo − sussurrou com voz rouca, enquanto a sua boca buscava a de Aurora. − Também eu.

CAPÍTULO 6

No seu abraço, descobri a maravilha e a angústia do desejo

A primeira reação de Aurora quando lentamente se moveu ao despertar foi de confusão. Sentia o corpo insolitamente sensível e os lábios e os seios doridos, ao passo que entre as suas coxas pulsava um desconforto pouco familiar. Pestanejando perante a luz do sol que se filtrava através das fissuras nas persianas, tentou situar aquele quarto estranho e espartano. Para maior desconcerto, estava abraçada a um corpo masculino forte e cálido que se encontrava decididamente nu…

As recordações precipitaram-se com toda a sua força. O seu matrimónio. O seu marido. Nicholas Sabine.

Por um momento, permaneceu nos seus braços recordando, a face contra o seu ombro, os seus membros entrelaçados. Durante grande parte da noite, ele tinha feito amor com uma imensa ternura e paixão. O que ela havia esperado que fosse um breve e obrigatório dever tinha-se convertido numa autêntica noite de núpcias. Nicholas tinha-a despertado para o desejo fazendo-a experimentar pela primeira vez o êxtase, deixando-a trémula e agitada.

E ela tinha-se rendido a ele por completo, respondendo às suas carícias com um abandono que raiava o desespero. Apesar do pacto que tinham feito, o grave futuro que Nicholas enfrentava tinha acrescentado uma urgência primordial ao seu ato amoroso.

Aurora mordeu com força o lábio inferior. Na noite anterior ele tinha-a feito esquecer a tristeza, mas agora tinha chegado a temida manhã. Ele morreria naquele dia. Apertou os olhos. Não podia permitir-se sentir nada por ele. Era um homem condenado…

Todavia, era demasiado tarde. Tinha começado a experimentar uma profunda afinidade com o seu marido, o que lhe tornava mais difícil pensar na morte dele.

As lágrimas contra as quais tinha estado a lutar começaram a deslizar-lhe pelas faces e chegaram ao ombro nu de Nicholas. Quando ela o sentiu tenso, compreendeu que estava acordado.

Decidida, inspirou profundamente procurando conter o fluxo de lágrimas.

− Não quero que chores por mim, Aurora − disse ele em voz baixa.

− Não consigo evitar.

− Céus, por favor, não chores… Preferiria enfrentar a carga de uma brigada de cavalaria do que uma mulher a chorar. − Acariciou-lhe a face. − As tuas lágrimas são a pior tortura possível para mim.

− La… lamento.

Ela fechou os olhos enquanto ele lhe enxugava cuidadosamente as lágrimas com o polegar. Após um momento, Aurora exalou outro suspiro trémulo, decidida a não chorar mais. Todavia, não podia suportar permanecer ociosa enquanto ele se encaminhava para a morte.

− Não podemos permitir que isto aconteça − declarou solenemente em voz baixa e enérgica. − Eu não o permitirei. Tenciono ir visitar imediatamente o governador e obrigá-lo-ei a impedir a tua execução. Santo Deus! Como pude estar tão cega para não pensar nisso antes?

Libertando-se do seu corpo nu, Nicholas sentou-se de costas para ela.

− Permites-me recordar-te da tua promessa de ajudar a minha irmã? − disse em voz baixa. − O teu primo está preparado para te acompanhar a Montserrat hoje… esta tarde.

− Não posso deixar-te aqui enquanto existir uma oportunidade de te salvar a vida.

Nicholas passou uma mão pelos cabelos. Temera precisamente essa resposta dela. Aurora não o abandonaria agora ao seu destino. Não depois da incrível noite que tinham passado. A paixão que tinha ardido entre eles havia-os perturbado a ambos, criando um laço emocional que seria difícil de romper.

Praguejando em voz baixa, Nick olhou para ela e viu o brilho de lágrimas que humedeciam as suas pestanas. Sentiu dor ao vê-la chorar, contudo não podia permitir que o seu destino se sobrepusesse ao da sua irmã. Não podia correr esse risco. De algum modo, tinha de cortar o vínculo que havia entre eles.

Aurora fitava-o com os seus olhos intensamente azuis, os seus cabelos como uma nuvem dourada e os seus lábios carnudos túrgidos pelos seus beijos. Era mais bela do que tudo o que tinha visto na sua vida. E muito vulnerável.

Pegou-lhe na mão, levou-a aos lábios e beijou-lhe os nós dos dedos.

− Agradeço-te por teres convertido a minha última noite numa agradável diversão, querida, mas isso já terminou. Uma vez que o nosso matrimónio foi consumado, já não existe nenhuma necessidade de simular afeto entre nós.

Ao ver que a cor fugia do rosto de Aurora, Nicholas apertou os maxilares. Queria retirar essas palavras cruéis que depreciavam a paixão ardente que tinham partilhado, mas não podia permitir-se ser dominado pela dor que via nos olhos dela. Esforçou-se por manter o olhar mesmo quando ela retirou a mão e cobriu os seios com o lençol num gesto defensivo.

Esforçando-se por manter um rosto impassível, Nicholas ergueu-se e dirigiu-se ao lavatório para lavar os vestígios da noite de paixão. Conseguia sentir o olhar dela nas suas costas nuas, mas quando se voltou para se vestir, Aurora desviou o rosto.

− Tínhamos um acordo, lembras-te? − disse Nicholas friamente enquanto vestia as ceroulas. − A tua independência financeira em troca de ajudares a minha irmã. Sei que honrarás o nosso acordo.

− Claro que sim − respondeu ela erguendo o queixo, como se ele tivesse ferido o seu orgulho.

Ficou satisfeito por escutar uma ponta de ira no tom de Aurora: aquilo era mais suportável do que as lágrimas.

Vestiu as calças e depois sentou-se numa das poltronas diante da lareira para calçar as botas.

− O teu primo Percy tem todos os documentos de que necessitas, e também a minha carta para Raven. Mostra-lha quando chegares a Montserrat junto com o meu anel como prova do nosso matrimónio. Raven reconhecerá o emblema do navio…

Naquele momento, ouviu-se uma pancada seca. Nicholas ficou imóvel enquanto Aurora estremecia. Alguém batia na porta do gabinete. Sem dúvida os soldados da guarnição.

− Senhor, temos ordens para o levar de volta para a sua cela − exclamou alguém com voz brusca.

− Um momento, por favor − respondeu Nicholas. − Ainda tenho de acabar de me vestir.

Calçou a segunda bota e depois vestiu a camisa. Sem pressa, fez o nó da gravata e vestiu o colete e a casaca. Durante todo aquele tempo, Aurora manteve-se em silêncio, ainda aturdida e ferida pela sua repentina frieza.

− Então, esta é a despedida − disse ele, voltando-se finalmente para ela.

− Penso que sim − respondeu Aurora num sussurro.

Olhou para ele em busca de algum sinal do amante apaixonado e atencioso que tinha conhecido na noite anterior sem o encontrar. Era de novo um estranho, com o seu rosto esguio belo e sério.

− Conto contigo para cuidares da minha irmã − repetiu.

− Tens a minha palavra − obrigou-se ela a dizer num tom inexpressivo.

− E partirás hoje para Montserrat, como prometeste?

− Sim.

− Então posso descansar em paz.

Quando ela cobriu a boca com a mão para conter um soluço, ele avançou um passo na sua direção mas depois parou abruptamente. Um músculo do seu maxilar contraiu-se severamente, mas permaneceu em silêncio.

Dirigiu-lhe um último e prolongado olhar antes de se afastar. Sob o olhar dela, Nicholas saiu do quarto sem dizer mais nada, fechando suavemente a porta atrás de si.

Aurora ficou a olhar para a porta paralisada, interrogando-se como é que ele podia ter-se mostrado tão frio depois de toda a ternura que havia manifestado na noite anterior. Não sabia como é que podia suportar os sentimentos de angústia e temor que a corroíam tão implacavelmente.

Mas talvez ainda houvesse tempo de o salvar…

Tinha acabado de afastar as cobertas quando soou na porta do quarto uma pancada leve. O coração bateu-lhe violentamente no peito, o seu primeiro pensamento foi que Nicholas tinha regressado. Mas a voz suave que se ouviu era feminina, e pertencia à sua aia pessoal.

− *Milady*, sou eu, Nell. O cavalheiro… o seu marido… disse-me que viesse vê-la.

− Entra, Nell − disse Aurora, ocultando a enorme deceção do seu rosto enquanto se levantava e se dirigia ao lavatório.

Nell pestanejou ao ver a sua senhora, habitualmente tão recatada, completamente nua.

− Eu… trouxe o seu traje de viagem para sair esta tarde, *milady*, e encarreguei-me da água quente para o seu banho…

− Não. − Aurora negou com a cabeça. Mergulhar num banho quente podia ter aliviado as dores pouco familiares do seu corpo, mas não havia tempo. − Obrigada, Nell, mas arranjar-me-ei com a água do lavatório. E depois deves ajudar-me a vestir rapidamente. Tenho de visitar o governador sem mais demora, não há tempo a perder.

Tinha de tentar salvar Nicholas, ainda que isso significasse desafiar os desejos dele e quebrar qualquer ou todas as promessas que lhe fizera.

Aurora encontrou Lorde Hearn, o governador, na sua casa da plantação, onde lhe rogou fervorosamente que interviesse e poupasse a vida do seu marido. Teve de recorrer a toda a sua capacidade de persuasão para o convencer a considerar aquilo

como um passo politicamente prejudicial. Ainda assim, sua senhoria insistiu em comentar o assunto primeiro com o seu tenente-governador.

Perdeu um tempo precioso procurando Percy, fazendo uma viagem infrutífera até à casa dele. Quando finalmente o encontrou no seu escritório, tinham decorrido quase três horas desde que se tinha despedido de Nicholas no quarto, e o dia tinha-se tornado frio e cinzento, com nuvens negras de tempestade, ameaçando mau tempo para sul.

Quando se encontrou com Percy, ele vinha a sair do seu escritório, e a sua expressão era a mais sombria que Aurora alguma vez tinha visto. Saudou-a secamente, dizendo que ia a caminho de casa ao encontro dela. Quando Aurora começou a falar sobre a possível disposição do governador para intervir, Percy sacudiu a cabeça.

− Receio que seja demasiado tarde, Aurora.

− Demasiado tarde? O que queres dizer?

− Recebi uma mensagem do comandante há uns momentos. É tudo inútil. Nicholas está morto.

Aurora sentiu-se empalidecer.

− Não… não pode ser verdade.

− Lamento, mas é assim.

− Não pode estar morto − sussurrou com voz rouca.

Levou a mão à boca procurando sufocar um grito de desespero enquanto a dor a trespassava.

Ao fim de algum tempo, Percy pegou-lhe na outra mão.

− Aurora, sabes que Nicholas não queria que chorasses por ele. Queria que o esquecesses e seguisses com a tua vida. Na verdade, partiremos em breve para nos reunirmos com a irmã dele. Não só porque prometi a Nick que te acompanhava até lá esta tarde, mas porque não estou a gostar do aspeto do céu. Está a formar-se uma tempestade e devemos apressar-nos se queremos chegar lá antes de ter rebentado. A minha escuna aguarda-nos para nos levar para Montserrat…

− Eu quero… vê-lo.

Ele franziu o sobrolho.

− Disse-te que morreu.

− Quero ver o seu corpo. Por favor, Percy… não posso partir sem lhe dizer adeus.

Ele suspirou profundamente.

− Temia que pudesses sentir-te assim, que não te deixasses convencer a partir até estar tudo terminado. Muito bem. Já que insistes, vou levar-te até junto do seu túmulo. Ele foi enterrado na fortaleza.

Aurora permaneceu junto ao túmulo recém-escavado num silêncio aflito, com o coração tão pesado como o céu deprimente, enquanto as lágrimas lhe corriam pelo rosto sem parar. Não havia lápide nem nenhuma marca, apenas a terra nua e pungente indicando a morte de um homem cuja presença havia impressionado a vida dela tão breve… e poderosamente.

Aurora inclinou a cabeça esforçando-se por conter um soluço. Sentia-se fria, doente por dentro. E, junto com o sal das suas lágrimas, unia-se o amargo sabor da culpabilidade por não ter procurado fazer algo para o salvar.

«Perdoa-me, Nicholas», disse-lhe sem palavras.

− Vamos − murmurou o primo nas suas costas. − Tens uma promessa para cumprir.

Ela assentiu em silêncio, com os músculos da garganta contraídos.

Percy compreendeu por que motivo ela havia querido ir ali. Só vendo o túmulo de Nicholas podia convencer-se de que ele tinha realmente partido.

Só agora podia aceitar a realidade da sua morte.

Aurora vestiu as suas roupas de viúva para a viagem a Montserrat, um vestido de tecido negro que originalmente tinha vestido em honra do seu falecido noivo. Mas assim que Aurora e Percy embarcaram, o céu descarregou. Viram-se obrigados a esperar quase uma hora até que a chuva abrandasse o suficiente para lhes permitir zarpar. Aurora sentiu-se satisfeita pela tempestade porque o céu choroso e os ventos impetuosos refletiam exatamente o seu estado de ânimo. Do camarote do comandante, observou tristemente a tempestade a desencadear a sua fúria no exterior.

O pior do temporal evitou-os e seguiu em direção a sul, mas o mar turbulento fez com que a breve viagem até à ilha vizinha fosse difícil. Todavia, quando chegaram, as furiosas nuvens tinham-se convertido em fragmentos de algodão que circulavam com rapidez e o Sol chegou a aparecer ocasionalmente.

Montserrat era conhecida como a Esmeralda do Caribe, devido às suas colinas verdes e acidentadas, e à considerável população irlandesa, e, depois da chuva, cintilava como uma joia sob o Sol. Quando a escuna largou a âncora, os passageiros

foram conduzidos de bote até à praia. Percy alugou uma carruagem que os levou por entre férteis planícies de cana-de-açúcar em direção a suaves montanhas de bosques tropicais. A subida oferecia uma magnífica perspetiva da ilha, mas Aurora nem sequer reparou nisso. Agradecia o silêncio do primo, porque pretendia estar sozinha com os seus próprios e sombrios pensamentos.

Finalmente, o condutor deteve a carruagem diante da casa de uma plantação. A casa tinha um certo encanto, ostentando a alvenaria em arco e as varandas sombreadas das Índias Ocidentais, animadas por coloridas buganvílias e hibiscos. Mas já tinha conhecido melhores dias, como evidenciava a pintura desbotada e a tinta verde a descascar das persianas.

Não havia moços de estrebaria ou lacaios para os receber e, quando Aurora e Percy subiram os degraus da escadaria principal e bateram com a aldraba na porta, tiveram de esperar algum tempo até ouvirem som de movimento vindo do interior.

Uma jovem abriu-lhes a porta. Usava um vestido de musselina azul-pálido e segurava uma pistola na mão.

Aurora pestanejou ao ver que a rapariga lhe apontava a arma ao coração. Atrás de si, Percy praguejou entre dentes e afastou-a bruscamente para um lado, fora da trajetória direta da arma.

A jovem baixou a pistola com um murmúrio de desculpa.

− Perdoem. Esperava outra pessoa. Temos tido problemas ultimamente… − A sua voz sumiu-se num sussurro.

− Que tipo de problemas? − perguntou Aurora, recuperada da surpresa.

− Umas visitas bastante desagradáveis da Armada Britânica. − A sua boca exibiu um trejeito de escárnio, mas esforçou-se por adotar uma expressão mais amável. − O que posso fazer pelos senhores?

− Estamos aqui para ver a menina Raven Kendrick − respondeu Aurora, embora acreditasse que devia ser ela. Nicholas tinha dito que era rebelde e uma beldade. Não havia dúvida de que aquela jovem o era, com os seus cabelos cor de ébano, os seus olhos azuis e a sua pistola de aspeto mortífero.

− Eu sou a menina Kendrick − respondeu Raven. − E os senhores…?

− Lady Aurora… Demming. E este é o meu primo, sir Percy Osborne. Viemos aqui da parte do seu irmão.

Uma expressão de alarme passou-lhe pelo rosto.

− O que sabem do meu irmão?

Aurora engoliu com dificuldade, momentaneamente muda pelo aperto que sentia na garganta. Sentiu a mão de Percy no seu cotovelo, apoiando-a.

− A única coisa que sei é que foi feito prisioneiro − declarou Raven. − Ele está bem?

Ao ver que os olhos de Aurora se enchiam de lágrimas, empalideceu.

− Está morto, não é verdade?

− Eu … receio que sim.

Os olhos de Raven inundaram-se de dor. Ao fim de um momento, voltou-se de costas e inclinou a cabeça, esforçando-se por recuperar a compostura.

Por fim, voltou-se de novo para eles.

− O que aconteceu? − sussurrou com voz rouca.

− É um pouco complicado… − replicou Aurora em voz baixa. − Podemos entrar?

− Sim… sim, claro. − Endireitou os ombros esbeltos como se se preparasse para receber uma pancada, e retrocedeu para dar passagem aos seus visitantes.

Três dias depois, Aurora encontrava-se na popa de um brigue de dois mastros com a sua nova pupila, observando a ilha de Montserrat a desvanecer-se no horizonte como um ponto verde. Despedir-se de Percy tinha sido mais difícil do que esperara… tudo se tornara mais doloroso devido ao seu estado emocional. Sentiria muito a falta dele e de Jane.

Afortunadamente, os últimos três dias tinham-se passado num turbilhão de atividade que lhe deixou pouco tempo para se lamuriar. Aurora passou esse tempo a ajudar Raven a concluir os preparativos para o seu novo alojamento em Inglaterra, a embalar os seus pertences, a fechar a casa, a despedir os últimos criados e a vender o que restava dos animais, incluindo uma égua que Raven adorava. Aparentemente, ambas partilhavam um amor por cavalos.

Durante aquele tempo, Raven tinha submergido resolutamente nas suas tarefas. Falava pouco do seu meio-irmão, mas Aurora suspeitava que a rapariga chorava a sua morte com surpreendente intensidade. Embora Raven não tivesse conhecido Nicholas há muito tempo − só há uns poucos de anos −, aparentemente, durante aquele breve espaço de tempo, tinha-se tornado muito chegada a ele. Aurora era da opinião que a chegada dela e de Percy tinha sido muito oportuna porque Raven planeava partir no dia seguinte em busca do irmão.

A rapariga tinha ficado chocada com a notícia da morte dele, e estupefacta ao inteirar-se da mudança de tutela, mas assim que leu a carta de Nicholas, ofereceu pouca resistência ao acordo, garantindo que via o benefício de ter alguém como Lady Aurora ao seu lado para a orientar na sociedade e aparentemente alegrando-se com a sua consoladora presença.

Aurora era da opinião que Raven tinha mostrado uma grande coragem ao deixar para trás a única vida que conhecera. Não devia ser fácil viajar até à outra parte do mundo para viver num país estranho, com parentes desconhecidos a quem nunca tinha visto, assistida unicamente pela sua aia e um fiel palafreneiro irlandês chamado O'Malley que, aparentemente, se tinha nomeado a si mesmo guarda pessoal de Raven.

Naquele momento, Raven, que se encontrava junto a Aurora na coberta do navio, mantinha o queixo erguido e obstinadamente firme, enquanto observava o seu lar a desaparecer.

− Viveste sempre na ilha, não é verdade? − murmurou Aurora num esforço por distrair Raven da sua tristeza.

− Toda a minha vida.

− Sei que irás sentir muitas saudades dela.

A boca de Raven tremeu momentaneamente, fazendo-a parecer jovem e vulnerável, mas controlou-se rapidamente.

− Não importa. Isto é o que a minha mãe sempre desejou para mim.

Suspirou profundamente e voltou-se para a proa do navio.

− E agora já não me resta mais família.

− Tens-me a mim − disse Aurora suavemente.

− Fico satisfeita. − Conseguiu esboçar um sorriso trémulo. − Fico satisfeita por Nicholas te ter encontrado.

Aurora conteve a punhalada de dor que sentia perante a lembrança dele e voltou-se também para a proa, como Raven havia feito.

− Em Inglaterra encontrarás uma nova vida. Encontrá-la-emos as duas.

− Sim.

Raven apertou o maxilar e deslizou a sua mão até à da sua tutora. Inspirada pela coragem da jovem, Aurora dirigiu o olhar para o imenso oceano, até onde estava o seu lar. Também ela teria de pôr o passado para trás das costas e olhar para o futuro. Um futuro sem Nicholas.

− Uma nova vida − prometeu com um enérgico sussurro.

Aurora jazia insone sob os lençóis da sua cama, observando o amanhecer à medida que este estendia os seus dedos rosados de luz pelo camarote do navio. O brigue pertencia ao conde de Wycliff e o camarote, que partilhava com a sua aia, era cómodo embora escassamente equipado.

Não havia motivos para se levantar cedo. A viagem para Inglaterra duraria sete ou oito semanas se se mantivesse o bom tempo, e aquela era apenas a primeira manhã. Com exceção dos seus criados, Raven e ela eram as únicas passageiras a bordo e, de momento, ambas faziam pouca companhia.

O camarote estava silencioso, à exceção do fustigar constante das ondas contra o casco do navio e a respiração da sua aia, que tinha finalmente adormecido na cama em frente à sua, depois de ter passado grande parte da noite a sentir-se adoentada.

Demasiado silencioso, pensou tristemente Aurora. Não podia sentir-se agradecida por aquele momento de solidão, o primeiro desde que deixara St. Kitts. Durante os dias dos preparativos, tinha conseguido enterrar a sua própria dor evitando pensar em Nicholas inúmeras vezes ao dia. Até este momento, tinha-se negado a permitir-se matutar na sua perda. Mas agora, na tranquilidade do amanhecer, a dor regressou de novo com uma força renovada.

Fechou os olhos e acariciou o anel que ele lhe havia dado e que agora usava numa corrente de ouro em redor do pescoço. O metal estava quente devido ao contacto com o seu corpo e recordava-lhe profundamente Nicholas e a ardente paixão que tinham partilhado na sua breve noite juntos.

Incapaz de suportar por mais tempo a solidão dos seus negros pensamentos, Aurora levantou-se e preparou-se para a oscilação do navio enquanto se vestia sem fazer barulho. Embora lhe tivesse sabido bem ter companhia, não desejava despertar a pobre Nell. Talvez se subisse ao convés superior pudesse encontrar o capitão ou algum dos oficiais e conversar com eles.

Estava a retirar um xaile da mala quando deparou com o embrulho envolto em várias camadas de papel de seda. Com os dedos, traçou o nome escrito nele com mão débil. Nicholas Sabine. O embrulho tinha-lhe sido deixado pela mãe de Raven entre os seus pertences.

Aurora sentiu o coração contrair-se estranhamente ao abrir o pacote. No interior havia realmente um livro, embora não se

tratasse de um livro qualquer. Aurora ficou sem fôlego perante a sua surpreendente beleza.

Estava encadernado com folha de ouro e adornado nos quatro cantos com pedras semipreciosas. Gravado em relevo no ouro via-se o título: *Une Passion du Coeur… par une dame anonyme*. Uma paixão do coração… por uma dama anónima.

Curiosa, Aurora abriu a capa incrustada de joias e viu que o livro era um diário, escrito um século antes, embora tivesse sido publicado mais recentemente.

A primeira entrada, também escrita em francês, era de 3 de setembro de 1727.

Faz sete meses que fui capturada por corsários turcos e vendida como escrava em Constantinopla para o harém de um príncipe. Sete meses desde a minha conversão gradual do desespero ao desejo, ao amor relutante.

Somente hoje me foi permitido pegar numa pena e num pergaminho para pôr por escrito os meus pensamentos sobre o meu cativeiro.

Recordo vividamente o dia em que me levaram à sua presença como sua concubina. Eu era muito inocente então, uma francesa de boas famílias, não preparada para os mistérios da paixão que me aguardava às mãos do meu novo amo. Não podia saber quão profundamente ele me afetaria, despertando o terno anseio e o desejo profundo de uma mulher.

À primeira vista, parecia infinitamente perigoso, bárbaro até. E, contudo, havia algo no seu olhar que me atraía…

Aurora fechou os olhos, recordando amargamente a primeira vez que havia visto Nicholas a bordo da fragata naval. Ele era então um prisioneiro amarrado com correntes e, não obstante, tinha-lhe parecido tão perigoso e atraente como o príncipe do diário.

Foi folheando as páginas que pareciam gastas e obviamente muito lidas. Nicholas dissera-lhe que o livro era um presente do seu pai para a mulher que amava. A julgar pelo estado das páginas, a mãe de Raven também o tinha amado. Numerosas passagens tinham sido sublinhadas, uma das quais atraiu a atenção de Aurora.

A sua mão no meu seio era ao mesmo tempo tranquilizadora e excitante, os seus dedos hábeis acariciavam o meu mamilo ereto, um tormento para a minha carne sensibilizada.

Um violento rubor inundou as faces de Aurora perante a franqueza do texto. Tinha prometido ler o diário e decidir se era apropriado dá-lo a Raven, mas podia responder a essa questão com um simples olhar.

Era possível que Nicholas não conhecesse a natureza escandalosa do conteúdo do diário. Ela própria nunca havia lido nada tão abertamente licencioso. E, contudo, não podia negar o seu encanto proibido. As eróticas descrições da francesa tinham uma qualidade lírica e poética que as tornavam ao mesmo tempo poderosas e fascinantes.

Fixou o olhar noutra passagem ao acaso:

O seu toque audaz inflamava os meus sentidos inocentes, conduzindo-me a grandes picos de prazer, ateando em mim uma necessidade ardente.

«Nicholas, oh, Nicholas!» Fechou o livro, sem saber se suportaria ler algo que lhe trazia recordações tão atormentadoras.

Envolveu-se no xaile para se proteger do fresco amanhecer e hesitou durante alguns instantes antes de pegar no diário e sair do camarote.

No convés, a tripulação atarefava-se ao longo do brigue, escalando pelo cordame e ajustando as inumeráveis velas. Aurora, que não desejava atrapalhar, dirigiu-se à amurada.

Depois da obscuridade do camarote, o brilhante nascer do Sol ofuscava-lhe a visão. Ou talvez fossem as lágrimas. Mal conseguia ver o vasto oceano que se estendia diante dela. As brilhantes águas azul-esverdeadas do Caribe tinham-se convertido no cinzento do Atlântico, enquanto uma brisa fria fustigava o navio fazendo estalar as lonas sobre a sua cabeça.

Com um estremecimento, rodeou o corpo com os braços e ergueu o rosto para o vento, satisfeita pelo efeito entorpecedor que lhe causava.

Permaneceu junto à amurada durante algum tempo, com o coração dorido ao recordar Nicholas. Ele havia sido tão enérgico, um homem com uma aura de grandeza… «Por misericórdia, basta de pensar nele!»

Tinha de se esforçar para afastar da sua mente as recordações de Nicholas. Aquele breve capítulo da sua vida estava encerrado. Quando chegasse a Inglaterra, iniciaria uma nova vida. Livre de tumultos emocionais. Seria dona de si mesma, sem nenhum pai nem marido dominantes que a controlassem ou lhe infernizassem a vida.

Devia dar graças pela sua situação ao invés de se arrastar de dor por um homem que mal conhecia. E devia estar agradecida

por aquele matrimónio ter durado assim tão pouco tempo. Jamais se teria sentido à vontade com Nicholas como marido. A sua intensidade, a sua paixão, a sua manifesta virilidade eram demasiado avassaladoras…

Qualquer vínculo que se tivesse formado entre eles era físico. Laços de carne, não de coração. O seu matrimónio tinha sido um acordo de negócios baseado na razão, nada mais. E ela devia enterrar a sua recordação do mesmo modo, com frieza e sensatez.

Com uma determinação renovada, Aurora engoliu a sua dor e esforçou-se por virar os seus pensamentos para o diário que segurava na mão. A dama havia sido capturada como escrava, mas encontrou a paixão nos braços de um magnífico estrangeiro. Qual era a sua história? Como concluiria?

Ansiosa por distração, encontrou um barril para se sentar, resguardada da força direta do vento. Então, ansiosa, abriu a capa incrustada de joias na primeira página e começou a ler.

À primeira vista, parecia infinitamente perigoso, bárbaro até. E, contudo, havia algo no seu olhar que me atraía…

SEGUNDA PARTE

DANÇA DE PAIXÃO

CAPÍTULO 7

Contra minha vontade, ele povoava os meus sonhos

Londres, junho de 1813

O baile de máscaras estava a ser um grande êxito, a julgar pelas dimensões da multidão. O salão transbordava de pastoras, princesas, cavaleiros armados e deuses mitológicos. Até o príncipe regente tinha feito a sua aparição no início, assegurando um triunfo à anfitriã do baile, Lady Dalrymple, a tia de Raven.

Por detrás da sua máscara de cetim, Aurora mantinha um olhar vigilante a partir de um ângulo lateral, à medida que a sua pupila se movia seguindo os passos animados de uma dança tradicional com um Cupido. Raven ia disfarçada de cigana, e encarnava o papel na perfeição, com a sua negra cabeleira solta, saias de cores vivas e pulseiras de ouro.

Mais de um cavalheiro admirava de modo evidente tanto a roupa como quem a usava. Junto de Aurora, o conde de Clune observava com interesse a animada cigana.

− A sua pupila parece estar a desfrutar do seu êxito − observou Clune. − Mas surpreende-me que a tia lhe permita assistir a um baile de máscaras.

− Não há nenhum mal nisso − replicou Aurora suavemente. − Lady Dalrymple nunca permitiria um comportamento escandaloso em sua casa. E teria sido cruel manter a menina Kendrick prisioneira lá em cima no seu quarto e negar-lhe a experiência do seu primeiro baile de máscaras. Além disso, já fez a sua apresentação à sociedade, é mais velha do que a maioria das debutantes… e, decididamente, mais madura.

O conde voltou-se para Aurora esquadrinhando a sua máscara.

− Também é surpreendente pensar que a senhora é tutora dela. Não parece ser muito mais velha.

− Dois anos. E sou mais amiga de Raven do que tutora. Não obstante, assumo a minha responsabilidade em relação a ela com muita seriedade. − Aurora devolveu o olhar a Clune com firmeza. − Se está a pensar em cortejá-la, sinto que devo dissuadi-lo, milorde. Creio que não seja de forma alguma a pessoa adequada para ela.

O sorriso libertino dele era encantador.

− De facto. As jovens castas e debutantes não são o meu estilo. Todavia, tenho uma decidida inclinação por jovens viúvas. Se necessita de consolo, estarei mais que disposto em conceder-lho, Lady Aurora.

Por detrás da sua máscara, Aurora conteve um sorriso. Jeremy Adair North, alcunhado de «Dare» pelos seus escândalos nos quartos e nos salões de baile de toda a Europa, era um dos libertinos mais famosos da alta sociedade. Era difícil não gostar dele por muito que se comportasse de uma forma perversa ou escandalosa, porque possuía um encanto sedutor que era irresistível. A sua riqueza e a sua classe também serviam para desculpar a sua má reputação aos olhos da sociedade. Por outro lado, constava que, para além de conde de Clune, em breve se converteria em marquês de Wolverton, dado que a saúde do seu avô estava a decair muito rapidamente.

Aurora já conhecia Lorde Clune há alguns anos. Ele nunca lhe havia dedicado a menor atenção até àquela altura, sem dúvida porque agora, devido ao seu estado de viuvez, era considerada por ele um alvo. No momento em que ele tinha dado pela sua presença no outro lado da sala, procurara descobrir que mulher estava sob a máscara, afirmando adorar um bom mistério. Não tinha parado de a interrogar até ela lhe revelar o seu nome.

− Devo recordar-lhe que estou de luto, senhor? − perguntou Aurora acrescentando intencionalmente um tom de severidade à voz.

− E, contudo, está aqui esta noite. É difícil considerar adequada a assistência a um ato público tão pouco tempo depois de sofrer uma perda.

− O meu marido não queria que chorasse por ele. E até esta noite procurei cumprir com as convenções adequadas do luto. Por outro lado, a minha conduta não é assim tão escandalosa. Não estou a dançar e fiz todo o possível por ocultar a minha identidade. Deve admitir que o senhor não me reconheceu.

Clune fitou-a divertido. O traje dela, um dominó prateado e um toucado com contas de cristal, era bastante simples comparado com os trajes extravagantes de outros convidados, e extremamente modesto, pois cobria-a da cabeça aos pés e a máscara ocultava-lhe todo o rosto menos a boca e o queixo.

− Pelo contrário − respondeu Clune num tom que fingia ser ofensivo. − Nunca poderia não reconhecer a beldade mais atraente da sala.

Aurora conteve uma resposta seca. Não tencionava iniciar um namorico com o maior libertino de Londres. Estava plenamente consciente da necessidade de circunspeção, pelo bem de Raven e pelo seu próprio, e sabia o risco que tinha corrido ao ir ali.

− A minha única razão para assistir esta noite a este ato é que a menina Kendrick me pediu que lhe desse apoio − explicou paciente. − Ela ainda não tem muitos amigos para se sentir cómoda em sociedade.

− A verdade é que agora não lhe faltam admiradores − comentou sua senhoria desviando o olhar para a pista de baile. − Repare no bando de jovens ébrios que se reúne em redor dela.

A dança havia terminado e, com efeito, a sorridente menina Kendrick estava totalmente rodeada por uma dezena de jovens cavalheiros que rivalizavam para ganhar a sua atenção.

Aurora sentiu-se grata por ver Raven tão solicitada. Estava a encaixar-se espantosamente bem no remoinho social britânico. Com a sua vivacidade e franqueza tinha adquirido fama de «original».

Para satisfação de Aurora, Raven tinha-se mostrado uma joia como amiga. Apesar das suas opiniões pouco convencionais e costumes atrevidos, as suas maneiras eram muito agradáveis, e podia ser graciosa, serena e eloquente quando queria. Necessitava principalmente de polir as suas habilidades sociais e o seu modo de encarar as complexidades da etiqueta.

Mas o que mais lhe poderia trazer problemas era a sua atitude, em especial a sua tendência para a imprudência. Todavia, estava a esforçar-se muito por reprimir o seu natural caráter expansivo. À exceção das suas cavalgadas matutinas no parque com Aurora − saídas a cavalo que Aurora sem dúvida era culpada de estimular −, Raven tinha feito um grande esforço para se acomodar às convenções, de modo que ninguém, à exceção dos mais niquentos, podia encontrar defeitos nela.

Escutava atentamente todas as observações de Aurora, porque o seu principal objetivo era cumprir o desejo de toda a vida da sua mãe de se casar com um excelente partido, com título e fortuna. Tendo sido criada entre a sociedade reduzida de uma pequena ilha do Caribe, desprezada pelos seus altivos parentes devido à sua ilícita conceção, Raven estava completamente decidida a unir-se ao reino elitista da aristocracia britânica que tinha repudiado a sua mãe.

Aurora suspeitava que ela podia muito bem alcançar o seu objetivo de ter meia dúzia de ofertas de matrimónio por volta do final da temporada. Era um sucesso que, naquela mesma noite, Prinny tivesse declarado que a menina Kendrick era «encantadora».

− É uma pena que deva abster-se de dançar − comentou Clune. − Mas suponho que, depois do seu desastroso matrimónio, não pode dar-se ao luxo de cometer a menor indiscrição.

Sorriu languidamente perante o olhar penetrante de Aurora.

− Disse-o em brincadeira. Decerto sou uma das poucas pessoas que não considera escandaloso o seu casamento com um americano mal-afamado. Recordo-me de Nicholas Sabine quando ele esteve aqui há uns anos. Era um homem impressionante. O primeiro e único ianque que foi bem recebido como membro honorável da Liga Fogo do Inferno.

Clune era o líder nominal desse clube de perversos libertinos denominado Liga Fogo do Inferno. Ele, junto com o primo inglês de Nicholas, o conde de Wycliff, haviam sido tema de sensacionais falatórios durante anos, e muito merecidamente.

− Recordo-me de ficar verde de inveja ao escutar Sabine contar as suas aventuras − admitiu Clune. − Explorar países estrangeiros, buscar tesouros escondidos, lutar contra bandidos… Numa ocasião, escapou por muito pouco da cimitarra de um guerreiro irritado na costa de Barbária, sabia disso?

− Não vejo nisso motivo de inveja − replicou Aurora secamente.

− Talvez não, mas a sua coragem era admirável. De acordo com Wycliff, o seu Nicholas foi um herói inúmeras vezes. Numa ocasião, na Índia, localizou um tigre devorador de homens que andava a atormentar os aldeões desde há meses. Matou o animal com um único disparo. Depois deram o seu nome à aldeia.

Wycliff também lhe havia contado histórias sobre as façanhas do seu marido. Constava que, uma vez, Nicholas tinha salvo a vida de um príncipe russo enquanto caçava lobos. Quando a troica do nobre se enterrou no gelo caindo num lago, Nicholas resgatou-o e transportou-o quase um quilómetro às costas até ao abrigo. Foi gratificado com joias de valor inestimável para lhe garantir uma vida luxuosa durante anos, o que, juntando-se ao fabuloso tesouro de pirata que tinha descoberto no Caribe durante a sua juventude, o converteu num homem abastado muito antes de assumir o controlo do império naval dos Sabine.

Aurora sentiu o olhar a nublar-se momentaneamente perante a recordação agridoce de Nicholas. Sem refletir, tinha arriscado com frequência a sua vida simplesmente pela emoção que lhe provocava, mas também tinha salvo um certo número de vidas naquele processo. Era uma das razões pelas quais ela se sentia tão culpada pela sua morte: não tinha feito nada para o salvar até ser demasiado tarde. Se ao menos tivesse insistido em falar antes com o governador… Se ao menos… Mas não era bom permanecer no passado.

Além disso, preferia recordar Nicholas como o amante terno que tinha sido na sua noite de núpcias, mais do que como o homem temerário e perigoso que no fundo sabia que ele era.

− Compreendo que o seu pai não tivesse ficado exatamente encantado de a Aurora se ter casado durante a sua estada no Caribe − observou Clune.

− Não, não ficou − murmurou ela.

Tal como esperava, a sociedade tinha ficado escandalizada com o seu matrimónio. Até para a filha de um duque, era um horror casar-se com um pirata impudente que tinha encontrado uma morte ignominiosa no patíbulo. Mas o pai tinha ficado lívido perante a desobediência, lançando sobre ela uma fúria convulsiva que a tinha deixado abalada, embora publicamente tivesse mantido uma fria dissimulação de indiferença, não disposto a lançar mais achas na fogueira que o seu matrimónio extremamente inadequado havia desencadeado.

Felizmente, a sua promessa de a deserdar e deixar sem um xelim não teve nenhuma consequência, porque o acordo do seu matrimónio tinha feito dela uma mulher muito abastada. Lucian Tremayne, Lord Wycliff, primo de Nicholas, tinha-se ocupado de imediato de todos os pormenores financeiros complexos, quando poderia, se assim o desejasse, ter tornado extremamente difícil para ela aceder à fortuna do seu defunto marido. Depois, quando se viu tratada com desdém por alguns membros distintos da sociedade, Wycliff entrara na contenda demostrando ser o seu defensor mais acérrimo, e até lhe tinha facilitado a proteção do seu elevado nome e posição, acolhendo calorosamente a esposa do seu primo americano na sua família.

Depois disso, todo o percurso foi mais fácil porque poucas pessoas se atreviam a desprezar um homem da importância de Wycliff.

Todavia, reconhecia que, na sua maioria, os seus conhecidos tinham ficado do seu lado, e ainda continuava a ser recebida, exceto nos círculos mais rígidos. As suas amigas íntimas visitavam-na no seu novo lar com uma frequência regular, amenizando assim a sua solidão. E, em alguns aspetos, ironicamente, tinha-se convertido mais do que antes num alvo matrimonial. Uma viúva rica que necessitava de consolo era um partido excelente para caçadores de fortunas… ou libertinos, pensou Aurora, olhando para o lorde louro atraente e licencioso que permanecia solícito junto dela.

− Imagino que houve outros, para além do seu pai, que não receberam bem a notícia do seu matrimónio − comentou Clune com segundas intenções, apontando para um dos lados, em direção a um cavalheiro alto, majestoso, vestido de Henrique VIII. O duque de Halford permanecia ali, rígido, observando com o seu monóculo a multidão com uma desaprovação aparente. − Sua graça não deve ter apreciado ser trocado por outro.

− Mas eu não o troquei por outro − replicou Aurora.

− Não? Consta que ia casar-se com Halford.

− O meu pai era a favor dessa união, mas não estávamos prometidos.

− Ainda assim, um homem como Halford deve ter tomado o seu repentino matrimónio como um insulto pessoal.

− Na realidade, mostrou-se bastante compreensivo quando lhe confessei que me tinha apaixonado loucamente pelo meu marido − disse Aurora ocultando por completo a verdade.

− Bom − observou Clune com um sorriso sarcástico −, seja como for, é óbvio que sua graça renunciou a cortejá-la se está aqui a examinar o grupo de debutantes da temporada. Na minha não muito humilde opinião, teve sorte em ter escapado.

Aurora não podia estar mais de acordo, embora tivesse sido descortês reconhecê-lo. Estremeceu ao pensar como teria sido a sua vida como duquesa de Halford, vendo-se obrigada a seguir os conselhos do marido e a aceitar as suas ordens.

Agora, quando se encontravam em alguma ocasião, Halford tratava-a com gélida cortesia. Contudo, pelo bem de Raven, Aurora engolia a sua aversão e tentava mostrar-se cordial. Não fazia sentido provocar ainda mais a sua hostilidade ou ganhar como inimigo um nobre que era uma figura respeitada entre a sociedade.

− Sim, uma fuga afortunada − acrescentou Clune com uma seriedade pouco corrente. − Todavia, ao que parece, a senhora não é assim tão afortunada. É de lamentar que dois dos seus prometidos acabassem de uma forma tão infeliz.

Aurora engoliu em seco para se livrar da dor repentina que sentia na garganta e limitou-se a assentir. Doía-lhe recordar que tinha perdido os dois, Geoffrey e Nicholas.

− Deve sentir-se sozinha sem ninguém que a console. Eu poderia remediar isso facilmente, querida. Sei que Wycliff vai ausentar-se durante algum tempo em negócios. Sem dúvida, Lucian desejaria que eu cuidasse de si na sua ausência.

− É muito amável… − murmurou ela secamente. − Mas não é necessário preocupar-se com o meu bem-estar… nem sequer que fique ao meu lado toda a noite. Deveria estar a dançar.

Clune ergueu uma sobrancelha elegante.

− Deteto uma despedida, Lady Aurora? Sinto-me ferido.

Ela sorriu, duvidando que tivesse ferido o hábil libertino no mínimo que fosse.

− Decerto compreenderá o meu dilema, milorde. Ver-me na sua companhia só provocará comentários a meu respeito.

− Muito bem. Sou astuto o suficiente para perceber a indireta. Procurá-la-ei então durante as suas saídas matinais a cavalo pelo parque.

Clune saudou-a com uma vénia elegante e afastou-se em busca de uma presa mais recetiva.

Enquanto o via afastar-se, Aurora deu por si a pensar nos seus comentários acerca do matrimónio. Era verdade que a maior parte da sociedade pensava que ela tinha arruinado a sua vida. Talvez a sua ação tivesse sido socialmente desastrosa, mas não podia lamentar ter-se casado com Nicholas Sabine. Por muito gravemente que ele tivesse transformado a sua vida, tinha-lhe proporcionado meios para a independência que ela ansiava e que não poderia ter alcançado por si mesma.

E também a tinha transformado de modos intangíveis… Mais do que ela teria acreditado ser possível depois de um conhecimento tão fugaz. Nunca tinha sido atrevida, exceto talvez quando montava a cavalo. Era mais do género sensato e correto, muito consciente do dever que tinha para com a sua posição e o nome de família.

Todavia, desde a sua experiência com Nicholas, tinha-se tornado menos paciente com as censuras superficiais e as normas sociais rígidas, menos disposta a deixar-se condicionar pelas expetativas de outros. Aquela noite era um exemplo excelente. Antes do seu matrimónio, ela nunca teria assistido a um baile de máscaras estando de luto rigoroso, nem sequer disfarçada.

Havia algo de libertador em desafiar as convenções, ainda que fosse atrás de uma máscara. E o prestígio social parecia-lhe agora pouco importante comparado com as questões de vida e morte que havia enfrentado poucos meses antes. Embora noutro tempo tivesse sido uma figura respeitada na sociedade, não lamentava muito a sua perda de estatuto.

Agora era conhecida como Lady Aurora Sabine. Tinha mantido o título porque ele lhe concedia uma certa deferência, mas tinha-se estabelecido numa residência pequena e elegante em Mayfair. Raven estava alojada na casa luxuosa da sua tia Dalrymple durante a temporada, embora, chegado o verão, se mudasse para o campo, onde viveria com o seu avô, que era uma espécie de solitário.

Aurora valorizava enormemente a liberdade que a sua nova situação lhe concedia, embora normalmente vivesse confinada nos seus reduzidos limites. À exceção da sua obrigação de orientar Raven na sociedade, vivia retirada, como uma viúva desconsolada. Cavalgava de manhã cedo, quando só se cruzava com os cavaleiros mais ávidos, e nunca às cinco, à hora elegante, quando o parque estava repleto com a nata da sociedade. Quando acompanhou a sua pupila às compras − Raven tinha necessitado de um guarda-roupa novo completo para a sua apresentação −, fê-lo vestida de negro e com um véu sobre o rosto, para honrar assim a memória do seu marido.

Todavia, a mostra do luto não era apenas uma simulação. Desejava conceder a Nicholas o respeito devido a um marido amado. Não conseguia esquecer o terno cuidado com que a tinha submergido num êxtase inesperado convertendo-a numa mulher, nem negar-lhe a gratidão por tê-la salvo de um matrimónio insuportável e do ditatorial domínio paterno.

Escapar à ira do pai e ao seu férreo controlo tinha sido como tirar um peso dos ombros. Estava muito agradecida a Nicholas pela sua libertação. A verdade é que não se tinha apercebido do quanto ansiava pela liberdade até a provar. E agora que a tinha, não voltaria a permitir o domínio de nenhum homem. Devia a Nicholas aquela compreensão e a sua força recém-descoberta.

O diário da francesa também a tinha influenciado de uma maneira indefinível. Já não era a virgem inocente da sua noite de núpcias. O diário tinha-lhe ensinado muito sobre os mistérios da paixão e ajudado a compreender os poderosos sentimentos que Nicholas Sabine despertara nela com tanta facilidade.

Por um momento, enquanto o recordava, uma emoção dolorosa oprimiu-lhe a garganta. Tinham decorrido quatro meses desde a morte de Nicholas. Quatro meses durante os quais tinha tentado afastá-lo da sua mente. Contudo, pensava nele nos momentos mais inesperados, mas à medida que os dias passavam, ia-lhe sendo mais fácil enterrar a sua dor: por vezes, passavam largas horas sem que pensasse nele em absoluto.

Era de noite que ele assombrava os seus sonhos…

Aurora endireitou os ombros. Não permitiria deixar-se atormentar pelas recordações. Tinha prometido a si mesma criar um novo futuro e não olharia para trás.

A sua existência seguia agora por um caminho tranquilo. Não havia confusão, mágoa ou terror. Nenhum conflito ou disputa com o pai nem a tensão que criavam as suas fúrias violentas.

Não se recordava de quando tinha sido a última vez que se sentira assim tão serena, mas agora estava contente, até mesmo feliz. Uma existência calma, tranquila e sem incidentes tinha para ela uma grande atração depois das convulsões do seu passado.

Agora não tinha de dar contas a ninguém senão a si mesma. Somente ela controlava o seu destino. Finalmente… *finalmente*… a sua vida era sua. E isso era exatamente o que desejava.

Foi sensivelmente uma hora mais tarde que Aurora perdeu Raven de vista. Procurou por entre a multidão e, por fim, lobrigou-a no outro lado da pista de baile.

Raven não estava a dançar. Mantinha-se num dos lados da sala a conversar com um homem disfarçado de pirata, que tinha um olho tapado e uma espada dependurada à cintura. O rosto da rapariga estava ruborizado de excitação e ria-se e falava animadamente.

Aurora sentiu um aperto no coração quando viu o pirata. Na realidade não o reconheceu, mas experimentou uma estranha sensação de familiaridade. Tinha a figura ágil e atlética do seu falecido esposo, os mesmos ombros largos, quadris estreitos e membros largos e musculosos. A mesma aura de perigo e vitalidade. Quando ele riu divertido perante algo que Raven disse, os seus dentes cintilaram em contraste com a sua tez bronzeada. Todavia, a cor dos seus cabelos era diferente da de Nicholas. Tinha-os semiescondidos sob um lenço meio de lado, mas eram cor de ébano ao invés de dourado-escuro.

Aurora levou uma mão à fronte. Era evidente que a sua mente lhe estava a pregar uma partida. As suas doces recordações de Nicholas estavam a fazer com que imaginasse a sua presença fantasmagórica.

Naquele mesmo momento, Raven olhou por cima do ombro como se procurasse Aurora. O pirata voltou lentamente a cabeça e os seus olhares encontraram-se.

Aurora sentiu que a cor lhe fugia do rosto. Por um instante, o tempo deixou de existir, e ela voltou a encontrar-se com Nicholas no seu leito conjugal, imersa no seu olhar negro e insondável.

Praguejou entre dentes e saiu dali.

Refugiou-se na biblioteca, onde alguém tinha acendido uma candeia para combater a penumbra. Sentindo-se tonta, dirigiu-se ao sofá e agarrou-se a ele, inclinando-se sobre as costas altas. Tinha o rosto afogueado e coberto de suor e o pulso irregular.

Aurora tirou a máscara e mordeu o lábio com força, perguntando a si mesma se estaria a ficar louca. Tinha sido incapaz de esquecer Nicholas, mas até então nunca tinha evocado tão vividamente a sua imagem…

− Aurora. − O murmúrio veio das suas costas.

Ficou completamente imóvel, com a recordação a destroçar-lhe o coração. Não podia ser a sua voz. O homem que ela recordava com tanta emoção tinha desaparecido.

− Aurora, olha para mim.

Ela voltou-se lentamente. O pirata estava ali, na biblioteca. Santo Deus! Parecia-se tanto com Nicholas… apesar dos seus cabelos negros e o seu fato de corsário.

Os dedos dela crisparam-se nas costas do sofá, fechou os olhos, mas quando voltou a abri-los, a imagem permanecia ali.

− Não… − A sua negação soou rouca. − Estás morto…

− Não de todo, amor.

Retirou lentamente a venda do olho exibindo por completo as suas feições. Ela não podia enganar-se com aqueles olhos. Aqueles belos olhos negros. *Nicholas*.

− Oh, meu Deu! − sussurrou.

Ele curvou a boca numa espécie de sorriso.

− Não estás satisfeita por me ver, anjo?

Aurora, incapaz de responder ou de recuperar o fôlego, levou uma mão à dele. Sentiu-se desfalecer, os seus joelhos começaram a dobrar-se. Teria caído ao chão se ele não a tivesse segurado. Com dois passos largos ele chegou ao seu lado e segurou-a pelos cotovelos apoiando-a. O seu contacto parecia muito real.

− Não compreendo… Isto não pode ser.

− Pode, Aurora. Estou aqui de verdade, em carne e osso.

Ela fitou-o fascinada.

− Como…?

− No último momento, o comandante Madsen negou-se a dar a ordem para me enforcarem por causa de um serviço que prestei uma vez a um familiar seu. Em vez disso, fez com que me transportassem até Barbados para que fosse a Armada Britânica a executar a sentença.

− Mas… eu vi o túmulo…

− Receio que tenhas visto uma fraude. Percy acreditou que não partirias a menos que ficasses convencida de que não podias

fazer nada para me salvar, de modo que lhe pedi que fingisse o meu enterro. Ele organizou-o com Madsen, embora não soubesse da mudança de planos do comandante.

O túmulo tinha sido uma fraude? Perscrutou o seu rosto surpreendida procurando assimilar a enormidade da revelação. Nicholas não estava morto. Durante uns instantes foi incapaz de falar, as suas emoções eram um torvelinho confuso de choque e espanto… ira pela fraude… alegria por voltar a vê-lo.

Tocou-lhe no rosto, incapaz de acreditar no que via. A sua pele era quente e bem barbeada. A mão dele fechou-se sobre a dela, apertando-a sobre a face e, durante um momento de emoção, permaneceram assim, olhando-se.

Quando outra onda de fraqueza a invadiu fazendo-a cambalear, Nicholas inclinou-se e segurou-a nos seus braços. De imediato, Aurora se viu estreitada contra um firme peito masculino. A sensação de estar encostada a ele era tão impressionante quanto o seu repentino aparecimento.

Aurora murmurou um protesto, mas Nicholas sacudiu a cabeça.

− Devias deitar-te. Sofreste uma emoção forte.

Carregou-a em volta do sofá e deitou-a nele; depois apoiou um joelho no solo, junto a ela.

− Estou bem, a sério − murmurou enquanto ele desapertava o fecho superior do seu dominó.

O contacto dos seus dedos cálidos sobre a pele nua da sua garganta fê-la estremecer com as recordações. Nicholas pareceu dar-se conta disso, porque deteve-se imediatamente. Estava a olhar para os seios dela, percebeu Aurora. Os seus mamilos endureceram bruscamente, e ficaram eretos contra o corpete do seu vestido como picos gémeos duros.

Aurora mal conseguia respirar à medida que o olhar ardente dele subia até ao seu rosto.

− Não o sonhei… és realmente bela.

A sua voz tinha-se convertido num sussurro rouco.

Aurora entreabriu os lábios, mas não emitiu nenhum som.

Então Nicholas exalou um suspiro de hesitação e afastou-se dela. Para alívio de Aurora, ele levantou-se e dirigiu-se a uma mesinha de apoio onde se serviu de um *brandy*.

Aurora, que não desejava permanecer numa posição tão vulnerável, sentou-se e alisou o vestido desalinhado. Quando regressou, sentou-se no sofá junto dela e ordenou-lhe que bebesse.

Aurora, obediente, tomou um gole de *brandy*. O ardente licor queimou-lhe a garganta, mas pelo menos deixou de se sentir tonta.

− Lamento comportar-me deste modo. É que…

− Surgi do nada como um fantasma?

− Sim. − Aurora franziu o sobrolho e perscrutou o rosto dele. − Passaram-se meses, Nicholas. Porque não me informaste antes que estavas vivo? Não posso acreditar que Percy não me tenha escrito…

− Duvido que ao princípio o soubesse. A Armada Britânica julga que me afoguei no mar e pensei que era melhor encorajar essa crença. É possível que Percy tenha ouvido rumores mais tarde e te tenha escrito para te avisar, mas uma carta pode extraviar-se facilmente. O correio é uma das vítimas da guerra.

Ao recordar a fraude que Nicholas tinha forjado com o primo, Aurora sentiu uma renovada onda de fúria. Ele tinha-a feito crer intencionalmente que estava morto deixando-a a chorar sobre o seu túmulo. Deixando-a a sofrer durante meses…

− Podias ter-me avisado tu mesmo − disse num tom irado. − Como pudeste fazer-me passar por isto…?

− Lamento, Aurora. Talvez devesse ter tentado avisar-te, mas a guerra tornou-o difícil. E nessa altura encontrava-me bastante ocupado a tentar sobreviver.

Aurora sacudiu a cabeça. Como podia zangar-se com Nicholas quando ele estava realmente vivo? A sua ira evaporou-se com tanta rapidez como se havia desencadeado e foi substituída por uma alegria intensa. Olhou-o inquisitiva, sem saber por onde começar com as suas numerosas perguntas.

Nicholas pareceu ler a mente dela.

− Sentes curiosidade em saber como é que escapei de ser enforcado?

− Sim, claro. Como o conseguiste?

− Saltei do navio durante uma tempestade. Disse-te que Madsen mudou de ideias acerca de cumprir a execução da minha sentença e que, em vez disso, me enviou ao Quartel General de Barbados. Estava a ser transportado para lá num brigue quando rebentou um temporal. O vento quebrou o mastro principal e deixou-nos à deriva nas águas.

Aurora recordou-se da violenta tempestade que tinha impedido a sua própria partida de St. Kitts no dia em que Nicholas morrera… no dia em que ela acreditava que ele tinha morrido.

− Durante o tumulto consegui quebrar as correntes e laçar-me borda fora. Não fui perseguido. Ninguém acreditou que pudesse sobreviver naquelas águas, e estava aproximadamente a um quilómetro da costa. Consideraram-me morto.

− É incrível… Estás vivo por causa do mau tempo?

Ele sorriu irónico.

− É verdade. Mas é a ti que devo a vida, sereia. O nosso matrimónio atrasou a minha execução o suficiente para que o destino mudasse a meu favor.

Aurora mordeu o lábio recordando de novo os longos meses de tristeza enquanto pensava que ele estava morto.

− Quem me dera ter sabido que estavas vivo. Ter-me-ia poupado inúmeras horas de aflição.

− Sofreste por mim, Aurora?

− Sim, claro. Eras meu marido.

Fez-se uma breve pausa.

− Ainda o sou.

Aurora suspirou profundamente ao assimilar a importância do seu comentário. Nicholas continuava a ser seu marido. Ainda estavam casados. Santo Deus…

− De facto − acrescentou Nicholas em voz baixa −, é por isso que estou aqui, em Inglaterra. Aqui tenho uma esposa. Tu.

Mais uma vez, o choque deixou-a sem palavras e olhou para ele, atónita.

− Poderia ter vindo antes − prosseguiu −, mas demorei semanas até encontrar uma forma de me pôr a salvo e localizar o meu navio. Depois demorei outro tanto a organizar a minha viagem até aqui. Por causa da guerra, tive de requisitar outro dos navios do meu primo Wycliff, equipá-lo para a viagem e contratar uma tripulação britânica com documentos que lhes permitissem a entrada em Inglaterra.

− Entrada… − Aurora pegou-lhe na mão alarmada. − Santo Deus, não podes ser visto em Inglaterra. És um prisioneiro em fuga…

− Calma, querida. Já fui visto. Estou aqui disfarçado. Como podes ver, pintei os cabelos e assumi a identidade do meu primo americano Brandon Deverill. Temos uma grande parecença e não creio que ele se opusesse a que lhe roubasse a identidade. Brandon tem a sua própria empresa naval em Boston e, de momento, está bastante ocupado com a guerra.

Aurora arregalou os olhos.

− A guerra! Nicholas, se o teu primo é americano, então não será bem recebido aqui, em Inglaterra.

− Sê-lo-ia se fosse um cidadão leal a este país, que é o que pretendo ser. Há centenas, talvez milhares, de cidadãos americanos que se opõem à guerra e que procuraram refúgio aqui, de modo que a minha história não é invulgar. Imagino que Brandon poderia protestar com este pequeno pormenor da minha fraude, uma vez que ele ficou a detestar os ingleses depois do que o vosso governo fez à navegação de Boston, mas estou a sacrificar a sua reputação por uma boa causa.

− Mas… se fores descoberto, podes ser enforcado. No mínimo serias preso.

− Quase de certeza, mas não tenciono ser descoberto.

Os seus dentes cintilaram num sorriso divertido, uma diversão que Aurora não podia partilhar. A despreocupação dele só serviu para lhe avivar a fúria.

− Não podes pensar a sério em ficar aqui, Nicholas. Não compreendes? Eles matam-te.

− Sou bastante difícil de matar, anjo. Esta não é a primeira vez que escapo à morte por um triz.

Ela podia muito bem imaginar que antes ele já havia enfrentado a morte, e que, sem dúvida, tinha desfrutado disso. A sua atitude temerária enfureceu-a, assim como a sua audácia. Tinha até aparecido no baile disfarçado do infame capitão Sabre, um risco desnecessário que a indignava.

Aurora ficou a olhá-lo, dividida entre a ira e a consternação. Desprovido dos atributos de um cavalheiro e com o seu fato de pirata libertino, Nicholas parecia a imagem viva de um audaz aventureiro que desafiava o destino e que se ria do perigo. Todavia, Aurora estremecia ao pensar no que sucederia se fosse descoberto.

− Falo a sério, não podes ficar − rogou ela.

− Também eu… E não posso partir ainda, quando percorri todo este caminho para te ver.

− Bem, já me viste. Agora podes ir.

− Mas temos um dilema a resolver, querida.

− Um dilema?

Nicholas fixou nela o seu olhar intenso.

− O que fazemos com o nosso matrimónio?

Matrimónio. Invadiu-a uma inesperada sensação de pânico. Estava feliz por saber que Sabine estava vivo, mas isso não implicava que estivesse disposta a tê-lo por marido. A sua presença complicava tremendamente as coisas… em especial, porque ele não podia aparecer como quem era na realidade sem correr o risco de ser capturado e executado. Estar casada com ele transtornaria a sua vida por completo, destruiria a sua serenidade tão duramente conseguida, destroçaria a paz que finalmente tinha encontrado. A sua simples proximidade alterava os seus sentidos…

Naquele momento ouviram gargalhadas no vestíbulo e um casal passou diante da porta da biblioteca. Aurora ficou gelada temendo que Nicholas fosse reconhecido.

− Tens de ir − sussurrou firmemente quando as gargalhadas se afastaram. − Alguém pode ver-te. Poderiam ver-nos juntos e reconhecer o teu disfarce.

− Já te disse que não me preocupa ser visto.

− Mas a mim sim.

− Isso é muito evidente, medrosa.

− Nicholas…! − exclamou ela perdendo a paciência.

− Talvez tenhas razão. Um baile não é lugar para uma discussão tão séria. Mas ainda temos de falar do nosso matrimónio.

− Sim, claro. Mas não agora.

− Muito bem. Mais tarde. − Levou os dedos dela aos lábios e depositou neles um beijo suave. − Vejo-te depois do baile.

Quando Aurora, nervosa, retirou a mão, Nicholas acariciou-lhe a face. Ela estremeceu com a cálida e trémula sensação que o seu toque sempre despertava nela. A expressão sombria nos olhos dele revelou-lhe claramente que ele sabia o quanto a afetava.

Observou-o enquanto ele voltava a pôr a venda no olho e se convertia de novo num ousado pirata. Em seguida, Nicholas encaminhou-se para a porta e dirigiu-lhe um olhar final e persistente antes de desaparecer da sala.

Aurora manteve-se onde estava, sentindo ainda o impacto opressor da sua presença, ainda atónita pela sua surpreendente revelação.

O seu famoso marido de uma noite estava vivo. E ela não sabia o que fazer.

CAPÍTULO 8

O seu beijo, as suas carícias mais ligeiras,
deixavam-me trémula e sem fôlego

Sentado na carruagem, Nicholas franziu o sobrolho enquanto aguardava que a sua esposa aparecesse. Esposa. Não era um termo que lhe assentasse com facilidade. Tinha escapado de ser enforcado para se encontrar atado pelas amarras do matrimónio.

Ao que parecia, não era o único a sentir aversão a tais amarras. Lady Aurora não lhe tinha parecido minimamente ansiosa por reatar o vínculo legal que ambos tinham acordado, sem dúvida sob circunstâncias desesperadas. O seu regresso tinha-a deixado em choque, mas via-se claramente que estava desconcertada com a ideia de estar amarrada a ele para toda a vida.

Ele sentia-se igualmente desanimado.

Tinha-se francamente sentido tentado a ignorar aquela importante complicação da sua vida. Podia ter-se limitado a ficar na América e evitar fazer frente à questão do matrimónio talvez durante anos. Todavia, a sua consciência não lho tinha permitido. Há muito tempo que andava a escapar-se das suas responsabilidades familiares, pensou ele. Tinha chegado a hora de cumprir com as suas obrigações, independentemente dos seus próprios desejos pessoais.

E, além disso, não podia esquecer a existência de uma esposa… nem do que devia a Aurora.

Era graças a ela que ainda estava vivo e que tinha podido cumprir o juramento solene que fizera ao pai, o que para ele tinha significado mais do que viver ou morrer. E ela respeitara a promessa de cuidar da sua irmã, fazendo os possíveis para que Raven fosse apresentada com êxito à sociedade. Esta tinha-lhe dito que se sentia bastante satisfeita com a sua nova vida, apesar dos seus parentes desdenhosos e altivos, e contara-lhe que Aurora não só tinha tornado a sua estada suportável, como também se tinha convertido numa boa amiga.

Nicholas não podia esquecer o sacrifício de Aurora nem fingir que não tinha acontecido. Não seria justo para ela nem para nenhum dos dois deixar tal barril de pólvora pronto a rebentar nos seus rostos em qualquer momento do futuro.

Ainda estavam casados. Não importava o tipo de necessidade que o tinha obrigado a fazer dela sua esposa. Os votos que tinham formulado eram reais. Assim como a noite de paixão que tinham partilhado. Aquela recordação assombrava Nicholas de uma maneira implacável.

Por um momento, estreitou os olhos. Durante aqueles quatro meses tinha tido tempo suficiente para se convencer de que aquela sereia de cabelos louros, que recordava tão vividamente, era apenas a fantasia de um prisioneiro condenado. Que o vínculo que tinha sentido naquela noite era uma necessidade primária de intimidade, fruto do desespero. Nenhuma mulher podia ser tão desejável como a sua memória recordava Aurora Demming.

Todavia, nessa noite tinha visto que estava enganado. A beleza fria e majestosa de Aurora era tão surpreendente como ele a recordava, e a atração que sentia por ela era igualmente intensa. Vê-la de novo tinha sido como receber um soco no estômago.

A tentação que ela representava era muito real, a julgar pelo seu primeiro encontro. Só o facto de a tocar tinha-o deixado imediatamente excitado, e feito desejar a doçura selvagem de ter aquele corpo debaixo do seu…

Nicholas apertou o maxilar, controlando energicamente os seus impulsos lascivos. Não esperara que Lady Aurora se mostrasse tão avessa a reconhecer o matrimónio de ambos. Ela parecia inclinada a não aceitar que ele a reclamasse como esposa. Todavia, até que aquela questão se decidisse entre ambos, ele não tinha nenhum direito de pensar em levá-la para a cama. Não tinha direito sequer de lhe tocar.

Apesar do ambiente animado do baile de máscaras, Aurora não sentiu nenhuma alegria durante o resto da noite, só consternação, insegurança e uma tensão cada vez maior. Nicholas tinha prometido encontrar-se com ela depois do baile, mas Aurora ainda não se tinha recuperado do choque de o ver, e muito menos se tinha acalmado o suficiente para manter uma discussão racional sobre a sua situação conjugal. Só podia ansiar que um intervalo de tempo lhe permitisse refletir.

Ansiosa por despedir-se de imediato, foi em busca de Raven para lhe desejar boa noite. Todavia, não tiveram oportunidade de falar em privado sobre o extraordinário regresso de Nicholas de entre os mortos, e apenas um breve momento para combinarem encontrar-se no dia seguinte para o seu habitual passeio a cavalo, antes de Raven ser afastada rapidamente por outro companheiro de dança.

Por coincidência, Aurora encontrou-se com Lorde Clune quando se preparava para descer a grande escadaria até à porta principal. Quando ele se ofereceu para a acompanhar até à carruagem, Aurota objetou cortesmente:

− Não precisa de se incomodar, milorde.

− Não é nenhum incómodo desfrutar da companhia de uma dama tão bela.

Aurora sabia que devia repelir a sua lisonja informal, mas estava demasiado distraída até para responder.

A rua estava repleta de todo o tipo de veículos, mas perante o pedido do conde, os criados apressaram-se e a carruagem de Aurora foi imediatamente chamada.

− Amanhã tenho um compromisso cedo − disse Clune ajudando-a a subir para o veículo −, mas espero vê-la uma destas manhãs no parque.

− Muito bem, Lorde Clune − replicou Aurora, que só desejava ver-se livre dele.

− Bons sonhos, minha querida.

Ela mal ouviu a sua cortês despedida porque, no momento em que a porta se fechava atrás dela, uma mão firme segurou-a pelo cotovelo para a ajudar a sentar-se.

Aurora conteve um grito e o coração subiu-lhe à garganta. No interior mal-iluminado conseguiu divisar uma figura indistinta junto a ela. Nicholas.

Tudo o que conseguiu fazer foi olhar para ele enquanto a carruagem se punha em andamento. Não contava com ele ali. Era exatamente o homem com quem se tinha casado, e as mesmas sensações percorreram-na e fizeram-na estremecer devido à sua proximidade, tão poderosas como há quatro meses.

Contudo, quando falou, o seu tom de voz carecia do seu anterior calor.

− Podes explicar-me o que se passa?

− O que se passa? − perguntou Aurora, um tanto ofegante.

− O cortejo de Clune.

− Ele não me estava a cortejar.

Nicholas aproximou-se dela e retirou-lhe a máscara prateada, evidentemente desejando ver o seu rosto.

− Esperas que acredite que não sente interesse por ti?

Aurora, atónita perante o seu tom, fitou-o com cautela.

− Ele estava apenas a ser gentil, acompanhando-me até à carruagem.

− E tu estavas muito reconhecida pela sua gentileza. − A sua voz tinha uma ponta de dureza que podia ser ira. − Esqueceste tão depressa o teu marido, Aurora?

− Nunca te esqueci − replicou ela seriamente.

− Não? Não se pode dizer que sejas a imagem da viúva desconsolada. Depois de quatro meses da minha suposta morte, a minha encantadora viúva assiste a bailes de máscaras e marca encontros com libertinos famosos.

A confusão de Aurora perante o seu ataque inesperado converteu-se em fúria.

− Já tive recriminações suficientes do meu pai por causa do meu comportamento, Nicholas. Não necessito também das tuas.

− Neste caso, a recriminação parece merecida.

− Asseguro-te de que até agora me esforcei por evitar o menor escândalo − replicou ela. − Assisti ao baile desta noite porque Raven me pediu… Mas não entendo por que razão tenho de me justificar a ti.

Fez-se uma pausa. Aurora sentiu sobre ela o olhar inquisitivo de Nicholas.

− Queres dizer que não estavas a dar-lhe esperanças?

O seu tom parecia agora ter amaciado.

− Não, de todo. A nossa relação não é o que estás a insinuar. Ele é simplesmente um conhecido. Também é uma das poucas pessoas que nunca me condenou pelo meu malvisto matrimónio.

Desta vez, a pausa de Nicholas foi mais longa.

− Então, estes últimos meses foram difíceis para ti?

− Bem podes dizê-lo − replicou Aurora com uma ponta de cinismo. − Ganhei uma certa má fama por me ter casado contigo, um criminoso que acabou na forca. O meu pai ficou indignado… − Interrompeu-se não desejando recordar a violenta reação paterna. − Basta dizer que já não sou recebida em certos círculos requintados.

− Lamento que tenhas tido de sofrer por minha causa − disse finalmente Nicholas.

Aurora observou-o um tanto mais calma. Os seus olhos tinham-se adaptado à obscuridade da carruagem e, à luz da Lua que entrava pelas janelas, podia distinguir as suas belas feições. Ele não era fruto da sua imaginação febril. Era o mesmo homem incrivelmente enérgico que recordava, cada centímetro de músculos duro como a pedra, o mesmo rosto firme, os mesmos olhos impenetráveis, a mesma boca sensual… Obrigou-se a parar.

− Para dizer a verdade, não foi assim tão mau − respondeu. − O teu primo Wycliff tem sido um aliado extraordinário, oferecendo-me a proteção do seu nome e importância. E tratou de todos os pormenores financeiros, tal como lhe pediste na tua carta. O teu acordo foi mais que generoso, Nicholas. Permitiu-me até comprar uma casa em Londres.

Ele fixou nela o seu olhar.

− Mas agora estás arrependida da tua decisão de te casares comigo.

− Não − Aurora sacudiu a cabeça. − Não estou. Salvaste-me de um casamento repugnante e permitiste que ficasse independente do meu pai. Só que… nenhum de nós queria que a nossa união durasse. Ambos pensávamos que terminaria quando… quando tu…

− Quando eu morresse. Contudo, isso não muda o facto de estarmos legalmente casados.

Aurora franziu o sobrolho de preocupação.

− Não vejo que seja possível anunciar o nosso matrimónio, ainda que o desejássemos. Não podes arriscar que a tua identidade seja descoberta. Revelar que és meu marido, no mínimo garantir-te-ia a prisão e, possivelmente, a morte.

− Já te disse que não pretendo revelar quem sou. Estou a fazer-me passar pelo meu primo Brandon.

− Esse disfarce não te servirá de muito. Até com a mudança de cor dos cabelos, decerto serás reconhecido.

− Não me parece. Não estive muito tempo em Inglaterra ultimamente. Há três anos permaneci aqui um longo período, mas a minha última viagem foi muito breve.

− Clune recordava-se bastante bem de ti. Precisamente esta noite esteve a contar-me algumas das tuas façanhas mais loucas. E é um homem muito inteligente, apesar do seu aspeto indolente.

Ao ver que Nicholas permanecia em silêncio, o olhar de Aurora moveu-se pelo seu traje de pirata. Agora usava uma capa negra sobre a túnica, atada folgadamente ao pescoço, mas ela conseguia distinguir o sabre de aspeto letal ao seu lado.

− Como é que podes esperar manter a tua identidade secreta se insistes em exibir-te dessa forma? − perguntou. − Foi muito descarado da tua parte apareceres em público vestido de pirata.

Os dentes dele cintilaram na obscuridade.

− Pensei que fosse muito apropriado.

Aurora deu por si a exalar um suspiro de exasperação perante a sua temeridade.

− Não podes ser visto comigo, Nicholas. Não poderia explicar a tua presença.

− Sim, podes fazê-lo. Diz simplesmente que sou um primo do teu falecido marido. Com essa relação familiar tão próxima, a nossa relação será considerada normal.

− Pareces estar a esquecer um assunto muito importante.

− E qual é?

− A tua irmã. Devias pensar em Raven antes de elaborares esquemas tão precipitados. Se a verdade vier ao de cima e fores enforcado, eu como tua esposa, ver-me-ei imediatamente implicada num escândalo, e Raven, como minha pupila, ver-se-á manchada pelo mesmo assunto. Sem dúvida não pretenderás pôr em risco as suas possibilidades de encontrar um bom partido.

− Não, é a última coisa que desejo depois de me ter dado a todo este trabalho para a ver bem posicionada na sociedade.

Ela observou-o durante uns momentos.

− Desejas seriamente que seja tua esposa?

A expressão de Nicholas manteve-se enigmática.

− Não vejo que me restem muitas opções.

A resignação dele surpreendeu-a. Esperava que ele estivesse mais desejoso de encontrar uma forma de resolver o dilema, tal como ela estava.

− Nicholas − disse Aurora lentamente, esperando que a lógica o ajudasse a aceitar o inevitável −, sejamos sensatos. Existem numerosas razões pelas quais um matrimónio a sério entre nós jamais funcionaria. Tu és americano e eu sou inglesa… e os nossos países estão em guerra. Tu és um aventureiro, alguém que procura a violência, ao passo que eu… bem, eu não sou nada aventureira, e detesto todo o tipo de violência. E, além disso, nós… nós não nos amamos.

Aurora hesitou, pensando que era estranhamente inquietante formular este último argumento. Mas fosse lá o que fosse que sentia por Nicholas Sabine, certamente não era amor.

− Eu não te amo… e tu também não me amas. Só te casaste comigo pelo bem da tua irmã. O matrimónio deve ser amor e compromisso, não um ato de desespero.

Nicholas cerrou momentaneamente o maxilar quando ela pronunciou a palavra amor. Mas depois recostou-se relaxado no seu assento, com uma expressão de tristeza, cruzou os braços sobre o peito e estendeu as suas longas pernas.

− Não, não há amor entre nós − reconheceu.

Inexplicavelmente, Aurora retraiu-se quando Nicholas concordou tão facilmente com as suas palavras. Era absurdo que se sentisse rejeitada só porque ele reconhecera que não sentia amor por ela. Um aventureiro temerário como Nicholas Sabine era improvável que entregasse o seu coração a alguma mulher, em especial a uma a quem estava ligado por motivos de força maior.

− Então, entendes o que quero dizer? − quis ela saber. − Não faz sentido tentarmos continuar juntos. O que predomina é o facto de que eu não desejo ser tua esposa e tu não desejas sinceramente ser meu marido.

− Pois, só que temos um problema − replicou Nicholas devagar, olhando-a especulativamente. − A anulação não é uma opção tendo em conta que passámos juntos uma noite muito apaixonada.

A recordação escaldante daquela noite inundou Aurora enquanto a sua consciência da presença de Nicholas se multiplicava subitamente. A coxa dele estava junto à sua no assento da carruagem e ela podia sentir o calor que o seu corpo poderoso irradiava.

Ele devia estar a recordar essa mesma noite porque o seu olhar intenso vagueou pelo corpo dela. Aurora podia sentir os seus olhos demorando-se nos seus seios e quadris, como se ele estivesse a imaginar exatamente o que havia debaixo do seu vestido.

Aurora enrubesceu perturbada pela intimidade deste olhar e pela vívida recordação de Nicholas movendo-se entre as suas coxas, preenchendo-a… ficou sem fôlego com a inoportuna flecha de prazer que a atravessou.

Depois o olhar de Nicholas fixou-se no abdómen dela.

− Deduzo que a nossa união não tenha gerado frutos − disse.

− Não − murmurou ela, incapaz de evitar um estranho sentimento de deceção por não estar grávida.

Todavia, não devia lamentar minimamente esse facto. Se estivesse grávida, sem dúvida teria muito mais dificuldade em convencer Nicholas a libertá-la daquele matrimónio como acreditava que ele fizesse.

− Portanto… − disse ele lentamente ao ver que ela mantinha silêncio −, estás a propor que simplesmente ignore o facto de que existe um vínculo legal entre nós? Que vivamos vidas separadas simulando que não somos realmente marido e mulher?

− Bem… Sim, penso que é isso que te estou a propor. Seria infinitamente melhor para ambos, mais cómodo.

− Creio que estás a esquecer outra coisa, sereia − disse ele com suavidade.

− O quê? − Olhou-o de uma forma interrogadora.

Em jeito de resposta, ele deslizou os seus dedos sob a nuca dela. Depois, de uma forma lenta e inexorável, atraiu-a a si até ela ficar colada ao seu corpo, com as bocas quase a tocar-se.

− Isto… − murmurou Nicholas quando os seus lábios se encontraram.

O beijo dele enfeitiçou-a, deixou-a sem respiração e retesou-lhe o corpo. Era íntimo, sexual e incrivelmente excitante, e acendia nela um apetite que jamais pensara voltar a experimentar. Sentia-se a derreter contra ele…

Quando finalmente Nicholas se afastou foi só para poisar os lábios na sua orelha.

− O nosso matrimónio não foi por amor − sussurrou com voz rouca −, mas a atração entre nós é bastante real. Sentes o mesmo fogo que eu, querida. Como podemos fingir que não existe?

Aturdida por aquele beijo exigente e de efeito embriagador, Aurora procurou recuperar a compostura. Com as mãos sobre o peito de Nicholas estava quase estendida sobre o seu corpo enquanto ele a segurava… e a carruagem tinha reduzido a marcha até se deter. Santo Deus!

Um sentimento de alarme inundou-a ao compreender que tinham chegado ao seu destino, à sua nova casa. A qualquer momento um lacaio abriria a porta da carruagem para a ajudar a descer.

Empurrou Nicholas para trás e sentou-se direita, em pânico.

− Não podemos ser vistos juntos deste modo…

Quando se dispunha a pegar na maçaneta da porta, Nicholas adiantou-se e segurou-lhe no pulso com delicadeza.

− Deixa-me sair! − exclamou ela desesperada, em voz baixa.

− Por agora, Aurora. Mas esta discussão está muito longe de estar terminada.

Ela não respondeu. Ao invés, apressou-se a sair da carruagem antes que os seus criados pudessem vislumbrar a presença do sensual pirata que era o seu marido.

A aia de Aurora ajudou-a a preparar-se para se deitar. Quando dispensou Nell e se retirou, já passava da meia-noite e, todavia, sentia-se demasiado inquieta para dormir. Jazia na obscuridade, contemplando o dossel que tinha sobre a cabeça,

com a mente febril, ocupada com pensamentos de Nicholas. Ainda tinha a pele ruborizada do último encontro e os lábios a arder com o beijo dele.

Como era possível que um homem pudesse causar nela um efeito tão devastador? Como podia ele exercer um poder emocional tão intenso? A sua mera proximidade deixava-a sem fôlego e alterava-lhe os sentidos. Bastava o seu contacto para a excitar, recordando-lhe a paixão cativante da sua noite de núpcias… A mesma paixão incrível que enchia o diário da francesa.

Aurora praguejou e rodou no leito afastando parte das mantas. Embora tivessem deixado as janelas abertas, o seu quarto era demasiado quente. Ela sentia-se demasiado quente.

«Sentes o mesmo fogo que eu.» Tinha de facto sentido o fogo que ele acendia nela com tanta facilidade. Por essa razão tinha saído da carruagem em estado de pânico; não só porque temia que os descobrissem, mas pelo que Nicholas estava a fazer com ela. Tinha fugido dele.

De súbito, ocorreu-lhe um pensamento. Nem sequer lhe tinha perguntado se tinha algum lugar onde passar a noite. Com o primo Wycliff ausente do país, Nicholas não tinha assegurada uma calorosa receção… Mas era um aventureiro, um viajante destemido. Estava habituado a cuidar de si mesmo sem a sua ajuda. Ela não era responsável por ele, embora ele fosse seu marido.

Marido. Aurora enterrou o rosto na almofada. Tinha algum direito de o rejeitar? Estava legalmente unida a ele.

Santo Deus, o que devia fazer agora? Embora, de alguma forma, se tivesse alegrado por Nicholas não ter sido enforcado, a verdade é que não o desejava por marido.

Era alarmante pensar numa coisa dessas. Aurora não duvidava de que ele causaria estragos na sua vida aprazível e bem estruturada, que a despojaria da serenidade que finalmente havia alcançado. Nessa mesma noite já tinha experimentado mais emoções violentas do que em todos os meses decorridos: choque, ira, consternação, inquietude, medo, alegria…

Bruscamente deteve essa reflexão. A sua alegria por voltar a ver Nicholas não tinha sido mais do que alívio por saber que a vida desse homem corajoso tinha sido poupada. Sentia-se feliz por ele estar vivo. Ainda assim, deplorava o modo como a tinha feito sentir. Tinha-lhe posto os nervos em franja com a sua presença dominante e a sua intensa vitalidade. Nem sequer podia manter com ele uma simples conversação minimamente tranquila.

Não deveria ter de suportar tal tumulto emocional na sua vida, especialmente quando nunca lhe tinha pedido para ser sua esposa. Segundo a lógica, a razão estava do seu lado. Viver juntos para sempre como marido e mulher não fazia parte do acordo que tinham feito.

Não desejava passar a sua vida ao lado de um homem que não amava e que não a amava. Um homem que podia morrer a qualquer momento. Para sua consternação e exasperação, Nicholas tinha menosprezado o perigo de o descobrirem, mas era um perigo muito real. Permanecer em Inglaterra era um risco para a sua vida.

Aurora não queria viver no terror de ele lhe poder ser arrebatado. Já tinha perdido Geoffrey… Na realidade, já tinha perdido Nicholas uma vez. Não passaria de novo por aquele desespero.

Não, ele não podia de forma alguma continuar a ser seu marido. Teria simplesmente de o chamar à razão.

À luz ténue da Lua, Nicholas observou a sua esposa adormecida, admirando a encantadora visão.

Ele não devia estar ali, sozinho com Aurora no seu quarto, mas não tinha sido capaz de se manter longe dela. A sua experiência em trepar pelo cordame dos navios tinha-lhe permitido chegar ao quarto dela através do carvalho que havia junto à sua janela.

Permaneceu junto ao leito, bebendo da sua beleza… a tez de marfim, as sobrancelhas delicadamente arqueadas, os lábios carnudos um pouco entreabertos enquanto dormia. Os seus vívidos olhos azuis estavam agora fechados, mas a sua vibrante cabeleira brilhava tenuemente, como fios de prata na obscuridade iluminada pela Lua.

«Minha esposa.» Era incrível pensar nela como tal.

No passado, nunca tinha pensado seriamente em unir-se a uma única mulher. Na sua vida sem raízes não havia espaço para o estorvo que implicaria ter uma esposa. Tinha sempre desejado ser livre, tivera sempre uma sede insaciável de aventuras, com o perigo e a excitação como únicas amantes. Nunca havia desejado nada mais… até conhecer Aurora.

Por que razão era ela tão especial? Nas suas viagens tinha encontrado inúmeras beldades nos reinos europeus luxuosos e licenciosos, nos exóticos países de África, nas misteriosas regiões do Este. Mas nenhuma delas tinha perturbado os seus sentidos como aquela mulher na noite em que se uniram em matrimónio. Durante meses desde então, ela tinha assombrado os seus sonhos, tão encantadora e sedutora como uma sereia.

Inclinou-se e pegou no tesouro de uma madeixa dos seus cabelos de ouro, que deixou deslizar por entre os dedos. Aurora era de bom berço, recatada e emocionalmente receosa, todavia ele tivera um vislumbre tentador do fogo que se ocultava sob as capas da sua reserva, uma experiência que, assombrosamente, desejava repetir.

Lenta e intencionalmente, introduziu a mão nos seus cabelos de seda. Recordou-se do sabor dela, de cada centímetro da sua pele, de cada exuberante curva e orifício. Recordou-se a si mesmo mergulhando no seu fogo aveludado…

O desejo, violento e premente, retesou o seu corpo com uma surpreendente intensidade. Um desejo que ainda não podia exteriorizar.

Com relutância, Nicholas esforçou-se por soltar os cabelos dela. Não podia contradizer Aurora. Eram totalmente inadequados um para o outro. E para ele era realmente perigoso permanecer em Inglaterra. Ambos seriam mais felizes se ele se limitasse a desaparecer da sua vida.

Mas, embora tivesse escutado os seus lógicos argumentos com toda a seriedade, nenhum deles o tinha convencido de que o correto era tentar quebrar os seus votos matrimoniais.

Em primeiro lugar, Aurora não se apercebia da dificuldade de pôr fim a uma união totalmente consumada. E, em segundo… o segundo argumento era o único que realmente importava. Nicholas reconheceu que a sua obrigação para com o seu pai era uma razão muito mais importante para não dar aquele matrimónio por concluído. Tinha-lhe jurado que assumiria as responsabilidades que descuidara durante tanto tempo, o que significava tomar esposa e fundar uma família. E, para ser franco, se tinha de estar preso a alguém, Aurora era uma candidata muito mais agradável que a maioria. A atração física que existia entre eles era uma base mais sólida para uma relação do que a que tinham muitos casais. E não era por estar casado que tinha de renunciar por completo à sua vida anterior nem à sua querida liberdade.

Não, ele estava resignado ao casamento. Tivera quatro longos meses para se acostumar à ideia, ao passo que ela só tivera umas poucas de horas. Se dispusesse de tempo suficiente e persuasão, Aurora acabaria por aceitar o seu ponto de vista.

Com cuidado para não despertar a beldade adormecida, Nicholas despiu-se até ficar em calções e deitou-se junto a Aurora no leito.

Não estava certo se os laços íntimos que haviam forjado naquela noite eram a fantasia de um prisioneiro desesperado ou algo mais profundo, mas não importava. Também não importava que tivesse dificuldade em convencer Aurora a aceitá-lo como marido.

Tinha ido a Inglaterra para reclamar a sua esposa e não partiria até ter cumprido o seu objetivo.

CAPÍTULO 9

As suas mãos na minha carne eram mágicas, acariciantes e exigentes, e despertavam em mim um desejo intenso e profundo

Se aquilo era um sonho, não queria despertar nunca. O prazer sensual era tão real… Nicholas nas suas costas, as suas nádegas encaixadas na concavidade das coxas dele… O seu calor e a sua dureza abrasando-a através do ténue tecido da sua camisa de noite. A mão dele deslizara para o interior do corpete, acariciando-lhe os seios nus, e a sua própria carne retesava-se provocadora, intumescia, e avançava em busca do seu contacto.

Aurora gemeu e ele continuou a acariciá-la implacável, massajando suavemente, esfregando com a palma da mão os mamilos sensíveis. Quando ela se arqueou de maneira instintiva, pressionando-se com uma ânsia atrevida contra a sua palma acariciante, ele fechou os dedos de modo deliberado sobre um mamilo e apertou o botão ereto. Os seus seios palpitantes endureceram num doloroso ímpeto, enquanto uma centelha flamejante de prazer se acendia entre as suas coxas.

O trémulo desejo interior foi aumentando à medida que ele continuava a atormentar a crista intumescida, e ela moveu-se inquieta contra ele, ansiando libertar a crescente tensão.

Como se soubesse o que ela necessitava, Nicholas retirou a mão do corpete e introduziu-a mais abaixo, sobre a caixa torácica, acariciando-lhe o ventre, a sua respiração cálida e húmida contra a face dela, enquanto lhe murmurava ao ouvido palavras suaves de encorajamento. Levantando-lhe a camisa de noite, deslizou a palma quente e firme pela coxa dela, atormentando-lhe a pele nua.

Quando introduziu os dedos pelo emaranhado de caracóis entre as pernas dela, Aurora sufocou um grito, incrivelmente excitada com as suas eróticas carícias. Ele movia os dedos sobre ela com uma intimidade surpreendente, separando as pregas femininas. O seu corpo humedeceu-se à medida que o hábil contacto das mãos dele roçavam a sua carne mais sensível, encontrando o lugar onde exercer uma pressão delicada, acariciando o botão húmido de prazer com uma perícia atormentadora. A febre que sentia intensificou-se e o som irregular que produziu foi de uma excitação selvagem.

Desejando desesperadamente que ele lhe proporcionasse alívio para a dor palpitante, empurrou os quadris para trás, contraindo-se de uma forma impotente contra o ventre musculado de Nicholas.

Aurora escutou o seu áspero sussurro no ouvido, incitando-a a entregar-se.

− Sim, sereia… entrega-te ao prazer.

À beira do êxtase, Aurora começou a contorcer-se, tensa, encaminhando-se para um frenesim crescente e ardente. Quando introduziu lentamente os dedos dentro dela, os músculos internos de Aurora fecharam-se sobre eles. Foi então que ele acelerou o ritmo e ela moveu-se frenética contra a mão dele, estremecendo e gritando ao experimentar o clímax poderoso e palpitante.

Despertou com o som dos seus próprios soluços. Inundada por sensações trémulas, Aurora permaneceu aturdida e imóvel, com a respiração ofegante e ruidosa. Por um desconcertante momento, sentiu-se incapaz de se orientar. Aquele era o seu quarto, podia divisá-lo à luz cinzenta do amanhecer que entrava pelas cortinas abertas. O calor que sentia nas suas costas também era muito real… e muito masculino; assim como os lábios quentes que roçavam a sua nuca…

«Nicholas.» Ficou rígida. O seu braço firme e musculoso cobria-lhe o corpo, a mão aninhada eroticamente entre as suas coxas e a sua rígida ereção ainda pulsava contra as suas nádegas.

Por Deus! Não tinha sonhado com ele. Nicholas estava realmente na sua cama, como se tivesse direito a isso. Tinha entrado às escondidas no seu quarto enquanto ela dormia e tinha-a excitado descaradamente até ela alcançar o êxtase…

Com as faces incendiadas de vergonha, procurou focar os seus sentidos dispersos. Prestes a saltar da cama, voltou-se para o enfrentar, totalmente aturdida.

Nicholas jazia sobre o lençol, vestido apenas com os calções. Apercebeu-se de que a capa, a camisa e o sabre estavam empilhados numa cadeira, e as botas no solo. Tinha os cabelos negros em desalinho, ao passo que a barba incipiente no seu queixo firme o fazia parecer tremendamente com um pirata selvagem. Mais desconcertante ainda, o seu olhar negro permanecia fixo nos seios intumescidos dela, parcialmente expostos pelo corpete aberto da sua camisa.

Aurora praguejou entre dentes, endireitou o corpete desalinhado e começou a abotoar-se, horrorizada não só pelas liberdades proibidas que Nicholas havia tomado com ela, mas também com a sua própria resposta inconsciente e sensual.

− Como é que chegaste até aqui? − perguntou sem saber se estava mais enervada com ele pela sua tortuosa sedução, ou consigo mesma por sucumbir a ela.

Tinha planeado manter-se fria e indiferente quando voltassem a encontrar-se, mostrando um controlo estrito sobre as suas

respostas. Todavia, uma vez mais, ele tinha-a desequilibrado totalmente introduzindo o caos nas suas emoções.

Nicholas apoiou-se num cotovelo com despreocupação e apontou para a janela aberta.

− Desde os meus dez anos que aprendi a trepar pelo cordame dos navios de meu pai. Posso facilmente fazer o mesmo numa árvore.

Aurora olhou brevemente para a janela e depois sacudiu a cabeça desconcertada.

− Muito bem, agora podes ir pelo mesmo modo que vieste.

Ao ver que ele não fazia tenções disso, pegou no roupão que tinha aos pés da cama e vestiu-o, abotoando-o até acima.

− Não posso crer na tua temeridade para vires até aqui e…

Vacilou, não disposta a refletir na forma como ele a tinha despertado para a paixão nos seus sonhos, totalmente contra a sua vontade. Tinha sido traiçoeiro aproveitar-se da sua vulnerabilidade quando não estava em condições de se defender. Detestava ser tão vulnerável.

Ergueu o queixo e fez um esforço supremo para recuperar a compostura.

− Estás a tornar isto num péssimo hábito, apareceres assim de repente, causando-me sustos de morte e sem teres sido convidado − disse.

Em jeito de resposta Nicholas endireitou-se, acomodou as almofadas contra a cabeça e recostou-se nelas.

− Deixaste a máscara na carruagem quando fugiste, por isso pensei em devolver-ta. Como o sapatinho da Cinderela.

Aurora não conseguiu evitar olhá-lo fixamente, admirando involuntariamente a sua pele bronzeada e desnuda e os seus ombros musculosos. Cerrou os dentes, irritada pelo modo como os seus atributos físicos a deixavam sem fôlego. E o seu olhar astucioso irritava-a ainda mais. Ele compreendia muito bem o efeito que o seu corpo causava nela.

A única coisa que podia fazer era manter o seu tom frio.

− Isso dificilmente desculpa o teu descaramento de entrares no meu quarto às escondidas, como um ladrão. Pareces decidido a provocar um escândalo…

− Só estou decidido a falar contigo, amor. Não terminámos a nossa discussão sobre a nossa futura relação.

− Bem, o meu quarto não é lugar para o fazer!

− Não sei bem se concordo contigo − murmurou numa voz aveludada e baixa impregnada de humor. − Não me ocorrem muitos lugares mais agradáveis.

− Nicholas, tens de sair. Agora, já. Antes que te mande expulsar.

Nicholas exibiu uma expressão pensativa.

− Devo confessar que esperava uma receção mais cordial da minha esposa. Na nossa noite de núpcias foste muito mais afetuosa.

− Na nossa noite de núpcias eu pensava que estavas prestes a morrer. Ambos o pensávamos.

− Não podes negar o fogo que sentimos naquela noite.

− Sim, posso! − Aurora inspirou de forma controlada num esforço por se dominar. − Se naquela altura houve algo entre nós, foi só uma ilusão… fruto do desespero do momento.

− Não − contrapôs Nicholas lentamente. − Foi muito real, querida. Não o imaginei. E tu és a mesma mulher sensual e recetiva que recordo daquela noite. Agora sei-o com segurança.

O calor inundou as faces de Aurora ao recordar a licenciosidade com que tinha respondido às suas eróticas carícias de há momentos.

Teria continuado a discutir com ele, não fora uma pancada suave na porta. Aurora ficou gelada, observando com horror a porta do quarto a começar a abrir-se.

Em três passos rápidos atravessou o quarto e fechou de novo a porta.

− *Milady* − exclamou uma voz atrás do painel de carvalho −, trouxe o seu chocolate da manhã.

− Um momento − replicou Aurora quase frenética enquanto tentava pensar no que fazer.

Se a aia se deparasse ali com Nicholas, não lhe restaria uma ponta de reputação.

Voltou-se rapidamente, dirigiu-se à cama e puxou violentamente as cortinas de dossel ocultando Nicholas atrás do brocado de marfim. Apercebeu-se de uma risada suave ao encaminhar-se para a porta, e teve de cerrar os dentes perante aquela manifestação inoportuna de humor. Como é que ele podia colocá-la numa situação tão delicada e rir-se dela?

Retrocedeu e permitiu que a aia entrasse no quarto. Com o coração acelerado, Aurora tentou não olhar para as cortinas do leito enquanto a rapariga depositava a bandeja do pequeno-almoço na mesinha de cabeceira.

− Obrigada, Molly. Agora podes ir.

− Sim, *milady*.

A rapariga saiu do quarto com uma vénia e Aurora trancou a porta com o ferrolho.

− Já estamos em segurança? − perguntou Nicholas num tom de voz rouco causado pelo riso.

− Fala baixo − exigiu ela com um enérgico sussurro. − Os criados podem ouvir-te.

Abriu as cortinas e encontrou-o refastelado negligentemente na cama com uma expressão divertida nos olhos negros. A sua audácia aborreceu-a ao máximo.

− Não entres em pânico, Aurora.

− Para ti isso é fácil de dizer. Não é a tua reputação que cai por terra se alguém encontra um desconhecido na tua cama.

− Se encontrassem um homem na minha cama, penso que a minha reputação sofreria bastante. Mas existem poucas possibilidades de que isso aconteça. Eu gosto é de mulheres.

− Isto não tem piada, Nicholas!

− Oh, eu penso que tem! Para mim é fascinante ver-te apaixonada. Não é fácil fazer-te perder esse teu ar frio e majestoso.

Aurora levantou os olhos para o teto esforçando-se por ter paciência.

− Queres vestir-te e sair daqui de uma vez por todas?

− Para onde queres que vá?

Ela controlou a sua irritação o tempo que conseguiu e dirigiu-lhe um olhar trocista.

− Não tens onde ficar?

− E se eu te dissesse que não? Terias piedade de mim e convidar-me-ias a viver contigo?

− Encarregaria o meu mordomo de te ajudar a encontrar alojamento − replicou Aurora contendo-se.

− Não é necessário dares-te a esse trabalho, amor.

− A sério, onde é que estás hospedado?

− De momento, a bordo de um navio. Mas os cais estão demasiado longe e não é nada prático, de modo que estou a pensar em procurar um quarto num hotel. Tinha pensado em ir para casa de Wycliff. Brand e ele conhecem-se, mas Lucian está fora da cidade e a coincidência só despertaria suspeitas.

− Também me parece que sim − disse Aurora em voz baixa e num tom mordaz. − És louco só de permanecer neste país. Vais conseguir que te matem.

Ignorando o comentário dela, Nicholas passeou o olhar pelo compartimento.

− É um belo quarto… Imagino que a casa inteira o seja. Dizes que a compraste com o dinheiro do acordo matrimonial?

− Sim. − Dirigiu-lhe um olhar interrogador. − Não pretendes voltar com a tua palavra atrás e anular o contrato, não é verdade?

− De forma alguma. Ganhaste-o oferecendo a tua ajuda à minha irmã.

− Todavia, pareces empenhado em destruir todos os meus esforços a seu favor… E em fazer com que eu tenha um ataque de coração no processo.

− Não, minha querida. Só quero falar. Ainda nos falta resolver a questão menor do nosso matrimónio. − Deu umas pancadinhas no colchão junto a ele. − Senta-te ao meu lado.

Aurora olhou-o cautelosa.

− Não esperas que confie em ti depois do que acabaste de fazer, pois não?

− Pensei que não querias que os criados nos escutassem. E eles escutar-nos-ão se eu tiver de gritar até à outra ponta do quarto.

O seu olhar divertido sugeria uma destemida despreocupação pelas consequências de ser descoberto, mas ela não queria pôr à prova a sua impetuosidade. Com uma relutância extrema, sentou-se na beira da cama e cruzou os braços sobre o peito, na defensiva.

− Muito bem, podes falar.

Ele contemplou-a durante um momento.

− Pareces desejosa de esquecer que ainda tens um marido.

− E estou. Deves compreender que nunca havia esperado esta complicação na nossa relação.

− Compreendo.

− Cumpri a minha parte do nosso acordo, Nicholas. Sabes perfeitamente que ele não implicava um compromisso para toda a vida. O nosso acordo foi só para uma noite.

− É verdade.

− O nosso casamento foi de conveniência, nada mais.

− E agora já não te convém.

− Nem a ti, tenho a certeza. Nunca me desejaste como esposa.

− Creio que poderia ser convencido a mudar de ideias.

Ela dirigiu-lhe um olhar de assombro.

− Não tivemos oportunidade de nos conhecermos − disse Nicholas devagar. − De ver se poderíamos ser indicados um para o outro.

− A resposta é muito evidente. Sabes perfeitamente que nunca o seremos. Tu nunca serias feliz comigo… nem eu contigo. Eu nunca me poderia encaixar no teu mundo entre piratas e aventureiros, a bordo de navios em luta. Jamais me sentiria à vontade com esse tipo de existência.

− Estava a pensar assentar arraiais quando a guerra terminasse.

− Na América?

− Sim. O meu lar é na Virgínia. A minha mãe e as minhas irmãs vivem lá.

− O que estás a dizer? Queres que renuncie à minha vida e que me mude para lá como tua esposa?

− Esperava que sim, uma vez que, evidentemente, não posso ficar em Inglaterra.

O olhar de Aurora expressou preocupação.

− Este é o meu lar, Nicholas. Não tenho vontade de deixar a única vida que sempre conheci para ir viver na América, entre estranhos. A guerra entre os nossos países pode durar anos e quem sabe quando poderia regressar aqui e ver a minha família e amigos.

− Não pensei que estivesses muito ligada afetivamente à tua família.

− Não estou. Mas não é essa a questão. O que mais me assusta é a vida violenta que levas, os riscos perigosos que assumes. Não poderia suportar permanecer em casa, esperando que regressasses de alguma terra longínqua, sem saber se voltaria a ver-te ou se tinhas sido assassinado. Olha o perigo que estás a correr neste momento. És um condenado. Podes ser preso e executado a qualquer momento. − Negou com a cabeça. − Já chorei a tua morte uma vez, não quero voltar a passar pelo mesmo.

Ele manteve-se em silêncio, fitando-a com os seus olhos negros.

− Deve haver outra solução − disse por fim Aurora. − Uma que não implique vivermos juntos como marido e mulher.

− O único modo que conheço de dissolver a nossa união é através do divórcio.

Aurora sentiu-se empalidecer. O divórcio, mesmo que se conseguisse obter (o que seria extremamente difícil), arruinaria a sua reputação.

− Um divórcio seria desastroso para mim. Ficaria marcada como pária na sociedade. Nunca mais poderia voltar a mostrar-me na companhia de gente educada.

− Talvez eu pudesse tentar que um tribunal declarasse o casamento nulo − refletiu ele. − Podia ter um argumento, uma vez que me vi obrigado a casar-me coagido.

− Não podemos simplesmente continuar como se nunca tivesses regressado? − perguntou ela com seriedade. − Que mal teria em vivermos vidas separadas?

Ele examinou-a por um momento.

− Não vês que enquanto continuarmos casados nenhum dos dois poderá voltar a casar-se?

− Eu não pretendo voltar a casar. Uma vez chegou-me. − Viu-o erguer o sobrolho e mordeu o lábio. − Não era isso que eu queria dizer. É que sofri um grande desespero quando te julguei morto e não pretendo voltar a suportar algo do género. Prometi a mim mesma que esqueceria a minha perda e empreenderia uma nova vida sozinha. E foi o que fiz até agora.

− Tenho de te fazer uma pergunta − disse Nicholas com calma. − Suponhamos que continuamos legalmente unidos. O que aconteceria se algum dos dois se apaixonasse por outra pessoa? Nessa altura, desejarias estar livre deste matrimónio.

− Existem poucas probabilidades de que volte a apaixonar-me. Amei Geoffrey durante a maior parte da minha vida, e não me parece que volte a amar outro homem. Mas ainda que isso acontecesse, estou decidida a não voltar a entregar o meu coração nunca mais. É demasiado doloroso perder alguém que se ama.

Nicholas cerrou o maxilar por um instante, mas depois relaxou a boca num sorriso ténue.

− Já pensaste no meu lado? E se eu me apaixono por outra pessoa?

Aquela possibilidade provocou em Aurora um mal-estar inexplicável, mas ela afastou-o com um olhar cético. Um libertino como Nicholas Sabine não era provável que se apaixonasse.

− Duvido que isso aconteça, mas prometo-te uma coisa. Se alguma vez encontrares alguém a quem amar, libertar-te-ei do nosso matrimónio. Concordarei com a anulação ou com o divórcio, o que for necessário para pôr fim à nossa união.

− Quer dizer que por agora não fazemos nada?

− Exato − respondeu ela, aliviada ao ver que ele estava disposto a ser razoável. − Em público, podemos simular que o outro não existe…

− É suposto ser teu primo por afinidade. Pareceria estranho que nem sequer nos falássemos quando nos encontrássemos em público.

− Bem, talvez possamos manter as aparências em público.

− E em privado?

− Não existem razões para mantermos algum contacto privado. − Dirigiu-lhe um olhar severo. − Nenhum contacto em absoluto. Na verdade, não sei porque estás sequer a ponderar em ficar aqui. O melhor que podias fazer era partir imediatamente. Se ficas, só conseguirás que te matem. Não poderia suportá-lo, Nicholas.

− Obrigado pela tua preocupação, querida, mas não pretendo morrer tão cedo.

− Também não pretendias ser preso ou condenado à morte há quatro meses atrás.

Nicholas inclinou a cabeça enquanto a observava.

− Há um outro aspeto que não abordámos ainda: as relações carnais. Se tu e eu continuarmos casados não podemos tomar outros amantes sem cometer adultério.

Aurora sentiu as faces vermelhas. Ele desejava ter outras amantes? Não conseguia compreender por que razão isso a incomodava. Seria pouco natural para um homem como Nicholas, de natureza enérgica, renunciar aos prazeres carnais. E se ela pedia para a libertar dos seus votos matrimoniais, não tinha, de forma alguma, nenhum direito a exigir-lhe fidelidade.

Forçou um sorriso e tentou mostrar-se mundana.

− Compreendo que um homem casado tenha aventuras amorosas. Não poderia opor-me se procurasses outras mulheres ou se tivesses uma amante se assim o desejasses.

− E tu? − Fixou nela um olhar atento.

− Não necessitas de te preocupar comigo a esse respeito. Não pretendo ter nenhum amante.

− A vida toda é muito tempo para alguém permanecer celibatário, em especial uma mulher tão ardente como tu − replicou Nicholas.

Aurora pôs-se bruscamente de pé, sentindo-se desconfortável com a mudança da conversa para uma área íntima.

− Isto recorda-me algo. Confiaste-me outra missão…

Dirigiu-se ao toucador e retirou o diário incrustado de joias que estava cuidadosamente embrulhado num pano oleado.

− A mãe de Raven deixou isto para ti. É o livro que o teu pai lhe ofereceu.

Ao entregar-lhe o embrulho, Nicholas abriu-o com curiosidade.

− É evidentemente um presente valioso − murmurou.

− Ao que parece… e bastante antigo.

− De que se trata?

− É um diário escrito por uma francesa que foi feita escrava de um paxá turco.

Depois de ler o título, Nicholas folheou algumas páginas e depois lançou um olhar a Aurora.

− Leste-o?

− Sim. − Sentiu que ruborizava de novo. − Queria ver se era apropriado para Raven. E parece-me que não o é.

− Diria que não − observou ele dirigindo-lhe um olhar longo e ligeiramente divertido. − Duvido que a tua educação também te tivesse preparado para algo tão erótico.

− Claro que não − respondeu Aurora.

Tinha ficado chocada com os pormenores explícitos e sensuais do diário… e, todavia, tinha ficado cativada ao mesmo tempo. Contra a sua vontade e a sua educação, tinha-se sentido atraída pela bela e erótica narração da vida amorosa da francesa com o seu amo, uma história de paixão ardente tão vividamente contada. Na realidade, já tinha lido o diário mais de uma vez. Conhecia algumas passagens de cor, embora não tencionasse admiti-lo diante de Nicholas.

− Agora que estás aqui posso devolver-to − disse-lhe. − Decidirás tu mesmo a altura certa para Raven o ler.

− Estou ansioso para o ler. Agora, onde é que íamos na nossa discussão?

− Tínhamos terminado.

− Ainda não − disse Nicholas. − Antes de mudares de assunto, eu estava a falar da tua natureza ardente, lembras-te? Estava a

dizer que não te imaginava feliz permanecendo celibatária durante toda a tua vida.

Aurora sentiu-se de novo extremamente desconfortável e irritada com Nicholas. Discutir assuntos tão privados estava totalmente fora dos limites, apesar da sua crença aparente de que tinha direito a tal intimidade.

Aurora dirigiu-lhe o seu olhar mais frio.

− Creio que isso só me diz respeito a mim, Nicholas. Também creio que me libertei da minha promessa contigo e que já dissemos tudo o que tínhamos para dizer. Agora chegou o momento de saíres.

− Ainda não.

Aurora ficou tensa.

− O que queres dizer com isso?

− Antes de fazer voto de celibato devias pensar no que estás a rejeitar. Vem aqui, Aurora.

Olhou-o com uma expressão receosa.

− Porquê?

− Porque quero beijar-te.

− Deves estar a brincar.

− De forma alguma. Começámos mal ontem à noite, quando te censurei por esqueceres que és uma viúva. Pretendo reparar isso.

Aurora, nervosa, retrocedeu um passo.

− Não há necessidade de fazeres nada para além de saíres, Nicholas. Imediatamente. Não tens nenhum direito de estar aqui.

− Na realidade, tenho. Sou teu marido. A lei dá direito a um marido de partilhar o leito da sua esposa.

− Tu não és meu marido. Aos olhos do mundo fiquei viúva há quatro meses.

− Necessito de recordar-te o quanto os teus criados ficariam curiosos ao encontrarem-me aqui?

O seu meio-sorriso irritou-a quase tanto como a sua velada ameaça.

− Só tenho de chamar e virão a correr − disse ele.

− Não te atreverias. Jamais te arriscarias a expor a tua identidade.

Nicholas franziu as sobrancelhas como se se interrogasse se ela desejava pô-lo à prova.

Decidida a desafiá-lo para que fizesse o que lhe dizia, Aurora apoiou as mãos nos quadris.

− Pensando bem, poderia denunciar-te a um bom número de autoridades governamentais. Acredito que a Marinha esteja ansiosa por voltar a capturar um pirata em fuga.

Um brilho cintilou nos olhos negros de Nicholas.

− Não acredito que me denunciasses. Não desejas ver o meu pescoço estirado no patíbulo.

A frustração dela atingiu o ponto de ebulição. O que mais queria era fazer desaparecer aquele olhar astucioso do belo rosto de Nicholas. Era totalmente desleal utilizar a sua preocupação por ele para a obrigar a fazer o que desejava.

Contudo, não podia denunciá-lo. Não só porque estava desesperada para evitar o escândalo que provocaria se o encontrassem no seu quarto, mas porque não poderia suportar que acontecesse algo de mau a Nicholas. Sentia-se tão irritada que quase bateu com o pé no chão.

− Sabes perfeitamente que não seria capaz de te denunciar − murmurou Aurora por fim. − Não desejo ter a tua morte na minha consciência.

− Sabia que eras uma mulher compassiva.

− E eu pensava que tu eras um cavalheiro − replicou Aurora, exasperada pelo seu encanto irresistível.

− Sou um cavalheiro.

− Não és nada. Um cavalheiro honraria a sua promessa.

− Que promessa? − inquiriu Nicholas com uma chama preguiçosa no olhar. − A que se refere à nossa união, aquela em que prometi amar e proteger a minha esposa?

− O acordo de que seria uma única noite de matrimónio.

− Uma noite não foi suficiente − replicou ele com suavidade.

− Mas terá de ser. Não pretendo ser tua rameira.

Nicholas estendeu a mão na direção dela.

− Vem e beija-me, Aurora, antes que me decida a levantar a voz.

Ela olhou-o enfurecida.

− Isto é chantagem!

− Sim.

− És desprezível.

− E tu és tão bela quanto eu me recordava… Mais ainda agora, pois desapareceu a tristeza dos teus olhos. Vem. Não reclamarei os meus direitos maritais. Só quero um beijo.

O tom aveludado da sua voz não a tranquilizou minimamente. Estava certa de que revelaria a sua presença aos criados a menos que fizesse o que ele queria.

− Um beijo e depois vais?

− Se insistes…

− Juras?

− Inequivocamente.

Aurora, com todos os músculos do seu corpo tenso, concordou de má vontade. Todavia, quando se aproximou do leito, Nicholas não fez nenhuma tentativa para a beijar. Ao invés, pegou-lhe na mão.

Sem desviar o olhar, pegou-lhe no dedo indicador, levou-o à boca e chupou-o. Um traiçoeiro calor irradiou subitamente das entranhas de Aurora, que teve de sufocar um grito.

− Disseste um beijo − murmurou com os dentes cerrados.

− Não podes negar o prazer que sentes − disse Nicholas. − O teu coração bate demasiado depressa para afirmares desinteresse.

− Queres fazer o favor de acabar com isto?

− Que impaciente! − replicou Nicholas.

Deitou-a para trás e pressionou as costas dela contra a cama, depois acomodou o seu corpo sobre o dela. Aurora podia sentir a força dele sobre ela, o poderoso granito das suas coxas, o ventre liso e duro, os músculos tensos do peito e dos ombros.

Ele permaneceu assim durante um longo momento, olhando-a nos olhos e acariciando-lhe a face com os dedos.

− Então? − perguntou Aurora sem fôlego, procurando ignorar a tentação da sua bela boca.

− Guarda as tuas garras, sereia. Só desejo recordar-te o que estarias a perder… O prazer de te encontrares nos meus braços − sussurrou antes de cobrir os lábios dela com os seus.

CAPÍTULO 10

A força do seu desejo alarmava-me. Todavia, estava mais assustada comigo mesma, pelo violento desejo que me provocava

O desejo corria desenfreado pelo corpo de Nicholas enquanto ele bebia da boca trémula de Aurora. Os lábios dela eram incrivelmente suaves e a sua calidez alimentava os sentidos dele como uma chama.

Quando Aurora se moveu inquieta debaixo dele, a mão de Nick fechou-se na seda dos seus cabelos mantendo-a imóvel para a beijar, introduzindo a sua língua lenta e profundamente, penetrando-a numa descarada imitação do que ansiava fazer entre as suas coxas.

Ao fim de uns momentos, ela estreitava-se contra o corpo dele totalmente excitada, com os quadris movendo-se contra ele, procurando a sua dureza. Nicholas sentiu uma onda de triunfo perante a resposta indefesa dela. Ao ouvi-la gemer suavemente, estremeceu, tão intumescido de necessidade que se sentia a ponto de rebentar.

Todavia, foi ele quem interrompeu o beijo. Numa agonia de desejo, afastou-se dela e girou até ficar de costas sobre a cama respirando com dificuldade. Agora sabia que tinha sobrevalorizado o seu controlo.

Cobrindo a fronte com o antebraço, Nick exalou um profundo suspiro. Ainda se sentia dorido; notava o seu membro intumescido sob os calções, mas não se atrevia a continuar a beijar Aurora. Tinha sido um erro até tocar-lhe.

Deitada ao lado dele, apoiou-se insegura num cotovelo, com os cabelos caindo sobre os ombros como uma cascata indómita de ouro pálido. Parecia abalada, insegura, enquanto o observava com surpresa e preocupação com os seus grandes olhos azuis. Nicholas sabia que ela tinha sentido as mesmas forças poderosas que ele. O puro desejo carnal. A necessidade crua e primária que ainda palpitava nele. O anseio de intimidade intenso e doloroso que nunca experimentara antes com nenhuma outra mulher.

Oh, sim, o vínculo entre eles era muito real!

− Não podes fingir que não existe nada entre nós − murmurou ele numa voz rouca.

− Isto… foi apenas luxúria.

− Quatro meses é de facto muito tempo para que um homem esteja sem uma mulher − disse com ironia. − Mas já suportei abstinências mais longas. E, em todo o caso, a minha luxúria não explica a tua resposta, querida. Vá, admite! Desejavas de mim algo mais do que um beijo.

Aurora levou a mão aos lábios ainda húmidos do beijo dele e uma ânsia feroz inundou Nicholas. A tentação de a possuir era tão grande, que teve de apertar o maxilar num esforço por se controlar.

Melhor seria que se fosse antes que a sua resistência cedesse, antes que estreitasse Aurora nos seus braços e a fizesse sua, antes que ambos estivessem demasiado exaustos para se preocuparem com assuntos como o escândalo e o perigo mortal.

Nicholas recompôs-se, pôs-se de pé e começou a vestir-se, consciente de que ela o observava cautelosamente.

− Estás mesmos de saída? − perguntou Aurora enquanto ele vestia a túnica.

− Disse-te que o faria.

Era evidente que não acreditava que ele mantivesse a sua palavra de se conformar só com um beijo, e estava claramente preocupada com a sua situação.

− Mas e em relação ao nosso matrimónio, Nicholas? Estás de acordo que não deveríamos tentar continuar como marido e mulher? Que deveríamos viver vidas separadas?

Aquele não era o momento de admitir que pretendia reclamá-la como esposa.

− Essa parece a melhor opção de momento.

Quase conseguiu sentir o alívio dela. Aquela resposta encorajou-a a fazer outros comentários.

− Quero que reconsideres isto de permanecer em Inglaterra e que penses em regressar à Virgínia.

− Os meus assuntos aqui ainda não estão concluídos − replicou Nicholas. Não era totalmente uma mentira. Aurora era um assunto seu. Começou a atar a faixa do traje à cintura, mas mudou de ideias. − Todavia, terei de deixar ao teu cuidado a minha faixa e o meu sabre. Um pirata a caminhar pelas ruas poderia despertar suspeitas.

− Sem dúvida! − concordou Aurora com um sarcasmo renovado. − Estás a arriscar-te a seres descoberto se insistes nessa louca imitação.

Ele dirigiu-lhe um sorriso audaz e acabou de se vestir. Depois de ter deitado a capa sobre os ombros e de a ter abotoado, ela ainda continuava a olhá-lo com uma expressão de desaprovação.

Nicholas hesitou. Aquela era a primeira vez em toda a sua vida que abandonava o leito de uma mulher sem ter primeiro encontrado a satisfação… ou de a ter dado plenamente. E aquela mulher era sua esposa. Com os cabelos em desalinho pelo sono e os lábios magoados pela paixão, Aurora era tão bela que causava dor vê-la.

Não conseguiu evitá-lo. Regressou à cama, tomou o rosto dela entre as suas mãos e beijou-a com força.

− Nicholas! − exclamou ofegante, deitando-se para trás. − Prometeste que ias!

− Baixa a voz, querida, ou os criados ouvem-te − advertiu. − Este foi apenas um beijo de despedida. Podem passar dias sem que nos voltemos sequer a falar.

Pegou no diário e introduziu-o no bolso da capa. Depois dirigiu-se à janela, sentou-se no parapeito e passou as pernas por cima.

Com um último e persistente olhar, desapareceu.

Aurora estendeu-se na cama aliviada, com o coração ainda a bater violentamente devido ao beijo e o corpo a vibrar com o impaciente anseio que ele havia acendido nela.

Assustava-a o tumulto de emoções que Nicholas despertava tão facilmente nela: exasperação, ira, alegria, desejo…

Não era o tipo de homem pelo qual uma mulher pudesse ter esperança de manter a indiferença. Era imprevisível, audaz, ameaçador. O tipo de homem que podia assolar uma mulher de paixão, desejo e necessidade; que podia dominar o seu coração assim como o seu corpo.

Ele exigia a minha rendição, de corpo e alma.

Aurora estremeceu ao recordar a passagem do diário que descrevia na perfeição o perigo que a francesa se tinha visto obrigada a enfrentar. Desirée tinha-se convertido numa cativa mais para além do sentido físico; contra a sua vontade, tinha entregue o seu coração ao príncipe forte, enérgico e subjugador.

Nicholas era tão subjugador e perigoso como o príncipe do diário. O seu toque igualmente sensual e mágico.

Levou a mão ao peito, a lembrança abrasadora das suas carícias ainda vívida na sua mente. Era demasiado vulnerável com ele. Nicholas, como seu esposo, tinha direito a todas essas intimidades e ainda mais. Todavia, ela não lhe daria uma nova oportunidade de tomar as descaradas liberdades que havia tomado na noite anterior. Não ia permitir-lhe sequer estar perto dela. Já não podia confiar nele. Mas o pior era que já não podia confiar em si mesma.

Quando se casaram, ela pensara que Nicholas era um homem honrado, mas era evidente que não tinha nenhum escrúpulo em recorrer a subterfúgios nem à fraude, o que já tinha demostrado com o seu estratagema de preparar o seu enterro e a sua atual fraude de assumir a identidade do primo. Além disso, tinha entrado às escondidas no seu quarto, e realizado um ataque íntimo e sensual enquanto ela dormia…

Um calor traiçoeiro inundou o seu corpo ao recordá-lo, junto com uma ira renovada pelo seu descaramento.

Tinha inumeráveis razões para estar aborrecida com Nicholas. Não só não tinha escrúpulos, não só estava a pôr em perigo a sua vida de uma forma temerária e a expô-la a ela ao escândalo, como estava a agir como se fosse seu dono… e utilizando as ameaças e a chantagem para levar a dele avante.

Tendo vivido com o mau génio do pai durante tanto tempo, Aurora deplorava emoções tão violentas como a ira, mas no caso de Nicholas, esse sentimento era bem recebido e, na verdade, até desejava alimentá-lo. Enquanto conseguisse sentir-se irritada, poderia manter à distância qualquer outro sentimento mais favorável para com ele.

Pelo menos tinha-o convencido a que renunciasse a reclamá-la como esposa. Todavia, não podia sentir-se satisfeita. Embora ele tivesse concordado a que mantivessem vidas separadas, estava certa de que não tinha visto Nicholas Sabine pela última vez.

Era ainda muito cedo quando Nicholas chegou aos estábulos da casa de Lady Dalrymple, onde se encontravam os melhores cavalos e carruagens de Mayfair. O pátio empedrado das cocheiras fervilhava de atividade, com rapazes escovando e colocando selas nas montadas e moços de estrebaria aparelhando carruagens para passeios matinais.

Nick tinha combinado encontrar-se ali com a irmã, mas embora não avistasse sinais de Raven, divisou o moço de estrebaria irlandês que a tinha acompanhado desde o Caribe. O'Malley estava a conduzir um enorme puro-sangue negro e um robusto garanhão, ambos aparelhados para cavalgar.

Disposto a experimentar o seu disfarce, Nicholas deteve-se diante do irlandês.

− Queria alugar uma carruagem por algumas semanas − disse-lhe despreocupadamente. − E talvez também um cavalo. Pode dizer-me onde está o proprietário?

O'Malley, um indivíduo tosco, de cabelos grisalhos, dirigiu a Nicholas um olhar superficial. Ao ver que se tratava de um

cavalheiro, tocou no chapéu de um modo cortês.

− Nesse caso, deverá falar com o senhor Dobbs. Pode encontrá-lo no gabinete, no final da próxima galeria.

− Obrigado. − Nicholas vacilou examinando o cavalo negro. − Magnífico animal. A tua ama teve sempre bom olho para os animais.

O'Malley ergueu de súbito a cabeça e olhou-o fixamente.

− Creio que estou a ver um fantasma − disse lentamente.

Nicholas curvou a boca num sorriso.

− Não estás a ver nenhum fantasma, O'Malley. Simplesmente pareço-me com um pirata americano que afinal não foi enforcado.

A expressão de surpresa do seu rosto rubicundo converteu-se em regozijo.

− Bem… Diabos me levem… − Interrompeu-se com um sorriso envergonhado. − Peço-lhe que me perdoe, senhor. Jamais o teria reconhecido com esses cabelos tão negros.

− É essa exatamente a minha intenção − disse Nicholas. − Estou aqui em Inglaterra como um primo de Sabine proveniente de Boston, o senhor Brandon Deverill. Pensei que se podia enganar-te a ti com o teu olho perspicaz, seria capaz de enganar qualquer outro conhecido meu.

− Ah… compreendo, senhor. Se o senhor o diz. A menina Raven já sabe da boa nova?

− Surpreendi-a ontem à noite no baile da tia, mas só estivemos uns momentos juntos. Combinámos encontrar-nos aqui para podermos ter a oportunidade de falar a sós.

O'Malley, sempre inteligente, compreendeu imediatamente a necessidade de discrição.

− Sendo assim, caso esteja de acordo, senhor, devolverei *Satanás* à sua quadra. Poderá falar ali com ela, como se estivesse a examiná-lo para o comprar.

Nicholas ergueu um sobrolho diante do cavalo que estava a morder docilmente o freio.

− *Satanás?*

− É rebelde, sim, mas com a menina Raven é um cordeirinho. Pertence a Lady Aurora. − O irlandês sorriu de orelha a orelha perante o olhar cético de Nick. − É verdade. Sua senhoria também prefere um cavalo um pouco mais bravio. E é a melhor amazona que já vi na vida.

Nicholas digeriu a afirmação surpreendido: o elogio era muito elevado, proveniente de um homem como O'Malley, que praticamente tinha nascido a cavalo.

− Lady Aurora − acrescentou O'Malley − escolheu este animal para a menina Raven contrariando os desejos da tia, que pretendia que a menina montasse um cavalo mais manso. *Satanás* chispou fogo quando ela o tentou montar pela primeira vez, mas o senhor conhece-a. Nunca houve um cavalo que a menina Raven não pudesse dominar. O mesmo acontece com os cavalheiros de Londres.

− Já me constou − replicou Nicholas com um gracejo irónico.

− Tudo está a correr como ela havia planeado… e do modo que o seu tutor, o senhor Sabine, esperava.

− Obrigado por cuidares tão bem dela, O'Malley. Estou certo de que contas com a infinita gratidão de Sabine.

O irlandês soltou uma gargalhada cordial.

− O senhor deve sabê-lo bem, sendo primo dele. Se quiser acompanhar-me, senhor…

Tocou de novo no chapéu e foi devolver os cavalos aos seus estábulos.

Enquanto o seguia, Nicholas pensou no quanto O'Malley era um valioso protetor de Raven. Os seus receios em relação ao bem-estar da irmã tinham diminuído substancialmente depois de ver como Aurora e o irlandês cuidavam dela.

Raven apareceu pouco tempo depois. Um tanto ofegante, entrou no estábulo e, sem se deter, lançou os braços ao pescoço de Nick num forte abraço.

− Não é necessário que me afogues, miúda − disse-lhe ao ouvido libertando-se com dificuldade do abraço dela.

− Ou isto ou dar-te um tiro − replicou ela. Todavia, quando se afastou, os seus olhos azuis brilhavam de felicidade. − Mereces o tiro, Nicholas. Não fazes ideia do quanto chorei por ti… e Aurora também. Vivi com essa culpa, acreditando que te tinham morto por teres ido a Montserrat ver-me. Porque não nos enviaste notícias?

− Na altura estava um tanto ocupado, tentando escapar da complicação em que a Armada Britânica me tinha metido, e depois a preparar-me para vir à tua procura. Além disso, tinha a certeza de que terias sabido dos acontecimentos por alguém das ilhas.

− Nunca o soubemos, Nicholas.

Ele sacudiu a cabeça em jeito de advertência.

− Agradeço que pratiques em privado tratar-me por senhor Deverill, querida, para que não o esqueças em público. Uma vez que Sabine era teu tutor, o seu primo só está remotamente relacionado contigo.

− Ah, sim! Terei de recordar-me disso.

− Na realidade, nem sequer devíamos ser vistos juntos em privado.

A jovem franziu o sobrolho e lançou um olhar precavido sobre o ombro. O'Malley tinha-se posicionado no exterior com a sua montada, diante da entrada do estábulo protegendo-os a ambos de olhares indiscretos.

− Acabei de enviar a minha aia para casa − disse Raven num tom preocupado −, para que ela não pudesse ver-nos a falar, mas… é muito perigoso para ti só o facto de estares em Inglaterra, não é verdade?

− Sim, existe a possibilidade de ser capturado, sou um fugitivo.

− Porque vieste para cá então?

− Desejava ver como estava a maria-rapaz da minha irmã − respondeu Nicholas na brincadeira. Observou o seu elegante traje de montar de veludo verde-escuro com uma expressão crítica. Com a sua vivacidade e frescura, Raven não parecia em absoluto ter-se levantado incrivelmente cedo depois de ter estado a dançar durante grande parte da noite. − Pelo que vejo, está tudo a correr bem para ti.

Ela exibiu um sorriso seco.

− Melhor que bem. Podes estar orgulhoso de mim, Nick… Desculpa, senhor Deverill! Lembro-me de que, numa ocasião, disseste que ensinar-me a comportar-me com decoro seria como tentar transformar uma poldra selvagem numa montada de uma dama. Bem, pois agora estou totalmente domesticada. Claro que grande parte do mérito pertence a Aurora.

− A sério?

− A verdade é que não sei o que teria feito sem ela. É extremamente talentosa e tida em grande consideração por todos. Não poderias ter escolhido ninguém melhor para me aconselhar. Sob a sua orientação fui capaz de enfrentar os leões da sociedade sem ser devorada por eles. E se no final da temporada não estiver prometida no mínimo com um conde, sentir-me-ei muito dececionada.

A expressão divertida de Nicholas ensombreceu-se.

− Tens a certeza de que poderás ser feliz desposando alguém por quem não sintas amor?

Os olhos de Raven também se ensombreceram.

− A minha felicidade é irrelevante. A mamã queria para mim um matrimónio vantajoso e que entrasse para a nobreza, e não vou fracassar, Nicholas. Em relação a não sentir amor, sabes que nunca o desejei. Não quero cometer o mesmo erro que a mamã, deixando que a paixão destrua a minha vida e suspirando por um homem até no meu leito de morte. E, além disso, ser senhora da minha própria casa será preferível a continuar sob as ordens da tia Dalrymple, em cuja casa não posso dizer duas palavras sem ser repreendida.

A voluntariosa disposição do seu maxilar deu lugar a um sorriso.

− Graças a Deus que tenho Aurora. Ela tem sido tão generosa comigo, e além do mais partilha a minha paixão pelos cavalos. Fiquei de me encontrar com ela daqui a pouco no parque para galoparmos… Mas chega de falar de mim, Nicholas. Conta-me, como é que Aurora reagiu à notícia do teu regresso?

− Não ficou tão feliz como tu − respondeu secamente.

− Isso é porque ainda não te conhece bem. − Os olhos de Raven arregalaram-se de surpresa. − Oh, meu Deus, queres levar Aurora para a América?

Nicholas hesitou.

− Ainda não decidimos o nosso futuro. De momento, Aurora necessita de tempo simplesmente para se recuperar do choque que lhe causou o meu regresso.

− Mas pretendes reclamá-la como esposa?

− Isso ainda não está decidido − respondeu, não querendo parecer demasiado confiante nos seus poderes de persuasão.

− O vosso casamento é legal, não é verdade?

− Totalmente. Mas a questão é mais complexa do que a simples legalidade. Era suposto que a nossa união durasse um tempo breve. Não me parece que Aurora me queira ao seu lado para toda a vida, nem que acredite que eu possa ser um bom marido. Sou mais conhecido pelas minhas aventuras desregradas do que por alguma respeitabilidade estável.

− Sim, mas recordo que disseste que tinha chegado o momento de assentares, como o nosso pai desejava. E eu acredito que qualquer mulher seria afortunada em ter-te como marido − declarou Raven com lealdade.

− Mas tu já estás antecipadamente a meu favor, gatita.

− Penso que sim − franziu o sobrolho. − Bem, terás de a convencer. Não seria impossível. Aurora tem um pensar muito independente, mas ninguém tem um charme mais implacável do que tu. Até conseguiste convencer-me a perdoar aos meus parentes ingleses pelo modo horrível como trataram a mamã, quando isso era a última coisa que desejava fazer…

− Veremos − respondeu Nicholas sem se comprometer.

− Espero… Bem, gostaria muito de ver Aurora feliz. Estou certa de que se sente sozinha, confinada na sua casa durante dias intermináveis devido ao luto. A tua presença aqui pelo menos oferecer-lhe-á uma diversão. Quanto tempo tencionas ficar?

− Ainda não decidi. Talvez umas semanas. Mais tarde ou mais cedo, a notícia da minha fuga chegará a Inglaterra e, com a minha cabeça a prémio, o risco de ser descoberto aumentará.

O rosto da irmã expressou preocupação, mas ele antecipou-se aos seus comentários.

− Será melhor ir dar o seu passeio, menina Kendrick, antes que comecem a falar.

Raven assentiu de mau grado.

− Onde poderei encontrar-te se necessitar de falar contigo?

− Tenciono alugar um quarto no Clarendon.

Ela beijou-lhe a face e dirigiu-lhe um sorriso alegre enquanto aceitava as rédeas do puro-sangue para o retirar do estábulo.

− Talvez o encontre alguma manhã no parque, senhor Deverill.

Nicholas deu por si a sorrir afetuosamente enquanto a via partir. Todavia, quando ficou sozinho, o seu sorriso desvaneceu-se. Como era próprio dela, Raven tinha ido diretamente ao fundo da questão: se Aurora e ele tencionavam reconhecer o seu matrimónio.

Por um momento, interrogou-se se não deveria reconsiderar o seu plano de a reclamar como esposa. Desejava Aurora fisicamente, disso não tinha dúvida. Beijá-la naquela manhã tinha sido tão surpreendentemente sensual como há quatro meses, quando tinha tomado o seu corpo atraente e virginal na noite de núpcias. A ânsia que sentiu por ela nessa altura não tinha diminuído minimamente; quanto muito, era ainda mais intensa.

Mas tratava-se de algo mais do que luxúria. Era como um fogo mal controlado, que ardia tranquilamente aguardando ser atiçado para adquirir uma fúria incontrolável. E embora Aurora tivesse tentado resistir, tinha-lhe respondido com o mesmo fogo. Sentiu uma ereção só com a lembrança. Nick passou uma mão pelos seus cabelos, agora negros. Tinha sido necessário um esforço quase sobre-humano para interromper o seu abraço naquela manhã. Contudo, não tinha confiado em si mesmo para continuar a tocar-lhe sem fazer amor com ela. E isso, a seu ver, fortaleceria o seu matrimónio.

Se eventualmente tivessem de desfazer a sua união, seria conveniente manter as mãos longe dela. Não seria minimamente justo ou honrado satisfazer o seu desejo se depois pensava em abandoná-la. E se fosse indiscreto o suficiente para ser apanhado na cama dela, ou, pior ainda, deixá-la grávida, o escândalo seria inevitável. A verdade é que não desejava isso para ela, nem tão pouco para a sua irmã.

Nicholas franziu o sobrolho. Se tivesse juízo, provavelmente desistiria da ideia de tentar reatar o matrimónio. Aurora mostrava-se inflexivelmente contra, e tinha-o eximido de qualquer responsabilidade a respeito dele. Não devia sentir nenhuma culpa por se esquivar às suas obrigações para com Aurora, nem a sua consciência tinha motivos para o atormentar, como costumava fazer.

Contudo, a resistência de Aurora aos seus avanços deixava-o perplexo. Na noite de núpcias, entregara-se a ele bastante ansiosa. Todavia, desde então, a jovem inocente que havia desposado tinha mudado subtilmente. Agora parecia mais forte, mais rígida e reservada, mais firmemente decidida a fechar-se a qualquer emoção que se assemelhasse à paixão.

Mas Nick tinha de se recordar que Aurora já tinha sido magoada antes. Tinha perdido o homem que amava e a experiência tinha-lhe deixado uma profunda cicatriz. Nick sentia-se tenso de ciúmes de cada vez que ela mencionava o seu antigo noivo, embora esse tipo de sentimento não fosse muito comum nele. Mas o homem estava morto, e ele devia ter em conta a dor dela.

Além disso… pensava conseguir que ela esquecesse a sua perda se assim o quisesse. Nunca tinha conhecido uma mulher que não fosse suscetível aos seus encantos se ele se decidisse a exercê-los. Se o quisesse realmente, conseguiria superar as objeções dela ao matrimónio.

E será que era isso que pretendia?

Estaria louco ao perseguir uma mulher que se mostrava tão claramente relutante em ser sua esposa? Decerto, seria mais seguro para ele deixar Inglaterra de uma vez. Mas por outro lado, o facto era que Nicholas nunca se tinha sentido muito atraído pela segurança. Desde que tinha começado a gatinhar, tinha assumido riscos pelo puro prazer da excitação que lhe proporcionavam. Preferia viver à beira do perigo, porque isso o fazia sentir-se intensamente vivo. Aceitar os desafios do

destino era uma experiência mais embriagadora do que qualquer opiáceo.

E ganhar Aurora seria o mais emocionante dos desafios.

Todavia, estava mais convencido do que nunca de que a fria elegância dela ocultava um fogo interior. Durante anos, tinha aprendido a confiar nos seus instintos mais profundos, porque eles lhe tinham salvo a vida em mais de uma ocasião. E o seu instinto dizia-lhe agora que ela valia bem o esforço.

E depois havia o dever. Tinha prometido ao pai que assumiria as suas responsabilidades.

Nicholas assentiu lentamente. Não abandonaria o seu plano de reclamar Aurora. Ficaria em Inglaterra o tempo que fosse necessário para a convencer.

Tomada aquela decisão transcendental, Nicholas voltou-se para sair do estábulo. Sentindo algo pesado junto aos quadris, recordou-se do livro que Aurora lhe tinha dado e que continuava no bolso da sua capa.

Retirou-o do bolso, curioso. *Uma Paixão do Coração*.

Curvou a boca num sorriso perverso. Era difícil imaginar a sua esposa majestosa, tão bem-educada, uma autêntica senhora, a ler uma narrativa erótica. Todavia, era evidente que havia facetas ocultas na mulher com quem se tinha casado. Facetas que estava desejoso de descobrir.

Contudo, por agora, o que necessitava era de alugar uma carruagem e cavalos para o tempo que passaria em Londres.

CAPÍTULO 11

Ele desafiava o meu coração, incitando-me a abrir-me para a paixão

Aurora sentiu um arrepio de emoção à medida que o solo se movia rapidamente sob os cascos atroadores da sua montada. Estava inclinada sobre o pescoço do animal cinzento, incitando o poderoso cavalo enquanto se esforçava por ultrapassar o negro puro-sangue que corria junto a ela.

O vento frio lançava-lhe o véu de viúva para trás e fazia-lhe arder os olhos, mas sentia-se tão relutante em perder a corrida como o seu cavalo. Quando as duas competidoras se aproximaram do final da arenosa extensão de turfa, o *Cronos* de Aurora ia na dianteira do *Satanás* de Raven por uma distância mínima.

Aurora deteve-se rindo e Raven fez o mesmo.

− Muito bem! − exclamou a mais jovem ainda ofegante. − Tinha a certeza de que desta vez ia ganhar-te.

À medida que regressavam, *Cronos* ainda resfolegava e sapateava de excitação, como que a congratular-se da sua vitória, enquanto *Satanás* agitava a cabeça perante a firme sujeição da sua amazona, desejando pôr-se de novo em marcha.

Aurora deu umas palmadinhas no pescoço sarapintado de prata e cinza, murmurando palavras de elogio.

− Não há dúvida de que ele hoje está eufórico.

− Suponho que isso poderia explicar que tenhamos perdido. Mas tenho de admitir que, simplesmente, és melhor amazona que eu.

− Eu não me renderia ainda − respondeu Aurora com um sorriso. − Íamos a par até ao último momento.

− Oh, não faço tenções de me render! − replicou Raven também sorridente. − Algum dia comerás o nosso pó.

− Talvez sim.

Embora tivessem adotado um passo muito mais vagaroso à medida que regressavam pela arenosa avenida conhecida como Rotten Row, Aurora partilhava da euforia da sua montada. Adorava desafiar o vento com um cavalo rápido: a estimulante liberdade, a excitação de competir e superar um oponente digno, a sensação de poder que lhe dava controlar o poderoso animal que tinha debaixo de si, forçando-o ao máximo. A pura alegria de tudo aquilo fazia com que o sangue lhe corresse mais depressa nas veias.

A tranquilidade dessa primeira hora da manhã em Hyde Park era de longe a melhor parte do seu dia. Naquele momento, os caminhos pertenciam exclusivamente aos verdadeiros cavaleiros e amazonas, ainda libertos dos janotas e das damas cujas elegantes carruagens congestionariam o parque à hora da moda, às cinco da tarde.

Uma bruma fina pairava sobre o lago Serpentine, e a humidade brilhava nas amplas extensões de relva e pingava das árvores alinhadas junto ao caminho. Por volta do meio da manhã, quando a bruma começava a desvanecer-se, o parque enchia-se de amas vigiando os seus jovens pupilos, ou de rapazes turbulentos brincando com os seus cães, mas àquela hora, só havia cavaleiros e amazonas.

Com estes pensamentos em mente, Aurora avistou um cavaleiro de casaca azul que se aproximava delas num galope suave. Reconhecendo aqueles ombros largos apesar da distância, ergueu-se bruscamente na sela com o coração a bater num ritmo errático. Tinham decorrido dois dias desde que Nicholas havia abandonado a intimidade do seu quarto depois da sua escandalosa invasão. Dois dias durante os quais ela se tinha preocupado com ele e com o seu destino e com os seus planos relativos ao matrimónio de ambos. Aborrecia-a não ter recebido notícias dele… e ainda mais que tivesse ocupado os seus pensamentos tão intensamente.

Quando as alcançou, Nicholas refreou a montada até se deter e saudou-as com uma inclinação cortês de cabeça. Estava deslumbrante com a sua casaca azul de corte elegante, calças de camurça e botas altas reluzentes, a imagem de um cavaleiro vestido à moda. Todavia, os seus olhos brilhavam com uma diversão maliciosa.

− Bom dia, minhas senhoras! Posso felicitá-las pela excelente corrida?

Aurora sentiu-se ruborizar. Estava envergonhada por ter sido vista a galopar como uma maria-rapaz, especialmente por aquele homem. Não só tinha permitido que a irmã dele se comportasse sem decoro, como tinha exibido precisamente a mesma temeridade que afirmava deplorar em Nicholas.

Contudo, Raven não tinha tais escrúpulos em relação ao seu comportamento.

− Foi esplêndido, não é verdade? Aurora tem os cavalos mais magníficos, e é um anjo por me permitir utilizá-los como se fossem meus.

− Um anjo, realmente − concordou Nicholas, fitando Aurora com um olhar intenso.

Quando reparou que ele estava a examinar dos pés à cabeça o seu traje de montar cor de ameixa, sentiu-se ruborizar ainda mais perante o olhar apreciativo do homem. Sentiu-se agradecida quando o moço de estrebaria de Raven chegou a trotar naquele preciso momento acompanhado pelo dela.

Nem com um piscar de olhos o gigantesco irlandês O'Malley demonstrou o menor reconhecimento de Nicholas. Raven, pela sua parte, comentou que já se tinha encontrado antes com o senhor Deverill e lidou de um modo admirável com o disfarce de Nicholas.

O grupo continuou a cavalgar pela Row, com os dois moços a uma distância discreta atrás deles. Mantendo o disfarce do irmão, Raven perguntou ao «senhor Deverill» o que pensava de Londres e este respondeu-lhe com um relato divertido mas objetivo do modo como lhe tinham entregue uma bagagem enganada no seu quarto de hotel, e como se tinha visto obrigado a queixar-se à gerência de que os fatos não eram em absoluto do seu tamanho.

Aurora pensou que era uma sorte que os dois irmãos pudessem conversar com tanta facilidade, porque ocultava o facto de ela estar embaraçosamente muda.

Todavia, ao fim de alguns momentos, outros cavaleiros captaram a atenção de Raven. À distância, duas jovens guiavam os seus cavalos na direção de um caminho estreito através da relva.

− Estão ali as minhas amigas Sarah e Jane − disse Raven algo abruptamente. − Perdoa-me, Aurora, mas tenho de ir falar com elas. − Dirigiu a Nicholas um olhar conspirador. − Foi um prazer voltar a vê-lo, senhor Deverill.

Nicholas levou a mão ao seu chapéu alto.

− Igualmente, menina Kendrick.

Raven fez girar o cavalo e O'Malley automaticamente seguiu-a como uma sombra. Aurora não conseguiu lembrar-se de nenhuma objeção imediata para se opor à sua partida; não havia nada de excecional em Raven desejar falar com as suas amigas. Ainda assim, sentia-se desconcertada a sós com Nicholas. Depois de olhar por cima do ombro, comprovou que o seu palafreneiro se encontrava a vários metros de distância atrás deles.

− Ela está decidida a facilitar-nos a oportunidade de estarmos sozinhos − comentou Nicholas secamente, como se lesse os pensamentos dela.

− Não sei porquê.

− Não? Raven considera romântico que o nosso amor tenha sido frustrado e deseja que remediemos a situação.

Aurora dirigiu-lhe um olhar trocista.

− Raven não é absolutamente nada romântica.

− Não estou assim tão certo disso. Mas em qualquer dos casos, preocupa-lhe que estejas sozinha. Acredita que deveríamos continuar casados.

− Vejo que terei de falar com ela − murmurou Aurora entre dentes.

− Eu também devia falar com ela em relação ao seu comportamento vergonhoso. Imagina a minha surpresa ao vê-las a ambas a galopar como índias selvagens. − Sacudiu a cabeça num gesto de desaprovação, embora houvesse um tom risonho na sua voz. − Poderia esperar algo do género dela, mas de ti, amor…

− Raven não tem a culpa − admitiu Aurora com relutância. − Sou eu a culpada. Fui eu que provoquei a corrida.

− Tu? − Franziu o sobrolho. − Queres dizer que tens estado a corromper a minha irmã?

− Sei que não deveria fazê-lo, mas os cavalos estavam frescos e havia poucos cavaleiros… E, bem, afinal, os cavalos necessitam de exercício.

Nicholas olhou-a divertido.

− Será que descobri um vício secreto, meu amor?

Ela mordeu o lábio. Cavalgar era com efeito a sua paixão e o seu vício. Era a sua única liberdade, a sua oportunidade de escapar às restrições da sua educação e às limitações que lhe impunha a sua viuvez.

− Como viúva não me são permitidas muitas liberdades − começou na defensiva.

− É por isso que quando vens ao parque te permites descontrolar-te.

− Não é tão mau como parece!

− Oh, não creio que o seja minimamente! O exercício deu-te cor às faces e iluminou os teus olhos… Estás assombrosamente sensual. − Nicholas deslizou sobre ela um olhar apreciativo à medida que o seu tom de voz se tornava baixo e vibrante. − É como se tivesses acabado de te levantar da cama depois de uma noite de amor apaixonado.

Aurora enrubesceu sem saber bem o que lhe responder.

− Isso só confirma o que sempre suspeitei.

− O que suspeitavas? − perguntou ela cautelosamente.

− Que sob esse ar frio e majestoso se esconde um fogo ardente.

Ela estava aturdida com aquela intimidade, mas não conseguia desviar o olhar.

− Os teus olhos são realmente de um azul incrível − disse Nicholas com voz rouca.

Interrogando-se como é que ele podia ver os seus olhos, Aurora levou a mão à beira do chapéu e rapidamente se deu conta de que se tinha esquecido de baixar o seu véu de viúva. Ou de alguma forma ele tinha voado para trás deixando o seu rosto exposto. Consternada, colocou no lugar o tule cor de ameixa, ocultando as feições do olhar penetrante de Nicholas.

− Que pouco generoso da tua parte ocultares-te desse modo! − observou ele de novo num tom risonho. − Estava a gostar da vista.

− O que estiveste a fazer durante estes últimos dois dias? − perguntou Aurora decidida a mudar de assunto.

− Quer dizer que sentiste a minha falta?

Ela dirigiu-lhe um olhar de reprovação, mas depois compreendeu que ele não podia vê-lo devido ao véu.

− Estava preocupada que pudesses ter-te metido nalgum sarilho.

O sorriso de Nicholas foi de um encanto puro e absoluto.

− O que te levou a pensar isso?

− O que terá sido? − replicou Aurora ironicamente com um regozijo involuntário, lutando por resistir à sua inegável atração.

− Na verdade, tenho estado a tentar estabelecer as minhas credenciais. Com Wycliff fora da cidade, não tem sido muito fácil. Os teus compatriotas tendem em olhar com desconfiança para os americanos, por muito leais que sejam à coroa.

− Talvez ajudasse se fosses realmente leal à coroa.

− Ou se tivesse o sangue mais azul. Penso que tenho de encontrar alguém que responda por mim, em especial se quero mover-me nos vossos círculos sociais elevados. Talvez pudesse convencer-te a apresentares-me aos teus distintos conhecidos.

Ela estava exasperada com o seu ar despreocupado.

− Creio que devias ter uma preocupação mínima em relação a andares a exibir-te por aí.

− Oh, não vou proclamar a minha existência aos quatro ventos, mas também não me vou esconder nas sombras!

− Ainda não consegui perceber por que motivo não te decides a regressar ao teu lar na América.

− Porque não desejo abandonar a minha encantadora esposa.

Preocupados que a declaração dele pudesse ter sido ouvida, Aurora olhou por cima do seu ombro e sentiu-se aliviada por ver que o seu palafreneiro seguia a uma distância discreta.

− Não necessitas de publicitar a nossa relação ao mundo inteiro.

− Não sou eu quem está a fazer corridas como uma louca em público, amor.

− Não estou a fazer corridas.

− Não?

Havia um tom de gozo enlouquecedor na voz dele, e Aurora lamentou ser demasiado bem-educada para lhe responder à altura, e sentir tanta aversão pela violência física. Ao invés, respirou fundo e mordeu a língua, prometendo a si mesma tentar não se sentir provocada por ele.

Todavia, era difícil, quando Nicholas parecia determinado a procurar problemas.

− Falando dos teus conhecidos… − disse pensativo. − Se não me engano, aí vem um deles.

Lançando um olhar pela Row, Aurora reconheceu o conde de Clune montado no cavalo que se aproximava. Sentiu um baque no coração.

− Oh, meu Deus… é Clune! Também é um dos teus conhecidos. Disse-me que em tempos tinhas sido membro da sua Liga Fogo do Inferno.

− Fui durante um breve tempo, durante a minha visita aqui há três anos. Qual é o problema?

− Decerto irá reconhecer-te. Devias partir imediatamente, antes que ele te veja, Nicholas.

− Já te disse que não tenciono esconder-me.

− Não estás a dizer que vais conversar com ele!

− Lembra-te de que sou Brandon Deverill, teu primo por matrimónio. Não há motivos para haver problemas. Sorri, amor, e finge que estás a gostar da minha companhia.

Aurora compreendeu que era demasiado tarde para fazer outra coisa, uma vez que Clune já estava perto deles. Exibia o seu sorriso encantador de dissoluto enquanto detinha a sua montada junto dela.

− Ah, a viúva mais bela de Londres! − disse com uma vénia graciosa. − E também a melhor amazona. A combinação é encantadora.

− Milorde Clune − murmurou Aurora reconhecendo a sua presença com uma inclinação cortês de cabeça.

− Não me parece que seja necessário perguntar pelo resultado da sua corrida desta manhã, uma vez que a senhora ganha sempre.

Ela fez um esforço supremo para não olhar para Nicholas enquanto procurava minimizar a importância da corrida.

− Os meus cavalos gostam do exercício.

− Mas a sua competição podia ser mais difícil. Talvez alguma manhã preferisse um competidor diferente da sua pupila. Ficarei satisfeito em oferecer os meus serviços sempre que o deseje.

Aurora moveu-se desconfortável na sela perante o tom perverso e sugestivo de Clune. Sua senhoria estava claramente a namoriscá-la.

− Obrigada, milorde, mas agrada-me muito cavalgar com a minha pupila.

Tivera esperança de que ele se afastasse sem reparar em Nicholas, mas depois o olhar de Clune fixou-se nele.

− Já nos conhecemos? O senhor tem uma grande parecença com alguém que conheço, creio que com o falecido marido desta senhora.

Aurora conteve a respiração enquanto Nicholas sorria friamente.

− Não é de estranhar, pois sou Brandon Deverill, primo de Sabine. Ao seu serviço, senhor.

− A parecença é notável.

Nicholas olhou-o diretamente.

− É o que costumam dizer-me.

Aurora sentiu-se desfalecer perante o minucioso escrutínio a que Clune estava a submeter Nicholas. Mas, finalmente, sua senhoria limitou-se a inclinar a cabeça e a oferecer as suas condolências.

− O seu primo Nick era um excelente desportista e camarada. Disposto ao que quer que fosse. Lamentei saber da sua morte pois desenvolvi uma grande amizade por ele durante o nosso breve contacto. É americano, senhor Deverill?

− De nascimento, sim. Mas uma vez que as minhas inclinações não coincidem totalmente com as do meu governo, achei prudente refugiar-me em Inglaterra até ao final da guerra.

− Ser aceite aqui será um tanto difícil, em especial tendo em conta que o seu primo foi enforcado por pirataria.

− Se o que o preocupa é a minha lealdade, creio que Lord Wycliff responderá por mim.

− Não, não me preocupa − replicou Clune com um sorriso seco. − Não tenho em absoluto inclinações políticas. Mas se tiver necessidade de mais apoio para além do de Wycliff, dar-me-á muito prazer oferecer-lhe o meu apoio em memória do meu defunto amigo Nick.

A resposta de Nicholas foi muito mais fria do que Aurora esperava.

− É muito generoso da sua parte, senhor. Terei em conta a sua oferta.

Clune voltou-se e dirigiu o seu sorriso encantador para Aurora.

− Bem, deixo-a seguir o seu caminho. Não desejará que o seu cavalo permaneça quieto por mais tempo. Espero que tenha em conta a minha oferta, *milady*. Se desejar competir comigo alguma manhã, ficarei encantado por servi-la.

Aurora murmurou uma resposta evasiva e sentiu-se aliviada quando Clune esporeou o cavalo e se afastou deles.

Nicholas e ela retomaram o passeio pela Row. Aurora estava furiosa, horrorizada com a descarada indiferença que ele mostrava pela sua vida, mas fez um esforço e aguardou até que estivessem longe do alcance de audição do conde.

− Como qualificarias isto senão proclamar a tua existência aos quatro ventos? − perguntou-lhe num tom de voz mais brusco do que o normal devido à preocupação.

− Eu chamo-lhe consolidar o meu disfarce. Clune conhece-me melhor do que a maioria das pessoas em Inglaterra. Se ele não me reconheceu, duvido que outros o façam.

− Pois eu diria que foi uma audácia descarada. Olhaste-o nos olhos e mentiste.

− Preferias que arriscasse a minha vida contando-lhe a verdade?

Aurora manteve silêncio, irritada.

− Ele parece ser demasiado solícito contigo, meu amor. Talvez devesse recordar-te de novo que não és viúva… e nunca o foste.

Ela estava demasiado irritada para se dar conta de que o bom humor de Nicholas tinha desaparecido.

− Não necessito que mo recordes.

− Eu penso que sim. Clune é um dos maiores libertinos de Inglaterra e vê-te como um alvo fácil.

Aurora ergueu o queixo obstinadamente.

− Não permitirei que me dês ordens, Nicholas. Casei-me contigo principalmente para não ter um marido que controlasse todas as minhas ações, como Halford. E tu estás a agir exatamente como ele… ou como o meu pai.

Nicholas pareceu suavizar a tensão do seu maxilar.

− Não tenciono entrar numa discussão contigo, Aurora.

− Não? Pois não é o que parece.

− Não é estranho que um homem se sinta possessivo com a sua mulher.

− Não é possível que estejas com ciúmes!

− Talvez esteja, mas aconselho-te a manteres Clune à distância.

− Não tenciono deixar-te escolher os meus amigos, Nicholas.

Ele deteve o cavalo.

− Então será melhor que eu mesmo fale com Clune.

Ela pareceu assustada.

− Para quê?

− Para o avisar que deve manter-se longe da minha mulher.

Aurora olhou-o fixamente enquanto passavam pela sua mente visões alarmantes. Tinha-se esquecido de que Nicholas Sabine era um homem perigoso. De acordo com o que ele próprio tinha admitido, já havia matado antes. Será que pretendia ameaçar Clune? Ameaçar um par do reino era uma forma de pôr em jogo a sua vida. Podia ser preso e enforcado…

− Não lhe faças mal, Nicholas.

− A tua preocupação por ele é comovedora, querida − replicou ele friamente.

Com uma cortês inclinação, fez girar o cavalo e afastou-se, deixando Aurora a olhá-lo com uma frase muito pouco digna de uma senhora a tremer-lhe nos lábios.

Aurora permaneceu no parque muito mais tempo do que o habitual, aguardando ansiosa o regresso de Nicholas; mas não viu vestígios dele nem de Clune. Quando por fim desistiu de esperar e regressou a casa, deu por si a caminhar de um lado para o outro, preocupada.

Sobressaltou-se quando ao final da tarde daquele dia, o seu mordomo lhe entregou um cartão de visita com o nome de Brandon Deverill e a informou de que o senhor Deverill estava encantado por aceitar o seu convite para tomar chá.

Foi com alívio e agitação que desceu as escadas para ir ao encontro de Nicholas. Encontrou-o no salão, inspecionando a coleção de retratos em miniatura que havia sobre uma mesa de apoio.

Ele levantou o olhar quando ela entrou, e os seus olhos negros provocaram-lhe o mesmo abalo sensual que sempre sentia quando ele simplesmente a olhava.

− Viva, prima − disse afetuosamente. − Foi muito generoso da tua parte convidares-me para tomar chá.

Suspeitou que a sua saudação amistosa tinha a ver com a presença do criado e exibiu um sorriso forçado. Era suposto ele ser o primo do seu defunto marido. Tomar chá com ele a meio da tarde não era algo incorreto na sociedade. Era a audácia dele que lhe alterava os nervos.

− Que negligência da minha parte, senhor Deverill! Esqueci-me completamente de avisar os criados de que esperava a sua visita.

Voltou-se para o mordomo que estava de pé junto da porta, aguardando instruções.

− Danby, tomaremos chá aqui, por favor.

− Como desejar, *milady*.

Quando ficaram a sós, Aurora fixou nele um olhar sinistro.

− Pensei que tínhamos concordado não nos encontrarmos em privado − declarou, falando em voz baixa.

− Não me recordo de ter feito um tal acordo, amor.

Sem lhe dar tempo de responder, pegou numa das miniaturas e mostrou-lha. Nela aparecia um jovem atraente de caracóis louro-escuros e olhos azuis.

− É o teu falecido noivo?

Aurora atravessou a sala, pegou no retrato e depositou-o cuidadosamente no lugar.

− Sim, é Geoffrey, Lorde March − respondeu passando as pontas dos dedos com suavidade pela imagem querida.

− Já percebo por que razão eu te recordava dele.

Aurora dirigiu-lhe um olhar interrogador.

− Quando nos conhecemos disseste que eu te fazia recordar alguém que te era muito querido − recordou-lhe. − Posso detetar uma certa parecença entre nós.

Tinha-se esquecido de que alguma vez dissera tal coisa a Nicholas, ou de que alguma vez vira alguma semelhança entre os dois homens. Eram tão diferentes como o Sol e a Lua: um, audaz e enérgico, todo ele ardor e intensidade; o outro, calmo e meigo.

− Estava terrivelmente enganada. Não são parecidos em nada. Muito menos agora, que mudaste a cor do cabelo.

− Ainda estás enamorada do seu fantasma?

− Não desejo falar dele, Nicholas. − Doía-lhe demasiado recordar. Olhou-o desafiante. − Podes explicar-me o que estás a fazer aqui? Sabes que é imprudente que estejamos juntos.

Ele examinou-a por um momento.

− Talvez. Mas pensei que ias gostar de ter companhia. Disseste que não podias sair muito porque as convenções da viuvez restringem os teus movimentos, e uma vez que eu tenho muito a ver com a tua pretensão de viuvez, sinto que devo compensar-te.

− Disse-te que te liberto de qualquer responsabilidade ou obrigação para comigo.

− Não sei bem se quero ser libertado. Fiz votos de te amar até que a morte nos separe.

− Nicholas… pensei que tínhamos resolvido esse assunto. A morte separou-nos, lembras-te? Tu morreste e foste enterrado em St. Kitts. − Curvou a boca numa careta zombeteira. − Ah, sim, tinha-me esquecido! Aquilo foi uma farsa muito parecida com a que estás a interpretar agora.

Nicholas esboçou um leve sorriso, mas não respondeu. Ao invés, fitou-a em silêncio, com um olhar inquietante e divertido.

− O que se passa? − perguntou Aurora. − Porque olhas para mim assim?

− Estou a tentar decidir se me agrada esta parte astuta de ti.

Aurora inspirou profundamente. Embora tivesse prometido a si mesma não se deixar levar pelas suas intencionadas provocações, não estava a cumpri-lo. Não era seu costume deixar que o seu temperamento levasse a melhor. Tinha passado a vida mantendo um controlo estrito das suas emoções, mas Nicholas Sabine era realmente muito exasperante. E ele tinha concordado em esquecer que aquele matrimónio existia. Então, porque é que se comportava como se ainda fosse seu marido, e se sentia no direito de a dominar? Teria voltado com a sua palavra atrás?

Ele continuava a observá-la, subjugando-a com o seu sorriso indolente. Aurora queria amaldiçoá-lo pelo seu encanto irresistível; ele sabia perfeitamente bem o efeito que causava nela o seu charme sensual.

− Creio que és um tanto negligente como anfitriã, doce astuta. Não vais convidar-me a sentar?

Aurora ergueu os olhos ao céu, mas obrigou-se a responder serenamente.

− Muito bem, senhor Deverill. Quer sentar-se, por favor?

− Ah, excelente! Se pudesses reprimir esses olhares de ódio, poderia realmente acreditar que te propões a receber-me de boa vontade.

Com aquilo que considerava ser um controlo admirável, Aurora aguardou até que ele se tivesse instalado no sofá antes de ocupar a cadeira em frente, do outro lado da mesa do chá.

− Muito bem, de que vamos falar? − perguntou cruzando as mãos meticulosamente sobre o regaço.

Nicholas limitou-se a olhá-la. Ao fim de um momento, baixou os olhos para se demorar nos seios. Aurora sentiu uma onda de calor e um formigueiro e uma tensão nos mamilos que se viu impotente de controlar.

− Deixo-te nervosa, Aurora? − perguntou ele intencionalmente.

− Sim − respondeu ela. − O modo como me olhas é vergonhoso.

− E que modo é esse?

− Como se me estivesses a despir. Faz-me sentir muito desconfortável.

Ele esboçou um sorriso tentador e irresistível.

− Agrada-me. Desejo que nunca te sintas demasiado cómoda ao pé de mim.

Aurora sacudiu a cabeça, debatendo-se entre a ira e o desespero.

− Sabes que mais, realmente mereces ser preso… antes que provoques um escândalo ou me enlouqueças.

− Gostarias realmente que me prendessem? Clune diz que estavas desconsolada com a minha suposta morte.

Aurora reagiu alarmada ao recordar-se de Clune.

− Não terás sido assim tão insensato a ponto de ires falar com ele?

− Receio que sim. Decidi que uma abordagem sincera seria muito vantajosa para mim, por isso revelei a minha verdadeira identidade e contei-lhe toda a história sobre o meu encarceramento e a quase execução.

− E como reagiu ele? − perguntou Aurora preocupada.

− Depois de lhe ter jurado que não tinha cometido nenhuma traição contra o vosso país, mostrou-se completamente disposto a contribuir para a minha farsa. Disse-lhe que só estava aqui para ver a minha esposa, o que é verdade.

Aurora olhou-o consternada.

− Como pudeste assumir semelhante risco?

− Na realidade, era um risco calculado. De acordo com as suas palavras, Clune está «sempre pronto para a diversão». Também acredita na lealdade para com os seus amigos… e considera-me um deles. Também sente afeição por ti. Em demasia, ao que me parece. Quase admitiu que gostaria de te seduzir.

Aurora observou que Nicholas a examinava atentamente.

− Nunca fiz nada para encorajar Lorde Clune a acreditar que pudesse ter êxito.

− Foi o que ele disse. Quando o adverti que se mantivesse longe de ti, disse-me que na realidade tinha feito poucos progressos porque tu estavas loucamente apaixonada pelo teu falecido marido.

Aurora sentiu-se enrubescer.

− Tinha de ter alguma história para explicar o meu casamento repentino. Pensei que o melhor era fazer crer às pessoas que me tinha apaixonado perdidamente.

O sorriso radiante de Nicholas conservava um implacável encanto.

− Gosto dessa versão da história.

− Todavia, tu e eu sabemos a verdade. A nossa união nunca foi a de um casal apaixonado… nem era suposto que durasse mais do que uma noite.

Nicholas não ligou ao comentário dela.

− Talvez não tenhas encorajado Clune de propósito, mas como uma bela viúva eras um objetivo excelente para homens como ele. E a tua resistência só se vem somar ao teu encanto. Para um libertino como Clune, o estimulante é o desafio da caça.

Ela ergueu as sobrancelhas com curiosidade. Suspeitava que, embora Nicholas não fosse tão libertino como o seu amigo, sabia bem o que estimulava esse tipo de homens.

− Pareces falar por experiência própria. Será por isso que ainda me persegues? Porque a minha reticência em ser tua esposa representa um desafio para ti?

Ele inclinou a cabeça e inspecionou-a com os olhos semicerrados.

− Talvez em parte, mas é algo mais profundo que isso. Por pouco plausível que possa parecer, move-me a minha preocupação por ti.

− Por mim?

− Sim, por ti. Custa-me ver-te tão limitada pela estrita observação da viuvez. Que te vejas obrigada a isolar-te deste modo. Isto não é a Índia, onde as viúvas são queimadas vivas com os cadáveres dos seus esposos.

Naquele momento apareceu o chá transportado pelo correto mordomo de Aurora. Ela teve um sobressalto ao pensar que a conversa pudesse ter sido ouvida. Prometendo a si mesma ser mais discreta, permaneceu em silêncio até Danby se retirar com uma vénia.

Depois de oferecer a Nicholas, *scones*, compota e sanduiches, hesitou, olhando para ele insegura. Aquele homem era seu marido, tinham estado juntos do modo mais íntimo possível e, não obstante, não fazia ideia de como ele gostava de tomar o seu chá.

− Queres leite ou açúcar?

− Açúcar, leite não. Eu sei − replicou Nicholas lendo os seus pensamentos. − Para marido e mulher somos praticamente desconhecidos. Talvez devêssemos remediar isso.

− Não vejo nenhuma razão para que tenhamos de nos conhecer melhor.

Nicholas observou Aurora enquanto ela servia o chá nas chávenas de porcelana chinesa. Realizava a tarefa do mesmo modo que tudo o resto, com a sua graciosa elegância fruto de toda uma vida de formação. A dama perfeita. E, como a maioria das damas cuidadosamente educadas, tinha sido criada para observar todos os sufocantes códigos sociais.

Todavia, ela continuava a surpreendê-lo. Aurora não era como muitas das suas contemporâneas, superficial, vaidosa, egocêntrica e arrogante, embora com a sua educação e beleza pudesse perfeitamente ter sido assim. Tinha profundidades

inesperadas, facetas intrigantes que a ele lhe pareciam encantadoras e sensuais. Havia ficado cativado ao vislumbrar o seu espírito livre quando ela galopara pelo parque. E ele tinha provado o fogo escondido do seu abraço em mais de uma ocasião…

Sob o exterior de uma dama havia uma mulher intensamente apaixonada, e ele estava decidido a descobri-la, a destruir as suas muito decorosas inibições. Era demasiado jovem para se enterrar na tumba do celibato.

Contudo, não seria fácil abrir caminho por entre as suas defesas. Aurora tinha grande aversão ao risco, e estava decidida a negar qualquer vestígio de desejo. Como naquele momento. Quando pegou na chávena de chá que ela lhe oferecia, os dedos dele roçaram nos dela provocando um estremecimento ardente. Aurora afastou-se como se se tivesse queimado. Desviou o olhar e pegou na sua chávena claramente decidida a ignorar a atração que existia entre eles.

Nicholas sentiu a sua determinação fortalecer. Ela necessitava de se libertar, ainda que não o soubesse.

− Muito bem − disse ele finalmente. − Vais viver o resto da tua vida escondida atrás das tuas roupas de viúva?

Ela fixou nele os seus olhos azuis.

− A que te referes?

− Enclausuraste-te numa prisão. Não por tua própria vontade, mas não deixa de ser uma prisão. És uma cativa das convenções e do decoro, e permites que a sociedade dite todas as tuas ações.

− Não há nada de mal em seguir as regras da sociedade.

− Há se isso destruir a tua própria vida.

Aurora franziu os lábios.

− Não sou como tu, Nicholas. Eu desejo uma vida tranquila e ordeira.

− Não me parece que seja assim, senão nunca terias ido em minha defesa nem concordarias em desposar um desconhecido.

− Aquelas foram circunstâncias sumamente insólitas. Agora estou muito satisfeita com a minha situação.

− A sério?

− Sim. Desfruto de uma vida plena apesar das minhas atuais limitações. A minha casa pode ser mais pequena do que a que o meu pai dirigia, mas ainda assim requer esforços. Escrevo cartas com frequência… na realidade, mantenho uma extensa correspondência. As minhas amigas visitam-me com regularidade. Leio muito. Monto a cavalo todos os dias.

− Ah, sim! O teu vício secreto. Que outros desejos ocultos albergas, Aurora?

Ela ignorou a pergunta.

− Tenho o que sempre quis… independência.

− Não me parece que isto se possa qualificar como independência. Vives no receio constante daquilo que os outros possam pensar. Não podes aparecer em público sem ocultar o teu rosto ou depois de escurecer. Sentes-te encurralada aqui, já o deste a entender bem.

− Talvez, mas só porque estou decidida a evitar o escândalo. O que se considera um comportamento aceitável para um homem não o é, em absoluto, tolerável para uma mulher, e muito menos se essa mulher for viúva.

Nicholas manteve o seu olhar fixo no dela com determinação.

− Ou te estás a enganar a ti mesma ou não te conheces muito bem. A mim parece-me que há duas Auroras. A que se verga às convenções e as venera como a um ídolo, e aquela que adora galopar livremente pelo parque pela pura alegria de o fazer. A mesma que se entregou a um desconhecido numa noite de paixão ardente.

Nicholas podia ver pela forma como os olhos expressivos dela se ensombreciam que tinha tocado num ponto sensível.

− Penso que desejas escapar a esta prisão puritana − insistiu em voz baixa − e permitir-te ser uma mulher sensual, mas tens medo de arriscar.

Ao ver que ela não respondia, retirou o diário do bolso e poisou-o sobre a mesa, diante dela. Aurora olhou para ele com os seus olhos muito azuis.

− Pensei em ti durante todo o tempo em que o estava a ler. És muito parecida com a dama anónima que o escreveu.

− Não consigo ver nenhuma parecença − replicou ela na defensiva, como se a ideia a envergonhasse. − As nossas circunstâncias não podiam ser mais distintas. Ela era francesa, escravizada por corsários e retida num harém turco. Foi obrigada a transformar-se numa concubina e a viver coisas que nenhuma dama suportaria de bom grado.

− Era inocente no conhecimento carnal até encontrar um homem que lhe incendiou o sangue.

− Realmente. E a… a luxúria acabou por dominá-la.

Nicholas estreitou os olhos.

− Nunca te perguntaste como seria experimentar esse tipo de paixão? Desejar alguém tão desesperadamente?

Aurora entreabriu os lábios, mas não emitiu nenhum som. Nick suspeitou que se tinha aproximado muito da verdade.

− Eu sim, interroguei-me − admitiu ele. − O meu pai uma vez tentou explicar-me o que sentia pela mãe de Raven. Disse que se lesse o diário poderia compreendê-lo.

Aurora baixou o olhar, com o rubor a subir ao seu rosto de marfim.

− É uma história muito intensa − disse finalmente −, mas o amor deles estava condenado ao fracasso. Desirée entregou o seu coração ao seu dono e acabou prisioneira da sua obsessão.

− Mas nunca lamentou amar.

− Não foi essa a lição que retirei do diário − murmurou Aurora embora não com tanta firmeza como antes. − Eu penso que ela foi ingénua em permitir que um homem governasse o seu coração daquela maneira.

− O meu pai era da opinião que era melhor ter tido um único momento de autêntica paixão do que não a ter conhecido nunca.

Aurora vacilou.

− E olha o que ele lucrou com isso. Toda uma vida de infelicidade desejando uma mulher que não podia ter. − Sacudiu a cabeça como se se procurasse convencer a si mesma. − É preferível nunca entregarmos o coração a correrm os o risco de o ver destroçado.

Nick baixou o olhar para a boca tentadora dela que se tinha endurecido com a determinação. Uma onda de desejo invadiu-o enquanto pensava numa maneira de transformar aquela obstinada determinação numa rendição incondicional.

Nicholas suspirou perante a erótica fantasia.

− Penso que és como Desirée, Aurora. Tens o mesmo espírito bravio.

Ela poisou a chávena sobre a mesa, insegura.

− Estás enganado.

O olhar dele não vacilou.

− O que é que te assusta nessa ideia? Sentir uma paixão tão intensa ou veres-te fora desse casulo em que te envolves?

Ela ergueu-se bruscamente.

− Penso que é melhor saíres, Nicholas.

Depois de um momento de hesitação ele também poisou a sua chávena de chá e pôs-se de pé. Quando ele encurtou a distância entre eles, ela não retrocedeu, evidentemente decidida a não permitir que ele a intimidasse. Nicholas pegou-lhe na mão e levou-a aos lábios, beijando-lhe o interior do pulso. Aurora manteve-se desafiante e impassível, embora as faces se incendiassem traindo a sua luta por controlar-se. Ainda mais revelador, ele conseguiu captar nos olhos dela a ânsia de um desejo longamente reprimido.

Nicholas sabia que ela estava pronta para a paixão, que necessitava desesperadamente de se libertar dos rígidos grilhões que a oprimiam, e ele era o único homem capaz de o conseguir. Mas ainda não podia lutar contra ela. A batalha mal tinha começado e tinha de ser paciente.

− Não estou enganado, sereia − disse suavemente. − Já provei esse fogo doce que se oculta sob essas tuas capas de reserva fria, e há aí uma mulher sensual e apaixonada à espera de ser libertada. E eu tenciono encontrá-la.

Depois de uma vénia breve, deu meia-volta e afastou-se.

Aurora manteve-se rígida, observando-o enquanto ele se retirava. Quando ele saiu, exalou um suspiro trémulo. O coração ainda lhe martelava no peito devido à sua proximidade, ao seu magnetismo.

Como é que ele conseguia atormentá-la sempre daquela forma? Como é que conseguia que o seu sangue se acelerasse com um simples contacto, que os joelhos lhe fraquejassem e que a sua força de vontade se convertesse em gelatina? Porque provocava nela tal confusão interior? Ele convocava o que havia de pior nela, emoções sombrias que não desejava sentir. Desta vez, porém, as suas perguntas inquisitivas tinham-na desconcertado tanto como a sua presença física e o seu comportamento provocador.

Sentindo-se débil, deixou-se cair na cadeira. Teria ele razão? Seria ela como Desirée? Tinha um espírito bravio que ansiava ser libertado?

É verdade que era uma mulher diferente desde que tinha conhecido Nicholas Sabine… Via-se agora impulsionada por anseios que até esse momento desconhecia. Tinha lutado contra a poderosa atração que ele exercia sobre ela, junto com o inquietante desejo que despertava tão facilmente no seu interior, e que ali continuava, fervendo num lume brando abaixo da superfície.

Indecisa, pegou no diário que ele lhe deixara. Tinha-se sentido chocada com a sensualidade explícita que ali havia encontrado, mas a história de amor havia captado a sua imaginação. Suscetível à subtil sedução do seu amo e às suas exóticas

tentações, Desirée tinha-se visto arrastada por uma tormenta de paixão que jamais havia imaginado…

Como seria conhecer uma tal paixão? Ver-se assolada pela loucura do amor, pela cegueira do desejo? Experimentar sentimentos tão poderosos que podiam apagar quaisquer vestígios de sabedoria e razão?

Recordou de má vontade que tinha provado fugazmente tal paixão na sua noite de núpcias.

O livro abriu-se numa página muito desgastada.

Amo tudo em ti. Amo a tua carne dura quando me penetra. Amo o teu peso e a tua força, tão poderosos contra a minha suavidade. Amo o teu apetite febril, o teu desejo que me faz sentir tão mulher.

Aurora fechou os olhos. «Nicholas.» Ele recordava-lhe imenso o amante da francesa: audaz, viril, vibrantemente sensual. Tal como o príncipe do diário, ele havia despertado um terno anseio feminino no seu interior mais profundo.

Contra a sua vontade, a mente dela projetou uma visão do seu leito nupcial, deles os dois juntos… Nicholas fazendo amor com tanta ternura, movendo-se dentro dela, preenchendo-a com o prazer que desejava e necessitava.

O mesmo prazer que os seus olhos negros lhe haviam prometido uns momentos antes.

Estremeceu. Não se permitiria render-se à promessa dos seus olhos. Não cederia diante dele por mais que o seu contacto lhe acelerasse a circulação do sangue.

Todavia, não podia negar o ávido anseio que sentia.

CAPÍTULO 12

A minha resistência parecia inútil. Como podia defender-me do inquieto anseio que ele despertava em mim?

No decorrer dos dias que se seguiram, Aurora deu por si a amaldiçoar Nicholas Sabine cada vez com mais ardor. O homem era perigoso para a sua sanidade mental. À noite ele povoava os seus sonhos; de dia, a impaciência de o ver enchia-a de inquietude tensa e dolorosa que não a abandonava.

Quando se encontrava com ele, quer fosse nos seus passeios matinais a cavalo pelo parque ou em qualquer outro lugar, experimentava sempre uma agitação, a mesma consciência trémula que havia sentido quando o viu pela primeira vez no cais de St. Kitts. Todavia, agora, quando os seus olhares se cruzavam, o calor dos seus olhos negros e a indiscreta mensagem que transmitiam queimavam-na como brasas.

Não podia evitar encontrá-lo para onde quer que fosse, possivelmente porque Nicholas tinha na irmã uma aliada. Era evidente que Raven estava de conluio com ele, e informava Nicholas das suas diversas saídas para compras. Ele comportava-se como se os seus encontros fossem fortuitos e inócuos, mas Aurora sabia que se tratava de uma campanha cuidadosamente planeada com a precisão de um general militar.

Não fazia ideia de como defender-se de tais táticas. Nunca antes tinha sido objeto de uma tal determinação. Nicholas era como uma poderosa tempestade que varria tudo à sua passagem, destruindo a sua serenidade no processo. Por muito que ela se esforçasse por se manter inalterável e distante, por ignorar o seu encanto sensual e implacável, era-lhe impossível. Ele era ultrajante, ousado, provocante… e irresistível.

Mas a ameaça mais grave tinha a ver com os sentimentos mais profundos que despertava nela. A Nicholas bastava-lhe respirar para provocar em Aurora um intenso torvelinho de emoções inquietantes.

Pensou em sair de Londres durante algum tempo, só para fugir dele. No dia anterior tinha recebido precisamente uma carta de Lady March, a mãe de Geoffrey, pedindo-lhe que a visitasse. Harry, o irmão de Geoffrey que agora tinha dez anos, estava a revelar-se uma carga de trabalhos, e Lady March afirmava que só Aurora podia controlá-lo.

Todavia, sabia que não podia sair de Londres. Não se comportaria como uma cobarde. E, além disso, tinha a solene obrigação de se ocupar de Raven. Por outro lado, o seu pai estava em Sussex − as propriedades Eversley e March eram vizinhas − e não sentia desejo de se encontrar com o duque, nem sequer para fugir de Nicholas.

Pensava compreender a que se devia a persistência dele. Era quase como se estivesse a cortejá-la, mas Aurora sentia que a sua atração provinha do desafio que ela oferecia. Ganhá-la era para Nicholas como obter um troféu. Sentia-se impulsionado pela excitação da caça.

Começou a interrogar-se se a resistência seria o melhor método. Talvez se ela se rendesse − se lhe permitisse ganhar − ele então renunciasse à perseguição e regressasse ao seu lar, poupando a ambos inúmeros problemas. Não desejava que Nicholas gerisse a sua vida, ditando-lhe como devia comportar-se e o que devia sentir. Era o cúmulo da arrogância que ele imaginasse conhecer a sua mente melhor que ela mesma. Tinha-a comparado à francesa do diário e Aurora reconhecia que talvez tivessem algumas semelhanças, mas ela não tinha espaço na sua vida para paixões selvagens que podiam causar estragos, nem nenhum desejo de experimentar o tipo de sofrimento que tais paixões podiam provocar.

Era evidente que tinha de traçar outro plano para lidar com Nicholas. Tinha de haver algum modo de o afastar e de recuperar o controlo da sua vida. Caso contrário, jamais conseguiria convencê-lo a deixá-la em paz… Tanto pelo bem dele como pelo dela.

O risco que ele estava a correr preocupava-a muito. Vivia no constante temor de que fosse descoberto. Ao que parecia, Lorde Clune tinha-o tomado sob a sua proteção e levava-o por toda a cidade de Londres, acompanhando-o a clubes de jogo e a outras diversões libertinas. Aurora estava certa de que acabaria por ser reconhecido se mantivesse aquela conduta imprudente.

Aurora acreditava que Nicholas era mais conhecido em Inglaterra do que supunha. Todavia, quando esteve quase a ser reconhecido foi por uma emigrante francesa.

Nicholas tinha acompanhado Aurora e Raven a uma modista de chapéus em Oxford Street. A proprietária, ao vê-lo, teve um sobressalto e uniu as palmas das mãos ao mesmo tempo que exclamava «*Mon Dieu!*» entre dentes. Então Nicholas retirou o chapéu deixando a descoberto os seus cabelos negros, e a expressão da mulher tornou-se confusa.

Pareceu recompor-se e avançou para saudar a sua clientela, mas depois, enquanto Raven contemplava os chapéus expostos, a

proprietária não parava de observar Nicholas desconcertada.

− *Pardon, monsieur* − disse finalmente com um sotaque pronunciado. − Não era minha intenção olhá-lo tão fixamente, mas é que o senhor é muito parecido com alguém que conheci.

Aurora sentiu-se tensa, mas Nicholas, sem abandonar o seu sorriso cortês, manteve uma expressão impassível.

− Talvez esteja a confundir-me com o meu primo, *madame*. Acontece com uma certa frequência.

− O seu primo é o senhor Nicholas Sabine, da América?

− Sim.

A mulher aproximou-se dele e pegou-lhe na mão fervorosamente.

− Oh, *monsieur*, o seu primo é um verdadeiro anjo! Ele salvou a vida de toda a minha família. Não só da minha, como também de meia dúzia de outras famílias. Nunca o esquecerei. Estarei sempre em dívida para com ele.

Era uma anciã de cabelos grisalhos mas ainda muito bela, com a estrutura óssea fina e a pele de porcelana de uma aristocrata. Nicholas dirigiu-lhe o seu sorriso mais sensual, como se ela fosse vinte anos mais jovem.

− O meu primo é um homem de sorte ao ser recordado tão afetuosamente por uma senhora tão encantadora.

A proprietária enrubesceu de satisfação e soltou-lhe a mão quase envergonhada. Depois, quando concluíram a compra, ela negou-se de maneira terminante a deixá-los pagar os três chapéus que Raven tinha escolhido.

Ao saírem da loja, Raven formulou a pergunta que queimava os lábios de Aurora.

− O que quis dizer com salvaste a família dela? Tu eras demasiado jovem para participar na sua sanguenta revolução, não é verdade?

− Sim, mas estive em França depois disso, durante uma das suas espantosas purgas governamentais.

− E deu-se o caso de salvares meia dúzia de famílias da guilhotina? − perguntou Aurora secamente.

Ele encolheu os ombros.

− Na realidade, só foram quatro. E foi de um pelotão de execução. Nessa altura a guilhotina já tinha sido abandonada por ser considerada «pouco civilizada».

Raven conteve visivelmente o riso perante o seu sarcasmo, mas Aurora ficou transtornada ao saber de outra ocasião em que Nicholas podia ter encontrado a morte. Franziu o sobrolho e olhou-o por cima da cabeça da irmã.

− Suponho que continuarás sem reconhecer que te agradava fazer o papel de herói, expondo-te ao perigo e arriscando a tua vida, não é verdade?

Nicholas sacudiu a cabeça em negação.

− O perigo não me preocupa, mas não procurava conscientemente ser um herói. Simplesmente, parece que tenho um dom para acabar implicado em resgates sem o pretender.

− Ainda assim, o problema agora é que as tuas proezas te tornaram bastante famoso e não podes esperar não ser reconhecido − replicou Aurora com lentidão, esforçando-se por ser paciente.

− Há poucas pessoas que conhecem as minhas «proezas», como tu lhes chamas.

− Mas se alguém que te viu há muitos anos te reconheceu, outras pessoas podem fazê-lo.

− Nessa altura negarei tal conhecimento, como acabei de fazer agora − respondeu gentilmente. − Deixa de te preocupares comigo, amor. Isso só te provoca cabelos grisalhos.

A resposta dele deixou-a desconcertada. Nicholas não parecia consciente do perigo que corria; na realidade, parecia regozijar-se com ele.

Laçou-lhe um olhar de frustração e dirigiu-se à carruagem deixando Nicholas atrás com a irmã.

− Não devias arreliá-la assim, Nicholas − disse Raven com firmeza. − Ela receia que possa acontecer-te algum mal e só deseja proteger-te.

Nick olhou-a com um ar zombeteiro, surpreendido ao detetar irritação na sua voz.

− Arreliei-a?

− Sabes bem que sim. Se soubesses o que Aurora passou, não serias tão indelicado.

Ele ergueu uma sobrancelha.

− O que é que ela passou?

− Ela pode ser filha de um duque abastado, mas o pai fez-lhe a vida num inferno. Deve ter sido muito infeliz vivendo sob o domínio desse tirano e tendo de suportar as suas fúrias.

− Espero que me expliques isso de que estás a falar.

Raven olhou na direção da carruagem onde Aurora a aguardava.

− Agora não tenho tempo. Vem ao meu encontro amanhã à tarde na Livraria Tobley's e eu conto-te tudo.

Preocupado, Nicholas encontrava-se na tarde do dia seguinte impacientemente à espera de Raven. Quando por fim ela chegou, acompanhada da sua aia, seguiu-a até um canto da parte de trás da loja. Ambos fingiam examinar as estantes dos romances, à medida que Raven lhe explicava a que se tinha referido com as fúrias do duque de Eversley.

− Sua graça tem um temperamento violento − murmurou em voz baixa − que eu mesma tive a infelicidade de presenciar pouco depois da nossa chegada a Inglaterra. Nessa altura eu vivia com a minha tia Dalrymple, mas Aurora alojou-se durante os primeiros dias em casa da sua família, em Londres. Naturalmente, escreveu ao pai e falou-lhe do vosso matrimónio. Eu sabia que ela estava preocupada com a sua reação, mas nunca imaginei que esta pudesse ser tão violenta. O duque veio a Londres furioso, indignado por ela ter manchado o nome de família desposando um criminoso. Eu mesma assisti ao encontro deles.

Raven estremeceu enquanto Nicholas a escutava em silêncio.

− O mordomo deles tinha acabado de me deixar entrar lá em casa, porque Aurora tinha combinado ir comigo às compras, quando ouvi alguém gritar. Encontrei Aurora no salão com o pai. Sua graça estava de pé, agitando os punhos na direção dela e a gritar-lhe. Mal podia acreditar no quanto ele estava lívido. Quando Aurora tentou acalmá-lo, ele pegou num jarro pesado e lançou-o na direção dela! Graças a Deus não lhe acertou, estatelando-se simplesmente contra a parede, mas podia tê-la morto.

Nick sentiu um repentino nó de ira e repugnância formar-se no seu interior perante a imagem que a irmã lhe descrevia.

− Para minha vergonha − prosseguiu Raven em voz baixa −, fiquei demasiado aturdida para reagir, mas o mordomo interveio. Esse pobre homem é muito velho, quase uma relíquia, todavia, mesmo não podendo competir fisicamente com o duque, interpôs-se entre eles. Eversley atirou-o ao chão e dirigiu-se a Aurora com o punho erguido. Acredito sinceramente que lhe teria batido se não me tivesse visto. Só se deteve porque não desejava cometer uma ação tão ultrajante diante de uma desconhecida.

− O que aconteceu depois? − perguntou Nick com dureza.

− Bem, parecia que o duque ia sofrer uma apoplexia ao tentar controlar-se. Avisou Aurora para que desaparecesse da sua vista. Na verdade, disse-lhe que saísse da sua casa para sempre, e que já não era sua filha. E depois retirou-se tempestuosamente.

Raven suspirou. Nicholas incitou-a a prosseguir.

− Aurora estava a tremer, mas estava ainda mais preocupada com o pobre Danby, que tinha batido com a cabeça na mesa ao ser empurrado pelo duque. Foi só mais tarde, depois de o homem ter sido tratado, que Aurora me confessou que aquele tipo de violência por parte do pai não era invulgar. Penso que ficou muito aliviada por ele a ter renegado. Não disse mais nada contra ele, mas O'Malley conseguiu mais tarde sacar mais informações dos criados, e essas informações só confirmaram o que eu tinha visto, que o duque é um terrível tirano.

− Tirano é evidentemente uma palavra demasiado suave − comentou Nicholas ironicamente.

Raven assentiu.

− Daquilo que pude deduzir, durante anos Aurora tentou manter as pessoas a salvo das fúrias do seu pai. Aquela não era a primeira vez que ameaçava bater-lhe.

Nick franziu o sobrolho incrédulo.

− Eversley, bater-lhe? Na sua própria filha?

− É monstruoso, eu sei, mas os criados sofreram ainda mais violentamente os seus acessos de cólera. Consta que, numa ocasião, atingiu um moço de estrebaria com o pingalim e quase o deixou cego.

Nick sentiu uma tensão no estômago perante a ideia de que um homem pudesse descarregar a sua ira em subalternos indefesos. E a ideia de Aurora à mercê de Eversley enojava-o.

− Todos os criados de Aurora − prosseguiu Raven − dizem que ela fazia todos os possíveis por protegê-los dos acessos de cólera do pai. Em mais de uma ocasião chegou a intervir até fisicamente. E quando ele os demitia sem referências à mínima infração, ela arranjava-lhes emprego noutra casa. Também nunca os esqueceu. Quando instalou a sua própria casa, há vários meses, procurou alguns daqueles que tinham sofrido às mãos de seu pai e ofereceu-lhes trabalho. Pelo menos dois deles estavam quase na miséria, e sentiram-se muito agradecidos… Não é de estranhar que a considerem uma santa.

− Não, não é de estranhar − replicou ele secamente lutando para se controlar.

Quando Nicholas lhe tinha proposto matrimónio, Aurora havia insinuado que o seu pai se aborreceria, mas nunca poderia ter imaginado que se encontraria em verdadeiro perigo.

− Em que estás a pensar? − perguntou Raven, observando a expressão carregada do irmão.

Nick esboçou um débil sorriso.

− No muito que gostaria de estar dez minutos a sós com o duque.

− Eu sei − respondeu Raven compreensiva. − Merece que lhe ensinem o que é estar à mercê de alguém mais forte e poderoso. Mas não podes revelar a tua identidade diante dele, Nicholas. É suposto estares aqui incógnito.

O maxilar endureceu-se de frustração ao recordá-lo, mas rapidamente a sua tensão aliviou-se. Como Nicholas Sabine, ele estava gravemente limitado pela necessidade de manter a sua identidade em segredo, mas como Brandon Deverill não padecia de tais restrições. Podia devolver ao duque toda a dor que o ilustre canalha tinha causado à filha…

− Em que estás a pensar agora? − perguntou-lhe Raven de sobrolho franzido.

− Que chegará o dia em que vai receber o seu merecido castigo − replicou Nick enigmático.

Aparentemente satisfeita, Raven voltou-se para devolver à estante o livro que tinha simulado folhear e depois acrescentou pensativa:

− Estou certa de que o pai é a principal razão por que Aurora se preocupa tanto com o decoro. Não é que ela tenha receio de desafiar as convenções *per se*, mas porque o duque a ameaçou. Ele jurou que se provocasse outro escândalo, a açoitaria como a um moço de estrebaria e a fecharia nalgum lugar onde já não pudesse manchar o seu nome. Por isso se mostra tão cuidadosa a respeito das limitações da sua viuvez e não aparece em sociedade. Não deseja dar ao pai nada que ele possa utilizar contra ela. Sabe do que ele é capaz.

Raven voltou-se para Nicholas.

− Mas espero que agora compreendas que a preocupação dela pela tua segurança não é de forma alguma irracional. Preocupar-se com os outros, tentar protegê-los de qualquer dano, converteu-se para ela numa segunda natureza.

Nick assentiu lentamente. Aquilo explicava muitas coisas sobre Aurora, porque desejava uma vida tranquila e serena; porque parecia temer a paixão; porque tinha escolhido um intelectual submisso como March a quem amar. Depois de ter estado submetida aos acessos de fúria do pai toda a sua vida devia sentir aversão por qualquer emoção demasiado intensa.

Compreendeu que aquilo também explicava porque tinha reagido como uma leoa ao ver a forma como lhe batiam a ele no cais de St. Kitts; porque tinha intervindo para salvar um absoluto desconhecido. E por que razão se tinha casado com ele, um pirata acusado de assassinato, apesar de todas as graves desvantagens. Desejava escapar ao pai e às suas fúrias.

A viuvez proporcionava-lhe a segurança que sempre havia ansiado, mas, na realidade, tinha-a convertido numa prisão onde a emoção, o desejo e a paixão não tinham lugar.

Com o sobrolho franzido, Nick olhou sem ver as filas de volumes encadernados em pele que tinha à sua frente. Finalmente começava a compreender o que movia Aurora. A sua reserva estava muito mais enraizada e era muito mais complexa do que Nicholas supusera, mas pelo menos agora sabia melhor o que enfrentava e por que razão ela lhe resistia tão encarniçadamente. Nicholas punha em perigo o seu refúgio, ameaçava a sua existência desapaixonada.

Firme na sua resolução, cerrou o maxilar decidido. A tarefa de ensinar Aurora a confiar nele, a abrir-se para ele, seria mais difícil do que havia imaginado. Mas, de alguma forma, encontraria o modo de a libertar da triste prisão que havia construído deliberadamente para si mesma.

CAPÍTULO 13

Ele fazia-me sentir intensamente viva. Fazia vibrar
o meu coração e incendiava-me o sangue

Duas noites mais tarde, Aurora teve um vislumbre do renovado propósito de Nicholas. Já se tinha ido deitar quando escutou um suave tinido contra a vidraça da janela e depois outro. O seu sobressalto converteu-se rapidamente em alarme ao compreender que alguém estava a atirar pedrinhas contra a janela e tentando chamar a sua atenção.

Sabendo que só podia tratar-se de Nicholas, foi abrir a janela e espreitou lá para baixo. Ele estava na sombra prateada do carvalho, olhando para cima.

O seu coração deu o pulo habitual. Não o tinha visto durante todo o dia. Na verdade, não tinha saído de casa. Uma chuva pertinaz tinha-a impedido do seu passeio matinal a cavalo pelo parque e Raven tivera um compromisso à tarde com a tia. Mas as nuvens tinham-se dispersado e nesse momento uma Lua brilhante iluminava a noite.

− O que estás a fazer debaixo da minha janela? − perguntou Aurora num sussurro.

− Vim salvar-te e levar-te a dar um passeio − respondeu ele não tão baixo quanto ela.

− Em plena noite?

− Ainda nem sequer é meia-noite. E estiveste aí fechada todo o dia.

− Já estou preparada para dormir.

− Isso significa que me convidas a subir?

− Claro que não!

− Então será melhor que desças.

− Nicholas, estou em camisa de dormir.

− Não importa − disse ele num tom travesso e divertido. − Veste-te e desce, Aurora. Decerto não queres que bata à porta e desperte os criados.

A ameaça implícita exasperou-a.

− Não tenho intenções de estar a sós contigo em plena noite.

− Pensei que isso poderia preocupar-te e trouxe um rapaz comigo. Ele segura os cavalos enquanto falamos. Além disso, tenho uma carruagem.

Ao ver que ela hesitava, chamou suavemente:

− Medrosa. Que mal pode haver em ir dar uma volta? E numa carruagem descoberta dificilmente poderia violar-te.

«Sim, que mal havia?», pensou Aurora ironicamente. Estaria louca se se pusesse à mercê de um libertino temerário e encantador.

Mas como de costume, Nicholas não aceitava um não por resposta.

− Desce, amor, antes que tenha de subir aí para te ir buscar. Espero-te na porta das traseiras.

Voltou-se e desapareceu entre as sombras sem lhe dar mais oportunidade de protestar. A menos que lhe gritasse, já não podia tentar chamá-lo à razão.

Com um suspiro de exasperação, Aurora afastou-se da janela. Mal podia acreditar que estava realmente a pensar em sair para fazer um passeio noturno com Nicholas Sabine. E, todavia, não podia negar a atração proibida que tinha essa ideia. Que raio estava a acontecer com ela? Antes de conhecer Nicholas tinha sido sempre sossegada e correta, um modelo de decoro. Mas agora estava a comportar-se como uma rameira.

E o que é que isso tem de mal? disse uma voz na sua cabeça. *Foste sensata e correta durante toda a vida. Por uma vez, podes ser um pouco aventureira.*

Aurora vestiu-se rapidamente e colocou uma capa com capuz sentindo-se muito parecida com a francesa do diário que tinha sido seduzida e atraída para o pecado pelo seu príncipe cativante. A casa estava silenciosa e escura enquanto descia a escada em segredo e saía pela porta das traseiras.

Nicholas aguardava-a lá fora, como tinha prometido. Ao vê-la, o seu sorriso tornou-se mais radiante. Aurora exalou um profundo suspiro, subitamente preenchida com o prazer vertiginoso de estar perto dele.

Uma carruagem aguardava no final do curto caminho e, tal como ele lhe tinha dito, um jovem segurava o par de cavalos. Nicholas ajudou-a a subir e depois subiu ele.

− Aguarda aqui, por favor − Disse ao rapaz. − Regressaremos em breve.

Com um puxão das rédeas, pôs os cavalos a trote rápido.

Aurora segurou-se ao corrimão do assento enquanto lhe dirigia um olhar de surpresa, mal acreditando na sua audácia.

− Devia ter sido mais prudente e não confiar em ti − comentou sombriamente quando estavam longe e já não podiam ser ouvidos. − Fizeste-me crer que o rapaz viria connosco.

− Só porque de outro modo não terias vindo comigo.

− Aonde me levas?

− Não muito longe. Olha em teu redor, sereia. Não é melhor do que estares fechada no teu casto quarto?

Aurora pensou sem querer que estava uma noite magnífica. A fresca brisa de junho no rosto era estimulante, o luar movendo-se à medida que banhava as ruas silenciosas. Todavia, a sua irritação para com Nicholas impedia-a de apreciar tudo aquilo.

− Não me queres convencer de que só pensaste no meu bem-estar ao propor-me este passeio.

− Talvez não, mas podes censurar-me por desejar estar a sós com uma mulher bela numa noite de luar?

− Então não negas que o teu objetivo era a sedução.

− Não existem leis contra seduzir a própria esposa.

Ela levantou os olhos ao céu.

− Não te ocorre nada melhor do que enlouqueceres-me?

− Não consigo pensar em nada melhor do que fazer amor contigo.

− Nicholas!

− Na realidade − acrescentou ele rapidamente antes que ela pudesse continuar −, esta noite Clune convidou-me a juntar-me aos seus colegas do Fogo do Inferno num passeio ao mundo das cortesãs, mas declinei.

Aurora manteve-se em silêncio, inquieta perante a imagem de Nicholas brincando com aquelas mulheres num elegante bordel londrino. Pensar nele a fazer amor com outra mulher era-lhe inequivocamente perturbador, o que era um absurdo, uma vez que lhe tinha dito que era livre para procurar os seus prazeres onde bem entendesse.

Observou o seu firme perfil cinzelado pela luz da Lua. Não devia ter nenhuma dificuldade em encontrar companhia feminina. Era extremamente atraente, mais sensual e arrebatador do que qualquer outro homem que ela tivesse conhecido. Também era um libertino e um aventureiro acostumado a viver perigosamente e a quebrar corações. Ela devia saber que não podia pôr-se numa situação tão vulnerável como aquela, estar assim a sós com ele.

− Porque recusaste o convite? − murmurou ela sem querer na realidade saber a resposta.

− Porque a única mulher que desejava era a minha esposa.

Ela não quis dignificar o seu comentário provocativo com uma resposta.

− O quê? − disse, arreliador, ao ver que ela permanecia muda. − Não há uma resposta mordaz?

Ela dirigiu-lhe um olhar severo.

− Não posso acreditar que me preferisses a mim e não a uma prostituta experiente.

− Ah, mas prefiro, sereia!

− Simplesmente porque, como Clune, só desejas o que não podes ter.

− Não é por isso que te desejo tanto.

− Então, porque é? − perguntou Aurora curiosa contra sua vontade.

− Isso gostaria eu de saber − replicou Nicholas com uma gravidade surpreendente. − Nunca me tinha sentido assim tão atraído por nenhuma mulher.

− O que sentes é simplesmente uma masculina…

Nicholas facilitou-lhe a palavra que ela procurava.

− Luxúria? − A sua boca curvou-se num trejeito irónico. − Não é nada simples, querida. E é muito mais do que luxúria. É antes como um anseio feroz.

− Bem, terás de controlá-lo.

− Estou a tentar ao máximo, mas não posso controlar a minha imaginação. Imagino-te com frequência nua nos meus braços. Sabias?

− Nicholas!

− Por favor − admoestou-a −, lembra-te de que o meu nome é Brandon.

− Se não te comportas − declarou ela energicamente em voz baixa −, pedir-te-ei que dês meia-volta a esta carruagem e que me leves para casa.

A expressão divertida dele tornou-se um pouco mais séria.

− Quer acredites quer não, esta noite tenciono comportar-me. Dou-te a minha palavra que, pela primeira vez, os meus motivos são totalmente altruístas. Só desejo que desfrutes de um pouco de liberdade.

Ela não sabia se podia confiar nele, mas quando Nicholas voltou a cabeça para olhar para ela, a sua expressão era totalmente séria.

− Raven está preocupada contigo. Acredita que estás sozinha e que necessitas de companhia.

− Raven está enganada. E, ainda que necessitasse de companhia, dificilmente te escolheria a ti para isso, um tratante audacioso, determinado a provocar um escândalo.

− Pensei que, como filha de um duque, considerarias atraente a audácia depois de teres estado acostumada ao servilismo durante toda a vida. Desejas que te adule e te trate como um cristal frágil?

− O que eu gostava era que respeitasses os meus desejos − replicou ela friamente −, em vez de me tratares desta maneira. Disseste que te salvei a vida. Só por isso, creio que teria direito a uma certa consideração.

− Estou a tratar-te com consideração, amor. Estou a pensar no teu bem-estar. Admite, sentes-te muito mais viva quando discutes comigo, rivalizando em inteligência. Basta a minha presença para o teu sangue ferver.

− Não desejo que o meu sangue ferva, Nicholas.

− Vá lá! Podes afirmar honestamente que não gostas de estar comigo? Ou que preferes estar segura na tua cama do que aqui numa noite como esta?

Era de facto mágica. Aurora ergueu o rosto em direção à Lua tranquilizada pelo seu sereno feitiço.

Como que de mútuo acordo, permaneceram silenciosos durante um momento, escutando apenas o atroar dos cascos dos cavalos e das rodas sobre o empedrado. Quando chegaram à entrada de Hyde Park, Nicholas saiu da estrada e introduziu-se no parque pelo caminho de gravilha das carruagens.

− Suponho que terás alguma finalidade ao trazer-me aqui − disse Aurora desconfiada.

− Já vais ver − replicou ele.

Percorreram uma curta distância até o Serpentine surgir diante dos seus olhos. Aurora ficou sem fôlego perante a surpreendente beleza do lago, que se assemelhava a um espelho brilhante.

Sem dizer uma palavra, Nicholas afastou-se do caminho e avançou pela relva, introduzindo-se por entre um arvoredo de castanheiros. Com um puxão das rédeas deteve a carruagem.

Aurora permaneceu um longo momento sentada em silêncio.

− Nunca tinha visto o parque tão pacífico e encantador − disse finalmente.

− Há muita coisa que tu nunca viste. Importas-te de te sentares junto à água?

Quando ela assentiu, Nicholas apeou-se da carruagem, atou as rédeas ao ramo de uma árvore e depois, contornando o veículo, pegou em Aurora pela cintura. Enquanto a depositava no solo, ela sentiu o seu contacto como um ferro em brasa, ao passo que Nicholas se imobilizou de repente, como se tivesse sido queimado com o calor abrasador que irradiava dela.

− Não estás a usar espatilho − murmurou com uma voz repentinamente rouca.

− Não tive tempo de o vestir − respondeu ela enrubescendo.

− Vou fingir que nunca o descobri.

Retirou uma manta da carruagem, pegou na mão de Aurora e conduziu-a por um bosque de salgueiros até à margem do lago. Estendeu a manta sobre a relva e, depois de Aurora se ter instalado, sentou-se ao lado dela.

Durante um longo momento, ela limitou-se a permanecer ali em silêncio, contemplando maravilhada o lago belo e brilhante.

− Que lindo − exclamou finalmente.

− Sim − concordou ele.

Nicholas não estava a olhar para as águas mas para ela; Aurora sentiu o seu escrutínio como uma carícia.

Aurora rodeou os joelhos com os braços e olhou para a Lua. Um halo de neblina prateada rodeava o seu rebordo. Exalou um lento e profundo suspiro, absorvendo a serena beleza. O ar da noite tinha um odor a terra húmida e a erva-doce.

− Obrigada por me teres trazido aqui.

− Não tens de quê. − E depois de uma pausa acrescentou. − Tinha um motivo oculto. Desejava mostrar-te o quanto perdes encerrando-te na tua prisão.

− A sério? − murmurou ela menos irritada do que de costume com a ousadia dele.

− Apostaria metade da minha fortuna em como assim que tivesses experimentado o sabor da liberdade te seria mais difícil regressar à tua vida enfadonha e correta.

Ela não pôde evitar um sorriso perante a sua perseverança.

− Ainda insistes na errada perceção de que estou descontente com a minha vida.

− Não creio que seja uma perceção errónea. Penso que estás muito mais sozinha do que queres admitir.

Aurora estremeceu interiormente perante a verdade da sua afirmação. Por muito que procurasse convencer-se a si mesma do contrário, não podia negar a profunda dor interior que sentia por causa da sua solidão.

Nicholas continuava a observá-la. Ela podia sentir o seu olhar penetrante explorando os seus segredos.

− Serias mais feliz se, de vez em quando, assumisses algum risco − disse ele suavemente. − Se te atrevesses a fazê-lo e não te preocupasses com as consequências.

Aurora moveu-se incomodada, desejosa de mudar de tema.

− Como tu? Arriscando a tua vida simplesmente para ficares no país?

− Isso mesmo.

− Não posso crer que correr perigo seja a chave da felicidade.

Nicholas encolheu os ombros.

− Para mim é. O perigo faz-nos sentir vivos, faz-nos apreciar a vida. Deverias celebrá-lo, não temê-lo.

Ela apoiou a face nos joelhos e examinou-o por sua vez. Já estava a arriscar-se simplesmente por permitir que ele se aproximasse dela. Nicholas era o perigo. Era emoção. Estava intensamente vivo. Compreendeu que isso era o que o distinguia dos outros homens: o seu entusiasmo pela vida.

− Foste sempre assim? Tão temerário e audaz?

− Receio que sim. Era uma cruz para o meu pai.

− Imagino-o perfeitamente.

− Fui bastante turbulento na minha adolescência − reconheceu Nicholas.

− E muito mais para além da tua adolescência, a julgar pelo que dizem por aí. Raven explicou-me que eras a ovelha negra da tua família até há alguns anos.

− Tens falado com ela acerca de mim?

Aurora sentiu-se ruborizar.

− Pedi-lhe que me contasse algo mais sobre o desconhecido com quem me tinha casado. Suponho que era uma forma de te honrar depois da tua morte.

O sorriso de Nicholas foi encantadoramente sensual.

− Fico satisfeito com isso.

− E o que causou a tua transformação?

− A morte de meu pai.

Nicholas deitou-se de lado, de frente para ela, apoiando-se num cotovelo. As suas belas feições mostravam-se pensativas à luz da Lua.

− Sempre soube que algum dia herdaria o império naval de Sabine. Quase desde o berço, o meu pai preparou-me para me encarregar do seu património, e passei grande parte da minha juventude navegando nos seus navios e aprendendo a navegar em tudo aquilo que flutuasse. Deleitava-me com essa parte do negócio, mas aborrecia-me ser controlado e ter todo o meu futuro planeado de antemão até aos mínimos pormenores. Quando perfiz os vinte anos rebelei-me finalmente e parti em busca do meu próprio destino.

Aurora não sentiu dificuldade em imaginar um Nicholas jovem e inquieto esforçando-se por se libertar dos ditames paternos. Restringi-lo assim teria sido como tentar enjaular um tigre selvagem.

Nicholas fez uma pausa e contemplou as águas cintilantes.

− Depois disso, vi o meu pai poucas vezes, até ao dia em que faleceu. Foi apenas no seu leito de morto que compreendi o quanto a minha partida o tinha magoado.

Ela percebeu o pesar na sua voz, a tristeza, e desejou oferecer-lhe consolo.

− Deve ter sido um grande sacrifício para ti, regressares a casa para te encarregares dos negócios familiares.

− Um pouco, mas devia-o ao meu pai. Nunca apreciei totalmente o sacrifício que fez para manter a família intacta. Ele estava perdidamente apaixonado pela mãe de Raven, e por ela podia ter deixado a mulher e os filhos, mas nunca o fez. Além disso, tinha chegado a hora de eu assumir as minhas responsabilidades. Jurei que cuidaria da minha mãe e das minhas irmãs e que manteria o seu legado intacto. Saí-me bastante bem com o negócio… pelo menos até começar a guerra. Mas, ainda assim, estávamos muito melhor do que a maioria das empresas de navegação.

Aurora não sabia bem se queria ver essa parte admirável e atraente de Nicholas, o homem calmo e responsável que revelava

os seus pensamentos mais íntimos, abrindo-se a ela. Todavia, aquilo ajudava-a a compreender o que o movia.

− Por isso estavas tão decidido a ver Raven bem-acomodada, embora para isso tivesses de desposar uma desconhecida.

− Sim − sorriu. − Nada mais me teria forçado a subir ao altar.

Ela, por outro lado, soubera desde sempre que o altar estava a aguardá-la. Aurora manteve-se em silêncio refletindo no quão diferentes tinham sido as suas vidas. Nicholas tinha-se rebelado e empreendido uma série de aventuras desenfreadas, ao passo que ela tinha sido submissa e complacente, e obedecido a todos os desejos do pai… exceto o último. Até ao seu matrimónio com Nicholas, tinha-se sempre comportado exatamente como se esperava dela. E até ao momento, ainda não se tinha permitido reconhecer o quanto se ressentia por isso.

− Em que estás a pensar? − perguntou Nicholas observando-a.

− Que ao casar-me contigo foi a primeira vez que desafiei o meu pai.

− Não foi isso que Raven me disse − respondeu ele numa voz suave. − Ela disse-me que te viste frequentemente obrigada a desafiá-lo para protegeres os teus criados.

Aurora desviou o olhar. Não gostava de pensar nas fúrias violentas do pai. Era demasiado inquietante, demasiado humilhante.

− Raven viu o teu pai ameaçar-te, Aurora. Deduzo que o fizesse com frequência.

− Não com muita frequência − respondeu de má vontade, desejando ser justa. − E o preço a pagar era baixo. Eu era a única que podia fazer-lhe frente e ele podia…

Fechou os olhos recordando os ataques físicos do pai contra os criados indefesos.

− Não era sempre assim tão mau − prosseguiu finalmente. − A minha mãe conseguia controlá-lo, mas quando ela faleceu, ele começou a beber cada vez mais. Os seus estados de espírito eram tão… imprevisíveis. Um dia comportava-se de uma forma amistosa, e no seguinte podia perder as estribeiras à menor provocação. Geralmente conseguia acalmá-lo, se não o enfrentasse diretamente a ele, se o aplacasse. Mas dava-me pavor só de estar perto dele… − A sua voz converteu-se num sussurro. − É terrível dizê-lo, mas creio que o odiava.

− Não.

− É vergonhoso odiar o nosso próprio pai.

− Não, se ele o merecer. Qualquer homem que bate… − Nicholas interrompeu o comentário, o seu tom era sombrio. − Gostava muito de conhecer o teu pai.

Aurora estremeceu só de pensar naquele encontro.

− Penso que ele te afetou mais do que pensas − observou Nicholas depois de um momento.

Sabia que ele tinha razão e assentiu lentamente.

− Talvez sim. Vivi toda a minha vida temendo as suas fúrias. Deixavam-me fisicamente doente. Eu sentia-me sempre impotente… Aprendi a odiar o torvelinho emocional.

Estremeceu de modo involuntário.

Sentiu que Nicholas lhe tocava nas costas oferecendo-lhe consolo e deixou escapar um ténue suspiro. O pai já não podia fazer-lhe mal… graças a Nicholas.

− Durante os últimos meses soube o que era a paz. Já não acordo com medo de ter de enfrentar o meu pai. Estou-te muito grata por isso. Casar-me contigo ajudou-me a escapar dele.

− Porque não me disseste?

− Dizer-te?

− O risco que corrias ao casar comigo.

− De que teria servido? Não estavas em condições de aceitar uma recusa.

− Eu não conhecia o perigo em que te punha.

− Foi uma escolha minha, Nicholas. E, além disso… − sorriu-lhe debilmente −, também me permitiste escapar de Halford. Se não fosse isso, teria tido de suportar aquele matrimónio. – Voltou a estremecer. − Não há dúvida de que ser viúva me permitiu muito mais liberdade do que a que conhecia até então, e aprecio-a.

Nicholas meditou nessas palavras durante um longo momento. Quando falou, o seu tom foi calmo, contemplativo.

− O pedaço de liberdade que conquistaste é apenas uma gota no oceano, Aurora.

Ela dirigiu-lhe um olhar inquisitivo.

− O que sugeres que faça? Já cheguei aos limites do decoro, o mais longe que me atrevo a ir, instalando-me na minha própria casa e vivendo por minha conta.

− Poderias atrever-te a muito mais. Ainda estás a permitir que te reprimam, procurando adequar-te às normas rígidas da sociedade e às expetativas do teu pai.

Mais uma vez, ele estava certo, pensou Aurora enquanto contemplava o lago prateado. Estava a ser reprimida. Tinha-se sentido assim durante toda a sua vida. Talvez o diário tivesse tocado num ponto sensível no seu interior. Aquela bela mas terrível história de paixão fascinava-a mais do que pensara ser possível… Uma mulher protegida que encontrava a liberdade nas mesmas correntes de escravidão que a sujeitavam a ela…

Aurora apertou os lábios em jeito de negação. Decerto não sentia desejo de uma libertação tão drástica. Mas talvez devesse realmente assumir mais riscos, como Nicholas estava a sugerir. Talvez devesse atrever-se a ser mais audaz…

− Tens sede de viver, Aurora, sob todas essas corretas inibições. − O seu tom era baixo e vibrante. − Desejas sentir-te viva. Todavia, não sabes como.

Sentiu o olhar dele a examiná-la, como se estivesse a olhar para o seu interior e a desvendar todos os seus segredos. De certa forma, Nicholas compreendia a ânsia que ela sempre havia ocultado na sua parte mais profunda, aquela parte que era bravia, inquieta e curiosa. O anseio por alguma satisfação indescritível. Algo evasivo que ela nem podia imaginar.

− E suponho que te estás a oferecer para me ensinar, não é verdade? − disse finalmente.

− Eu quero muito fazê-lo. − A sua voz áspera e aveludada ressoou através dela. − Podia mostrar-te um mundo que nunca viste, brilhante e vibrante de cor. Tu agora não és feliz no teu mundo cinzento e enfadonho, sozinha no teu leito frio e solitário.

Face à implicação de que ele lhe aqueceria o leito, Aurora mal conseguiu respirar.

− Não és responsável pela minha felicidade, Nicholas − conseguiu murmurar.

− Talvez não, mas necessitas de te libertar. E eu farei os possíveis por ser eu a consegui-lo.

− Como? Esgotando a minha resistência?

− Sendo teu amante.

No silêncio da noite, ela pôde perceber o martelar do seu coração.

− Não tenciono voltar a ter uma relação íntima contigo. E se conceber? Jamais superaria o escândalo.

− Leste o diário. Há uma miríade de formas para experimentar as relações carnais sem que resultem em conceção. Ainda dispomos de uma vasta série de métodos de excitação por explorar. Tocar e acariciar, desfrutar um do outro.

Era verdade, o diário descrevia em requintados pormenores as diferentes formas de prazer sensual. Aurora olhou para Nicholas. Ele estava a observá-la intensamente, com um olhar primitivo de sensualidade encarnada.

A voz dele converteu-se num murmúrio rouco.

− Não sentes as batidas teu coração aceleram-se com a ideia de fazer amor comigo? Podes negar que o meu contacto te excita?

Não, não podia em absoluto negá-lo. Aquele homem era seu marido. Tinha sido o seu primeiro amante. O seu único amante. Desejava-o.

De repente, sentiu-se plena de uma intensa consciência. Da noite. Do formigueiro nas suas veias. De Nicholas. Da rica e inquietante promessa da sua boca.

O ar que circulava entre eles parecia pulsar de expetativa e advertências enquanto ela o observava. Havia algo bravio e selvagem correndo pelo sangue de Aurora, uma voz sussurrante que a incitava a ceder, a entregar-se à sensação inebriante que ele prometia.

Todavia, uma outra voz contraditória exortava-a a manter firmes as suas defesas. Nicholas desejava-a porque desejava o que não podia ter.

Mas… e se lhe desse o que ele desejava? Se se entregasse a ele, em breve se cansaria da caça, porque a emoção teria desaparecido… Decerto, então, poria fim à sua enlouquecedora perseguição.

Poderia até haver uma forma de apressar a sua decisão: ela mesma podia tomar a ofensiva. Estava cansada de ser a presa, de se defender, de ter de manter-se sempre em guarda.

A esse respeito ele recordava-lhe o pai. Intencionalmente ou não, Nicholas procurava intimidá-la, fazer com que ela cedesse às suas exigências e controlá-la. Todavia, depois de fazer frente ao pai durante tantos anos, deveria ser capaz de enfrentar Nicholas.

Seria gratificante voltar as coisas a seu favor e convertê-lo em perseguido para variar. Se ela o perseguisse, ele podia muito bem fugir e correr… de regresso à América. E se conseguisse aplacar os poderosos instintos carnais de Nicholas, ele deixaria de ser movido pela sua intensa luxúria…

− Talvez tenhas razão − disse Aurora lentamente, esperando não estar a cometer nenhum erro irreparável. − Talvez

devêssemos ser amantes.

Ao ver que ele não respondia, compreendeu que o tinha surpreendido a ponto de o emudecer. Era evidente que ele não esperava a sua aquiescência.

Também não esperava que ela desse o primeiro passo.

Aurora exalou um suspiro controlado, interrogando-se se teria a coragem necessária para levar para a frente o seu louco plano. Mas que outra opção ele lhe tinha deixado? Não podia permitir que as coisas continuassem daquele modo, com Nicholas a enlouquecê-la aos poucos. Ele não desistiria até que ela cedesse, de modo que, quanto mais cedo o fizesse, mais cedo concluiria aquela estranha relação.

Tinha pouca experiência em assuntos carnais, mas o diário havia-lhe concedido informações notáveis, ensinando-lhe os segredos do corpo masculino, como excitar o seu desejo… Uma lição de um valor incalculável. Uma mulher podia exercer grande poder se controlasse o desejo de um homem.

Também a noite de núpcias a tinha ajudado a perder a sua ignorância virginal e as suas inibições. O próprio Nicholas tinha-lhe ensinado o apetite e a excitação sensual…

Mantendo o olhar fixo no dele, Aurora reuniu a sua coragem e, lentamente, roçou os seus lábios nos dele.

Nicholas manteve-se imóvel, como que assustado.

− Estás a falar a sério? − perguntou finalmente.

Ela respondeu com falsa calma:

− Totalmente a sério. Disseste que deveria assumir mais riscos. Bem, tenciono começar agora mesmo. Queres deitar-te, por favor?

Quando ela se dispunha a recliná-lo, ele pegou-lhe na mão e afastou-a do seu corpo.

Aurora ergueu-se com uma gargalhada nervosa.

− Não tens medo de mim, pois não, Nicholas? − murmurou em voz baixa e intencionalmente desafiante.

Ele estreitou os seus olhos abrasadores.

− O que tencionas fazer?

− Aliviar a tua luxúria − respondeu, poisando de novo a mão sobre o peito dele. − E talvez saborear um pouco de vingança. Tens prazer em me atormentar. Bem, acho que chegou a hora de eu te atormentar a ti. Afinal, devolver o que se recebe é jogo limpo. Agora deita-te.

Ele obedeceu, mas a sua voz rouca transmitia uma advertência.

− Aurora, não sou um santo. Se não desejas fazer amor, aconselho-te seriamente a concluíres este jogo agora mesmo.

Ela curvou os lábios num sorriso e desabotoou-lhe os botões da casaca, embora se sentisse desajeitada e nervosa.

− Um santo é a última coisa que eu te chamaria, Nicholas. E, sim, desejo prosseguir com este jogo… Mas sou eu que dito as regras.

Desabotoou-lhe lentamente os botões da casaca e abriu-a. Podia sentir as batidas do coração dele sob o fino tecido da camisa; cálida, a vida encontrava-se sob as pontas dos seus dedos, tão tranquilizadora como excitante.

− A primeira regra é que tu não me tocas.

− E se eu não quiser seguir as tuas regras?

− Oh, penso que vais querer!

Baixou a mão até ao seu abdómen firme e hesitou um momento. Depois puxou pela camisa, desentalando-a dos calções, e subiu-a até que o estômago dele ficou totalmente a descoberto.

Ao ver que Nicholas se movia, incomodado, Aurora franziu o sobrolho e avisou-o:

− Está quieto!

Ele obedeceu enquanto ela lhe acariciava lentamente o ventre tenso, sentindo a pele cálida sob a sua palma. Mas quando deslizou os dedos pela cintura dele, o corpo inteiro de Nicholas retesou-se. A coragem dela aumentou.

− Dói-te? − perguntou-lhe ligeiramente trocista.

− Sabes bem que não, feiticeira − murmurou ele.

Aurora retirou a mão, mas percebia que ele já estava excitado; podia sentir o bojo enorme sob os seus calções à medida que os desabotoava.

− Se esperas que permaneça imóvel enquanto me tocas desse modo − disse em voz rouca − devias pensar duas vezes.

− Se te moves, fico por aqui − replicou Aurora com serenidade.

Ele rangeu os dentes enquanto ela lhe abria os calções e se concentrava nos botões das suas ceroulas. Quando, ao fim de um

momento, separou o tecido, o seu membro palpitante surgiu de entre os caracóis louro-escuros da sua púbis.

Aurora ficou sem fôlego. Estava deslumbrante, com a luz da Lua conferindo um tom de prata aos contornos duros e aos músculos do seu corpo.

Podia ter pouca experiência naqueles assuntos, mas sabia o que sucederia quando lhe tocasse. Como uma carícia suave retesaria os músculos dele. Como o toque mais leve dos seus dedos no ventre dele o faria estremecer. Como a pele dele aqueceria com o calor e a sua carne masculina enrijeceria…

Acaricio a densa turgência da tua dureza e não sinto vergonha. Ensinaste-me os desejos da carne sensibilizando o meu corpo para o prazer, eliminando todas as inibições.

Ela sabia-o.

Manteve o olhar fixo na sua virilidade, na haste já densamente avultada, embora não se sentisse tão tranquila como aparentava. O coração batia-lhe com força à medida que lhe passava a mão suavemente pelo torso, seguindo o trilho de cabelo sobre o ventre dele e acariciando-o do modo que ele lhe havia ensinado na sua noite de núpcias.

Os contrastes que encontrava sob os dedos fascinavam-na; a vigorosa dureza do seu estômago… o aço aveludado da sua virilidade… a maciez da penugem das bolsas abaixo. Ele estremeceu ligeiramente quando ela lhe tocou ali, os pesados testículos retesaram-se enquanto ela os segurava ligeiramente na mão.

− Aurora… − sussurrou ele com voz áspera.

Subjugada pela resposta dele, alargou as suas explorações. Com os dedos trémulos, moveu-se para cima, pelo rebordo da volumosa crista da sua excitação, atormentando o cume sensível. Ao ver que ele estremecia ao seu contacto, tornou-se mais audaz e seguiu os contornos reluzentes, acariciando a palpitante extensão, tão túrgida de calor.

Por fim, os seus dedos dobraram-se completamente em redor da sua virilidade, encerrando a dureza aveludada e apertando ligeiramente. A espessa extensão cresceu na sua mão, inchando de forma a preenchê-la. Com uma confiança crescente, Aurora levou a mão lentamente para baixo e de novo para cima, originando uma intensa fricção.

− Onde aprendeste a fazer isso? − perguntou Nicholas ao fim de uns momentos com a voz estrangulada.

− Tive um excelente tutor − murmurou Aurora.

− Não me recordo de to ter ensinado.

− Talvez não especificamente, mas ensinaste-me a não temer o corpo de um homem. Ensinaste-me o prazer e a excitação. O diário sugeriu o resto.

Ele estava muito duro sob a pele ardente e sedosa, e tão magnificamente ereto. Todavia, o que a deixava mais admirada era até que ponto tocar-lhe podia afetá-la de um modo tão intenso, como ao acariciá-lo despertava o seu próprio desejo. Sentia um calor por todo o corpo. Tinha os nervos, a pele e o pulso incrivelmente vivos enquanto uma doce dor tinha começado a pulsar entre as suas coxas.

Fixou o seu olhar no dele e o clamor do seu coração fez eco da questão que ele não formulou.

Tremendo de antecipação, deitou para trás o capuz da sua capa e inclinou a cabeça para saborear a haste masculina que podia proporcionar-lhe tanto prazer. Ter à sua mercê aquele homem forte e vibrante era indecente, audaz e, todavia, emocionante.

Quando tocou com a boca na ponta dilatada, ele pareceu deixar de respirar por completo e a sensação de poder de Aurora aumentou. Levantou os olhos e viu que Nicholas tinha fechado os seus. Sustendo a base da sua rígida extensão deslizou a língua suavemente pela cabeça pulsante. Sentiu o corpo de Nicholas retesar-se.

− Estou a fazer bem? − sussurrou.

A resposta dele foi um gemido estrangulado.

− Maravilhosamente. Não pares.

Ela não tinha intenção de parar. Explorar as delícias proibidas daquele corpo era demasiado apaixonante.

Ele sentia a mesma excitação, Aurora sabia, apesar da sua falta de experiência. Notou que a mão de Nicholas lhe tocava nos cabelos e a guiava ligeiramente à medida que ela, com a língua, rodeava a lisa e brilhante crista. Mas o poderoso corpo do homem tinha-se retesado, e tinha os quadris tensos para evitar mover-se enquanto ela o explorava com a boca e com a língua.

Deixando-se levar pelos seus instintos femininos, introduziu-o totalmente na boca envolvendo a grossa ponta bolbosa com os lábios. O escandaloso prazer debilitou-a. Nicholas estava a ferver, pulsando de vida, e a sua suave felação fazia com que ele aumentasse e engrossasse ainda mais.

Ouviu-o gemer e olhou para ele, contemplando o seu rosto firme e viril tenso e enlevado pelo êxtase. Aurora sentiu um arrepio de prazer. Desejava vê-lo assim, desejava senti-lo estremecer de necessidade. Inclinou-se de novo sobre o corpo de

Nicholas, quase com ansiedade, com os cabelos espalhados sobre o ventre dele, renovando o seu sensual assalto. O corpo dele endureceu ainda mais e arqueou-se contra a manta enquanto a segurava pelos cabelos.

Aurora percebeu que ele estava a tremer. A excitação percorreu o corpo dela, aumentando o ávido anseio nas suas próprias partes íntimas. O seu próprio desejo estava a crescer rapidamente, a sua carne secreta encontrava-se húmida e palpitante.

Com o fogo redobrado nos seus sentidos, intensificou febrilmente o seu assalto acariciando com os dedos as tensas bolsas enquanto o atormentava com as carícias das mãos e da boca.

A respiração de Nicholas tornou-se áspera e desigual. Aurora compreendeu que ele estava perto do clímax. Podia sentir na sua garganta a forma como ele estremecia.

Ao fim de uns momentos, o autocontrolo de Nicholas desfez-se. Com um som baixo e gutural, Nicholas retirou-se abruptamente. Voltou-se de lado, afastando-se dela, e derramou-se, com o corpo convulso numa explosão de necessidade, o seu membro erguendo-se e agitando-se à medida que a sua semente se vertia cálida e leitosa sobre a relva.

Aurora contemplou maravilhada a violenta e poderosa descarga, divertida com o seu poder para deixar tão indefeso um homem tão forte.

Exausto e sem forças, Nicholas rodou lentamente até ficar deitado de costas. Mas ainda decorreu um longo momento até abrir os olhos.

− Parece que tenho uma dívida de gratidão para com o diário − disse.

Aurora sentiu-se ruborizar perante a intensidade abrasadora do seu olhar… e a sua impudência. Nicholas não fez nenhum movimento para cobrir a sua nudez e ela sentiu-se inexplicavelmente envergonhada pela lascívia do seu próprio comportamento. Afastou o olhar.

− Não pretendes tornar-te tímida agora, sereia? − murmurou Nicholas. − Não agora, quando é a minha vez de te dar prazer?

Pegou na mão dela e levou-a aos lábios, beijando-a na palma. Aurora sentiu-se estremecer perante o intenso calor que aquele simples gesto despertou nela. Relutante, retirou a mão.

− Penso que talvez tenha ido longe de mais para uma só noite.

− Só há um problema. O pouco que te saboreei só me faz desejar-te mais. Quero passar o resto da noite a fazer amor contigo.

Aurora ficou sem fôlego.

− Não podes.

− Porque não? − Perguntou levantando-se e passando a mão sob a capa dela para lhe acariciar o seio. Ela fez uma careta quando ele alcançou a ponta sensível sob a vaporosa musselina do vestido.

− Estás muito excitada, Aurora. Desejas-me. O teu corpo está ansioso por libertação, por obter prazer.

Ela não podia responder. A sua instintiva cautela tinha regressado junto com a voz de aviso que clamava na sua cabeça, incitando-a a ser prudente com as adulações sensuais de Nicholas.

Ao ver que ela não respondia, sentou-se e passou-lhe o dedo pelos lábios com uma ligeira pressão. Aurora fechou os olhos sentindo-se invadida por uma vaga vertiginosa de necessidade. O desejo que ele lhe despertava era uma dor física, pulsante e urgente.

Receava a força daquele desejo e, todavia, a pura verdade era que não podia negar-se ao prazer do seu contacto.

Quando tentou apertá-la nos seus braços, ela deteve-o poisando a mão no peito dele. Olhou em seu redor e deu-se conta de quão luminosa era a luz da Lua na obscuridade. Embora ligeiramente ocultos pelos salgueiros, ainda se encontravam demasiado visíveis para a tranquilidade de Aurora.

− Aqui não, Nicholas…

− Tens razão. Temos de encontrar uma cama. Para onde queres ir?

Ela respirou profundamente lançando ao vento toda a prudência e precaução.

− Leva-me para casa.

− Com todo o gosto.

Com um sorriso débil, Nicholas arranjou as vestes e abotoou os botões das diversas peças de roupa. Depois pôs-se de pé e estendeu-lhe a mão, que ela segurou com dedos trémulos.

Nicholas recolheu a manta e conduziu Aurora até à carruagem, ajudando-a a subir. Quando se instalou junto dela e pegou nas rédeas, dirigiu um último olhar à margem do lago brilhante.

− Depois desta noite, nunca mais voltarei a ver este local com os mesmos olhos − murmurou sem sombra de brincadeira.

«Nem eu», pensou Aurora. A partir daquele dia, sempre que visitasse o parque, recordaria aquele momento com Nicholas.

Percorreram o caminho de regresso a casa em silêncio. Aurora sentia o coração a bater com força enquanto se questionava

acerca da sensatez da sua decisão. Convidar Nicholas para a sua cama era como soltar um tigre enjaulado: era muito provável que ficasse ferida.

As suas emoções já estavam a fazê-la correr um grande risco. E ficar ainda mais íntima com ele iria decididamente pôr em perigo a serenidade que tanto se esforçara por alcançar.

Todavia, tinha tomado aquele caminho, e iria segui-lo até ao final. Só esperava que os seus cálculos estivessem corretos. Que assim que ele a considerasse como uma conquista sua, abandonaria a caça. E que isso sucedesse antes de estar demasiado ferida.

Contudo, ao chegarem a casa, todas as preocupações relacionadas com o seu plano foram afastadas da sua cabeça assim que entraram no caminho que conduzia às traseiras. Havia luzes acesas em muitos dos quartos.

− Aconteceu alguma coisa − murmurou Aurora procurando controlar a inquietação.

No instante em que Nicholas deteve a carruagem ela desceu rapidamente e subiu a correr os degraus da escadaria das traseiras. O moço de Nicholas, que tinha estado a aguardar pacientemente o seu regresso, apressou-se a segurar nos cavalos, permitindo que ele a seguisse para o interior da casa.

Ao chegar ao vestíbulo, Aurora encontrou-se com o mordomo que parecia ter sido despertado. Danby usava um roupão sobre a camisa de noite, um gorro sobre os cabelos grisalhos e uma expressão grave estampada no seu rosto idoso.

− Aconteceu alguma coisa, *milady*? Estávamos preocupados por não conseguirmos encontrá-la em parte alguma da casa.

Aurora ergueu o queixo determinada a enfrentar as suas ações. Não tinha motivos para se acobardar nem para se envergonhar diante dos seus criados.

− Saí para dar um passeio. Que sucedeu, Danby? Porque estão todos acordados cá em casa?

− Chegou o conde de March, *milady*.

Por um momento, foi como se o seu coração tivesse parado de bater. Geoffrey não podia ter chegado porque tinha perecido no mar há quase um ano. Mas depois recordou-se que Harry, o seu irmão de dez anos, tinha herdado o título.

− Harry está aqui? Em Londres?

− Sim, *milady*. Neste momento está na cozinha. Está… faminto da viagem.

− Da viagem? A que te referes? Não foi a mãe que o trouxe?

− Não, *milady*. Só veio o jovem Lorde March…

Nesse preciso momento, um rapaz de cabelos louros apareceu precipitadamente no vestíbulo vindo das escadas que conduziam à cozinha. Trazia uns calções e casaca, mas tinha o cabelo revolto e o rosto, que se parecia muito com o de Geoffrey, estava realmente sujo.

− Rory, alegro-me muito de te ver…

Mas ao avistar Nicholas, calou-se bruscamente. Com grande surpresa de Aurora, o rapaz cerrou os punhos e posicionou-se furioso diante dele.

− E tu quem és? − perguntou irado.

− Harry! − repreendeu Aurora duramente. − Onde estão os teus modos?

− Sou Brandon Deverill, primo de Lady Aurora por matrimónio − replicou Nicholas suavemente.

− Não tens nenhum direito de estar qui! − quase grunhiu o rapaz.

− Harry, este cavalheiro é um convidado em minha casa. Terás de refrear a tua linguagem.

Ainda com o sobrolho franzido, Harry lançou a Aurora um olhar acusador.

− Não podes ter já esquecido o meu irmão. Só faz um ano que morreu. Um ano exatamente hoje.

Aurora estremeceu. Não se recordara que aquele era o aniversário do trágico naufrágio.

− Não − respondeu sentindo-se culpada. − A data pode ter-se apagado da minha mente, mas jamais poderei esquecer Geoffrey.

− Então, o que está ele aqui a fazer a estas horas da noite?

Ela inspirou profundamente procurando manter a calma.

− Não tens autoridade para formular semelhantes perguntas, meu jovem lorde. Além disso, como meu familiar, Nic… o senhor Deverill tem todo o direito a visitar-me. Agora é a tua vez de me dares algumas respostas. O que estás a fazer em Londres? E a estas horas da noite?

Pela primeira vez, o sobrolho de Harry deu lugar a uma expressão de insegurança.

− Fugi de casa, Rory. A mamã está insuportável. Por favor, tens de me permitir ficar contigo.

CAPÍTULO 14

Ele tocava-me com uma ternura surpreendente,
como se até o meu coração lhe pertencesse

− Diz-me lá então, Harry, como é que conseguiste chegar a Londres? − perguntou Aurora um pouco mais tarde, enquanto Nicholas e ela se sentavam com o rapaz à mesa dos criados, na cozinha.

Para exasperação de Aurora, Nicholas tinha ficado sem ser convidado e instalara-se confortavelmente lá em casa. Ela não pretendia discutir com ele diante do seu inesperado e jovem convidado, mas estava furiosa.

Harry levantou o olhar de um prato de galinha fria, bolos e maçãs que estava a comer.

− A diligência. É sempre tão divertido. Primeiro vim lá em cima e depois no interior. Foi estupendo! O cocheiro deixou-me pegar nas rédeas, mas só um bocadinho, porque alguns passageiros queixaram-se da minha condução.

− Fizeste sozinho todo o caminho desde Sussex? − perguntou Aurora consternada. − Não vês como é perigoso? Podiam ter-te roubado ou…

− Oh, a diligência não era nada perigosa! Foi só quando chegámos à pousada é que ia quase aterrando na urze. Estava cheia de gente e tive de perguntar a direção a seguir. Havia lá três tipos que pareciam salteadores, mas quando tentaram deter-me mostrei-lhes os punhos e fugi.

Aurora estremeceu ao pensar no que podia ter acontecido a um rapazinho sozinho de noite nas ruas de Londres.

− Não sou nenhum papalvo, Rory − disse ao ver a sua expressão. − Sei cuidar de mim mesmo. Embora eles me tivessem roubado as minhas coisas. − Harry ficou subitamente taciturno. − Entre elas estava o meu barco favorito.

− Barco? − perguntou Nicholas com curiosidade.

O rapaz dirigiu-lhe um olhar cauteloso, como se estivesse a decidir se devia confiar nele.

− O navio almirante de Nelson, o *Victory*. Era de estanho. Tinha-me sido oferecido pelo meu irmão.

Ao recordar-se de Geoffrey, o rapaz dirigiu a Aurora um olhar acusador.

− Danby não queria deixar-me entrar. Não acreditava que eu fosse Lorde March, porque da última vez que me viu eu era muito pequeno. E tu não estavas aqui para responder por mim.

Ela lutou contra o embaraço, consciente de que devia parecer uma rameira. Tinha tirado a capa e tinha os cabelos em desordem caindo-lhe pelas costas.

− A tua mãe sabe que fugiste? − perguntou deliberadamente para mudar de tema.

Harry exibiu um sorriso de ironia.

− Agora já sabe. Deixei-lhe um bilhete dizendo-lhe que tencionava viver contigo.

− Harry, a tua mãe deve estar muito preocupada.

− Eu sei. Foi por isso que fugi. Está sempre preocupada. Está a asfixiar-me, Rory. E na semana passada ainda foi pior do que de costume, porque se aproximava a data do falecimento de Geoffrey.

− É compreensível que esteja afetada − disse Aurora pacientemente. − Agora és o seu único filho, Harry…

− Eu sei. A mamã está aparvalhada no que diz respeito a Geoffrey, mas faz um banzé sempre que saio de casa. Pensa que deve vigiar-me a toda a hora até eu ser um adulto. É muito aborrecido, Rory.

Aurora franziu o sobrolho.

− Onde é que aprendeste essa maneira de falar tão vulgar?

− Com Tom, o jardineiro. Também queres chatear-me a cabeça, Rory? Se é assim, vá, mas não vou voltar para casa, de modo que é inútil tentares obrigar-me. Se não me deixas viver contigo, terei de procurar outra pessoa que me receba.

Aurora hesitou antes de responder… Tinha muita vontade de ajudar Harry, não só porque sentia muito carinho por ele, mas também porque desejava mitigar a sua culpa. Durante o ano anterior tinha descuidado muito o rapaz. Ele tinha perdido um irmão que idolatrava e depois tinha sido obrigado a suportar a asfixiante proteção materna. Em geral, Lady March não era uma mulher distraída, mas tinha ficado desolada pela morte do seu filho mais velho e estava decidida a não deixar acontecer nada ao mais novo. Aurora podia compreender perfeitamente que Harry se tivesse rebelado e procurado refúgio junto de alguém a quem considerava amigo. Todavia, não pretendia estimulá-lo nem colaborar na sua rebelião.

Mas, antes de poder expressar as suas reservas, Harry interveio de novo.

− Não ficarei contigo por muito tempo, porque tenciono alistar-me na Marinha e lutar contra os franceses, como Geoffrey.

− Tencionas fazer o quê?

− Vou fugir para o mar. Quero viver autênticas aventuras e a mamã jamais mo permitirá. Nem sequer me deixa pescar nos nossos próprios rios. Não posso aproximar-me da água porque receia que me afogue, como aconteceu a Geoffrey.

− Eu sei algo acerca de fugir para o mar − interveio Nicholas suavemente.

− A sério? − Harry pareceu interessado. − Falas como um colono.

− Sou americano. Mas tenho alguma experiência na Marinha Britânica. Nos meus navios há muitos marinheiros que foram recrutados ilegalmente pelo teu país e obrigados a servir.

− És comandante de um navio? − perguntou com os olhos brilhantes.

− Comandante não, proprietário. Tenho uma frota de navios mercantes.

− Uma frota? Isso é muito bom!

Nicholas sorriu.

− Se soubesses as privações que terias de enfrentar na Marinha do teu país, não desejarias alistar-te nela, acredita-me. A vida de um marinheiro é extremamente desagradável comparada com aquela a que estás acostumado. Seria muito melhor que fizesses uma aprendizagem na Marinha Mercante.

Aurora dirigiu a Nicholas um olhar acusador, irritada por ele estar a estimular as loucas fantasias do rapaz.

− Harry não se alistará em nenhuma delas.

O rapaz cerrou os maxilares com rebeldia enquanto segurava com força na perna da galinha.

− Vou fazê-lo, Rory.

Nicholas sacudiu a cabeça.

− Bem, mas não deves fazê-lo desta forma. Não só angustiarias a tua mãe, como não estás preparado para começar a tua aventura. Aposto que nem sequer tens uma carta de apresentação.

− Devia ter uma carta?

− Sim, se quiseres ser mais do que um empregado da copa. Necessitas de alguém com autoridade que responda por ti. E necessitarás de dinheiro para o teu cofre marinho.

− Tenho dinheiro. Sou muito rico.

− Então, em vez de seres um marinheiro, podias pensar em comprar o teu próprio navio e tornares-te um empresário. Acredita, isso seria muito mais agradável do que esfregar o convés de manhã à noite.

Harry exibiu um sorriso de orelha a orelha, sem dúvida entusiasmado com essa nova ideia. Nicholas devolveu-lhe um sorriso lento. Observando aquele sorriso irresistível, Aurora sentiu uma punhalada de desejo no seu interior. Devia ter imaginado que ele podia relacionar-se com um rapaz. O encontro dava-lhe um vislumbre de como Nicholas devia ter sido naquela idade. E, todavia, sentia-se consternada ao vê-lo utilizar o seu encanto impiedoso para conseguir controlar Harry.

O rapaz prosseguiu com as suas fantasias enquanto agitava a coxa da galinha.

− Se tivesse o meu próprio navio poderia ir a França e espiar os franceses, como Geoffrey.

− O que queres dizer «como Geoffrey»? − inquiriu Aurora.

− Ele estava numa missão secreta quando o seu navio se afundou… − Harry olhou em seu redor de repente sobressaltado. − Oh, não devia ter dito isto! Geoffrey fez-me prometer que não o diria.

Aurora não deu crédito ao comentário de Harry. De forma alguma podia imaginar o erudito Geoffrey partindo para França como espião. Talvez Harry tivesse inventado a história para dar um significado à absurda morte do irmão no mar. Era evidente tinha mais necessidade de um amigo do que ela supusera de início.

Ela seria sua amiga. Sentia que tinha um dever importante para com o rapaz. Harry tinha contado sempre com pouca liberdade, mesmo nos tempos em que Geoffrey lhe fazia oficialmente a corte. Era louco por cavalos e aproveitava de bom grado qualquer desculpa para visitar os estábulos de Eversley. Por outro lado, tinha confiado mais no juízo de Aurora sobre cavalos do que no próprio irmão. Tinha sido ela e não Geoffrey a escolher o seu primeiro pónei.

Aurora tinha-o considerado sempre um irmão mais novo, e tê-lo-ia sido por matrimónio se o destino não tivesse interferido tão cruelmente. Além disso, ela sabia bem o que era desejar fugir a um progenitor dominante, de modo que, apesar dos seus escrúpulos acerca de estimular a sua rebelião, permitiria a Harry que ficasse consigo de momento. Pelo menos até poder convencê-lo a renunciar àquela tolice de embarcar em busca de aventuras.

Ao vê-lo cabecear, Aurora compreendeu que estava esgotado.

− Devias ir dormir − disse com doçura. − Estou certa de que poderemos resolver tudo isto amanhã de manhã.

− Não vais mandar-me para casa?

− Não imediatamente, embora vá escrever à tua mãe logo de manhã, para lhe dizer que chegaste bem e pedir-lhe permissão

para te deixar ficar comigo uma temporada.

− És muito compreensiva, Rory!

Levantou-se da mesa, correu para ela e lançou-lhe os braços ao pescoço.

Aurora não pôde evitar um sorriso.

− Disseste que tinhas perdido as tuas roupas? Teremos de encontrar uma camisa de dormir adequada para ti.

Danby, que se encontrava discretamente perto da porta, apareceu como se tivesse sido chamado. Aurora libertou-se com dificuldade do forte abraço do rapaz.

− Danby, podes instalar Lorde March no quarto verde?

− Com certeza, *milady*.

Quando Harry se dispunha a seguir o mordomo, Aurora deteve-o.

− Um momento, meu jovem lorde. Creio que deves um pedido de desculpas ao senhor Deverill,

Harry voltou-se para Nicholas com uma contrição relutante.

− Lamento se fui mal-educado, senhor. Perdoa-me, por favor?

− Estás perdoado − replicou Nicholas prontamente.

− E se eu prometer portar-me bem, fala-me dos seus navios?

Nicholas sorriu.

− Com todo o prazer − disse.

− Obrigado. − Harry voltou-se para Aurora. − Ele não é tão mau como me pareceu, Rory.

Quando o rapaz saiu, Aurora sentiu o olhar de Nicholas fixo nela.

− Chama-te Rory?

− Harry não sabia pronunciar o meu nome quando era pequeno, de modo que fui sempre Rory para ele. Peço desculpa pelos seus modos de há pouco. Na realidade, ele é um rapazinho encantador.

− Eu vi. − Nicholas fez uma pausa. − Trata-lo com muito carinho. Serias uma boa mãe.

Os seus olhares encontraram-se e Aurora interrogou-se se ele estaria a pensar o mesmo que ela. Como teriam sido os seus filhos se o matrimónio deles tivesse sido real e duradouro?

Aurora puniu-se a si mesma mentalmente. Seria uma tola se se permitia sonhar com uma autêntica união com Nicholas. Ele não era o tipo de homem que entrega o seu coração a uma mulher. O amor era para ele um jogo, uma aventura. Não tinha dúvidas de que era capaz de satisfazer os desejos carnais de uma mulher muito para além das mais loucas imaginações femininas, mas sem sentir nada mais profundo.

E sem nenhuma emoção mais forte a segurá-lo, quanto tempo decorreria até que voltasse ao seu impulso inquieto de vaguear sem destino? Até a sirene do perigo o atrair de novo? Até a deixar sozinha com o coração destroçado?

Não, disse Aurora a si mesma, à medida que uma dolorosa tristeza se revolvia no seu peito. Não existia possibilidade de ter filhos com Nicholas…

De repente ficou sem fôlego ao recordar-se do assunto inacabado e pendente entre eles. Nicholas encontrava-se ali, na sua cozinha, porque ela o tinha convidado a partilhar o seu leito. Santo Deus…

De repente, o momento impregnou-se com um novo tipo de tensão. Ao ver que ele a acariciava com os olhos, Aurora moveu-se no seu assento, inquieta sob o seu sombrio exame.

A sua decisão de o manter à distância tinha-se quase desvanecido naquela noite. Mas agora sentia-se grata por Harry ter aparecido naquele momento. Embora representasse um problema, e fosse outro inesperado ser masculino na sua vida, tinha-a salvo de cometer um erro enorme.

− Creio que deverias ir − murmurou com uma voz repentinamente rouca.

− Não pensavas o mesmo há uma hora atrás.

− Há uma hora atrás estava a sofrer a loucura da luz da Lua. E não sabia que Harry fugira de sua casa e procurara refúgio aqui.

− Quer dizer que pretendes esconder-te atrás dele. − Não era uma pergunta. − Usá-lo como desculpa conveniente para negar o desejo que sentes por mim.

− Não, Nicholas…

− Sim. Estás a enganar-te a ti mesma, Aurora. A enganar-te acerca daquilo que realmente desejas.

− Isso não é verdade. Fui imperdoavelmente imprudente esta noite… − Aurora sacudiu a cabeça. − Tenho de pensar nas minhas responsabilidades. Tenho um dever para com Harry. O irmão dele desapareceu e Geoffrey teria desejado que eu

tomasse conta dele.

Ao ver que Nicholas a observava com firmeza, acrescentou na defensiva:

− Seria desleal para com a memória de Geoffrey que me deitasse contigo esta noite. Nunca devia ter esquecido que hoje era o aniversário da sua morte. Foi imperdoável da minha parte.

A boca de Nicholas retesou-se.

− O imperdoável é que te enterres viva no passado. Tens de esquecer o teu noivo anterior, Aurora, e seguir com a tua vida.

Ela desviou o olhar.

− Não é assim tão fácil esquecer a morte de alguém que se ama. − A sua voz reduziu-se a um murmúrio baixo. − Não podes imaginar o que foi para mim perder Geoffrey. Era mais do que meu noivo. Era um amigo querido, alguém a quem havia amado quase desde o berço. E depois de perder a minha mãe… − Interrompeu bruscamente a frase com a garganta tensa perante a recordação. Nicholas não compreendia o desespero da perda, o desolado sentimento de impotência, a insuportável solidão que tinha sentido ao perder também Geoffrey.

Tinha ficado devastada quando a sua querida mãe sucumbiu à epidemia de gripe. Geoffrey tinha sido o seu consolo, tinha-a confortado e ajudado a mitigar a angústia. E depois também ele tinha morrido. Era muito injusto que ele tivesse desaparecido na flor da vida. E então… aprendera o quão inútil era rebelar-se contra o destino.

Dominando a dor com todas as suas forças, como sempre fazia, Aurora levantou-se bruscamente.

− Não pretendo discutir contigo acerca disto, Nicholas. Creio que consegues sair sozinho.

Voltou-se para sair, mas ele deteve-a com a sua voz suave.

− Aurora.

Ela não queria olhar para ele. Escutou a cadeira a arrastar no chão e sentiu a sua proximidade quando chegou atrás dela. Os braços dele rodearam-na, apertando-a ligeiramente.

− Não me repudies − disse-lhe com a boca nos seus cabelos.

Sentiu um nó na garganta. O calor invadiu-a enquanto a necessidade crescia dentro dela como a pressão das lágrimas.

À medida que ele a atraía contra o seu corpo forte e musculoso, ela voltava a recordar por que razão era perigoso ter algo a ver com Nicholas. O desejo intenso que sentia por ele era uma dor que lhe queimava as entranhas. Aurora não queria que ele se fosse embora, não desejava afastá-lo e, todavia, uma desesperada necessidade de autodefesa clamava dentro dela, advertindo-a de que se salvasse.

− Cometi um erro ao convidar-te para vires − sussurrou. − Não desejo voltar a ter relações íntimas contigo. Não posso.

− Porque não? − Ergueu a mão para a poisar sobre a curva do seio dela, enchendo a palma com o seu volume. − Somos marido e mulher. Não necessitamos de mais autorização do que essa para nos tornarmos amantes.

− Com que finalidade? − replicou ela com voz áspera. − Um prazer momentâneo?

Ele hesitou durante um longo momento.

− Que mal tem um prazer momentâneo?

Ela fechou os olhos. Podia sentir o seu hálito quente na face, a sua palma a cobrir eroticamente o seu seio, e teve de se esforçar por reprimir um gemido.

− Tu, Nicholas − disse ela num tom de voz irregular −, o mal és tu. És o último homem que eu escolheria de bom grado como amante. Não posso suportar sentir carinho por alguém que arrisca a vida por pura diversão. Já tive mortes que me cheguem. Primeiro a minha mãe, depois Geoffrey… Não voltarei a expor-me a esse tipo de dor.

− Não estou a pedir-te que o faças.

− Estás, sim. Acusaste-me de me furtar aos meus sentimentos. Talvez seja verdade, mas dessa forma é menos doloroso.

− Menos doloroso sim, mas infinitamente menos satisfatório. − A sua própria voz tinha-se convertido num áspero sussurro. − Desejas realmente passar pela vida sem alegrias nem sucessos? De que serve viver se te isolas de tudo o que dá sentido à vida? Da emoção, do desejo, da paixão?

Ao ver que ela não respondia, beijou-lhe os cabelos.

− Podes realmente manter-te tão distante, Aurora? Podes negar o teu próprio louco anseio? És assim tão forte?

Ele estava a falar diretamente a todos os impulsos proibidos que ela alguma vez tivera. Aurora sacudiu a cabeça em desespero. Tinha de resistir, tinha de lutar contra a traidora necessidade que sentia dele. Render-se ao seu desejo seria uma loucura, só a conduziria à dor. Já tinha começado a sentir algo demasiado profundo por ele. Nicholas já a tinha encurralado no seu poderoso feitiço…

Tinha de acabar com aquilo naquele momento, antes que fosse demasiado tarde.

− Estás enganado − disse quase numa súplica. − Não desejo paixão. Só quero ficar sozinha.

− Não acredito. Recordo-me da mulher cativante que foste no nosso leito nupcial. Não deixarei que esqueças a amante apaixonada que foste naquela noite.

− Nicholas… por favor… vai.

Em resposta, ele voltou-a para si, com os braços suavemente na cintura dela e os olhos negros e inquisitivos fixos nos dela. Aurora sentiu-se indefesa com o olhar preso no dele, afundando-se nele.

− Aurora…

A sua voz era um sussurro rouco e sensual.

Depois inclinou-lhe a cabeça.

Aurora soltou um ténue gemido de protesto enquanto oprimia as mãos contra o peito dele. Não queria o beijo dele… Não queria sentir os seus cálidos lábios movendo-se sobre os dela, não queria abrir-se para ele e receber o seu hálito. Não queria levantar os braços e enredar os dedos nos seus cabelos, sentir aquele apetite feroz e latente que só ele conseguia despertar nela…

O beijo dele aprofundou-se e tornou-se quente e urgente à medida que os seus braços se estreitavam mais em torno dela. Aurora gemeu em voz baixa. Estava plenamente consciente do duro corpo masculino, da rígida evidência do seu crescente desejo pressionado contra ela. Sentiu a respiração dele a tornar-se mais irregular à medida que a sua boca devoradora tomava a dela à força.

A excitação perante a promessa do insuportável prazer que ele lhe oferecia incendiou os sentidos de Aurora. Ele desejava-a e, que Deus a ajudasse, ela desejava-o a ele…

Nesse momento, escutou passos nos degraus que conduziam à cozinha. O alarme cresceu no seu interior dando-lhe forças para se afastar do abraço proibido.

Quando Danby apareceu, Aurora estava a salvo, na outra ponta da cozinha, com o coração batendo descontroladamente no peito e o corpo ainda vibrante de sensações desenfreadas.

− O jovem Lorde March está a ser assistido, *milady* − informou-a o mordomo. − Deseja algo mais?

Aurora esforçou-se por dominar os seus sentidos nublados pela paixão.

− Sim, Danby − conseguiu articular com voz trémula. − Podes acompanhar o senhor… Deverill? Ele estava mesmo de saída.

E sem outro olhar a Nicholas, fugiu dali.

Nick olhou para ela e cerrou o maxilar, decidido a não a seguir. Estava absolutamente certo de que não a teria deixado fugir. Contudo, talvez tivesse sido uma sorte terem sido interrompidos, pois não teria conseguido parar de a beijar até ter-se introduzido profundamente nela. Estivera tão cego com a necessidade que tinha dela que poderia tê-la possuído ali mesmo, na sua cozinha.

Todavia, foi apenas quando ia a conduzir a carruagem de regresso ao seu hotel que Nicholas teve tempo de considerar a sua ânsia feroz.

Custava-lhe entender o poder que Aurora exercia sobre ele. Nunca tinha conhecido outra mulher cujo contacto lhe produzisse um desejo tão abrasador. O que raio é que ela tinha que a tornava tão tentadora?

Não havia dúvida de que era bela. Possuía uma fascinante combinação de beleza e sagacidade, inteligência e graça que raras vezes tinha encontrado noutra mulher. Também a sua resistência ao seu cortejo a tornava única entre todas as outras mulheres.

Sem dúvida, sentia-se estimulado pelo desafio que ela lhe apresentava. Não só se sentia impulsionado pela sua natureza competitiva para tentar ganhar a batalha de vontades existente entre eles, como tê-la tão perto e, todavia, tão intocável, era um inferno doce e sensual que excitava os seus instintos masculinos mais primários.

Porém, o que sentia ia muito mais além da simples luxúria. Sem se aperceber, tinha ficado enredado no desejo… No desejo de a reclamar plenamente como sua.

Sabia que estava a brincar com o fogo, mas nunca até então tinha sentido tanta vontade de se queimar.

A boca de Nick curvou-se num sorriso sombrio. Os seus amigos e a sua família ficariam pasmados se soubessem que ele estava tão apaixonado por uma mulher… pela sua própria esposa. Mas quer desejasse Aurora tão intensamente porque ela o havia enfeitiçado ou porque continuava a negar-se a ele, estava menos disposto que nunca a afastar-se.

O que tinha começado como uma resolução de tipo prático para cumprir a palavra dada ao seu pai e obter o melhor proveito de um matrimónio não desejado, tinha-se, de algum modo, convertido numa necessidade vital. Quanto mais conhecia Aurora, mais seguro estava de a querer como sua esposa.

Não estava enganado acerca dela. Aurora possuía um espírito bravio que ansiava por ser liberado. O prazer requintado que

lhe tinha proporcionado no parque era prova disso. A sua momentânea ousadia tinha-o surpreendido e encantado, levando-o a uma feroz libertação que o tinha deixado temporariamente saciado.

Contudo, o seu triunfo tinha sido breve.

Ao recordá-lo, Nicholas proferiu uma maldição. Vê-la regressar ao seu casulo autoprotetor tinha-o enfurecido. Desejava agitar algo no seu interior. E quando Aurora tinha falado tão ternamente do seu amor pelo seu falecido noivo, tinha desejado bater em alguma coisa.

Perante a recordação, inundava-o um feroz sentido de posse. Tinha ciúmes de um homem morto. A adoração que ela sentia pelo grande Geoffrey, Lorde March, enfurecia-o. Até ela superar as suas recordações de March, não seria capaz de seguir com a sua vida… nem de se entregar livremente a mais ninguém. A ele.

Nick apertou o maxilar ameaçadoramente. Estava acostumado a resgatar donzelas em apuros, mas, normalmente, o perigo provinha de uma ameaça externa. Todavia, desta vez salvaria Aurora de si mesma.

Reclamá-la-ia como sua esposa… e fá-la-ia esquecer que alguma vez tinha amado outro homem.

CAPÍTULO 15

Ele manifestou claramente o seu propósito: estava determinado a ter-me, de corpo e alma

Contrariamente às esperanças de Aurora, a chegada do jovem Harry a Londres contribuiu pouco para resolver o seu problema: evitar o seu persistente e indesejado esposo. A presença de Harry deu a Nicholas mais pretextos para o contacto. Aparecia lá em casa com frequência, em teoria para entreter Harry e levá-lo a visitar Londres.

A camaradagem instantânea que surgiu entre eles consternou enormemente Aurora. Nicholas tinha conquistado o rapaz com as suas histórias de barcos e marinheiros, junto com abundantes doses de charme. E ela não queria defraudar o seu mais recente e jovem hóspede recusando a entrada de Nicholas em sua casa.

Mas, com frequência, sentia-se agradecida com a sua presença. Não era tarefa fácil manter ocupado um enérgico rapaz de dez anos. Ela levava Harry aos seus passeios matinais a cavalo pelo parque, mas aquilo dificilmente satisfazia a sua ânsia de aventuras. Desejava ver o mundo, começando por cada centímetro de Londres.

Felizmente − ou infelizmente, pelo bem das convenções − Raven tornou-se amiga dele e os dois costumavam encontrar-se no parque e competir como índios selvagens. Aurora não podia censurá-los, uma vez que tinha sido a primeira a estimular aquelas galopadas matinais.

Todavia, nem sequer essas corridas desenfreadas podiam competir com os entretenimentos que Nicholas lhe oferecia. Harry chegou a casa excitado e com os olhos arregalados quando visitaram Exeter 'Change para ver os tigres, e o Egyptian Hall, em Piccadilly, que exibia curiosidades de África e das Américas. Três dias depois, teve uma indigestão por comer demasiado pão de gengibre numa feira local, a que Nicholas o levou, com mágicos, acrobatas e trapezistas.

Quando Aurora se queixou de que Nicholas estava a mimar em excesso o rapaz, ele descartou as suas objeções dizendo-lhe para não se preocupar.

− Claro que me preocupo − respondeu ela. − Sou responsável por ele.

− Prometo-te que não permitirei que nada lhe aconteça.

Aurora tinha de se conformar com isso, mas era inquestionável que Nicholas estimulava Harry a testar as suas forças, ou então o rapaz estava com a síndrome da adoração-do-herói.

Raven acompanhou-os ao Astley's Royal Amphitheater para assistirem a um espetáculo de acrobacia a cavalo. No dia seguinte, Harry tentou imitar uma das façanhas e caiu do cavalo, esfolando os joelhos e o queixo.

Aurora ficou assustada, mas Nicholas recordou-lhe que joelhos esfolados eram um rito dos rapazes. Ao ver que ela continuava a protestar, Nicholas avisou-a que não tentasse controlar em demasiado o jovem ou ele sentiria que ela o estava a sufocar como fazia a mãe.

Ainda assim, não lhe agradava que Nicholas estivesse a contribuir e a incitar a rebelião de Harry.

A gota de água foi Burford's Panorama em Castle Street, onde viram, entre outras coisas, murais que representavam as vitórias navais do almirante Nelson no Nilo. Depois disso, Harry só falava em se fazer ao mar.

− Creio que será melhor que deixes de o levar a mais entretenimentos − disse Aurora a Nicholas durante o passeio matinal a cavalo no dia seguinte.

− Porquê?

− Porque Harry é um jovem impressionável. Até tenho medo de pensar que ideias malucas estará a aprender contigo.

− Eu dificilmente qualificaria de maluca uma exposição de hieróglifos egípcios.

− Não é o entretenimento mas a tua companhia que me preocupa. Não és exatamente a melhor influência, Nicholas.

− Brandon, por favor, meu amor.

Aurora levantou os olhos ao céu.

− Aborrece-me que Harry se esteja a afeiçoar tanto a ti. Não me agrada pensar no quanto ficará dececionado quando tiveres de partir. − *Ou como ela mesma se sentiria*. − Vê-te como um herói, com todas essas aventuras.

− Pois de tudo o que comenta, não posso sequer comparar-me ao seu falecido irmão no que toca a aventuras. De acordo com Harry, o teu Geoffrey era um espião.

Aurora negou com a cabeça.

− Harry está muito enganado. Geoffrey seria o último homem a meter-se em algo como a espionagem.

− Porque dizes isso?

− Porque ele era demasiado intelectual. Tinha sempre o nariz metido nos livros.

− Parece mortalmente enfadonho.

A acusação irritou-a, todavia deu por si a desviar o olhar com tristeza. Mal tinha pensado em Geoffrey desde que Nicholas tinha chegado a Inglaterra.

Ao reconhecê-lo, experimentou uma dor aguda junto com um profundo sentimento de culpa. Como podia ter sido tão desleal com a memória de Geoffrey? Tinham sido amigos durante toda a vida, mas agora quase já nem se recordava dele; a sua imagem tinha ficado eclipsada pela presença vigorosa de Nicholas. Comparado com ele, Geoffrey não passava de uma sombra.

Aurora apertou os lábios, disposta a ultrapassar a sua deslealdade.

− Geoffrey era um perfeito cavalheiro − replicou bruscamente. − E um homem gentil. Nunca teria abandonado o lar nem a sua família para arriscar a vida simplesmente pela emoção da aventura. Ao contrário de outros que conheço − acrescentou intencionalmente.

− Tal como eu disse… enfadonho.

Ao ver que Aurora se irritava, Nicholas limitou-se a sorrir e apontou com a cabeça para um bosquezinho junto à margem do Serpentine.

− Aposto que o teu querido Geoffrey nunca se teria lembrado de te trazer aqui, nem tu lhe proporcionarias um prazer tão agradável.

Ela compreendeu que estavam a passar pelo lugar onde Nicholas a tinha levado a passear sob a luz da Lua e enrubesceu. Contudo, quando olhou para ele, reparou que o brilho malicioso dos olhos de Nicholas tinha desaparecido.

Aurora imobilizou-se, enredada na silenciosa intensidade do olhar de Nicholas. A tensão que vinha a ferver em lume brando sob a fria superfície de Aurora regressou num segundo com toda a sua força… junto com uma perigosa emoção.

Desejo. Deflagrava nela rápida e incontrolavelmente a um simples olhar dele.

Durante as duas últimas semanas, tinha-se esforçado ao máximo por simular indiferença, por ignorar o feroz anseio que Nicholas despertava nela, mas ali estava, entre eles, subtilmente vivo e latente.

Aurora compreendeu que em algum momento teria de o enfrentar. Todavia, sem vontade de resolver a questão naquele instante, esforçou-se por desviar o olhar.

Sabia que aquela situação volátil não poderia continuar durante muito tempo.

Mesmo tendo Harry para a proteger, a perseguição que Nicholas lhe fazia não dava mostras de abrandar, e isso mantinha-a num conflito permanente. Ele estava a virar a sua vida de pernas para o ar, tal como ela temera, destruindo a sua serenidade tão duramente conseguida. Consternava-a ver o quanto era vulnerável perante ele.

Mas era ainda mais assustador recordar o perigo que ele enfrentava. Na tarde seguinte, Aurora foi rudemente recordada de quão precária era a situação de Nicholas. O primo de Aurora, Percy, escreveu-lhe uma carta perguntando-lhe se tinha tido notícias de Nicholas.

Aurora devorou febrilmente o conteúdo, o qual dava a entender que se tinha extraviado pelo menos uma carta anterior.

Desde a última vez que te escrevi, cheguei à conclusão de que os rumores acerca da fuga de Nicholas devem ser verdadeiros. Não só há informações de que foi visto no Caribe, depois da sua suposta morte por afogamento, como ontem fui interrogado por oficiais navais que procuram o comandante Sabre.

Se Nicholas está realmente vivo, querida, deves preparar-te para o escândalo, porque legalmente continuas a ser sua esposa. Agora só posso lamentar a parte que tive em concordar com o vosso matrimónio…

Percy também lhe pedia perdão por tê-la enganado em relação à suposta morte do seu marido.

Nick pensou que seria melhor poupar-te ao duro golpe de o ver morrer. E, sabendo o muito que tinhas sofrido recentemente com a perda do teu noivo, concordei.

Todavia, não era a mentira de Percy que trastornava Aurora, mas saber que, em breve, todas as pessoas saberiam que o criminoso condenado com que ela se havia casado continuava a ser um fugitivo da justiça naval britânica.

Os seus dedos apertaram energicamente a carta. Não podia permitir que aquela situação se mantivesse. Receava o risco que Nicholas corria de ser capturado e executado. Teria de o chamar à razão, convencê-lo-ia a sair de Inglaterra.

No dia seguinte, fez uma séria tentativa durante a sua cavalgada matinal. Tinha começado um pouco mais tarde do que de costume porque a montada de Harry tinha magoado uma pata com uma pedra e teve de ser substituída. Quando Aurora e Harry por fim chegaram ao parque, este já estava repleto de precetoras e crianças.

Aurora juntou-se a Nicholas e a Raven num tranquilo passeio ao longo de Rotten Row, enquanto Harry esporeava a sua montada com o moço de estrebaria de Aurora seguindo-o de perto. Por uma vez, Raven escolheu o decoro à emoção, de modo que Aurora se viu obrigada a reprimir a sua língua e a aguardar para falar em privado com Nicholas.

Em breve cruzaram-se com uma carruagem descoberta na qual passeava um casal elegante com um bebé. Aurora ficou tensa ao reconhecer o barão e a baronesa Sinclair. Damien Sinclair, noutro tempo conhecido como «Lorde Sin» tinha sido um conhecido libertino de Inglaterra e um dos principais líderes da Liga Fogo do Inferno antes do seu matrimónio. Havia muitas possibilidades de que pudesse identificar Nicholas.

Aurora tinha esperança de que pudessem passar despercebidos. Sentia grande admiração por Vanessa, a esposa de Lorde Sinclair, com quem havia simpatizado durante a sua apresentação em sociedade, há já alguns anos, mas naquele momento não tinha nenhum desejo de ser vista por ela.

Todavia, no instante em que se cruzavam com a carruagem, Vanessa Sinclair reconheceu-a e saudou-a calorosamente. Incapaz de evitar saudar a amiga, Aurora deu um puxão nas rédeas.

Lorde e Lady Sinclair formavam um casal impressionante. Catherine, a sua pequena filha de dezoito meses, era tão admirável como eles, com os cabelos de corvo do pai e os olhos negros da mãe.

Com relutância, Aurora apresentou os seus acompanhantes e sobressaltou-se ao ver que Sinclair observava Nicholas com curiosidade. Sentiu-se aliviada quando a pequena o distraiu, tentando libertar-se dos braços do pai e apontando para o lago ao mesmo tempo que exclamava:

− Pato, pato!

− Estamos a ensiná-la a alimentar os patos − comentou Vanessa rindo.

− Pedimos-lhes que nos desculpem − interveio Sinclair com o sorriso sensual que tinha despedaçado metade dos corações femininos de Inglaterra −, aprendi que é melhor não fazer esperar uma dama impaciente.

Antes de se afastarem, Vanessa pediu desculpa a Aurora por não a ter visitado recentemente.

− Estivemos uns dias no campo, mas se estiveres livre uma tarde desta semana, gostaria muito de te visitar.

− Alegrar-me-ia muitíssimo e espero que tragas Catherine.

Vanessa sorriu perante o interesse da amiga pela sua filha.

− Claro. Foi um prazer conhecê-lo, senhor Deverill.

− Igualmente, *milady* − replicou Nicholas tocando no chapéu.

Aurora suspirou aliviada quando eles se afastaram, mas dirigiu a Nicholas um olhar acusador.

− Sinclair pareceu reconhecer-te.

− Não é de surpreender. Conheci-o vagamente há alguns anos, antes de se casar, durante um fim de semana de caça no campo.

− Ouvi dizer que era um libertino − comentou Raven pensativa.

− E era − admitiu Nicholas. − Mas, segundo Clune, agora Sinclair está muito apaixonado pela esposa.

− Dava para perceber pelo modo como olhava para ela − replicou Raven suavemente.

Aurora captou o tom melancólico e, aparentemente, Nicholas também, porque dirigiu à irmã um olhar avaliador.

− Ainda estás a tempo de reconsiderar as tuas aspirações matrimoniais, miúda. Não tens de te casar por motivos financeiros. Podes permitir-te o luxo de o fazer por amor.

Raven sacudiu a cabeça inflexivelmente.

− Ficarei muito satisfeita com um título. Falando disso… aí está Halford.

Raven esboçou um brilhante sorriso e esporeou o cavalo para intercetar o antigo pretendente de Aurora, o duque de Halford.

Aurora ficou tensa perante o seu aparecimento e observou que ele se sobressaltava surpreendido com a audaz saudação de Raven. Depois dirigiu o seu olhar para Aurora e a sua expressão tornou-se gélida.

Aurora estremeceu involuntariamente ao pensar que tinha escapado por pouco. Se não tivesse sido o seu matrimónio com Nicholas, por aquela altura estaria a planear as suas núpcias com Halford.

O olhar gélido de sua graça passou por ela e abrangeu Nicholas, que enfrentou a sua rigidez com um ar frio e divertido.

− Sinto-me honrado que me tenhas preferido a mim − sussurrou a Aurora.

Antes que ela pudesse dar-lhe uma resposta adequada, Halford devolveu a sua atenção a Raven. A sua expressão altaneira

suavizou-se e disse algo que a fez rir.

Aurora franziu o sobrolho ao ouvir a gargalhada encantadora da sua amiga. Não lhe agradava ver Raven dando-se bem com o duque, uma vez que ele ainda andava à procura de esposa.

− Ela sabe o que faz − disse Nicholas como se tivesse lido o seu pensamento.

Aurora sacudiu a cabeça. A maioria das donzelas em idade de casar consideraria Halford perfeito como marido, mas ela preocupava-se com o que a sua frieza representaria para alguém de espírito alegre como Raven.

− Não seriam em absoluto compatíveis.

− Bem, talvez não sejas a pessoa melhor qualificada para julgar pretendentes, considerando o estado do teu próprio matrimónio.

Aurora percebeu que Nicholas estava a observá-la, e que, de repente, o seu regozijo tinha desaparecido.

A solenidade da expressão dele fê-la recordar-se da urgência da situação e o que decidira dizer-lhe.

− Tive notícias de Percy ontem − explicou-lhe. − Todo o Caribe sabe que escapaste de ser enforcado.

− Já o esperava.

− Nicholas… − Inspirou profundamente, esforçando-se por não perder a paciência. − É só uma questão de tempo até que alguém com autoridade descubra a tua verdadeira identidade. Por favor, porque não deixas de arriscar a tua vida e regressas à América onde estarás a salvo?

− Claro que podia pensar nisso.

− A sério? − Fixou os seus olhos nos dele.

− Sim − respondeu Nicholas lentamente. − Partiria amanhã mesmo sob as circunstâncias adequadas.

− E quais são essas circunstâncias?

− Que concordes em acompanhar-me como minha esposa.

Ela olhou-o longamente. Não havia dúvida de que estava a falar a sério; o sedutor tinha desaparecido. No seu lugar viu aquele Nicholas que conhecera quando a vida dele estava em jogo.

− Pensei que já tínhamos resolvido isso − replicou preocupada.

− Não, nunca resolvemos nada. Concordámos em viver vidas separadas por agora. Mas desde essa altura tenho vindo a reconsiderar essa decisão.

Aurora pensou, consternada, que aquilo era exatamente o que ela temera.

− Não tenho vontade de falar acerca do nosso matrimónio − murmurou, arrependendo-se de ter começado aquela conversa.

− Ignorá-lo não fará com que desapareça − respondeu ele no mesmo tom calmo.

Aurora fechou os olhos sabendo que não era conveniente discutir com Nicholas em público.

− Muito bem, falaremos disso.

− Quando?

Ela desviou o olhar do dele, tão poderoso.

− Esta noite. Vem a minha casa.

− Ao teu quarto?

Ela assentiu de má vontade.

− É o único lugar onde podemos estar em privado. Deixarei a janela aberta.

Desejando escapar dele, Aurora incitou o cavalo fazendo tenções de interromper o namorico imprudente de Raven, mas os seus pensamentos permaneceram em Nicholas e na sua desalentadora revelação.

Aurora passeava pelo quarto com os nervos à flor da pele. Outro olhar ao relógio da chaminé confirmou-lhe que era quase meia-noite e que Nicholas ainda não tinha chegado.

Tinha tentado ler, primeiro um magazine da época e depois o diário da cativa, mas estava demasiado inquieta para conseguir concentrar-se. A sua mente estava agitada, preparando os argumentos que ia utilizar na sua iminente discussão. Teria de convencer Nicholas de que não desejava ser sua esposa, que detestava a ideia de viver sob o domínio de um marido como ele. Só há pouco tempo tinha conseguido obter algum controlo sobre a sua vida, sobre o seu destino, e agora ele ameaçava retirar-lhe isso.

Não aceitaria a derrota. Tinha de pôr fim ao constante estado de confusão que a tinha afligido desde a chegada dele a Inglaterra.

Não tinha ilusões acerca da dificuldade da tarefa; com Nicholas nunca nada era fácil. Teria de usar toda a sua força de

vontade para resistir à sua influência e convencê-lo a regressar à América sem ela.

E se os seus argumentos falhassem?

Aurora contemplou-se no espelho giratório de corpo inteiro e deteve-se.

Nessa altura, dar-lhe-ia o que ele desejava. O seu corpo.

Voltou a olhar-se preocupada no espelho. À ténue luz da candeia, a mulher ali refletida era quase uma desconhecida, com a tez ruborizada, os cabelos louros caindo-lhe em desalinho sobre os ombros. Mas eram as suas roupas que a ela lhe pareciam estranhas. Usava uma camisa de dormir de brocado azul-escuro e nada mais.

Podia sentir o tecido roçando nos seus seios desnudos, criando uma fricção erótica. Talvez aquilo tivesse sido um erro…

Sobressaltou-se ao escutar um arranhar suave atrás de si. Com os nervos à flor da pele, voltou-se e viu Nicholas já dentro do seu quarto. Estava junto à janela, observando-a com uma expressão inescrutável.

Quando varreu com o olhar a sua camisa de dormir, demorando-se nos seios, ela juntou nervosamente as lapelas.

− Não me parece que esta conversa tenha algum sentido, Nicholas − começou Aurora reunindo toda a sua coragem. − Há semanas que te disse que não desejava um matrimónio permanente.

Ele avançou pelo quarto e apoiou um ombro no poste da cama.

− Há semanas, ainda estavas transtornada pelo choque de saberes que estava vivo. Não te pressionei nessa altura porque pensei que necessitavas de mais tempo para pensar no assunto.

− Bem, já pensei. E os meus sentimentos não mudaram.

− Os meus, sim − replicou ele suavemente.

− Não posso imaginar porquê.

− Porque te conheci melhor.

Aurora desviou-se do olhar sensual dos olhos negros de Nicholas e começou a caminhar pelo quarto.

− Acredito que o nosso matrimónio poderia funcionar − prosseguiu Nicholas, observando a inquietude dela.

− Não vejo como.

− Aurora… porque te opões dessa forma a sequer pensar em ser minha esposa?

− Existem múltiplas razões. Nem sei por onde começar.

− Menciona uma.

− Muito bem. Pela primeira vez na minha vida sou livre de viver como quero. Porque deveria renunciar a isso?

− Porque poderias encontrar algo melhor.

Ela dirigiu-lhe um olhar inquisitivo.

− Melhor? O que poderia ser melhor do que a independência?

A boca dele contorceu-se num sorriso de ironia. Noutros tempos tinha sentido o mesmo.

− Se realmente desejasses independência, amor, não hesitarias em vir comigo para a América. Ali terias muito mais liberdade do que aqui, na tua rígida alta sociedade.

− Não como tua esposa, Nicholas. Uma esposa não tem direitos em lugar nenhum, nem aqui nem na América. Eu vivi debaixo do domínio do meu pai durante toda a vida. Não suportarei algo assim de novo.

Ele franziu o sobrolho ao ouvir aquilo, não lhe agradando a comparação.

− Não me parece que seja parecido com o teu pai.

− Não? És tão impetuoso como ele. E creio que poderias ser igualmente cruel. Farias qualquer coisa para levar a tua avante…

− Não tenciono tentar dominar-te. Se assim fosse, teria exigido o teu regresso comigo de imediato. Nunca te teria dado a possibilidade de escolher.

− Agora não pareces estar a dar-me nenhuma.

− Claro que sim. Não te obrigarei a ser minha esposa.

Ela exalou um suspiro de evidente alívio.

Nick hesitou sem saber o que dizer para a convencer.

− Creio que tens uma visão muito errada de como seriam as coisas entre nós. O teu temor parece quase irracional.

Isso fê-la interromper os seus passos.

− Não é minimamente irracional. Se fosse contigo para a América, estaria por completo nas tuas mãos. Dependeria totalmente de ti. O que aconteceria se descobrisses que a vida comigo era demasiado monótona? Se te assaltasse a vontade de partir em busca de aventuras? Eu estaria sozinha num país estranho.

− Já te disse que tenciono assentar.

− E por quanto tempo durariam as tuas boas intenções? Quanto tempo até te sentires atraído pela possibilidade de aventuras e perigos? Que faria eu então?− Voltou-se para o enfrentar com um olhar suplicante. − Estás a pedir-me que deixe tudo para ir contigo, Nicholas. Como poderia confiar em ti até esse ponto?

A questão fez Nicholas estremecer, mas só pôde limitar-se a devolver-lhe o olhar. E os olhos azuis de Aurora eram imensos e escuros como o oceano.

− Só estás a concentrar-te nas possíveis desvantagens − disse finalmente. − Talvez devesses, em vez disso, pensar nas vantagens.

− Pensei… e não há nenhuma. A minha vida aqui pode ser enfadonha, mas, pelo menos, sei o que posso esperar. − Disse negando com a cabeça. − Além disso, mesmo que quisesse ir contigo, tenho responsabilidades. Raven… Harry…

− Eu tenho duas irmãs que também poderiam beneficiar dos teus conselhos.

− E a tua mãe? Por acaso ela acolheria de bom grado outra mulher em sua casa?

Nick sabia que aquela preocupação era infundada.

− A minha mãe não seria nenhum problema. Em primeiro lugar, tenho a minha própria casa que mandei construir para me libertar do controlo familiar. E, em segundo, ela ficaria encantada de ter uma nova filha, uma vez que está desesperada por me ver casado.

Ao ver que Aurora não respondia, acrescentou:

− Se te preocupa deixar os teus cavalos aqui, temos excelentes animais na Virgínia. Posso comprar-te um estábulo repleto de cavalos. E tenho centenas de hectares onde podes correr à tua vontade.

Aurora levantou a mão e esfregou a fronte como se lhe doesse.

− Isto nem sequer é acerca de mim, mas de ti. Do tipo de homem que és. Não vês o que estás a fazer? Estás a tentar resgatar-me daquilo que pensas ser o meu descontentamento. Desejas salvar-me porque isso faz parte da tua natureza. Não podes evitá-lo.

− É muito mais do que a minha natureza. − Objetou Nick.

− Será? Creio que a tua natureza é exatamente o cerne do problema. − Hesitou. − Tencionas ser-me fiel, Nicholas?

Ele não respondeu imediatamente.

Aurora esboçou um sorriso débil.

− É uma pergunta razoável. Como é que sei que não encontrarás alguma outra mulher que desperte o teu interesse? Agora desejas-me, mas podes garantir-me que me desejarás daqui a dois anos, ou até mesmo daqui a dois dias?

Nicholas desviou o olhar e pensou na pergunta. Sabia que ela estava a pedir-lhe mais do que fidelidade no leito conjugal; estava a pedir-lhe que permanecesse ao seu lado para sempre.

Estaria disposto a firmar esse tipo de compromisso com Aurora? A entregar-lhe toda a sua vida?

− Tu não me amas − concluiu ela com suavidade rompendo o silêncio. − Nem sequer tenho a certeza de se sabes o significado dessa palavra.

− E tu sabes?

− Sim, eu sei. O amor é amabilidade, ternura e entrega. É rirmos juntos, sentirmo-nos confortáveis e íntimos. Partilhar pensamentos, ter interesses comuns. É um sentimento cálido no coração… Não podes fingir que sentes isso por mim.

− Esqueces a paixão.

− Talvez, mas a paixão é uma base débil sobre a qual assentar um matrimónio. Não duvido que sintas desejo por mim, mas é algo puramente carnal. O amor não é desejo.

Ele olhou-a diretamente nos olhos.

− Estás a dizer que nunca poderias amar-me?

Ela hesitou.

− Estou a dizer que seria uma tola se o permitisse. Não desejo voltar a vestir luto por ti nem a chorar a tua morte. E é demasiado provável que um dia me visse obrigada a isso; que empreendas uma das tuas aventuras e não regresses mais a casa.

− Não posso prometer-te que não morrerei, Aurora. Ninguém pode prometer isso.

− Não. Mas podias tentar manter-te a salvo. E tu insistes em arriscar a tua vida e em não me escutar quando te imploro que saias de Inglaterra. − Esquadrinhou o rosto dele. − Partirás, Nicholas?

O silêncio dele foi uma resposta bastante clara.

Aurora inspirou profundamente.

− Muito bem, dar-te-ei então o que desejas.

Os dedos dela moveram-se até à faixa de tecido que tinha à cintura. Ao ver que ela hesitava, os seus olhares fundiram-se. Aurora soltou o laço e deixou a camisa escorregar-lhe dos ombros.

Sentiu a profunda inspiração de Nicholas enquanto permanecia nua à luz ténue da candeia.

− O que estás a fazer, Aurora? − perguntou-lhe num tom de voz não muito firme.

− Deixo-te ganhar. Se te der o meu corpo, talvez te decidas a partir.

Ele cerrou o maxilar com uma expressão de tristeza.

− Não vim aqui por isso.

− Não? Não é isto que tens vindo a desejar desde há semanas? Um prazer momentâneo?

− O que eu desejo é que sejas minha esposa. − O sorriso débil não lhe chegou aos olhos. − Se tudo o que eu desejasse fosse sexo, poderia encontrá-lo em inúmeros lugares.

Nicholas aproximou-se dela com o seu olhar negro e sério.

− Desejo mais do que fazer amor contigo, Aurora. Desejo que estejas desejosa e ávida por mim. Desejo que me entregues o teu corpo porque não podes suportar não o fazer. Não porque acreditas que deves apaziguar-me ou subornar-me.

Aurora sentiu-se sem fôlego enquanto o olhava fixamente.

− Eu… não te desejo Nicholas − mentiu.

− Não?

Tocou-lhe na garganta e depois os seus dedos deslizaram lentamente para baixo. O coração de Aurora batia-lhe loucamente no peito enquanto Nicholas, moroso, lhe acariciava um tenso e dorido mamilo.

− Não és tão indiferente como afirmas − murmurou com suavidade.

Então deu meia-volta e dirigiu-se à janela. Sem mais palavras, desapareceu na noite, deixando-a ali imóvel e aturdida.

Nicholas tinha conseguido confundi-la mais uma vez.

A tremer, Aurora pegou na camisa e cobriu a sua nudez. Depois dirigiu-se ao leito e sentou-se debilmente. Tinha perdido de novo.

Nicholas tinha razão. Ele não lhe era indiferente. Em absoluto. Os intensos sentimentos que lhe despertava eram espantosos. A louca agitação, alarmante. Bastava-lhe tocar-lhe para demonstrar o poder que tinha sobre ela.

Aurora estremeceu. Ele tinha-lhe perguntado se alguma vez poderia vir a amá-lo. Poderia amá-lo demasiado, esse era o problema.

Só essa razão bastava para temer tê-lo como marido, mesmo para além dos problemas de controlo ou das vastas diferenças existentes entre ambos. Seria uma loucura imperdoável permitir-se amar um homem que corria o risco de morrer a qualquer momento.

A dor que sentira quando pensara que Nicholas estava morto tinha sido profunda e lancinante… e, na altura, ele era praticamente um estranho. Quão mais devastada ficaria assim que chegasse a amá-lo? Assim que tivesse aprendido a ansiar o seu contacto?

E se a deixasse? Não tinha sido capaz de lhe prometer fidelidade; não tinha sequer respondido à pergunta.

Nicholas era um homem apaixonado. Era muito possível que sentisse desejo por outra mulher, como tinha acontecido ao pai. Nessa altura deixá-la-ia para seguir o seu coração, ou, se honrasse os seus votos matrimoniais, sentir-se-ia ressentido com ela por o prender. Viveria exatamente da mesma forma que o pai, enredado na mesma infelicidade.

Aurora fez uma careta ao pensar nisso. Não podia fazer tal coisa a Nicholas, ou a si mesma. Não, o seu temor não era minimamente irracional.

O seu olhar recaiu sobre o diário, que havia deixado sobre a mesa de cabeceira. Ao vê-lo, Aurora sentiu fortalecer ainda mais a sua decisão. Não desejava o mesmo destino da francesa, a dor aflitiva de perder o homem que amava. Chorava sempre ao chegar às últimas páginas do diário porque a história não tinha um final feliz.

Tal como a relação entre a mãe de Raven e o pai de Nicholas. Agora Aurora podia compreender por que razão Elizabeth Kendrick tinha lido o diário até desgastar as páginas; tinha-se identificado profundamente com os amantes infelizes. A sua paixão era tão poderosa, a sua dor tão devastadora quando foram atrozmente separados…

Aurora mordeu o lábio com força. Jurou a si mesma que seria mais forte do que qualquer uma daquelas duas mulheres trágicas. O diário era um aviso involuntário sobre a loucura do desejo, e ela fazia bem em escutá-lo. Tinha de proteger os seus sentimentos de Nicholas ou o resultado seria desastroso.

CAPÍTULO 16

Eu lutava ferozmente contra as sombrias e confusas emoções que ele desencadeava em mim, mas lutava contra ele… ou contra mim mesma?

Nicholas não deixou de pensar em Aurora naquela noite quando, convidado por Lorde Clune, assistiu a uma representação muito privada de uma companhia de bailarinas de ópera. Os seus sedutores encantos tinham enfeitiçado o público, todo ele masculino, mas Nicholas parecia pouco inspirado e saiu antes do final.

Todavia, ficou surpreendido quando Clune o seguiu para o exterior.

− Não tinhas de interromper o teu prazer por minha causa, Dare − disse Nicholas ao descerem pela escada principal daquela casa despretensiosa no bairro dos teatros.

− Receio ter de admitir que a representação não era muito do meu agrado − replicou Clune. − Para dizer a verdade, há muito tempo que nenhum entretenimento me cativa.

Com um gesto de cabeça, apontou a sua carruagem, a qual aguardava a poucos passos de distância.

− Posso oferecer-te boleia até ao teu hotel? Ou tens algum outro destino? Talvez um clube de jogo?

− Regresso ao hotel, mas tencionava caminhar. Se quiseres podes vir comigo.

− Caminhar? − replicou Clune divertido. − Ir a pé? Que ideia mais original!

Nicholas esforçou-se por sorrir enquanto dava umas palmadinhas no seu ventre.

− Esta vida indolente de cavalheiro privilegiado está a deixar-me indolente e preguiçoso.

− E inquieto, ao que tudo indica.

− Ah, isso não é nada de novo!

− Deves saber, obviamente, que corres perigo ao passeares sozinho por Covent Garden.

Nicholas levantou o seu bastão de passeio que ocultava um florete mortal.

− Dava-me jeito alguma emoção para animar a noite.

Clune inclinou a cabeça pensativo.

− Partilho do teu tédio, senão mesmo da tua inquietude. Talvez te faça companhia.

− Com todo o gosto, mas previno-te de que talvez não seja a melhor companhia.

− Então faremos um bom par.

Nicholas dirigiu-lhe um olhar penetrante.

− Existe alguma razão em particular para que digas isso?

− Nada de importante − replicou Clune num tom ligeiro. − Talvez esteja a ficar cansado, agora que entrei nos meus anos de decadência. Parece-me que até para um libertino afamado a vida de pecado e libertinagem pode começar a ser enfadonha.

Nicholas absteve-se discretamente de fazer um comentário. A idade de Clune dificilmente era um problema. Ainda devia estar, quanto muito, no início dos trinta, mas os anos de vida pervertida evidentemente estavam a cobrar a fatura à sua alma.

O conde dispensou a carruagem e uniu os seus passos aos de Nicholas. Ao fim de uns momentos, Clune falou num tom surpreendentemente grave:

− Para ser sincero, o meu humor sombrio deve-se provavelmente ao meu avô.

− Ouvi dizer que Wolverton está bastante mal.

− Bastante. Não se espera que passe deste mês.

− Sois chegados?

− Nem pensar. É um maldito tirano. Há anos que não nos falamos, embora seja o seu herdeiro. − Clune cerrou o maxilar. − Não chorarei quando o velho canalha exalar o seu último suspiro.

− Nessa altura serás marquês.

− Sim, lamentavelmente.

Nicholas aguardou uma explicação.

− Não tenho nenhum desejo de assumir as responsabilidades que acompanham o título −suspirou −, mas penso que chega uma altura em que todos devemos deixar a juventude para trás.

− É verdade − concordou Nicholas, que compreendia aquele lamento demasiado bem.

Durante um momento, cada um deles esteve ocupado com os seus próprios pensamentos. Por fim, foi Clune quem interrompeu de novo o silêncio.

− Presumo que o teu cortejo para com a tua esposa tenha chegado a um impasse.

A boca de Nick contorceu-se num sorriso lúgubre.

− O que te fez pensar assim?

Clune sorriu perante a resposta sarcástica.

− Talvez porque pareces um gato selvagem enjaulado. Desculpa-me se me intrometo, mas parece-me que são necessárias medidas drásticas.

− Quão drásticas?

− Pensaste no rapto?

Nicholas ergueu um sobrolho.

− Espero que não estejas a propor que eu te imite. Se bem me recordo, Dare, o teu último rapto arrastou-te para um duelo que te levou a disparar contra o teu melhor amigo.

Clune sacudiu a cabeça em afirmação com um sorriso de arrependimento.

− Esse foi de facto um erro que lamento infinitamente. Mas não estou a defender nada ilegal, nem sequer imoral. Levares a tua mulher para um interlúdio apaixonado estaria de acordo com a lei e com os teus direitos como marido.

− Despertaste a minha curiosidade − replicou Nicholas cautelosamente. − O que sugeres?

− Um tranquilo ninho de amor onde possas convencê-la das tuas ideias. No mínimo, Lady Aurora considerá-lo-ia… estimulante.

− E aposto que tens em mente um ninho específico?

− De facto, sim. Possuo uma casa em Berkshire que seria ideal para os teus fins… Completamente afastada e com criados discretos. Ainda não encontrei uma mulher que não tivesse ficado cativada pelos seus exóticos… hum… encantos.

Ao ver que Nicholas não respondia imediatamente, sua senhoria acrescentou outro aspeto.

− Teria a vantagem adicional de te afastar de Londres durante algum tempo. Não te faria mal nenhum saíres temporariamente da circulação, meu amigo. Damien Sinclair perguntou por ti esta tarde. Reparou na extraordinária parecença entre ti e o americano que foi convidado para a nossa reunião da Liga do Fogo do Inferno há três anos.

− Pensei que talvez pudesse ter-me reconhecido.

− Estás a correr um risco permanecendo aqui, Nick.

− Eu sei − replicou ele pensativo.

Era realmente perigoso, arriscava-se a ser descoberto ao ficar em Londres para estar perto de Aurora, em especial quando estava a efetuar tão poucos progressos.

Fez uma careta. Aquele impulso irrefletido para desafiar o destino era uma das principais queixas de Aurora e também tinha sido o principal motivo de discórdia com o seu pai. Tinham discutido por isso até ao último momento, quando o ancião jazia no seu leito de morte. Nicholas nunca tinha superado totalmente a sua culpabilidade por ter sido para ele uma deceção tão grande. Tinha jurado então assentar e assumir as suas responsabilidades… E, contudo, ali estava ele, descurando a empresa de navegação e arriscando a sua vida por uma causa possivelmente perdida.

Aurora continuava a resistir ferozmente à sua perseguição, em parte porque censurava a sua temeridade. Ela seria mais feliz se ele partisse de Inglaterra…

Franzindo o sobrolho, ponderou naquela ideia. Talvez pudesse utilizar esse argumento com ela, que seria mais seguro para ele abandonar a cidade…

− Dar-me-ia muito prazer pôr a minha casa à tua disposição − insistiu Clune interrompendo os pensamentos de Nicholas.

− É extremamente generoso da tua parte − replicou Nicholas. − Deixa-me pensar nisso.

Tencionava realmente refletir naquela ideia. Se dispusesse de tempo a sós com Aurora, sem as estritas limitações da sociedade para lhe ditar todas as suas ações, poderia quebrar o impasse a que tinham chegado, assim como dar-lhe a ele a oportunidade de intimidade que poderia conduzi-la a sentimentos mais profundos…

Recordou-se a si mesmo que, além disso, também reduziria o risco de ser descoberto. E os seus instintos bem apurados para captar o perigo diziam-lhe que o tempo estava a esgotar-se.

Teria de agir em relação a Aurora, e depressa.

O impasse quebrou-se no dia seguinte de uma forma que nenhum deles esperava.

Raven ia submeter-se às provas finais dos vestidos que usaria quando fosse visitar o avô naquele verão e pretendia os conselhos de Aurora. Sabendo que Harry não se sentiria confortável em casa de Lady Dalrymple e que, por outro lado, a tia de

Raven não receberia de bom grado um turbulento rapaz de dez anos, Aurora deixou-o aos cuidados do seu mordomo. Nicholas planeava visitá-la naquele dia, para manter Harry ocupado com uma partida de xadrez.

Já era quase noite quando Aurora chegou a casa. Ao escutar ruídos estranhos provenientes do salão, dirigiu a Danby um olhar surpreendido.

− Creio que o senhor Deverill e a sua jovem senhoria estão a praticar pugilismo − informou o mordomo segurando-lhe no chapéu.

Sem perder um instante, Aurora passou rapidamente por ele. Ao chegar à porta do salão, deteve-se bruscamente. Parte do mobiliário tinha sido retirado para deixar espaço no centro da sala e ambos, Nicholas e Harry, estavam em mangas de camisa, brandindo os punhos.

− Assim − dizia Nicholas. − Mantém as mãos para cima, mesmo quando atacas. Assim…

E demonstrou-lho atacando um adversário imaginário com uma sucessão de golpes.

Aurora ficou gelada. O temor contraiu-lhe o coração junto com uma ira feroz.

− Santo Deus, o que é que estão a fazer? − perguntou desnecessariamente. Era evidente que Nicholas estava a ensinar Harry a lutar.

Nicholas endireitou-se e voltou-se para ela, assim como Harry. O rosto do rapaz estava radiante de excitação.

− Rory, vem ver o que eu aprendi a fazer − começou Harry.

Aurora não afastava o seu olhar de Nicholas.

− Perguntei-te o que é que estão a fazer.

− Eu ouvi da primeira vez − replicou ele com suavidade. − Estou a ensinar-lhe o essencial da autodefesa, embora lhe fizesse falta um instrutor profissional, claro.

− Como te atreves! − exclamou Aurora cerrando os dentes.

− Não há motivo para te inquietares. Não é perigoso…

− Claro que há motivo para me inquietar. Podia ter-se magoado. Harry não passa de uma criança e estás a ensinar-lhe a ser violento.

− Já tem idade suficiente para aprender a defender-se.

Aurora apertou o maxilar de irritação.

− Sai, Nicholas − exclamou. − Não és bem-vindo aqui. E eu não quero que voltes a ver Harry.

Ignorou o olhar sobressaltado e confuso do rapaz. Tinha chamado Nicholas pelo seu verdadeiro nome, mas estava demasiado furiosa para se importar.

− De agora em diante quero que te mantenhas afastado dele, compreendeste? Proíbo-te até de falares com ele.

− Mas Rory − começou Harry de modo queixoso −, eu pedi ao senhor Deverill…

− Harry, vai para o teu quarto, por favor.

− Rory…

− Imediatamente!

O rapaz dirigiu-lhe um olhar acusador com o lábio inferior a tremer. Mas, surpreendentemente, não continuou a discutir. Ao invés, ergueu os seus ombros esguios e olhou para Nicholas, depois saiu porta fora passando ao lado de Aurora.

− Lidaste muito bem com ele − observou Nicholas sarcasticamente enquanto procurava a sua casaca.

Ela ergueu o queixo com um ar majestoso.

− A forma como trato Harry não é da tua conta.

− Lamento não ter falado primeiro contigo, Aurora. Mas não imaginei que te opusesses tão firmemente.

− Claro que me oponho. Estás a ensiná-lo a atacar as pessoas!

− Não é bem a mesma coisa. Estás a exagerar um pouco, não te parece?

− De forma alguma. Estou a protegê-lo da tua influência. Acabarás por conseguir que se magoe ou até que morra.

Nicholas retesou um músculo do seu maxilar.

− Lá porque vives no terror não quer dizer que devas obrigar o jovem Harry a fazer o mesmo.

Aurora fitou-o enfurecida.

− Sai, Nicholas! Sai desta casa antes que faça com que te expulsem!

Nicholas estreitou os olhos.

− Algum dia terás de enfrentar o teu medo, querida. Temes tanto a vida que te enterraste viva. Mas não podes deixar de viver simplesmente com medo de ser ferida.

Ela estava demasiado irritada para reconhecer a verdade da acusação.

− Já te disse para saíres!

E estremecendo de fúria assinalou a porta com ar dominante.

Nicholas passou ao seu lado, mas, ao invés de sair, fechou a porta. Quando se voltou para ela, Aurora sentiu-se como que a derreter com o calor abrasador dos seus olhos.

− Escuta-me…

Dirigindo-se a ela, agarrou-a pelos ombros.

Ela retrocedeu uns passos, debatendo-se.

− Não me toques…

Procurou libertar-se, mas ele não a soltou. Enfurecida, deu-lhe uma bofetada em pleno rosto.

A cabeça dele foi projetada para trás e o seu rosto ensombreceu-se de tal modo que ela retrocedeu instintivamente.

Aurora olhou-o fixamente, horrorizada com o que tinha acabado de fazer. Nunca tinha batido em ninguém na vida. Santo Deus, não era melhor do que o pai… E Nicholas… Parecia que ia devolver-lhe a bofetada.

− Des… desculpa − balbuciou com o coração martelando-lhe no peito enquanto aguardava uma explosão da parte dele.

Esta nunca aconteceu.

− Desculpar-te? − perguntou ele com suavidade. A sua expressão tinha mudado de repente.

Movendo-se lenta e inexoravelmente em direção a Aurora, fê-la retroceder até à parede, imobilizando-a com o seu corpo. Os olhos dele cintilavam mas, para surpresa de Aurora, não de ira, mas de uma intensa ternura.

− Não te arrependas, Aurora − incitou-a e segurou-lhe no pulso como se estivesse a prendê-la com algemas de veludo. − Prefiro que me batas a manteres a tua ira contida. Bate-me de novo se assim o desejares.

O coração martelava-lhe contra as costelas enquanto o olhava fixamente. As coxas de Nicholas ardiam contra as dela, o seu hálito queimava-lhe os lábios. A expressão dele era séria e sensual e tinha os olhos escuros de excitação. Aurora compreendeu que ele ia beijá-la.

− Não… − protestou em voz baixa e trémula. − Não quero que me toques.

− Não? Então, porque estás a tremer? Porque tens o pulso tão acelerado?

Levantou-lhe as saias, deslizou a mão por baixo delas e subiu pela coxa, com a palma dura e cálida acariciando a pele desnuda. Ela ficou rígida e, quando ele tocou a fenda feminina com os dedos, sufocou um grito.

Nicholas soltou uma gargalhada num tom baixo e atormentador, incitando-a deliberadamente:

− O teu corpo conta uma história diferente, Aurora. És tão recetiva que só tenho de te tocar levemente para que fiques húmida.

E acariciou-a lentamente, fazendo-a vibrar.

Aurora levou as mãos ao ombros dele, agarrando-se com força e empurrando-o ao mesmo tempo enquanto procurava libertar-se.

− Larga-me…! − balbuciou enquanto Nicholas introduzia mais profundamente os seus dedos pelo calor húmido.

− Desejas-me, querida. Desejas que me mova entre as tuas pernas, preenchendo-te.

− Eu não… − negou, mas os protestos dela eram falsos. Todo o seu corpo o desejava; tinha o sangue em brasa por ele.

Nicholas sentia o mesmo fogo. Bastava tocar-lhe para que o seu corpo endurecesse no espaço de um segundo. Sentia-se tão desejoso dela que estava prestes a explodir. Cerrou os dentes desejando tomar, possuir e consumir.

Podia sentir a resistência dela, mas não temor. Se tivesse sentido este último, teria parado imediatamente, mas Aurora não estava assustada. E desta vez ele não retrocederia. Desejava a luta de Aurora, desejava a sua fúria. A fúria estava a um passo da paixão e ele desejava a paixão dela mais do que tudo o que havia desejado antes na sua vida. Desejava destruir o seu rígido controlo, libertar a sua ira, demonstrar-lhe que sentir uma emoção feroz não era algo tão terrível.

Olhou fixamente os seus olhos profundamente azuis. De cada vez que lhe tocava, ela respondia como uma mulher desesperada para viver, desesperada para amar, mas não o faria a menos que ele a arrastasse para isso.

Nicholas baixou intencionalmente a cabeça.

O poderoso beijo roubou o fôlego de Aurora. Hábil e implacavelmente, Nicholas esmagou a boca dela com a sua até que um pulsar acelerado e ofuscante de pura sensação dominou Aurora. Sentindo o corpo dela estremecer como resposta, Nicholas afastou-se com o olhar endurecido e incendiado com uma chama ténue e perigosa.

Aurora manteve-se imóvel, trémula, compreendendo as intenções dele. Antes de poder detê-lo, Nicholas tinha desapertado os calções. Nos seus olhos semicerrados ardia um franco desejo enquanto com as suas coxas separava as dela, apertando-lhe

as costas contra a parede. A emoção do momento fê-la estremecer.

Deixou escapar um suspiro entrecortado.

− Por Deus, Nicholas… aqui não!

− Aqui, sim!

Segurou-a pela cintura, ergueu-a e posicionou-a sobre a sua plena ereção, entrando nela com uma suave e poderosa investida. Os olhos de Aurora arregalaram-se em choque ao sentir a sua ardente penetração; o seu fôlego quebrou-se ao sentir-se dilatada, repleta com aquela carne turgente.

A respiração de Nicholas acelerou-se enquanto se mantinha imóvel, estreitamente introduzido nela. Um instante depois, retirou-se só para a penetrar de novo ainda mais profundamente. Descomunal, quente e com premência forçou-a a abrir totalmente as pernas à medida que introduzia nela o seu rígido dardo.

Aurora gemeu impotente e, de imediato, o seu corpo não conseguiu manter-se imóvel. Arqueou os quadris contra ele, agarrando-se com força, enquanto Nicholas a possuía a um ritmo selvagem. Aurora nunca soubera que o desejo podia ser algo tão primitivo, tão rude e furioso. Tão feroz. Era uma loucura.

Sentiu o fogo nas suas veias, em todos os seus nervos. Ardia-lhe o corpo. Nunca na sua vida se tinha sentido tão viva. Com tanta paixão, com ânsia, com necessidade.

Ele movia-se implacavelmente dentro dela, deixando-a em brasa, enlouquecendo-a. Aurora soltava um soluço a cada investida oscilante, a cada tumultuosa sensação, até que, sem aviso, o êxtase invadiu-a e ela alcançou o orgasmo numa explosão selvagem.

Nicholas capturou o grito dela com a sua boca enquanto o corpo de Aurora era percorrido por espasmos num estremecimento violento. Alguns momentos mais tarde, ele proferiu um gemido baixo e rouco e explodiu no seu próprio clímax, o qual sacudiu o seu poderoso corpo em convulsões de uma libertação feroz.

No rescaldo avassalador, Aurora deixou-se cair contra ele, quase demasiado esgotada para sentir as deliciosas ondas de prazer que ainda lhe percorriam o corpo. Durante longos minutos reinou o silêncio; o único som que se ouvia era a mistura das suas respirações desiguais. Ela não conseguia falar. Tinha a garganta ressequida e a carne ainda lhe pulsava docemente, com uma dor erótica entre as coxas.

Por fim, Nicholas proferiu uma maldição, um som baixo e perigoso.

Aturdida, Aurora abriu os olhos e viu-o a observá-la, examinando-a com o seu olhar negro e intenso. Ao reparar nos olhos dele, recuperou de imediato a plena consciência. Santo Deus, o que tinha feito?

− Solta-me − sussurrou.

− Aurora… − começou Nicholas, mas ela interrompeu-o.

− Solta-me! − exigiu num tom mais elevado.

Nicholas separou-se dela com cuidado e depositou-a no solo, mas Aurora mal conseguia manter-se em pé, pois sentia as pernas muito débeis. A expressão de Nicholas era enigmática, remota, à medida que retrocedia para apertar os calções.

Aurora fechou os olhos desesperada, surpreendida com o seu comportamento imoral. Tinham copulado como animais. Tinha permitido que Nicholas a possuísse no seu salão, onde qualquer um dos criados os podia ter visto. Onde Harry podia aparecer e descobri-los…

− Como te atreves? − murmurou asperamente. − Como ousas tratar-me como a uma rameira vulgar?

Nicholas manteve-se imóvel.

− Estás enganada, querida. Tratei-te como a uma mulher. Uma mulher apaixonada que não teme sentir fogo no sangue.

Tinha tocado num ponto sensível, pelo que podia ver na expressão confusa dela e perceber no tom furioso com que lhe respondeu a meia voz.

− Sai! Não quero voltar a ver-te!

Nicholas cerrou o maxilar com força.

− Ainda sou o teu marido, Aurora − disse com suavidade. − Posso possuir-te em qualquer lugar e a qualquer momento que bem entender.

Ela dirigiu-lhe um olhar mordaz.

− Disse-te para saíres.

Nicholas cerrou o maxilar e olhou fixamente os seus olhos desafiantes e gélidos e a boca trémula, ainda húmida e avermelhada pelo seu beijo. Mesmo depois da sua poderosa libertação continuava a desejá-la. Podia contar as batidas do seu coração na carne rígida da sua nova ereção. Todavia, não se atrevia a voltar a tocar-lhe. Se o fizesse, não sabia se conseguiria

controlar o seu desejo ou a sua própria ira.

− Estás a mentir a ti mesma − replicou com voz tensa e controlada. − Desejas-me. Há um apetite em ti que não consegues satisfazer.

Reparou na dor intensa nos seus olhos azuis, mas quando avançou um passo em direção a ela, Aurora desviou-se.

− Não me toques!

Nicholas cerrou o maxilar rigidamente e voltou-se, mas quando chegou à porta hesitou um instante e soltou uma gargalhada breve, amarga e quase inaudível.

− Consegues acreditar? Quando te vi pela primeira vez, pensei que eras uma das mulheres mais corajosas que havia conhecido. Estava enganado. És uma cobarde. É preciso coragem para nos enfrentarmos a nós mesmos, para admitirmos os próprios temores e encará-los. − Fez uma pausa. − Quando chegares à conclusão que és mulher suficiente para agires assim, avisa-me.

E sem olhar para trás, saiu da sala.

Aurora fechou os olhos. Estava a tremer de fúria, de alívio e de temor.

A dor na boca do estômago era temor. Sabia que Nicholas tinha razão. Era cobarde. Tinha medo dele, das emoções intensas que a fazia sentir, ou da desconhecida em que se transformava sempre que ele lhe tocava.

Maldito fosse! Por que razão o seu contacto fazia com que esquecesse tudo exceto o quanto o desejava? As suas carícias tinham-na incendiado, tinham-na convertido numa criatura libidinosa, frenética e selvagem. Nos braços dele convertia-se numa pessoa que já não conhecia.

Sacudindo a cabeça em negação, Aurora agitou-se debilmente e depois soltou um suave gemido de consternação. Ainda continuava apoiada contra a parede, todavia, quando se ergueu, sentiu a cálida e húmida semente de Nicholas deslizando pelas suas coxas.

Levou a mão ao ventre. Céus! Como podia ter-lhe permitido que fizesse amor com ela daquela maneira? Como poderia agora esquecê-lo? Ainda podia sentir a poderosa arremetida de Nicholas no seu interior, o fogo abrasador que acendia nela.

Exalou um suspiro profundo e trémulo. Tinha de esmagar os seus sentimentos por ele. Não podia permitir-lhe que voltasse a aproximar-se. Não podia.

Uma dor profunda e solitária contorceu-se dentro dela como uma faca ao pensar em não voltar a ver Nicholas, em não sentir nunca mais o seu sensual contacto. Todavia, não tinha outra escolha.

Acreditara que o seu pai era dominante e controlador, mas Nicholas era cem vezes pior. Ele seria seu dono. Se se rendesse a ele, a sua alma deixaria de lhe pertencer. Ele dominá-la-ia, consumi-la-ia totalmente na sua paixão abrasadora. E esse jogo reduziria o seu coração a cinzas.

CAPÍTULO 17

Os braços dele envolviam-me, os seus lábios suaves
sobre o meu rosto acalmavam as minhas lágrimas

Nick jazia contemplando o teto tenuemente iluminado do seu quarto no hotel, amaldiçoando-se a si mesmo e à forma como tinha lidado com Aurora naquela tarde. A maneira como a tinha tratado era imperdoável.

Não tinha sido sua intenção que a discussão entre eles tivesse chegado tao longe, que estourasse numa explosão de desejo vivo e desenfreado. Mas a fúria de Aurora tinha acendido a sua luxúria, e beijá-la tinha feito com que perdesse a razão. No instante em que lhe tocou, ficou louco por penetrá-la.

Fechou os olhos recordando a aturdida expressão de Aurora quando ele se havia submergido no seu interior, o rosto ruborizado à medida que era arrastada pela chama da frenética paixão. Tinha-a possuído contra uma parede, sem preliminares, sem pensar onde estavam nem em quem podia vê-los. Como a uma prostituta. E ela tinha adorado, respondendo com todo o fogo que ele sabia que ardia no seu interior.

Não lamentava ter destruído o seu frio controlo. O que lamentava era a sombra negra que agora pairava entre eles. Depois de semanas a cortejá-la tão cuidadosamente, de sofrer por ela, tinha destruído o frágil equilíbrio de confiança e crescente desejo num lampejo ofuscante de calor.

Nick cerrou os dentes e passou descuidadamente a mão pelos seus cabelos negros. Agora não sabia bem como restaurar os laços esfrangalhados da sua relação com Aurora, e nem sequer se desejava fazê-lo. Não conseguia compreender a violência dos seus sentimentos por ela.

Maldição! Estava a aprofundar demasiado. Nunca tinha sentido uma necessidade tão imperiosa, desesperada e cega por ninguém. A sua vulnerabilidade deixava-o atónito. Com um único olhar, Aurora conseguia incendiar-lhe o sangue mais rapidamente e fazer com que o seu ventre ardesse com maior intensidade do que qualquer outra mulher que alguma vez conhecera. Ansiava por ela como um adolescente sôfrego e enlouquecido de desejo…

Praguejou de novo selvaticamente. Talvez devesse partir antes que voltasse a expor-se ao ridículo. Não devia ter permanecido em Inglaterra tanto tempo como tinha feito.

Estava obviamente empenhado em torturar-se a si mesmo. Via cada vez mais claramente que ela jamais o aceitaria como marido, nem deixaria em liberdade a mulher apaixonada que tinha encerrado no gelo.

Naquele preciso momento, escutou uma pancada suave na porta. Assombrado, sentou-se perguntando a si mesmo quem poderia ser àquelas horas. Ainda não eram dez e tinha recusado a oferta de Clune de uma noite de folia pela cidade.

A pancadinha repetiu-se, nesta ocasião mais insistente. Levantou-se do leito e foi abrir a porta.

O seu coração pulou de surpresa ao ver a mulher que ali se encontrava. Usava um véu e ocultava-se sob uma capa, mas teria reconhecido Aurora sob qualquer disfarce.

Franziu o sobrolho. Ela tinha aparecido no seu hotel sozinha e de noite, arriscando-se ao escândalo, depois de jurar que não desejava voltar a vê-lo. Mas depois compreendeu que nunca teria tomado uma iniciativa tão audaz sem uma boa razão.

− Que aconteceu? − perguntou com uma expressão mais suave.

− Harry… − replicou Aurora com voz trémula. − Desapareceu.

− Que queres dizer com desapareceu?

− Que fugiu. Por favor, Nicholas, tens de ajudar-me a encontrá-lo.

Nicholas cerrou o maxilar com severidade. Não lhe fez notar a evidente incongruência daquele pedido depois de lhe ter ordenado, há tão pouco tempo, que se mantivesse longe dela. Ao invés, fê-la sair do corredor e entrar para a intimidade do seu quarto.

− Há quanto tempo é que ele desapareceu? − perguntou fechando a porta.

− Não sei. Horas, suponho. − Levantou o véu e olhou para ele com os seus olhos azuis suplicantes. − Encontrei este bilhete quando ele se atrasou para o jantar. Deixou-o na almofada.

Estendeu-lhe um pedaço de papel que, evidentemente, tinha sido lido com atenção.

Rory, fui em busca da minha fortuna. Não te preocupes, por favor.

Nicholas franziu o sobrolho pensativo.

− Tens alguma ideia de onde possa estar?

− Não. Os meus criados procuraram por todo a parte. Por favor − repetiu Aurora insistente. − Ajudas-me?

Ele dirigiu-lhe um olhar de censura.

− Como podes duvidar disso?

Voltou-se e começou a tirar a bela camisa de cambraia.

− O que estás a fazer? − perguntou ela momentaneamente distraída da sua consternação.

− A mudar de roupa. Não pretendo atrair uma atenção indesejada. Um cavalheiro elegante estaria deslocado à procura nos lugares onde é provável que Harry esteja. Senta-te, não me demoro nada.

Enquanto ele procurava no armário, Aurora avistou o cómodo sofá num dos lados do quarto, mas, aparentemente, estava demasiado perturbada para obedecer, porque se voltou e começou a caminhar de um lado para o outro.

− A culpa é minha − disse com voz angustiada. − Fui eu que fiz com que fugisse. Se não tivesse perdido a paciência, ele jamais se teria comportado tão levianamente.

Nicholas negou com a cabeça enquanto vestia uma velha casaca castanha.

− A tua paciência tem pouco a ver com isto. Harry estava ansioso por começar as suas aventuras. O surpreendente é que o tenhas convencido a esperar tanto tempo.

Ao ver que ela permanecia imersa num doloroso silêncio, invadiu-o uma onda compassiva de sentimentos protetores.

− Não desesperes, Aurora. Irei encontrá-lo.

Ela soltou um suspiro profundo e trémulo enquanto fazia um visível esforço por se controlar.

− Por onde iniciarás a busca?

− Pelas docas. É o lugar mais provável para ele procurar um emprego num navio. Nunca renunciou às suas aspirações de partir para França.

Nick trocou as suas botas bem engraxadas por um par mais grosseiro e terminou o traje com um chapéu de feltro de aba larga. Quando introduziu um par de pistolas no cinto e uma faca na bota, os olhos azuis de Aurora encheram-se de angústia. Ele sabia que estava parecido com o violento pirata que ela detestava. Todavia, Aurora não protestou. Limitou-se a olhar para ele refletindo o seu evidente temor por Harry.

Nicholas não podia censurá-la. No passado tinha-a acusado de ser exageradamente medrosa, mas, nesta ocasião, o seu medo era justificado. Um jovem de tenra idade como Harry, que tinha sido educado sob proteção, seria uma presa fácil para os vilões e canalhas de Londres. Nick nem queria pensar no perigo a que o rapaz estava sujeito.

Com ar severo, deslizou para o bolso do casaco uma pesada soqueira e ergueu o bastão de caminhada que continha uma espada no seu interior. Tencionava ir preparado para qualquer tipo de problema. Quando ficou pronto, pegou Aurora pelo cotovelo e conduziu-a até à porta.

− Como vieste até aqui? − perguntou-lhe, guiando-a para fora do quarto.

− Na minha carruagem. Danby aguarda-me lá em baixo.

− Ele que te leve a casa.

Ela deteve-se e olhou para Nicholas suplicante.

− Mas eu quero ir contigo.

− Não, querida. Não quero ter de me preocupar com a tua segurança para além da de Harry.

Aurora cerrou os punhos hesitante. Nicholas segurou-a com suavidade pelos ombros e roçou-lhe a fronte com um beijo leve para a tranquilizar.

− Vai para casa, Aurora. Encontrá-lo-ei. Prometo-te.

Ao ver que ela duvidava, acariciou-lhe a face.

− Sou bom em resgates, lembras-te? Confia em mim.

Ela dirigiu-lhe um sorriso tímido.

− Confio em ti, Nicholas − sussurrou.

O seu sorriso valente despedaçou-lhe o coração.

Enquanto a conduzia em direção à escada, Nicholas rogou em silêncio poder ser capaz de cumprir a sua promessa. Porque se acontecesse algo de mal ao rapaz, sabia instintivamente que podia renunciar a toda a esperança de arrancar a Aurora os seus receios de perder todos aqueles a quem amava.

Nicholas dirigiu-se em primeiro lugar ao navio que tinha atracado no cais. Tinha uma reduzida tripulação na escuna para o

caso de ser necessário escapar rapidamente.

Com alguns dos seus marinheiros mais rudes, Nick varreu o cais à procura do rapaz desaparecido.

A noite estava inundada de humanidade, marinheiros, prostitutas e carteiristas, enquanto das tabernas e pousadas surgia um estrépito de folia. Mais perto das docas, remoinhos de neblina erguiam-se do rio Tamisa, difundindo húmidos odores a alcatrão e a peixe podre e semiocultando as centenas de navios com mastros nus que ali estavam ancorados.

A neblina dificultava a busca, sombreando as pedras da calçada e formando figuras fantasmagóricas a partir das caixas, barris e carroças que ocupavam cada metro quadrado do cais.

Todavia, a neblina era a menor das preocupações de Nick. Conhecia suficientemente bem o submundo de Londres para ter desenvolvido um saudável respeito por ele. As guaridas de ladrões, os bordéis e os antros de ópio que ali havia eram dos mais perigosos do mundo. Tendo isso em conta, Nicholas adotou a baixa linguagem portuária, simulando ser um marinheiro em busca de um grumete fugido do seu amo e até oferecendo uma pequena recompensa. Mas ninguém tinha visto um rapaz fugitivo de cabelos louros.

O aperto que sentia no peito ia aumentado à medida que a noite avançava. Harry podia estar em qualquer lugar, sequestrado e obrigado a trabalhar a bordo de um navio, ou como aprendiz de um carteirista ou de um andrajoso limpa-chaminés, ou prisioneiro num bar de apostadores cuja clientela ansiava pela carne macia dos jovens, ou jazendo nalgum beco escuro, feito em comida para os peixes.

Ou, recordou-se a si mesmo, talvez a quilómetros de distância, depois de ter tomado uma direção totalmente diferente. Nicholas só tinha confiado no seu instinto para iniciar a busca por aquele lugar, e, embora o seu instinto raramente se enganasse, podia ter errado. Se assim fosse, então Harry podia pagar um preço muito elevado…

Cerrou o maxilar e prosseguiu a busca. Jamais regressaria para enfrentar Aurora sem ter encontrado o rapaz.

Era já noite cerrada quando se encontrou com dois dos seus homens que saíam de uma taberna.

− Não tive sorte, chefe − disse um deles. − Nem rasto do jovem dândi.

− Continuem a procurar − ordenou Nick. − Quando chegarem ao final do cais comecem a abordar os navios e a perguntar às tripulações. Não pararemos até o encontrarmos.

Já tinha voltado as costas quando escutou um som que fez com que os cabelos da sua nuca se eriçassem.

− Devil…

O rouco sussurro provinha de detrás de um monte de caixotes, mas Nicholas compreendeu que não era uma praga nem nenhuma invocação satânica. Tratava-se de uma súplica dirigida a «Deverill», o seu suposto apelido.

Dando um grito abafado para avisar os seus homens, começou a abrir caminho através do labirinto de caixotes. O coração quase se deteve ao distinguir o pálido vulto agachado no solo.

− Harry? − perguntou Nicholas num tom insistente, acocorando-se junto dele.

O rapaz gemeu e ergueu a cabeça. Na obscuridade, Nicholas só conseguiu distinguir os seus cabelos louros.

Estava quase nu e agarrava-se ao estômago, tremendo de frio com o húmido ar da noite. Despojado das suas roupas, usava apenas os calções, que fediam a urina, sem dúvida porque ele os tinha molhado de medo.

− Onde é que te feriram? − perguntou Nicholas, tateando suavemente o rosto e os membros do rapaz.

− No… ventre. Bateram-me…

Nicholas não conseguia ver sangue, mas sem dúvida Harry tinha as costelas doridas, a julgar pelas caretas que fazia quando lhe tocava. Todavia, Nick deduziu que estavam apenas magoadas e não partidas.

− Viverás − disse-lhe laconicamente, dissimulando a compaixão que o invadia. − Conta-me o que sucedeu.

A história de Harry surgiu primeiro de forma vacilante e depois aos borbotões. Contou-lhe como tinha chegado até ali pouco antes de escurecer, como tinha sido expulso de um bergantim no qual tentou embarcar e depois atacado por um grupo de jovens carteiristas. Parecia muito envergonhado pelo receio que tinha sentido.

− Tive tanto medo − murmurou o rapaz, concluindo com um sussurro.

Nicholas não deixou de ser ríspido com ele.

− É claro que tinhas motivos para estar assustado. Tiveste sorte por só teres ficado magoado e com alguns golpes. Podiam ter-te estripado e abandonado. Podiam ter-te morto.

− Rezei para que viesses.

− Podes dar-te por satisfeito por não te torcer o pescoço. Assustaste terrivelmente Lady Aurora.

− Des… desculpa. Dizes-lhe isso por mim?

− Tu mesmo lho dirás… de manhã. Por agora, vamos ver o que podemos fazer para te limpar.

Inclinou-se e levantou cuidadosamente o rapaz nos seus braços.

− Primeiro vou levar-te até ao meu navio − acrescentou Nicholas erguendo-se. − Nem me atrevo a deixar que ela te veja neste estado.

Todavia, quando Nicholas deixou Harry a salvo no *Talon* mudou de ideias em relação a levar o rapaz de volta a casa de Aurora. Harry estava esgotado, assim como ferido e magoado, mas o que mais necessitava era de uma lição sobre a dura realidade da vida para realçar a que tinha aprendido naquela noite acerca dos perigos.

Depois de lavado e profundamente adormecido na tarimba do primeiro oficial, Nicholas retirou-se para o seu camarote, de onde escreveu uma mensagem para Aurora. A nota era breve. Dizia-lhe simplesmente que Harry estava a salvo e essencialmente ileso, mas que o manteria na escuna durante algum tempo para lhe dar uma lição.

Nick sabia que aquilo sem dúvida despertaria o instinto protetor de Aurora e faria com que viesse a correr. Contudo, para o que queria dizer-lhe, necessitava de privacidade, algo que a casa dela, repleta de criados leais, não podia oferecer. Enviou a mensagem através de três dos mais rudes membros da sua tripulação, confiando que a protegeriam quando ela se dirigisse ao cais.

O seu plano funcionou como tinha esperado. Em menos de uma hora, antes de começar a despontar a madrugada, Nicholas escutou o estrépito das rodas da carruagem sobre o empedrado.

De pé, diante da amurada na coberta da proa, ficou a observar Aurora descer rapidamente do veículo e precipitar-se em direção à prancha de embarque. Conseguia sentir as poderosas batidas do seu coração, sabendo que os momentos que se seguiriam podiam mudar a sua vida para sempre.

Quando ela chegou ao fim da prancha, Nicholas aproximou-se para a ajudar a subir para o convés.

− Onde está Harry? − perguntou Aurora ainda antes de se encontrar a bordo, com a voz rouca pela tensão. − Magoaste-o?

− Não, claro que não. Está a dormir profundamente.

Ela libertou-se bruscamente dele. À luz do farol, o temor e a ira eram evidentes nas suas belas feições.

− A que te referias quando disseste que pretendes dar-lhe uma lição? − inquiriu em voz baixa, mas num tom duro. − Ele devia estar a salvo em casa, na cama dele.

− Ele está a salvo, Aurora.

− Disseste que tencionas mantê-lo a bordo do teu navio…

− Não discutamos aqui − replicou Nicholas em tom de advertência, indicando com a cabeça a tripulação que chegava pela prancha de embarque atrás dela.

Com um visível esforço para controlar a sua agitação, permitiu-lhe que a guiasse. Pegando numa lanterna, Nicholas acompanhou-a ao convés inferior, ao camarote do oficial. Abriu silenciosamente a porta e afastou-se para ela passar.

Harry estava enroscado na tarimba, profundamente adormecido. Aurora aproximou-se dele com cautela, temerosa do que podia encontrar. O lamentável espetáculo era bem pior do que tinha imaginado. À luz débil da lanterna avistou o rosto magoado do rapaz… a nódoa negra que se tinha formado sob um dos olhos, o lábio fendido…

Sufocou um soluço enquanto uma onda de náusea subia e a asfixiava. Teve de apertar a boca com a mão para a sufocar.

Aquilo era o que a violência lhe tinha feito, pensou desesperada, lutando contra a tempestade de fúria e impotência que assolava o seu interior. Todavia, Harry estava vivo, e isso era o mais importante. Não tinha sido capaz de o proteger, mas estava vivo.

Necessitando de se assegurar disso mesmo, acariciou-lhe o rosto. O rapaz agitou-se no sono, mas não despertou. Aurora estremeceu e soltou um suspiro.

− Vamos − murmurou suavemente Nicholas atrás dela. − Depois da sua terrível experiência necessita de descansar.

Relutante em sair dali, afastou ternamente um caracol desalinhado da fronte de Harry e depois obrigou-se a voltar-se. Depois da tensão e do terror das últimas horas, sentiu-se subitamente vazia e esgotada.

Mal conseguia perceber para onde Nicholas a conduzia, mas deu por si num camarote pequeno e bem equipado. Não resistiu quando ele a levou até à tarimba e a obrigou a sentar-se.

Nicholas dirigiu-se a um armário, serviu um dedo de *brandy* e depois regressou para junto dela.

− Toma, bebe − disse-lhe, levando-lhe o copo aos lábios.

O potente licor ardia como fogo. Aurora estremeceu ao engolir o líquido e depois afastou-o. Baixou a cabeça e cobriu o rosto com as mãos.

− Disse-te que estava a salvo − proferiu por fim Nicholas.

Aurora experimentou um tremor involuntário.

− Eu sei. Mas estava tão assustada…

− Não acreditavas realmente que eu pudesse magoá-lo, pois não?

Aurora negou silenciosamente com a cabeça. Sabia que Nicholas não tocaria sequer num cabelo louro da cabeça de Harry; todavia, ele era o pior tipo de influência para um rapaz impressionável…

− Disseste que tencionavas dar-lhe uma lição − replicou. A sua resposta abafada era mais uma pergunta do que uma acusação.

− Tenciono. Estou a pensar em pô-lo a esfregar o convés e a verificar as velas logo pela manhã.

− Porquê?

− Porque necessita de aprender quão difícil pode ser a vida no mar.

Ela levantou a cabeça e olhou-o fixamente.

− Harry não pode de forma alguma converter-se num marinheiro, Nicholas. É demasiado perigoso. Mantendo-o aqui no teu navio só estarás a contribuir para a sua fantasia…

− É muito mais perigoso se o fizer por sua conta.

Poisando o copo de *brandy*, sentou-se junto dela na tarimba.

− O rapaz tem uma febre, Aurora. Um desejo ardente que não se saciará assim tão facilmente. Acredita em mim, eu sei. Eu era como ele naquela idade. Talvez te seja difícil compreender, uma vez que nunca experimentaste algo parecido, mas Harry tem de perseguir a sua ambição até que esta se consuma ou seja satisfeita. Em qualquer dos casos, não podes curar a sua febre afastando-o da vida. Isso só o deixará contra ti… tal como aconteceu com a mãe dele. Tal como a mim me aconteceu com o meu pai.

− Mas eu sou responsável por ele!

− E é normal que querias protegê-lo. Todavia, ele necessita da orientação de um homem, Aurora. E eu posso dar-lha.

− Não necessita do tipo de orientação que tu lhe podes dar. Tu só lhe ensinarás violência. E eu abomino a violência, Nicholas. Depois de ver todas as coisas terríveis que o meu pai fazia…

− Não tenciono ensinar Harry a ser violento, querida − disse suavemente. − Só a defender-se.

Ao ver que se mantinha silenciosa, Nicholas acrescentou com energia:

− Não podes mantê-lo para sempre envolto em algodão, Aurora. Nem sequer podes mantê-lo prisioneiro no pequeno santuário que construíste para ti.

Sentindo um nó na garganta de desespero, Aurora desviou o olhar.

− Mas… ele não passa de uma criança. Não poderia suportar que lhe sucedesse algum mal e eu fosse a responsável por isso.

− Então deves permitir que eu decida o modo mais seguro de ele explorar a sua ambição. − Ao ver que ela não respondia, Nicholas voltou-lhe o rosto para ele com um ligeiro toque. − Disseste que confiavas em mim.

Ela devolveu-lhe o olhar, impotente. Nicholas observava-a de uma forma profunda, tranquila e inquisitiva, atento à expressão do rosto dela. Aurora engoliu em seco enquanto a dor se instalava no seu peito como uma nódoa negra profunda.

− Confio em ti − sussurrou.

O rosto de Nicholas suavizou-se à medida que lhe passava o polegar pelo lábio inferior com uma leve pressão. Perante aquela ternura, ela pestanejou e uma lágrima correu-lhe pela face.

Fechou os olhos e limpou-a com as costas da mão. Chorar nunca tinha resolvido nada. As lágrimas eram inúteis para deter a dor. E, todavia, não podia evitá-lo. Um soluço escapou, seguido de outro. E, de repente, não conseguia parar. Quando sentiu que Nicholas a rodeava com os seus braços, enterrou a cabeça no ombro dele e chorou até derramar toda a tensão do dia anterior; na realidade, todas as sombrias emoções do ano passado: temor, angústia, perda.

O corpo dela agitava-se em soluços aflitos enquanto as lágrimas lhe brotavam dos olhos. Nicholas limitava-se a ampará-la, embalando-lhe o corpo trémulo entre os seus braços. Quando finalmente o pranto se apaziguou, Aurora deu-se conta de que estava estendida na tarimba, com ele, com a cabeça enterrada na curva do seu pescoço. Nicholas acariciava-lhe docemente os cabelos enquanto Aurora se agarrava a ele e podia sentir a barba incipiente da noite roçando na pele suave da sua face.

Por fim, exalou um suspirou profundo e trémulo.

− Desculpa… − murmurou com a voz rouca do pranto.

− Não te preocupes. − Os lábios dele tocaram ao de leve na têmpora dela. − Toma. − Retirou um lenço imaculado do bolso e usou-o para lhe secar o rosto. Aurora continuava sem oferecer resistência às suas atenções, como uma criança. Não tinha energia para se mover nem vontade de o fazer.

− Tinhas razão − murmurou. − Sou uma cobarde.

− Não − replicou Nicholas suavemente. − Mas deixas que o temor te governe em demasia.

Suspirou quando ele lhe roçou as pálpebras com os seus lábios cálidos. Queria ficar assim para sempre, a salvo nos braços dele, pressionada contra o seu corpo forte, o seu calor, resguardada, protegida e acarinhada.

Todavia, em Nicholas, a intimidade daquele abraço tinha um efeito completamente diferente. Quando Aurora se aninhou contra ele, manteve-se imóvel, enquanto as batidas do seu coração se intensificavam e aceleravam. A consciência do corpo dela inundava os seus sentidos, e uma onda de desejo atingia-o através do ar que tentava aspirar.

Queria consolá-la. Desejava aliviar os seus temores, a sua tristeza, apagar aquela angústia e desespero do seu belo rosto. Mas, mais do que isso, desejava-a a ela.

Quase involuntariamente começou a beijar-lhe o rosto, saboreando a aveludada textura da sua pele suave. Quando ela se moveu contra ele, uma dor profunda despertou no seu baixo ventre, como uma labareda.

Nicholas deixou escapar um suspiro, lutando por manter o controlo. A ânsia fazia o seu corpo estremecer. Como é que aquilo tinha acontecido, aquela necessidade profunda e imperiosa que sentia por ela? Não podia negá-la por mais tempo…

Moldou de um modo premente os lábios suaves de Aurora de modo a ajustarem-se aos seus, com o desejo deflagrando pelos seus sentidos à medida que se apoderava da boca dela. Aurora proferiu um suave murmúrio de protesto perante a sua repentina ação, mas ele manteve o seu terno assalto e sentiu uma onda de triunfo ao ver que a boca dela se tornava cálida e flexível sob a sua.

Depois, de repente, Aurora afastou-se para trás empurrando-lhe o peito com as mãos. A respiração dela vinha numa sucessão de arquejos suaves enquanto o contemplava com os olhos azuis abertos e consternados. Nicholas exalou um profundo suspiro, lutando por dominar a sua selvagem necessidade. Sabia que ela o desejava. Quando lhe tocou na garganta pôde sentir a aceleração da sua pulsação.

− Tenciono fazer amor contigo, Aurora − preveniu-a com voz rouca e plena de desejo. − Se queres que pare, diz-me já.

Permaneceu imóvel, aguardando, tão tenso como a corda de um arco. Tinha o baixo ventre pulsante e dorido de desejo, e as batidas do seu coração eram como uma bigorna dentro do peito. Todavia, nessa ocasião, era ela quem tinha de tomar a decisão.

Aurora fitou-o nos olhos, mergulhando na absoluta intensidade das suas negras profundidades. Não queria fazer amor com ele nem aceitar a sua paixão, todavia, não podia lutar contra a sua ternura, contra aqueles beijos excitantes, tão doces e fogosos. Já não tinha nenhuma defesa contra ele.

Negou em silêncio com a cabeça, reconhecendo o doce tormento da derrota. Uma ânsia desesperada fluía dentro dela, a necessidade de lhe tocar, de o sentir profundamente no seu interior.

− Não quero que pares − sussurrou. Ergueu a mão e enredou os seus dedos na ondulante espessura dos sedosos cabelos dele. − Por favor − acrescentou impotente. − Faz amor comigo, Nicholas.

CAPÍTULO 18

Ele oferecia a atormentadora promessa do paraíso,
se ao menos eu tivesse a coragem de a agarrar

Despiu-a lentamente, desejando-a de um modo tão poderoso que o fazia tremer. Ela continuava a ser tímida com o seu corpo e ele esforçava-se por ser terno.

Quando Aurora ficou nua diante dele, retirou-lhe os ganchos do cabelo um por um e deixou cair a massa brilhante em cascata pelos seus ombros nus. Os mamilos estavam eretos, a sua pele pálida parecia dourada à luz bruxuleante da lanterna e a suas pernas eram longas e esbeltas.

Nicholas pensou com reverência que ela parecia não ter ideia do quanto era bela e deliciosamente sensual. Os seus traços refletiam o desejo, a mesma ânsia que ele sentia; tinha os olhos azuis obscurecidos pelo anseio.

− Aurora − murmurou com voz rouca apoderando-se da boca dela.

A avidez percorreu-o de uma forma desenfreada à medida que as bocas se uniam num beijo lento, profundo e exigente, e ele lhe separava os lábios e introduzia a língua no seu calor acolhedor, buscando os seus segredos. A exultação invadiu-o ao sentir um estremecimento de desejo percorrê-la. Queria-a incendiada e selvagem, ardendo de desejo por ele… e, todavia, esforçava-se por controlar a sua desesperada urgência. Aquele era um momento para ser saboreado. Pretendia amá-la lentamente, por completo. Fazê-lo durar.

Dominando a sua ânsia, interrompeu o beijo e retrocedeu para se despojar das suas roupas.

Aurora, que o observava, soltou um intenso suspiro perante a magnificência do corpo excitado de Nicholas. Era tão absolutamente varonil, com as suas formas esculpidas e sombreadas de bronze à luz da lanterna. Mas era o seu olhar que a mantinha hipnotizada. Vislumbrou o intenso desejo nos olhos dele; viu a necessidade crua e audaz à medida que se aproximava dela. Os dedos de Nicholas deslizaram com suavidade pelos ombros nus de Aurora, depois mais para baixo, sobre a curva da caixa torácica até chegar à cintura. Em seguida, poisou as mãos sobre os seus quadris e atraiu-a para si. Ela sentiu a sua cálida e latente masculinidade contra o seu corpo.

− Já viste o que fazes comigo? − perguntou-lhe com suavidade. − Podes sentir o fogo que acendes no meu baixo ventre?

Sem esperar pela resposta, inclinou-se sobre os seios dela, e a frialdade do ar noturno contra a sua pele nua deu lugar ao calor abrasador dos lábios dele.

Aurora estremeceu com a sensação provocada pela boca dele. Quando ele sugou suavemente o mamilo, ela cravou-lhe os dedos nos ombros agarrando-se a eles.

O suave estremecimento do corpo dela excitou-o ainda mais. Nicholas cerrou o maxilar, recordando a sua violência quando a possuíra no dia anterior. Naquele momento, a sua necessidade já não era tão frenética. O desejo feroz e explosivo tinha-se suavizado. Em lugar dele, sentia uma ânsia enorme de partilhar ternura e de a expressar.

Ajoelhou-se diante dela, e Aurora notou o roçar das suas faces não barbeadas na parte interior das suas coxas… Manteve-se rígida enquanto ele inalava o seu odor.

Ignorando o seu protesto abafado, Nicholas inclinou-se para investigar as pregas delicadas como pétalas da sua feminilidade, e introduziu a língua nelas até encontrar a sua carne madura.

Aurora agarrou-se aos cabelos dele, mas Nicholas não tinha intenção de parar. As suas mãos continuavam a segurá-la pelos quadris à medida que prosseguia com as carícias implacáveis da sua língua. Os cabelos de Aurora caíam num emaranhado dourado em redor deles enquanto Nicholas continuava a saboreá-la, explorando e reclamando-a em carícias lentas e prolongadas.

Aurora gemeu de desejo, arqueando-se contra a boca sábia de Nicholas. A sua infinita ternura era uma tortura que saciava um apetite, ao passo que a sua sensualidade despertava outro.

− Nicholas, por favor… − implorou.

Obediente, pressionou os lábios ainda mais contra o corpo dela à medida que as carícias da língua se aprofundavam. Uma chama ardente passou do corpo dele para o dela, abrasando-a, e Aurora estremeceu de uma feroz necessidade.

− Sim, acende-te para mim… − disse num murmúrio rouco, que pareceu vir de muito longe.

Aurora retorceu-se noutro torturado estremecimento e depois não conseguiu permanecer quieta. Gritou agitada enquanto os tremores a sacudiam. As pernas cederam como se não tivesse ossos, e teria caído se Nicholas não se tivesse levantado e apoiado o seu corpo agitado.

− Basta… − suplicou impotente.

Nos olhos de Nicholas via-se um desejo audaz assim como uma sombria intensidade, quando replicou com voz áspera:

− Não, anjo. Isto é só o início.

Beijou-a como se ela fosse algo frágil e precioso e depois levou-a até ao leito. Ainda lhe cobria a boca com a sua enquanto a deitava com delicadeza sobre o colchão.

Uma certeza primária iluminou Aurora enquanto ele se ajoelhava sobre ela e reiniciava o seu sensual assalto. O toque dele era cálido e a boca era mágica à medida que lhe percorria o corpo beijando-a por toda a parte. Ela entregou-se às sensações que o contacto dele lhe provocava. Nunca tinha sentido uma ternura tão meiga e dorida, tanta beleza íntima. Nicholas era forte e terno e as suas carícias muito suaves. Mantinha o seu poder sob um cuidadoso controlo e os seus lábios eram hábeis e lentos. Podia sentir a sua dedicação.

Moveu-se debaixo dele sentindo um impacto feroz e inquieto de feminina necessidade. O contacto dele era possessivo e pleno de adoração, aliviador e excitante, oferecia-lhe consolo e tormento ao mesmo tempo…

Um som febril escapou da garganta de Aurora. Estava a afogar-se de desejo…

Voltou a implorar-lhe, mas pareceu-lhe que decorreu uma eternidade até que finalmente ele pareceu escutá-la.

Os olhos de Nicholas estavam repletos de ternura e determinação e cobria-a com o seu corpo. Aurora ergueu os braços com urgência para o trazer para mais perto, deleitando-se com o seu contacto, com o peso dele apoiado nela, com a sua virilidade dura e excitada entre os seus corpos.

Contudo, Nicholas deteve-se durante um momento, sustendo o seu peso ligeiramente com os braços enquanto a olhava com intensidade nos olhos.

− Sabes quantas vezes sonhei com isto? − perguntou-lhe num sussurro feroz e baixo. − Voltar a ter-te entre os meus braços, toda tu, beleza e fogo?

Os seus olhos negros estavam repletos de paixão, aguardando.

− Eu também sonhei contigo − sussurrou Aurora trémula.

Era tudo o que Nicholas parecia estar à espera. Deslizou lenta e profundamente para dentro dela, através da sua fenda estreita. Aurora soltou um suspiro ofegante de alívio ao senti-lo finalmente como parte dela.

Nicholas deteve-se um momento, deixando que ela se acostumasse à plenitude intumescida e rígida. A carne de Aurora pulsava enquanto ele se retirava lentamente.

A segunda arremetida firme dos seus quadris impulsionou-o tão profundamente para dentro dela, que Aurora sufocou um grito. Com um sorriso terno, Nicholas acomodou-lhe os quadris, erguendo-os de modo a que pudesse penetrá-la com maior plenitude. Era a sensação mais sublime que Aurora alguma vez experimentara: ser uma com ele.

Recostou a cabeça na almofada. Não conseguia pensar, só conseguia sentir. O desejo que ele lhe havia despertado com o seu contacto era tão vivo, tão vibrante, que era como se dentro dela ardesse uma labareda.

Nicholas começou então a mover-se no seu interior, de início devagar, sem se apressar. As mãos de Aurora moviam-se pelo torso musculoso à medida que ele, aos poucos, ia aumentando o ritmo, submergindo-se cada vez mais profundamente no seu corpo acolhedor. O prazer agudizou-se cada vez mais, crescendo até um ponto insuportável.

Nicholas deu por si abrasado pela mesma urgência que ela, a mesma necessidade primitiva e poderosa. A sua respiração acelerou-se contra a garganta de Aurora enquanto os seus quadris investiam com mais força. Tentou recordar-se que devia ser terno, mas o pensamento desvaneceu-se junto com o seu controlo quando a onda de prazer que invadiu Aurora se estendeu também a ele.

Quando se deu a explosão, arrastou-os a ambos. Ele captou os gemidos de êxtase da boca dela, enquanto os espasmos latentes que sacudiam o seu corpo se infiltravam no dela, junto com a sua semente.

Quando se deixou cair sobre o corpo de Aurora, sentiu uma ternura tão dolorosa que o fez estremecer. Finalmente, rodou esgotado para um dos lados e estreitou-a contra o seu peito.

Durante um longo momento, Nick manteve-se assim, com o corpo agitado e pulsante dos poderosos tremores e com os pensamentos num torvelinho. Compreendeu que a ternura feroz e perturbadora que sentia tinha um nome: Amor. Amava Aurora. Santo Deus.

Nicholas fechou os olhos com força, dividido entre o desejo de praguejar e de orar.

Era um reconhecimento surpreendente. O amor nunca havia entrado nos seus cálculos em qualquer outra relação. Anteriormente tinha sido sempre capaz de se afastar sem arrependimentos, com o coração intacto. Nunca tinha estado em perigo de sucumbir ao amor, jamais se tinha visto sequer remotamente tentado por tal possibilidade. Acreditava ser insensível

àquele tipo de emoção tão profunda que o seu pai havia experimentado noutro tempo.

Todavia, aquilo tinha sido antes de conhecer Aurora. O seu exuberante encanto tinha-o cativado desde o início, mas a sua atratividade ia muito além da simples beleza ou da sua sensualidade. Desde o início, a sua amabilidade, a sua força tranquila, o seu feroz instinto protetor tinham ganho o seu respeito, e os seus sentimentos tinham-se originado a partir daí. Quanto mais a conhecia mais a desejava. Ela tinha-lhe dado vislumbres tentadores da mulher fascinante e apaixonada que mantinha oculta do mundo. Era essa mulher inesquecível que o fazia arder, que acendia o seu sangue e o seu coração…

− Estás bem? − perguntou ele ao fim de um momento.

A resposta dela foi um suspiro de prazer.

Nicholas pegou na manta que se encontrava aos pés da tarimba e cobriu a nudez de ambos. Depois, com ar ausente, beijou-lhe os cabelos sedosos e atraiu-a mais para si, com os seus sentidos distraídos com a maravilhosa e aterradora frase que soava na sua cabeça. Amo-a. Amo-a…

Repetia uma e outra vez na sua mente aquele pensamento surpreendente até que finalmente se permitiu outra reflexão. «E agora, que diabo vou fazer com isto?» Como é que ia convencer Aurora de que era sua esposa quando ela continuava a lutar contra ele?

Uma noite não bastaria para satisfazer o apetite da sua alma. Desejava Aurora como esposa. Pertencia ao seu leito, à sua vida. Aquele matrimónio insólito tinha sido forjado por um imprevisto do destino, mas ele desejava que fosse real.

Desejava ter o direito a reconhecer a paixão que sentia por ela. Desejava perder-se na cálida seda do seu corpo todas as noites e despertar junto a ela todas as manhãs. Desejava construir um futuro com ela, ter filhos…

Nicholas manteve-se imóvel interrogando-se se a sua semente teria criado raízes. Tinha-a amado por duas vezes em dois dias seguidos sem tomar nenhuma medida para evitar a conceção. Se tinha gerado um filho nela, Aurora não teria outra escolha senão aceitar o matrimónio, porque sozinha não seria capaz de enfrentar o escândalo.

Nicholas sacudiu mentalmente a cabeça em negação. A ideia de Aurora conceber um filho seu enchia-o de assombro e de prazer, mas devia ser ela a decidir. Ele desejava-a ardentemente como sua esposa, mas ela tinha de o aceitar de livre vontade. Porque o amava. Porque desejava passar o resto da sua vida com ele, não porque se via obrigada a isso. Prometeu a si mesmo que da próxima vez que fizessem amor se asseguraria de que tomava precauções.

Não obstante, haveria uma próxima vez?

Ele desejava-o, mas o que desejava Aurora?

Sabia bem que ela não retribuía os seus sentimentos. Ele era a antítese daquilo que ela considerava um esposo ideal. E além disso, ainda continuava enamorada daquele maldito fantasma. Talvez com tempo suficiente conseguisse mudar os seus afetos, mas o tempo estava a esgotar-se.

Isso era o que necessitava… tempo. Tempo a sós com Aurora. Tempo para derrubar as suas defesas; para a convencer a dar uma oportunidade ao matrimónio. Para lhe demonstrar que o desejo que os unia podia converter-se em algo real e duradouro. Para fazer despertar a paixão nela até os seus sentimentos serem tão intensos e avassaladores que não pudesse continuar a negá-los.

Aquele era o único modo que conhecia para chegar até ela, através da intimidade física. Cada vez que se tocavam, as defesas de Aurora desmoronavam-se um pouco mais, o apetite que ele despertava nela tornava-se mais forte.

E a paixão física podia dar lugar ao amor. Tinha sucedido com a francesa do diário. Podia suceder com Aurora. Sucederia, prometeu Nicholas a si mesmo.

Não tencionava desistir da corte que lhe fazia sem ter feito de tudo para a conquistar. O seu pai tinha perdido o amor da sua vida e Nick negava-se a passar o resto dos seus dias ansiando pelo que podia ter sido.

Ergueu uma mão para lhe tocar na face com o toque mais leve.

− Estás desperta?

Ela moveu-se e ergueu a cabeça para olhar para ele.

− Sim − murmurou, com os olhos sonolentos e sensuais.

Ele afastou com ternura uma madeixa de cabelos do seu rosto ruborizado. Era tão assombrosamente bela… Desejava-a de novo, com mais intensidade que antes, com uma ânsia que ia para além do físico.

Ainda assim, não podia simplesmente revelar-lhe os seus sentimentos. Duvidava que Aurora acreditasse numa repentina confissão de amor… Na realidade, ele mesmo tinha dificuldade em acreditar. A sua insegurança fazia com que se sentisse insolitamente vulnerável.

Ainda não lho podia confessar. Teria de esperar o momento adequado, teria de lhe demonstrar quão profundos eram os seus

sentimentos com algo mais do que simples palavras.

− Tenho um assunto para falar contigo − disse por fim, esforçando-se por manter um tom despreocupado. − Estou a pensar se devo afastar-me ou não de Londres.

Ele sentiu que o corpo dela se retesava.

− O que queres dizer com afastares-te?

− Pensei em ir para o campo durante um tempo. Tu tens razão. Com tanta gente que poderia reconhecer-me, o risco é demasiado grande. Clune ofereceu-me a sua casa de Berkshire. − Fez uma pausa e respirou profundamente. − Quero que venhas comigo, Aurora.

Ela sentou-se lentamente, cobrindo os seios com o cobertor.

− Ir contigo? − repetiu debilmente.

− Sim. Quero que estejas comigo.

Olhou para ele com uma expressão de preocupação estampada no rosto.

− Estamos juntos agora.

− Não do modo que deveríamos. Da forma como as coisas estão agora, vejo-me forçado a agir como um ladrão, roubando alguns momentos privados para estar a sós contigo, tendo de esconder-me para desfrutar de qualquer intimidade com a minha esposa. Quero poder beijar-te sem provocar um escândalo. Abraçar-te e fazer amor contigo, e despertar contigo nos meus braços.

− Nicholas… já falámos disso antes. Eu não quero ser tua esposa.

Ele suportou o olhar dela.

− Não podes dizer que não me desejas depois da paixão que partilhámos.

A angústia nos olhos dela era evidente.

− Isso não muda nada. Continuamos a ser totalmente inadequados um para o outro.

− Como podes estar tão segura disso? Nunca pusemos realmente essa questão à prova. Nunca demos ao nosso matrimónio uma oportunidade para ser bem-sucedido. Eu quero ter essa oportunidade, Aurora. E tu deve-lo a ti mesma, se não a mim.

Ao ver que ela não respondia, prosseguiu em voz baixa.

− Resta-nos pouco tempo. Eu não posso demorar-me muito mais em Inglaterra. Mas antes de ir quero ter a certeza de que não fomos feitos um para o outro. Devíamos experimentar, de um modo ou de outro.

− O que… estás a propor?

− Que venhas para Berkshire comigo… como minha esposa. − Acariciou-lhe o braço nu com o polegar. − Concede-me quinze dias. Duas semanas para que possa convencer-te de que pertencemos um ao outro. E, ao final desse tempo, se ainda desejares romper o nosso matrimónio e os votos solenes que pronunciámos, estarei de acordo. Deixarei Inglaterra e sairei da tua vida para sempre.

Ela olhou-o fixamente.

− Para sempre?

− Sim − concordou suavemente. − Regressarei à América sem ti. Não terás de voltar a ver-me nunca mais. Poderás viver a tua vida aqui, independente, tal como desejas.

Aurora levou uma mão à fronte e esfregou-a distraída.

− Não posso sair agora de Londres. Que seria de Harry e de Raven?

Ele não podia condenar o seu rasgo feroz de lealdade. Aurora entregava-se apaixonadamente às pessoas que lhe eram queridas, era uma das coisas que lhe agradavam nela.

− Raven ficará bem sozinha − replicou Nicholas com sinceridade −, e eu entender-me-ei com Harry. Depois do seu perigoso encontro desta noite, duvido que esteja ansioso por empreender de novo algo por sua conta. E eu tenciono assegurar-me de que ele fica a perceber muito bem que a vida de marinheiro não é a aventura atrativa que ele imagina. Não me surpreenderia que, muito em breve, te peça para regressar a casa para junto da mãe.

− Não posso deixá-lo aqui, Nicholas.

− Prometo-te que não será necessário. Que outras objeções tens?

Aurora pensou que tinha uma grande quantidade de objeções. Sendo a principal ele próprio. Ele era um risco para além daquilo que ela havia imaginado. Ameaçava tudo quanto Aurora havia conhecido sempre como seguro ou sensato. As emoções que despertava nela eram tão intensas e aterradoras como a sua feroz e consumidora paixão…

Mas, e se se negasse a ir com ele? Estaria a deixar-se dominar pelo medo. Estaria a comportar-se como uma cobarde, tal

como ele a acusava de ser. Ela não desejava viver toda a sua vida com temor.

Pior ainda, se ele ficasse em Londres e fosse descoberto, seria preso e enforcado. Santo Deus! Não podia suportar que ele tivesse de morrer. Pelo menos, longe de Londres estaria mais seguro…

Atrever-se-ia a concordar com o que lhe estava a pedir? Tinha alguma escolha?

Devolveu-lhe o olhar firme, capturada no seu intenso feitiço. Duas semanas. Um punhado de dias sozinha com Nicholas. Seriam amantes. Seria o paraíso; seria um tormento.

Poderia ela conseguir manter as suas defesas emocionais durante tanto tempo? Duas semanas pareciam uma eternidade. E a intimidade forçada só lhe traria uma maior agonia depois, quando tivessem de se separar.

Mas, se conseguisse suportá-lo, ele partiria de Inglaterra e regressaria à América para sempre. Aurora engoliu em seco perante a dor repentina que sentiu na garganta. Não era isso que desejava desesperadamente? Ver-se livre de Nicholas e da sua paixão avassaladora?

Esforçou-se por afastar o profundo sentimento de desolação que aquele pensamento lhe provocava. Desejava com todas as suas forças que partisse… antes que lhe despedaçasse o coração.

− Dás-me essa oportunidade, querida? − perguntou ele com a voz tão suave como o veludo. − Virás comigo?

− Sim − sussurrou Aurora fitando-o. − Irei contigo.

Havia um tal ardor nos olhos de Nicholas que o coração dela quase parou de bater. Incapaz de suportar aquele olhar, Aurora fechou os olhos, confiando com todas as suas forças não estar a cometer um erro tremendo.

TERCEIRA PARTE

UMA PAIXÃO DO CORAÇÃO

CAPÍTULO 19

Ele arrancou-me os segredos mais íntimos do meu coração

− Quanto tempo falta para chegarmos? − perguntou Harry pela terceira vez, retorcendo-se no assento para olhar pela janela da carruagem para o campo de Sussex.

Aurora não pôde conter um sorriso perante a impaciência do rapaz por chegar a casa. Viajavam há apenas algumas horas desde que tinham saído de Londres cedo naquela manhã, mas Harry mal conseguia dissimular a sua ansiedade.

− Não muito.

− Falarás com a mamã, não é verdade, Rory? Não deixarás que me ralhe.

− Claro que sim. Prometi-te que o faria. Mas não me parece que tenhas de te preocupar. Ela ficará demasiado aliviada por te ter a salvo em casa para pensar em ralhar-te.

Naquele momento, Harry avistou Nicholas que cavalgava junto da carruagem.

− Gostava de ter vindo a cavalo como o senhor Deverill em vez de estar aqui fechado na carruagem.

− Disseste que ainda tinhas as costelas demasiado doridas para suportares um trajeto tão longo a cavalo, lembras-te?

O rapaz estremeceu como se se tivesse recordado da sua terrível experiência… uma reação que Aurora notou com uma silenciosa satisfação. Depois de ser atacado e sovado no cais, Harry tinha jurado solenemente não voltar a fugir, manifestando uma sinceridade na qual ela havia acreditado. E, com grande alívio da sua parte, dois dias de suores, bolhas e dores musculares tinham convencido o rapaz de que não iria gostar da vida dura de um marinheiro.

Aqueles dois dias tinham parecido a Aurora uma eternidade, mas prometera a Nicholas que não se intrometeria nos seus severos métodos. E, tal como Nicholas havia previsto, Harry acabou por abandonar o seu sonho de se alistar na Marinha Mercante, embora não muito satisfeito.

Quando ela lhe recordou docemente que, ao atingir a maioridade, seria rico o suficiente para ter uma frota com os seus próprios navios, ele tinha-se animado consideravelmente e decidido que, afinal, preferia passar os anos intermédios em Sussex, com a sua mãe, de quem sentia muitas saudades, e que talvez a sua relação asfixiante não fosse assim tão insuportável.

Aurora ia agora levar o rapaz a casa sob a escolta de Nicholas. Também ela teria preferido cavalgar naquele magnífico dia de verão, e evitado o calor e o pó dentro da carruagem. Mas não só tinha de fazer companhia a Harry, como sabia que era mais prudente manter a discreta ficção de que Nicholas era um amigo da família e não anunciar o seu plano atual. Quando entregassem Harry à mãe, tomariam o caminho de Londres, mas desviar-se-iam para Berkshire, onde passariam quinze dias juntos tal como tinham acordado.

Até àquele momento, Aurora tinha conseguido reprimir as suas recordações, mas, à medida que penetravam mais na paisagem do Este de Sussex da sua infância, alegrava-se de poder contar com a tagarelice de Harry para a distrair dos seus receios e dos seus sentimentos de tristeza. Aquela era a primeira vez, desde há quase um ano, que regressava a casa. Depois da morte de Geoffrey, tinha preferido viver em Londres, porque ali era-lhe mais fácil evitar a dolorosa recordação da sua perda. E ainda se havia distanciado mais quando partira para o Caribe, com o primo e a sua esposa.

Aurora pensou no quanto a sua vida havia mudado desde então. Tinha-se casado, enviuvado e depois deixado de ser viúva… tinha-se convertido numa mulher, adquirido conhecimento carnal nas mãos de um amante destro que era o mais diferente possível do homem terno que tinha admirado e amado durante grande parte da sua vida.

Aquele regresso ao lar despertava tristes recordações de Geoffrey e de outras coisas.

Aurora moveu-se desconfortável. Tinha tentado não pensar no pai nem nos sombrios sentimentos que ele lhe despertava. As propriedades March e Eversley estavam próximas, apenas a uns quilómetros de distância, mas ela não tinha um único motivo para visitar o duque, uma vez que ele tinha lavado as mãos a respeito dela e a tinha expulso das suas terras.

Por outro lado, não podia esquecer a ameaça de a mandar chicotear se ultrapassasse os limites da sua propriedade. E não havia dúvida de que em breve ela estaria a passar aqueles limites. O pai ficaria furioso se soubesse da sua intenção de passar duas semanas a sós com Nicholas. Até naquele momento estavam a roçar os limites. Aurora não tinha querido levar a sua aia, com o frágil pretexto de que a viagem era de curta duração.

Pelo menos uma preocupação estava descartada; não estava grávida, depois das suas imprudentes intimidades com Nicholas. A sua menstruação tinha chegado e desaparecido na semana anterior. A partir de então, sempre que estivessem juntos, tomariam o tipo de precauções que se descreviam no diário.

− Então − disse a Harry numa tentativa de se animar, enquanto retirava um baralho de cartas do bolso −, a que vamos jogar?

Cerca de uma hora mais tarde, a carruagem entrou no suave caminho de cascalho da propriedade dos March, e nessa altura Harry já não conseguia parar quieto no assento. Lady March, a sua mãe, saiu para os receber quando a carruagem se deteve diante da impressionante mansão de pedra.

Abraçou o filho fervorosamente e depois saudou Aurora quase com o mesmo carinho. Lady March tinha sido amiga de Aurora desde a morte da sua mãe e tinham partilhado o pesar pela morte de Geoffrey. Contudo, sob o olhar atento de Nicholas, tentou pôr de lado a tristeza e fazer as apresentações.

Lady March saudou Nicholas efusivamente apertando-lhe a mão agradecida.

− As cartas de Harry estavam repletas de alusões a si, senhor Deverill. Nunca poderei agradecer-lhe o suficiente.

− Não foi nada, *milady* − replicou Nicholas com amabilidade.

− Oh, foi, sim! Harry não tinha um homem para o orientar desde… − engoliu as suas repentinas lágrimas e esforçou por exibir um sorriso luminoso. − Ficarás esta noite? − perguntou a Aurora.

− Obrigada, mas temos de regressar.

− Pelo menos devem tomar uma refeição em condições. E tens de me contar todos os mexericos de Londres. Sabes que agora raramente lá vou. Entrem. Harry, faz-nos companhia…

Instalaram-se no salão até ser servido o almoço. Lady March mantinha Harry a seu lado, como se temesse que pudesse desaparecer de novo, mas quando terminou a refeição, Harry desculpou-se e pediu permissão para ir aos estábulos visitar os seus cavalos.

A mãe impediu que saísse a correr pela porta repreendendo-o pelo seu comportamento pouco educado diante dos convidados.

− Rory não é uma convidada, mamã − declarou Harry.

− Todavia, deves desculpar-te diante dela e do senhor Deverill.

− Peço perdão − disse Harry com um sorriso impenitente.

− E ainda tenho de te ouvir agradecer pela sua generosa hospitalidade durante as semanas passadas − acrescentou severamente Lady March.

− Obrigado, Rory.

Regressou à mesa, deu um forte abraço a Aurora, apertou a mão de Nicholas e depois saiu disparado.

Lady March suspirou sacudindo a cabeça exasperada.

− Às vezes nem parece meu filho. É tão diferente do irmão Geoffrey…

Sobressaltou-se e olhou para Nicholas.

− Agora cabe-me a mim desculpar-me, senhor Deverill. Não queria ser melancólica, mas é difícil para uma mãe perder o seu filho. Ou para uma mulher perder o seu noivo − acrescentou, incluindo Aurora no seu olhar triste.

Nick fez um sinal de simpatia com a cabeça, mas não estava tão tranquilo como aparentava. Não se sentia nada satisfeito com aquela visita que provocava demasiadas recordações do seu principal rival na mente e no coração de Aurora. Ela tinha elevado a um pedestal o defunto Lorde March e ser-lhe-ia difícil eliminá-lo.

Nicholas sabia que não podia competir com um tal modelo de perfeição, só podia tentar fazer com que ela o esquecesse; esforçar-se-ia ao máximo por consegui-lo se pudesse retirá-la dali.

Todavia, deu-se outro acontecimento que suscitou em Aurora mais recordações dolorosas e interferiu com a continuação da sua viagem. Estavam prestes a despedir-se quando Lady March perguntou a Aurora se tinha tido notícias do seu pai recentemente.

− Não − replicou ela. − O facto é que desde o meu casamento as nossas relações não têm sido as melhores.

− Consta que ele não está muito bem − comentou Lady March. − Desde que saíste lá de casa ele tem tido dificuldades em conservar os criados. Mas penso que o merece pela maneira como os trata com o seu temperamento horroroso

Nicholas reparou nas fugazes emoções que se refletiam no belo rosto de Aurora. Era evidente que estava preocupada com o que tinha ouvido. Todavia, manteve silêncio até Nicholas começar a conduzi-la para a carruagem. Nessa altura, ela tocou-lhe no braço.

− Antes de partirmos gostaria de visitar o meu pai − disse em voz baixa.

Nick dirigiu-lhe um olhar intenso.

− O que esperas conseguir com isso? Não podes sentir vontade de o ver depois da forma como te tratou.

− Não sinto vontade. Mas ele não deixa de ser meu pai.

− E tu tens um sentido de dever excessivamente desenvolvido − replicou Nicholas com ar de desaprovação.

Aurora dirigiu-lhe um olhar triste.

− Assim espero.

− Não lhe deves nada, Aurora. Ele perdeu todo o direito à tua lealdade.

− Talvez sim. Mas se virasse as costas sem me assegurar de que está bem, não ficaria bem com a minha consciência para o resto da minha vida. Não tens de vir comigo se não quiseres.

− Ah, não! − replicou Nicholas com um sorriso perigoso. − Gostaria muito de ter a oportunidade de conhecer o ilustre duque.

Pouco depois, chegavam à propriedade Eversley. Aurora observou consternada que o magnífico parque parecia muito negligenciado desde a sua ausência. O caminho de gravilha estava repleto de sulcos e necessitava de ser varrido, ao passo que os relvados não cuidados e os arbustos por aparar pareciam um pouco selvagens.

Enquanto subia a escada principal com Nicholas sentia o estômago a revolver-se, todavia enfrentar o pai era algo que tinha de fazer. Sabia que havia poucas possibilidades de reconciliação entre eles, e também não era o que ela desejava. Mas, ainda que ele a tivesse renegado, ainda era seu pai, a sua carne e o seu sangue. Quer merecesse compaixão ou não, ela era incapaz de lhe voltar as costas. Não sem fazer um último esforço. De outro modo, nunca seria capaz de encerrar aquele capítulo da sua vida. Todavia, alegrava-se muito de ter Nicholas a seu lado.

Quando ele bateu à porta, o som metálico ressoou como um eco, como se não houvesse ninguém em casa. Decorreram uns longos minutos até que a porta foi aberta por um lacaio cuja libré estava suja e desalinhada. Embora não o reconhecesse, Aurora disse-lhe que queria ver o duque.

− O duque não está em casa − foi a brusca resposta.

− Não está em casa ou não recebe visitas?

− Não recebe visitas.

− Ainda assim, quero vê-lo.

− E quem é a senhora?

Aurora ergueu o queixo majestosamente, fitando o homem com altivez.

− Sou a filha do duque e desejo falar com o meu pai. Por favor, diga-lhe que estou aqui.

O homem olhou para Nicholas como se estivesse a avaliá-lo. Ao que parece, depois de decidir que o visitante era mais alto e mais forte que ele, o lacaio franziu o sobrolho e afastou-se arrastando os pés.

Aurora olhou tristemente em seu redor.

− Quando a minha mãe era viva, esta casa era linda − murmurou.

Sentiu que Nicholas lhe acariciava a nuca numa subtil demonstração de simpatia e apoio. Ele não disse nada, mas ela sentiu que a apoiava com a sua força, e sentiu-se agradecida por isso.

Finalmente, o lacaio regressou. Tão brusco como antes, assinalou com o polegar sobre o seu ombro.

− Sua graça está no gabinete.

− Conheço o caminho − disse Aurora friamente passando ao seu lado.

Contudo, os seus passos tornaram-se mais lentos ao aproximar-se da porta do gabinete. Talvez tivesse sido tola em ir ali. Levou a mão ao estômago, sentindo-se relutante em enfrentar a dor que sabia que estava prestes a provocar a si mesma.

Ergueu os ombros e entrou no compartimento.

A visão do pai foi pior do que tinha esperado, mesmo depois da advertência de Lady March. O outrora nobre duque de Eversley estava esparramado numa cadeira, com as roupas tão descuidadas como as do seu lacaio, os seus olhos azuis nublados e injetados de sangue enquanto a fitava carrancudo.

Era evidente que tinha estado a beber, porque as suas palavras soaram confusas.

− Que diabo estás aqui a fazer? Disse-te que não queria voltar a ver-te nunca mais.

− Olá, pai − saudou ela tranquilamente. − Lady March disse-me que não estavas a passar muito bem.

− A minha saúde não é da tua conta, estupor mal-agradecido.

De mau humor, levou o copo de vinho do porto aos lábios e ingeriu o que restava do seu conteúdo de um trago.

− Tu não és minha filha. Desafiaste os meus desejos desposando um criminoso condenado ao patíbulo. Envergonhaste-me… Devia ter-te castigado com o chicote.

− Pode alegrar-se de não o ter feito − disse Nicholas friamente junto a ela.

O duque dirigiu o olhar para ele.

− Quem diabo é você?

O sorriso de Nicholas não se refletiu nos seus olhos.

− Brandon Deverill, primo do criminoso.

− Saia daqui… e leve-a consigo! − Eversley levantou a mão e apontou para a porta. − Não quero esta prostituta em minha casa!

Aurora retrocedeu como se tivesse recebido uma bofetada, mas quando Nicholas deu um passo em frente, ela conteve-o com a mão no seu braço. Mais do que feri-la, o ataque do pai tinha-a irritado e entristecido.

− Eu envergonhei-te, pai? − Torceu os lábios num sorriso irónico. − Isso tem piada. E o que me dizes das inúmeras vezes que me envergonhaste tu a mim? Toda a minha vida tive de presenciar o modo desprezível com que tratavas todos os que te rodeavam. Dominavas pelo medo, açoitando inocentes e rebentando de cólera por razões tão mínimas como as tuas papas de aveia estarem frias ou ter caído uma partícula de pó nas tuas botas. Bem, deves sentir-te muito feliz agora. Já não tens de suportar as transgressões dos teus criados, uma vez que os afastaste a todos.

Com o rosto vermelho de raiva, Eversley poisou o copo de um golpe e pôs-se de pé ameaçador.

Mas Aurora não se moveu.

− Lamento por ti, pai. Lamento sinceramente. Acreditei que tivesses mais orgulho. Nunca pensei que chegasses a este nível tão patético.

− Como te atreves…?

Desmentindo a sua embriaguez, Eversley praguejou e avançou na direção dela disposto a atingi-la.

Nicholas moveu-se como um relâmpago. Num instante, ergueu o duque pela gravata, fê-lo girar pelo ar, torceu-lhe o braço nas costas e depois empurrou-o para diante até ficar com o rosto esmagado contra a parede oposta.

Eversley proferiu um grito de dor estrangulado.

Nicholas respondeu em voz baixa e dura.

− Desejava fazer isto desde que soube que tipo de bruto fanfarrão o senhor é.

− Tire… essas mãos malditas… de cima de mim! − exclamou Eversley ofegante.

− O quê? Não lhe agrada provar um pouco do seu próprio remédio?

− Maldito seja…! Farei com que seja açoitado! Farei com que o prendam… por agredir um par!

− Se quiser, pode tentá-lo. Mas vou dar-lhe um bom conselho. Se voltar a pôr um dedo sobre a sua filha, corto-lhe o pescoço. Atreva-se a tocar-lhe num só fio de cabelo, e persegui-lo-ei como a escória que é. Não viverá para assistir a mais nenhum amanhecer. Fui suficientemente claro?

O duque assentiu debilmente, mas Nicholas ainda não estava satisfeito.

− Mantenha-se longe da vida dela, entendeu-me? Não quero ouvir que tenha falado, nem sequer sussurrado, contra ela.

− Sim! Está bem!

O duque quase caiu de joelhos quando Nicholas o largou do seu aperto selvagem.

Aurora tinha observado o encontro com o coração a bater-lhe acelerado no peito, esforçando-se por não intervir. Quando os malévolos olhos do pai se encontraram com os seus, ergueu o queixo e devolveu-lhe o olhar com os olhos secos. Deplorava a violência, contudo não podia lamentar aquele confronto. O duque tinha finalmente encontrado um rival, alguém que não se deixava intimidar nem acobardar com a sua cólera. Nicholas não estava minimamente amedrontado com as suas ameaças.

Nicholas voltou-se e ofereceu-lhe o braço, que ela aceitou de bom grado. Nenhum deles disse uma palavra enquanto ele a acompanhava para fora de casa, até onde a carruagem os aguardava.

Ao invés de montar, Nicholas atou o cavalo à parte posterior e reuniu-se a ela no interior; não obstante, Aurora, mal reparou nisso. Quando o veículo se pôs em marcha, ela olhava sem ver a visão da sua casa que se ia desvanecendo.

Estava a tremer, mas a sua emoção mais forte era uma enorme sensação de libertação. Estava livre do pai depois de vários anos a viver sob o seu domínio opressivo. O seu odioso poder sobre ela tinha desaparecido. Por fim, reconhecia que não podia ajudá-lo. Já não se sentia obrigada pelo dever filial; não tinha nenhuma responsabilidade para com ele, em absoluto. Com o seu violento repúdio, ele havia renunciado a todos os direitos, incluindo o da sua compaixão.

Surpreendentemente, Aurora não sentia nenhuma culpa, só uma profunda tristeza por ter tido de terminar assim, quebrando os laços de sangue.

Decorreram uns momentos até se dar conta de que Nicbolas estava a observá-la com um olhar sombrio.

− Libertaste-te totalmente dele − disse-lhe finalmente.

− Sim.

Sacudiu a cabeça surpreendida por ter suportado a sua tirania durante tanto tempo.

− Toda a minha vida foi como uma sombra que pairava sobre mim… sombria e ameaçadora. Fez com que a minha vida fosse

uma tristeza… Sempre tão odioso, tão violento.

O olhar de Nicholas intensificou-se, todavia mantinha-se cauteloso.

− Lamento que tenhas tido de presenciar aquilo, mas por vezes um rufia só pode ser detido pela força.

− Talvez seja melhor assim.

Olhou para as mãos de Nicholas. Eram fortes e belas. Nem todos os homens eram como o seu pai.

Dirigiu-lhe um sorriso débil.

− Obrigada pelo que fizeste. Talvez não tivesse tido a coragem de me libertar se não fosses tu.

Nicholas sentiu o débil sorriso de Aurora enroscar-se no seu interior e desejou proferir um grito de triunfo. Ela tinha enfrentado e vencido uma ingrata relação do seu passado. Agora só lhe restava o fantasma do seu antigo amor.

Ao pensar nele, Nick cerrou o maxilar. Seria muito mais difícil libertar Aurora daquela poderosa influência. Mas estava decidido a triunfar. Faria com que sentisse por ele um amor idêntico ao que sentira em tempos pelo seu noivo. Seria sua esposa em todos os aspetos.

O problema era que só tinha duas semanas para o conseguir.

Chegaram em plena obscuridade a uma elegante mansão oculta numa densa floresta de faias de Chiltern Hills. Na escola, Aurora tinha ouvido rumores acerca das mansões de prazer que os nobres mantinham escondidas para os seus fins pecaminosos, mas nunca havia imaginado algo tão decadente. A casa senhorial de pedra cor de mel assemelhava-se muito mais a um palácio em miniatura do que a uma propriedade inglesa, ao passo que o interior, ricamente decorado, possuía uma distribuição claramente exótica, com as suas tapeçarias, figuras e retratos de nus.

Foram saudados por uma reduzida equipa de criados e conduzidos a quartos separados. Aurora deu por si num quarto perfumado e tenuemente iluminado, forrado a sedas e pinturas brilhantes.

Junto a uma parede, via-se um divã amplo e baixo, sobre o qual se disseminavam almofadas com borlas, ao estilo oriental. Perto do divã, havia uma mesa preparada para uma ceia tardia. Ao longo da parede oposta, arcos de mármore davam para um pátio murado e pavimentado com azulejos de cores vivas.

Atraída pelo suave murmúrio de uma fonte, foi posicionar-se sob um dos arcos e contemplou a noite escura. Tal como Desirée, quase podia imaginar-se a si mesma como uma prisioneira rodeada pelo esplendor de sândalo do harém de um palácio.

Mas Aurora recordou-se de que não era uma prisioneira. Desirée tinha sido escravizada e levada para um país estranho como uma concubina, ao passo que ela se encontrava ali por sua própria e livre vontade. E, todavia, tal como Desirée, temia ser vulnerável às exóticas tentações e à doce sedução do seu amo.

Deu pela presença de Nicholas atrás de si antes de escutar os seus passos suaves. Sem dizer palavra, ele deslizou os seus braços em torno dela por trás e atraiu-a para si. Aurora suspirou de prazer perante o seu calor e a sua dureza. Ele já estava intensamente excitado e, não obstante, mal se tinham tocado. Estremeceu de expetativa pela noite que se aproximava.

Durante um momento, permaneceram ali juntos, em silêncio. Aurora podia ouvir as batidas do seu próprio coração e sentir as de Nicholas.

− Estás arrependida? − murmurou ele finalmente ao seu ouvido.

O que estava a perguntar-lhe era se estava arrependia de estar ali com ele. Não estava. Tinha dúvidas, mas não arrependimento. Aurora sabia que o perigo era muito real. Necessitaria de todo o seu domínio para proteger o seu coração daquele homem enérgico e poderoso, e da tormenta de fogo emocional que acendia nela. Todavia, a promessa do paraíso que ele lhe oferecia era tal, que nenhuma mulher de carne e osso podia recusar.

− Não, não me arrependo.

− Ótimo − replicou Nicholas em voz baixa.

De algum lugar na escuridão chegou-lhes o trinado musical de um rouxinol.

− Então tenho algo a propor-te, querida − acrescentou em surdina. − Desejo renovar o pacto que fizemos na nossa noite de núpcias. Durante as próximas duas semanas viveremos apenas o presente. Enquanto estivermos aqui, não haverá passado, futuro nem discórdia… nem inibições. Seremos amantes, simplesmente isso. Será um tempo para esquecer, partilhar, explorar. Podemos permitir-nos todas as fantasias que desejarmos.

Aurora fechou os olhos perante a visão celestial que ele lhe oferecia. Durante aquelas duas semanas, ela poderia abandonar-se nos seus braços, poderia satisfazer completamente a sua paixão por Nicholas. Talvez então pudesse aplacar a voracidade que era uma dor constante no seu interior.

E depois ele partiria e a sua vida ficaria finalmente em paz.

− Farás isso por mim? − inquiriu roçando-lhe a orelha com os lábios num gesto provocador.

− Sim.

Não podia negar-lhe nada do que ele pedia; não podia negar-se a si mesma. Necessitava dos beijos dele, do seu abraço, da sua paixão. Necessitava deles desesperadamente…

Murmurando o seu nome, Aurora voltou-se nos seus braços em busca da boca dele. Contudo, Nicholas estava enganado. Aquele não seria um tempo de esquecimento, mas de recordação. Ela tinha de armazenar lembranças para as conservar depois de ele ter partido. Lembranças suficientes que lhe durassem toda a vida.

CAPÍTULO 20

Ele conduziu-me a uma odisseia, ao fogoso coração da paixão

A boca dele era mágica, o seu calor sensual criava-lhe uma tempestade de sensações. Sentia desejo, ânsia, necessidade de todos os tumultos que a percorriam à medida que se despiam um ao outro com uma urgência febril. Ela sentia-se a arder, a planar, a cair…

Não, não caía. Nicholas tinha-a envolvido nos seus braços e a sua cálida boca ainda bebia profundamente da dela. Depositou-a no divã baixo, entre as almofadas de seda. Ela envolveu-o com os seus braços, quente e febril, desejando-o desesperadamente…

Escutou com dificuldade a suave e impertinente pancada na porta, mas Nicholas estremeceu de repente, como se se esforçasse por conseguir controlar-se.

− Espera, anjo… − Suspirou profundamente e tentou soltar-se dela. − Deve ser a ceia. Pedi que a servissem aqui.

Aurora deixou-o ir de má vontade, sentindo já falta do seu calor. Ele levantou-se com movimentos flexíveis, o seu corpo nu movendo-se com uma cadência puramente sensual, e com um último olhar ardente na direção dela, deixou cair a cortina de gaze para ocultar o divã onde ela jazia.

Aurora puxou o lençol de seda para cobrir a sua nudez e aguardou impaciente. Podia escutar Nicholas a receber os criados e a ordenar-lhes que depositassem as bandejas sobre a mesa. Depois a porta fechou-se silenciosa. Ao fim de uns momentos, Nicholas afastou a cortina.

Aurora sentiu acelerarem-se as batidas do seu coração ao contemplar o seu corpo magnífico.

− Tens apetite? − murmurou ele.

− Não… Sim… de ti − replicou quase com timidez.

Os seus olhos negros fixaram-se nos dela com uma chama sombria.

− Podes satisfazer o teu apetite durante todo o tempo que queiras, amor.

Contudo, para sua surpresa, Nicholas deu meia-volta e dirigiu-se à mesinha baixa onde tinha sido disposta a ceia. Aurora viu-o pegar numa garrafa de champanhe e verter parte do líquido num prato.

Ele estava de costas para ela, e Aurora admirou as poderosas e musculosas linhas do seu corpo nu. Era como o sensual príncipe do diário de Desirée. Enquanto passeava o olhar pelo exótico quarto, Aurora pensou que, na realidade, aquele compartimento se parecia todo ele com o harém de seda e madeira de sândalo descrito no diário. Em especial aquele divã baixo, com as suas almofadas luxuosas e as suas diáfanas cortinas. Quase podia imaginar-se no lugar da francesa, aguardando o seu amante. Nicholas era o seu magnífico amo e ela a sua cativa, dedicada apenas aos seus prazeres pagãos.

− A decoração deste lugar é muito parecida com a do harém do palácio que aparece no diário − observou Aurora com curiosidade esforçando-se por se tranquilizar.

− Não foi totalmente por coincidência − replicou Nicholas. − Pedi que nos reservassem estes quartos logo que soube dos seus motivos orientais. Pareces tão impressionada pelo diário.

Regressou para junto dela e sentou-se ao seu lado no divã apresentando-lhe o prato para que o inspecionasse. Continha várias pequenas esponjas embebidas em champanhe.

− Recordas-te do que dizia o diário acerca de prevenir a conceção?

− Sim.

Sentia-se estranhamente inquieta com aquela finalidade − evitar que a semente de um homem deitasse raízes − embora não pudesse arriscar-se a que Nicholas a deixasse grávida.

− Posso? − perguntou ele.

− Sim.

O clamor do seu coração ressoou no quarto silencioso à medida que Nicholas puxava o lençol para desnudar o seu corpo perante o seu olhar cálido. Quando deslizou uma esponja húmida entre as suas coxas, Aurora conteve a respiração com aquela sensação fria.

Com um murmúrio de desculpas, ele separou-lhe suavemente as pernas e pressionou a esponja na sua fenda latente, e depois mais para dentro, até ficar introduzida profundamente no corpo dela. Aurora estremeceu, mas depois a boca dele poisou no lugar onde os dedos tinham estado, aquecendo-lhe a carne fria.

Aurora sufocou um grito com a feroz pontada de desejo que Nicholas havia originado nela e arqueou-se contra ele. Era gelo

e fogo… Mas não bastava.

− Nicholas − rogou, sentindo regressar a urgência −, entra em mim.

Estendeu-lhe os braços ansiosa, desejando-o com toda a predisposição do seu corpo de mulher madura. Desejava sentir a pele cálida dele contra a sua, o seu calor, o seu poder. Desejava que a preenchesse.

Ele compreendeu a sua ânsia porque, sem hesitação, estendeu-se sobre ela cobrindo-lhe o corpo. O prazer ensombreceu-lhe os olhos enquanto lhe separava as pernas, as suas coxas esbeltas e cobertas de penugem roçando abrasivamente as dela.

− Sim − sussurrou com voz rouca. − Desejo fazer parte de ti toda a noite, Aurora. Desejo adormecer dentro de ti e despertar com o teu sabor…

Beijou-a de novo, de modo urgente, e penetrou-a com uma arremetida prolongada e lenta. Aurora, sem fôlego, fechou os olhos enquanto a dureza e a suavidade se misturavam numa única sensação maravilhosa.

Então Nicholas começou a mover-se a um ritmo acelerado pela luxúria. As suas coxas separaram mais vigorosamente as de Aurora, reclamando-a com cálidos e hábeis impulsos, introduzindo-se cada vez mais profundamente nela.

Com os sentidos incendiados, Aurora envolveu os quadris de Nicholas com as suas coxas e arqueou-se para o acolher. Não era meigo, mas nesse momento ela também não queria que ele o fosse. A incrível, maravilhosa e dolorosa voracidade foi crescendo até a sua excitação ser tão intensa como a dele. Eram homem e mulher, plenos de uma necessidade primária. Era impossível aproximar-se mais dele.

Nicholas submergiu em Aurora conduzindo-a a um lugar de lascivo deleite, repleto de um prazer brilhante e ardente. Ela sentia vontade de chorar perante tão bela sensação.

A união dos dois corpos tornou-se mais violenta e selvagem até que a intensa e despedaçante necessidade se tornou insuportável. Ambos os corpos se retesaram em simultâneo, insaciáveis num acasalamento de uma paixão rude e animal. Ele exigia que ela se rendesse, exigia abandono, e ela dava-lho. Aurora retorcia-se debaixo dele. As unhas dela cravaram-se nas costas de Nicholas enquanto ele a possuía, e as suas exclamações suaves incitavam-no a um maior desenfreio.

Finalmente, o seu frenesim acabou com o último pedaço de moderação de Nicholas. A sua respiração ofegante sufocava as palavras contra a boca dela enquanto se movia no seu interior. Agitou-se com a palpitante necessidade de a satisfazer, de a possuir, de a marcar com a sua paixão… O inferno quebrou-se sobre eles num tumulto que os fez gritar a ambos. Aurora soluçou enquanto o seu corpo explodia num clímax incandescente, ao passo que Nicholas gemia com um som áspero e ancestral. Apertando-se selvaticamente contra ela, Nicholas agitou-se numa explosão de emoção cauterizante que trazia o nome dela.

No cálido rescaldo, desabou sobre Aurora. Durante um longo momento permaneceu ali estendido, estremecendo com a intensidade do seu coração palpitante, e os únicos movimentos dos seus dedos consistiam em fechar-se e abrir-se entre os cabelos dela.

A união de ambos tinha sido feroz e primária, sem comparação com nada do que alguma vez tinha sentido antes. Nicholas desejava deitar a cabeça para trás e proferir um grito triunfal…

Desta vez tinha vencido. Tinha conquistado o rígido controlo de Aurora e tinha-a rendido com a sua paixão avassaladora. Mas agora tinha diante de si a tarefa, muito mais árdua, de a unir a ele por amor.

E só dispunha de duas breves semanas para o conseguir.

Aquela noite foi a primeira de muitos momentos apaixonados como aquele que ambos partilharam.

Apesar dos seus muitos escrúpulos, Aurora descobriu que o tempo que passava com Nicholas era de puro encantamento, um mágico intervalo na sua vida, diferente de tudo o que havia experimentado até então. Tal como ele lhe tinha pedido, não tinham passado, futuro nem nacionalidade. Eram simplesmente um homem e uma mulher, amantes num paraíso de desejo.

A mansão opulenta e isolada oferecia tentações pecaminosas que Aurora jamais imaginara, mas era Nicholas quem fazia com que o tempo que passavam juntos fosse de pura felicidade.

Ele mostrava-lhe o prazer que estava para além dos seus sonhos, conduzindo-a ao reino da carne e dos sentidos. Passavam longas horas explorando os limites do êxtase erótico. Ele ensinava-a a satisfazê-lo e a expressar abertamente o que a satisfazia a ela. Perante o seu ímpeto, Aurora afastava toda a inibição ou estranheza, desfazendo-se com um selvagem abandono dos sufocantes códigos da sociedade elegante, rendendo-se de bom grado ao seu tentador contacto e ao fogo dos seus olhos sedutores.

Nicholas fazia-a sentir-se profundamente amada e desejada. E, todavia, desafiava tanto o seu espírito e a sua mente como o seu corpo. A sua inteligência e sagacidade eram uma delícia constante, ao passo que o seu encanto sensual, aguçado como um

espadim, desfazia em pedaços a habitual reserva de Aurora.

Ele fazia-a rir e ansiar. Nunca se havia sentido tão acarinhada. Nunca se havia sentido tão livre. Ali podia ser tão selvagem e libertina como quisesse.

Todavia, sentia-se inquieta quanto às intenções dele. Nicholas não só estava a refletir certos elementos carnais do diário como estava a cortejá-la como o príncipe turco havia cortejado Desirée.

A própria Aurora deu-lhe oportunidade de comentar o seu cortejo uma tarde em que ele a surpreendeu a ler o diário. Nicholas chegou por trás, sem que ela se apercebesse, enquanto se encontrava sentada no jardim, e inclinou-se para lhe dar um delicado beijo na nuca. Aurora sobressaltou-se com a erótica sensação e ergueu o olhar.

− O que te mantém tão fascinada que nem sequer me ouviste chegar?

− Isto.

Ela enrubesceu quando ele pegou no volume adornado de joias examinando a página.

– *O meu amante e eu somos um só* − murmurou, citando uma passagem sensual. − *Toda a reserva entre nós e todos os segredos, desapareceram.*

Nicholas olhou-a pensativo.

− Isso é exatamente o que desejo para nós, Aurora − disse-lhe.

− A minha reserva está a diminuir − replicou ela na defensiva. − Tu encarregaste-te disso.

− É verdade. Mas ainda te resta um longo caminho a percorrer. − Devolveu-lhe o diário, mas continuou de olhos fixos nela. − És muito parecida com Desirée no início… temerosa do seu próprio desejo.

Mais parecida do que lhe agradava admitir, pensou Aurora involuntariamente. Desirée havia sido uma jovem inocente e protegida, desperta para uma paixão assombrosa por um homem que se converteu na sua obsessão…

− Ela tinha boas razões para sentir medo, Nicholas. Como concubina era totalmente impotente, estava por completo à mercê de um soberano selvagem.

− Ele demonstrou não ser assim tão selvagem. E, finalmente, ela chegou a exercer um grande poder sobre ele. − Nicholas contornou o banco e sentou-se ao lado dela. − Isto é algo mais que tens em comum com ela. Não tens nenhuma noção do teu próprio poder. − Sorriu com ternura. − Creio que poderias governar-me com muito pouco esforço.

Ao ver que ela não respondia, Nicholas inclinou-se para ela. Mordiscou-lhe o lóbulo da orelha e ela voltou a estremecer violentamente.

− E existe outra similaridade − sussurrou-lhe ao ouvido. − Desirée acreditava desejar a liberdade, mas descobriu algo a que deu mais valor: a paixão. E escolheu-a à liberdade.

Aurora, incómoda, afastou-se da sua atormentadora atenção.

− Esqueces que a história dela terminou mal. Que a sua paixão resultou em infelicidade.

− A nossa história não terminará assim, Aurora. − Voltou a roçar-lhe o pescoço com os lábios, movendo-se suavemente pela sua pele, cada carícia tecendo o prazer entre eles como uma sedosa teia de aranha invisível. − Podes ter toda a paixão incrível que Desirée encontrou sem nenhum sofrimento…

− Nicholas, por favor… − Sacudiu a cabeça. − Disseste que não pensaríamos no futuro.

− Sim, disse. − As suas pálpebras descaíram de uma forma sensual enquanto a olhava. − Então beija-me, querida, e faz-me esquecer…

Aurora, agradecida, rendeu-se nos seus braços e ofereceu-lhe a sua boca entregando-se à sua sensual paixão.

Para alívio de Aurora, Nicholas não voltou a mencionar o diário, permitindo-lhe voltar a mergulhar na sua fantasia.

Davam longos passeios juntos, deambulando pelas redondezas, absortos um no outro. Os jardins eram uma delícia, com esculturas elegantes e eróticas e até um gigantesco labirinto esculpido em teixos de topiária, ao passo que os bosques que o rodeavam eram intrigantes. O denso arvoredo de faias, com clareiras verdes, oferecia um mundo encantado próprio, repleto de veredas tranquilas e riachos com margens de musgo, salpicado de lampejos de luz dourada do sol e sombras frescas.

Para além de caminharem também cavalgavam. Ali, naquele refúgio isolado, Aurora podia dar-se ao luxo de desfrutar do seu vício secreto para grande alegria do seu coração. Um dos seus maiores prazeres consistia em desfrutar de um desenfreado galope matinal pelo prado, sentindo o vento no rosto e Nicholas seguindo-lhe os passos.

Todavia, na maior parte do tempo faziam amor. Nada estava proibido, nenhum lugar nem momento tinha limites. Nicholas estava decidido a destruir por completo as reservas de Aurora. Faziam amor no banho, na mesa da ceia e junto ao lago cintilante e protegido pelos altos muros do pátio. Alimentavam-se mutuamente com doces impregnados de mel e frutas deliciosas e depois bebiam dos lábios do outro. Amavam-se sobre um leito de pétalas de rosas cujo fragrante odor era quase

estonteante, tal como no diário.

O diário também guiava Aurora em certos instrumentos de prazer. A sua novidade favorita foi um par de bolas lisas de prata destinadas a ser inseridas profundamente no interior das coxas de uma mulher para a excitar e titilar.

A primeira vez que Aurora as utilizou foi uma emoção; nunca se tinha sentido tão consciente do seu corpo e do de Nicholas. As deliciosas sensações provocaram-lhe uma tal excitação que mal conseguia tirar as suas mãos dele.

Exploraram o labirinto durante uma tarde quente e ociosa, dourada pela luz do sol. Nicholas converteu a aventura num exercício de erotismo, cumulando-a de beijos cálidos e demorados à medida que penetravam cada vez mais no sinuoso labirinto.

Quando chegaram ao centro, Aurora não ficou surpreendida por descobrir ali uma estátua de mármore representando dois amantes de tamanho natural em plena agonia da paixão, exibidos como num altar num templo de erva ao ar livre. Não teve dificuldades em adivinhar a intenção de Nicholas quando ele estendeu uma colcha sobre a relva e retirou a gravata. Mas quando tentou agarrá-la, ela ficou tensa. As altas paredes de teixo ofereciam toda a intimidade que podia desejar, todavia não se sentia totalmente à vontade perante tal licenciosidade.

Ao ver a sua hesitação, Nicholas dirigiu-lhe um olhar que era um desafio.

− Ninguém pode ver-nos, querida, mas se realmente te incomoda…

− Não − replicou ela recordando todos os prazeres maravilhosos que havia descoberto com os seus impulsos lascivos. − Não me incomoda.

− Ainda bem. Quero-te nua, quero sentir apenas pele cálida entre nós. Chega aqui.

Estreitou-a contra si e acariciou-lhe o rosto com os seus lábios suaves e persuasivos. Aurora respondeu impotente aproximando-se ainda mais da sólida força de Nicholas.

Enquanto ele expunha a sua pele cálida ao sol e às suas mãos, ela derretia-se ao seu contacto; podia sentir o seu corpo a amolecer e a converter-se em mel doce e quente.

Quando finalmente ficou nua diante dele, Nicholas devorou-a com os olhos com uma audácia que por si só a excitou. A mera sensação do seu olhar abrasador sobre os seus seios nus fazia-os estremecer de anseio. Os mamilos assomavam sob as longas madeixas de cabelo louro que caíam sobre eles e Nicholas traçou lentamente uma aréola em seu redor com o dedo indicador. Aurora ficou sem fôlego enquanto ele lhe acariciava os seios até os endurecer.

Ao escutar o gemido suave que ela soltou, Nicholas cobriu-lhe os seios exuberantes com ambas as mãos.

− Tens uns mamilos muito recetivos. Basta tocar-lhes para endurecerem.

Esfregou-lhos com as cálidas palmas e viu-a sobressaltar-se e estremecer sob o seu contacto.

− Nicholas…

Perante o seu pedido rouco, ele acalmou-a com doçura.

− Calma, querida.

Beijou-a na boca sem brusquidão mas possessivamente, e depois, devagar, depositou-a sobre a colcha. Aurora notou que ele ainda continuava vestido ao passo que ela estava completamente nua.

Olhou-o fixamente, com a perceção agudizada. Nicholas devolveu-lhe o olhar arrojadamente enquanto se ajoelhava diante dela e passeava o olhar escaldante pelo seu corpo. Aurora sentiu-se ficar sem fôlego. Jazia completamente exposta ao sol e ao olhar ardente de Nicholas e, quando ele a observava com um apetite tão voraz, sentia-se deliciosamente pecadora e desejável.

Tentou aproximar-se, mas ele negou com a cabeça.

− Não. Deixa-me tocar-te.

Aurora fechou os olhos sentindo um calor erótico, que nada tinha a ver com o do sol, disseminar-se pelo seu corpo. Nicholas passava as mãos pela sua carne criando uma sensação tão penetrante e doce que Aurora se sentiu desfalecer. Depois ele inclinou a cabeça e ocupou-se carinhosamente dos seus seios com os lábios.

O calor interior de Aurora intensificava-se; cada sensação era vividamente aumentada à medida que a língua dele venerava os seios dela com lambidelas lentas e lânguidas sobre os seus mamilos palpitantes. Impaciente, ela agarrou a colcha com os dedos. Nicholas soprou-lhe no mamilo que ainda estava reluzente da sua saliva e Aurora proferiu um gemido.

− Nicholas… − murmurou com voz rouca. − Desejo-te.

Ele retirou-se e acariciou-lhe com os olhos o seu corpo nu.

− Sim, eu sei.

O meio sorriso terno que brincava nos seus lábios prometia ainda maiores prazeres enquanto a sua mão se movia sobre o corpo dela para se esgueirar por entre as suas coxas e cobrir com ela o abrasador e pulsante montículo feminino. Aurora

ofegou ruidosamente e voltou a fazê-lo ao sentir o delicioso deslize do polegar dele contra o húmido e doloroso foco de sensação.

− Já estás húmida para mim − disse ele numa voz rouca de aprovação. − Talvez devêssemos ver se podemos pôr-te ainda mais húmida.

Inclinou-se entre as suas coxas separadas e trémulas para provar o seu sabor. A excitação atravessou Aurora como um raio ao compreender a sua impudica intenção.

Nicholas susteve os quadris dela com os seus braços fortes e roçou com um beijo a sua fenda feminina. Aurora soltou um gemido estrangulado perante a carícia íntima.

− Ooooh!

− Sim, querida, deixa-me ouvir-te.

Inclinou-se de novo sobre ela, seguro do seu poder.

Uma deliciosa onda de prazer invadiu o corpo de Aurora à medida que ele explorava as pregas flexíveis e quentes da carne dela com a sua boca erótica. A mulher, que agora estremecia incontrolavelmente, entregou-se à sua pródiga sensualidade.

A cabeça dela caiu para trás em jeito de rendição enquanto ele a saboreava com os seus lábios e a acariciava com a sua língua. Quando ela tornou a arquear-se contra ele, Nicholas segurou-a pelas nádegas não lhe dando assim nenhuma oportunidade de fuga. Com uma hábil perícia lambeu-a lenta e exaustivamente, acariciando-a com a sua língua quente e áspera em impulsos calorosos, deleitando o trémulo e latente botão que era o centro do prazer dela.

Aurora agarrou-o desesperadamente pelos cabelos. A boca dele, que a sugava languidamente, estava a deixá-la louca.

− Deus…! Nicholas… por favor!

− Oh, sim − murmurou ele contra a sua carne ardente. − Vou satisfazer-te de todas as maneiras possíveis.

Atraiu-a a si mais firmemente com o rosto apertado contra ela e a língua aprofundando-se na sua fenda intumescida, arrebatando-a docemente.

A boca dele lançava fogo para a carne de Aurora provocando-lhe violentos estremecimentos. Todo o corpo feminino era uma massa incendiada e vociferante de desejo. Ela contorceu-se debaixo dele gemendo instintivamente até que por fim soltou um grito.

Atingiu o clímax uma e outra vez, uma série ao que parecia interminável, selvagem e agitada. Ele extraiu implacavelmente até à última gota de insuportável prazer da sua carne trémula, até que ela caiu para trás, débil, indefesa e esgotada.

Nicholas, satisfeito, estendeu-se ao seu lado. Depois de um longo momento, beijou-lhe a fronte.

− Não podes adormecer agora − murmurou calidamente junto ao seu ouvido. − Ainda agora começámos a destruir as tuas inibições.

Aurora agitou-se languidamente contra ele, sem querer mover-se. O que ele lhe tinha feito era escandaloso, mas não podia lamentar o seu próprio comportamento lascivo. Ao invés disso, desejava mais.

− Não vou adormecer − replicou com voz ainda rouca de paixão. − Estou apenas a ser paciente, à espera que te dispas. Tens demasiada roupa.

O sorriso de Nicholas foi tão sensual que sentiu um baque no coração.

− O teu desejo é uma ordem, anjo.

Começou a despir-se, mas Aurora encarregou-se disso. Tinha chegado a sua vez de o atormentar.

Pôs-se de joelhos sobre ele e foi-lhe despindo as roupas uma por uma, prolongando o momento. Quando ficou nu, ela sentou-se sobre os calcanhares, maravilhando-se perante aquela glória forte e musculosa. Tinha a pele dourada pelo sol à exceção da carne mais pálida do seu baixo ventre e a parte superior das coxas. Era um varão descarado e nu, todo ele músculo firme e força flexível e estava audazmente excitado.

− O que pretendes fazer comigo agora? − murmurou desafiante.

Ela devolveu-lhe um sorriso também desafiante como resposta. Sustendo o olhar dele, segurou com ambas as mãos o seu membro duro e latente.

No silêncio da tarde, ele soltou um gemido suave e erótico.

Tentou atraí-la a si, mas ela soltou-se bruscamente e apertou as palmas contra o seu poderoso peito. Agora seria ela a sedutora.

− Não, Nicholas. Não me vais tocar. Nem sequer quero que te movas.

Ele obedeceu com relutância, deitando os braços ao longo do corpo.

Aurora inclinou-se sobre ele sentindo a dureza dos seus músculos sob as suas mãos, a sua carne abrasadora contra as

palmas.

− Acreditas que podes incendiar-me? − perguntou Nicholas em tom de desafio.

− Sei que posso − replicou ela sentindo-se muito poderosa.

E para o demonstrar, passou a língua sobre a sua carne sedosa, dura como o granito.

Ele arqueou contra a boca dela como se sentisse dor.

− Aurora…

− Fica quieto.

Ajoelhou-se junto dele sob a cálida luz do sol, dedicando-se ao seu corpo e excitando-o como ele tinha feito com ela. Era excitante, estimulante. Dessa vez, ela controlava por completo a situação, deixando aos poucos Nicholas louco de desejo. Pouco tempo depois, a respiração dele tornou-se irregular. Ela sentiu que ele a segurava pelos cabelos num esforço para se manter quieto.

− Basta − murmurou por fim asperamente. − Tem misericórdia. Rendo-me.

Segurou-a pelos ombros e estendeu-a em cima dele, de modo a que cobrisse todo o seu corpo. Os seios dela acariciaram-lhe ligeiramente o peito enquanto ela fixava o olhar nos seus olhos nublados de prazer.

Aurora não protestou quando ele a ergueu e posicionou com uma perna para cada lado. Era o que ela também desejava. Inalou profundamente quando Nicholas a fez descer sobre o seu membro grosso, encaixando-se com lenta plenitude em toda a sua extensão, depois suspirou quando sentiu o calor dele dentro de si.

− Sabes o quanto eu te desejo? − perguntou ele com voz áspera, segurando-a pelos quadris para a atrair ainda mais para si e poder penetrá-la mais profundamente. − Quero introduzir-me por completo dentro de ti.

Aurora arqueou o dorso, extremamente excitada. Sentia-o enorme, duro e quente, preenchendo-a até ao limite. Impotente, começou a mover-se, já descontrolada. Cavalgava-o desenfreadamente, ofegando, estremecendo contra ele, enquanto os seus quadris ondulavam a um ritmo irracional.

Todavia, à medida que os dolorosos gemidos de Aurora atingiam o ar, a violenta excitação de Nicholas crescia até igualar o frenesim dela. O homem arqueou-se e ela explodiu gritando com abandono enquanto ele retirava dela um estremecimento atormentador atrás de outro.

O explosivo calor de Aurora destruiu o que restava do controlo de Nicholas. Ele sussurrou o nome dela ferozmente e em voz baixa, e depois deixou-se ir, contraindo o corpo numa violenta e angustiante libertação. Quando estava terminado, deixou-se cair debilmente de costas, enquanto Aurora desabava sobre ele completamente esgotada.

Permaneceu ali, satisfeita, com os seus sentidos deliciosamente agitados. Pensou, aturdida, que Nicholas estivera certo desde sempre. Ela tinha um fogo interior oculto que ele tinha acendido no momento em que se conheceram.

Aurora não se tinha dado conta do quão profunda era a sua necessidade até àquele momento. Até conhecer Nicholas limitara-se a existir, simulando que podia escapar aos desejos e às necessidades de uma mulher. Mas agora não podia negá-los. Ele enchia-a de uma ânsia tão poderosa que lhe fazia doer.

Uma passagem do diário pairava na sua mente: *Eu pertencia-lhe, era uma cativa da sua selvagem e indómita paixão*. Isso era o que ela sentia em relação a Nicholas. Era prisioneira do seu desejo. A necessidade física que tinha dele era como uma doença…

A satisfação de Aurora desvaneceu-se subitamente ao sentir um nó na garganta. Nicholas estava a fazer tudo o que lhe era possível para a unir a ele com as correntes do amor, cortejando-a com a sua ternura e a sua forma doce e feroz de fazer amor. Tinha-a convertido numa mulher e agora estava empenhado em roubar o seu coração.

Santo Deus, ela não queria amá-lo. Todavia, ele estava a fazer com que fosse cada vez mais difícil resistir-lhe.

O nó na sua garganta fortaleceu-se.

Antes de conhecer Nicholas, tinha ansiado por uma existência desapaixonada. Tinha desejado desesperadamente evitar a dor de o amar e de o perder.

Todavia, como é que podia afastar-se emocionalmente dele agora, quando ele estava empenhado em apoderar-se do seu coração? Como podia ela resistir à sua força vital estando ele tão determinado a despedaçar as suas defesas com a sua incrível paixão?

Desesperada, interrogou-se como poderia reprimir a sua implacável necessidade dele e aquele doloroso anseio que sentia no seu interior?

O acordo de viverem só o presente durou até à segunda semana.

Todavia, durante uma das saídas matinais a cavalo pelo bosque, iniciaram uma discussão que Aurora teria preferido que não tivesse acontecido.

Tinha acabado de fazer saltar a sua montada sobre um tronco enorme, um obstáculo de que até Nicholas se sentia receoso. Ela superou-o por escassos centímetros, mas ele sacudiu a cabeça maravilhado com a sua audácia.

− E ainda falas dos riscos que eu corro − disse-lhe secamente. − Eu jamais seria tão suicida para me aventurar a saltar esse obstáculo, e muito menos montando como uma mulher.

Ela soltou uma gargalhada sentindo ainda a excitação do seu sucesso e deu umas palmadas carinhosas no pescoço do seu cavalo.

− Não acredito, Nicholas − replicou, voltando a ocupar o seu lugar junto dele. − Pelo que tenho visto, não tens medo de nada. Nem sabes o que isso é.

− Oh, não, estás enganada! − replicou Nicholas com um sorriso retorcido. − Tenho um grande receio.

− E que receio é esse?

− De te perder.

Aurora manteve-se em silêncio, sem vontade de se aventurar por terrenos tão perigosos.

− Disseste que não falaríamos dessas coisas.

− Lamento − replicou ele absolutamente arrependido. − Mas foste tu que perguntaste. E teremos de abordar o tema em algum momento antes de eu partir para a América.

Aurora, inquieta, tentou erguer as suas muralhas defensivas.

− Nicholas, o tempo que passámos aqui juntos tem sido… maravilhoso, mas a nossa relação é uma simples simulação. Sejam quais forem os sentimentos que partilhamos agora, são apenas temporários. Não podem durar.

− Eu queria que fossem permanentes.

Aurora sabia que a consternação que sentia estava espelhada no seu rosto, mas ele ignorou a sua inquietação.

− Muito bem, não te perguntarei pelo teu coração, só pelo teu corpo.

O seu sorriso tinha um encanto tão indiferente que ela não podia sequer ter a certeza de se ele estava a falar a sério. Todavia, inexplicavelmente, sentiu uma pontada de dor perante a sua despreocupação.

Aurora sacudiu a cabeça em negação.

− Não sou o tipo de mulher que desejasses como companheira para a tua vida.

− Estou energicamente em desacordo com isso, querida. És a mulher ideal para mim. Nunca tiveste dificuldade em defender as tuas opiniões nas nossas disputas nem em qualquer outro aspeto. És mais que uma igual em qualquer desafio que eu possa lançar-te.

Ela franziu o sobrolho preocupada.

− Não compreendes. Não quero que me lances desafios. Não sou como tu, Nicholas. A ti só te preocupa o perigo, a emoção e a aventura. Eu não estou nada interessada em levar uma vida selvagem.

− Eu já não vivo uma vida selvagem. Pensei nas perguntas que me fizeste, Aurora. Perguntaste-me se estava disposto a ser-te fiel. Bem, estou, completamente. − Ela olhou-o fixamente. − Os meus dias de aventura terminaram, prometo-te. Acabaram-se os riscos desnecessários. Tudo o que desejo é assentar contigo… ser teu marido, talvez criar uma família.

− Renunciarias à tua vida aventureira com o fim de criar filhos? − perguntou ela com absoluto ceticismo.

Ele encolheu os seus ombros largos.

− Sei que te parece improvável. Mas durante os últimos anos descobri algo… A aventura começa a cansar quando não tens com quem partilhá-la.

Ela olhou-o nos olhos inquisitivamente.

− Não acredito em ti − disse Aurora finalmente.

− Bom, e eu não acredito que sejas tão tímida como aparentas − replicou ele de novo num tom ligeiro. − Creio que gostas de ser atrevida, que gostas da forma como isso te faz sentir. − Um brilho perverso surgiu nos olhos dele. − Aproxima-te e eu provo-to.

Cavalgavam lado a lado através do arvoredo denso e silencioso, o joelho de Nicholas quase a tocar a montada de Aurora.

− Não posso aproximar-me mais − realçou cautelosa.

Nicholas exibiu um pecaminoso sorriso varonil.

− Podes, sim.

Segurou-a pela cintura e mudou-a para o seu cavalo, sentando-a de lado diante dele.

Aurora, surpreendida, agarrou-se ao braço dele para manter o equilíbrio.

− O que estás a fazer?

− A mostrar-te o quanto podes ser atrevida. Agora dá a volta e apoia as costas contra mim. Com a perna sobre o pescoço do meu cavalo…Assim mesmo.

− Nicholas… isto é uma loucura.

Interrompeu o seu protesto para sufocar um grito quando ele lhe baixou o corpete do vestido deixando ao ar os seus seios desnudos. Uma flecha de calor atravessou-a enquanto ele segurava nas exuberantes proeminências. Aurora arqueou-se involuntariamente contra ele enquanto ainda balbuciava uma objeção.

− Nicholas… podem ver-nos.

− Não há ninguém a quilómetros daqui.

Aurora podia sentir os seios retesarem-se e intumescerem até preencherem as mãos dele enquanto estremecia nos seus braços.

− Maldito sejas! Porque fazes isto?

− Porque − sussurrou ele com voz rouca ao ouvido dela. − Quero que te recordes de mim durante o resto dos teus dias, onde quer que estejas a cavalgar, pensarás em mim. Agora, silêncio, e aprecia isto…

Os seus mamilos converteram-se em adagas de veludo contra as palmas de Nicholas à medida que ele lhe prodigalizava tentadoras carícias. Já sem resistir, Aurora mordeu o lábio e reclinou-se contra ele, entregando-se às suas eróticas manipulações.

Quando o corpo de Aurora ficou totalmente flexível, Nicholas introduziu a mão sob as suas saias até encontrar os caracóis do vértice das suas coxas. A carícia audaciosa enviou-lhe uma descarga de prazer que se estendeu por todo o corpo.

− Abre as pernas para mim, amor − murmurou ele.

Aurora não necessitava de mais estímulos. Estava tão preparada, tão excitada, que tremia.

Ela gemeu à medida que ele pressionava impudicamente a mão contra a sua carne ávida. Havia um descaramento naquilo que a fazia estremecer. A respiração dela tornou-se pesada e desigual enquanto ele moldava os dedos sobre o sexo dela, brincando, adaptando-se a um ritmo implacável, que ia ao encontro do firme balanço do seu cavalo.

− Meu Deus, estás tão sedosa e molhada… − sussurrou ele exultante. − Tão húmida e quente que me fazes desejar possuir-te aqui mesmo.

Ela gemeu perante o indescritível prazer daquela mão possessiva e ondulou a pélvis sob a sua palma. O calor que crescia dentro dela era como um fogo terrível.

Quando Aurora alcançou o clímax, Nicholas susteve o seu corpo trémulo e agitado à medida que a paixão deflagrava através dele. Era assim que a queria, ávida e a arder de desejo por ele. Todavia, ainda faltava um elemento vital.

Poisou os lábios nos seus cabelos que brilhavam sob a luz do sol, sentindo-se atormentado com o anseio daquilo que desejava mais do que respirar. Noutra altura, ter-se-ia contentado por ver que ela se deixava levar pela tormenta de paixão carnal que ele se tinha esforçado por desencadear. Aurora não podia negar a necessidade do seu corpo, e Nicholas muito menos. Mas já não era a rendição sexual que ele queria, mas o amor dela. Aquela necessidade tinha-se convertido no seu desejo, numa ânsia febril.

Tinha-lhe mentido há uns momentos. O que queria possuir não era o corpo dela, mas o seu coração. Nada mais lhe bastava.

Era mais sensato agora. Desde que conhecera Aurora tinha descoberto uma verdade elementar. Algo que o seu pai tinha tentado explicar-lhe, que o diário expressava com tanta eloquência. Que para cada homem existe uma mulher que está destinada a ser a companheira da sua vida.

Aurora era a sua companheira, o seu destino; Nicholas compreendia-o com toda a sua alma.

Mas ainda tinha de a convencer disso. Raios, ele nem sequer lhe tinha confessado o seu amor. Talvez aquilo tivesse sido um erro. Quando se apercebera dos seus verdadeiros sentimentos pela primeira vez, tinha desejado poder demonstrar a Aurora o que sentia, dar-lhe uma oportunidade para que os seus próprios sentimentos se desenvolvessem.

Tinha acreditado que a paixão física iria conduzi-la ao amor, e ainda era possível… Mas o tempo estava a acabar-se rapidamente.

Nicholas deixou escapar um profundo suspiro. Aquele não era o momento oportuno, mas teria de insistir naquela questão, e em breve.

CAPÍTULO 21

O seu preço era demasiado elevado: ele exigia o meu coração

Aurora fitava sem ver uma página aberta do diário. Estava sozinha, sentada num banco de pedra do pátio murado, sombreado pelos altos rododendros de flores de cor escarlate, todavia, os seus pensamentos encontravam-se muito longe, noutro tempo e lugar. O tranquilo murmúrio da fonte no lago pouco profundo de águas cintilantes serenava-a, junto com o eco das palavras de Desirée escritas há quase um século.

Como sofro com a batalha que se trava no meu coração e a escolha irrevogável que ele me impôs. Anseio pela liberdade; anseio escapar a este estranho e exótico mundo e regressar à existência familiar e refinada que conheci noutro tempo. Todavia, as correntes da paixão atam-me com mais força que o meu anseio.

O que devo fazer? Que futuro existe aqui para mim? Ele nunca se casará comigo, não poderá fazê-lo se quiser sobreviver às intrigas políticas da corte turca. Reconhecer o seu amor por uma estrangeira, ainda para mais uma mulher cristã, seria visto como uma fraqueza fatal. Só posso continuar a ser a sua concubina, uma entre muitas. Os filhos nascidos do meu corpo pertencerão ao seu mundo bárbaro, nunca ao meu.

E o amor pode desvanecer-se tão facilmente e a paixão ainda com maior rapidez. Agora ele deseja-me, mas e daqui a cinco ou dez ou trinta anos? Ainda serei bela aos seus olhos quando a minha carne tiver perdido a sua firmeza, a minha pele branca tiver perdido a sua maciez e quando belezas mais jovens conseguirem ganhar o seu afeto? Ele afirma que sim… mas será que posso acreditar em declarações feitas no calor mágico da paixão? Posso acreditar no amor que arde nos seus olhos negros?

Ele diz que a escolha é só minha. Ao ver a minha tristeza em cativeiro, ofereceu-se para romper as minhas correntes. Deixar-me-á em liberdade, se for isso o que desejo, porque deseja a minha felicidade acima da sua.

E assim luto por decidir o que quer o meu coração. Devo agarrar esta oportunidade de liberdade, fugindo para não voltar a vê-lo, para não voltar a sentir o seu sensual contacto? Poderei suportar viver sem ele? Ou fico com ele, escrava da paixão, abandonando toda a memória da minha vida anterior, da minha família, dos meus amigos, da minha própria vida, para estar com ele enquanto me desejar?

Santo Deus! Não sei!

Aurora fechou os olhos, dividida pelo conflito, tal como estivera Desirée. À semelhança da francesa, também ela tinha de tomar uma decisão irrevogável: manter a salvo o seu coração e evitar a dor de um amor impossível ou arriscar-se a um futuro incerto com um homem magnífico.

«O que hei de fazer?» Já não podia continuar a lutar contra a sua paixão por Nicholas, nem negar que os seus sentimentos por ele estavam a aprofundar-se cada vez mais. Estremecia com a alegria de estar nos seus braços; a sua presença proporcionava-lhe uma felicidade desesperada. Mas perder Nicholas depois de o ter amado seria devastador.

Mesmo agora ser-lhe-ia difícil deixá-lo partir. Poderia suportar viver sem ele quando partisse de Inglaterra?

Sacudiu a cabeça desesperada sentindo-se tão perdida como o havia estado Desirée.

− Aurora?

Com um sobressalto, ergueu o olhar e viu que Nicholas estava de pé junto dela.

Os músculos do estômago contraíram-se-lhe involuntariamente. Aquele era o seu último dia com ele naquele paraíso secreto. Até então, em geral tinham evitado a principal questão que havia pendente entre eles, o tema do matrimónio. Mas ela podia ver nas solenes profundidades dos seus olhos que tinha chegado o momento de enfrentar as verdades que ainda não estava muito disposta a considerar.

Nicholas sentou-se ao seu lado no banco de pedra.

− Vieste para aqui para fugir de mim?

− Não, claro que não − murmurou evitando o seu olhar penetrante. − Estava apenas a pensar.

Ele pegou-lhe na mão entrelaçando os seus dedos nos dela.

− A pensar na escolha que deves fazer?

− Sim.

− Se vens comigo quando partir de Inglaterra?

− Sim.

− E chegaste a uma decisão?

− Não… ainda não. − Ergueu para ele o seu olhar preocupado. − Nunca estive na América, Nicholas. Não conheço lá ninguém.

− Conheces-me a mim.

− E o que acontecerá quando partires pelo mundo em busca de aventuras?

− Já te disse, esse tempo de aventuras para mim acabou. − Acariciou-lhe a palma com o polegar com ar ausente. − A vida contigo será aventura suficiente. Contigo cada dia parece novo e revigorante.

Ao ver que ela não respondia, sorriu debilmente.

− Haverá alturas em que terei de viajar por causa da minha empresa de navegação, mas o que mais me agradaria era que me acompanhasses. Todavia, se preferires ficar em casa, terás novos amigos que te farão companhia. Penso que irás gostar da minha mãe e das minhas irmãs e sei que elas gostarão de ti. Podemos conseguir que funcione, Aurora.

Ela esquadrinhou os seus olhos negros.

− Ainda me custa a acreditar que estejas disposto a renunciar à tua liberdade.

Nicholas encolheu os ombros.

− Percebi que a liberdade está excessivamente valorizada. Nunca houve nada na minha vida que me preocupasse o suficiente para não desejar renunciar a ela. Até te ter conhecido.

− Desejarás renunciar quando te cansares de mim.

Ele devolveu-lhe um olhar firme.

− Isso nunca acontecerá.

− Como podes sabê-lo?

Aurora ouviu-o exalar um suspiro contido.

− Porque… estou apaixonado por ti.

A jovem olhou-o surpreendida e incrédula.

− É verdade − replicou Nicholas com um sorriso torto e masculino. − Roubaste-me o coração no cais de St. Kitts. Só que demorei algum tempo a percebê-lo.

− Tu não me amas realmente… − replicou ela com um suspiro.

− Não?

Aurora observou que os olhos negros dele se tornavam muito profundos e suaves.

− Como poderia não te amar depois do que fizeste por mim? Salvaste-me a vida, Aurora. Vieste em meu socorro como um anjo vingador, poupando-me aos maus-tratos dos meus guardas. Casaste comigo com grande risco pessoal, quando sabias que o teu pai se indignaria por isso. Cuidaste de Raven como se fosse a tua própria irmã.

− Nicholas, estás a confundir amor com gratidão.

− Não, querida. Não é assim. Desde o primeiro momento que senti uma ligação contigo que nunca experimentei com nenhuma outra mulher. − A sua voz era baixa e vibrante. − Na nossa noite de núpcias parecia que estávamos tão unidos em espírito como na carne. Na manhã seguinte, ao cortar aquela ligação… Despedir-me de ti foi a coisa mais difícil que tive de fazer na vida. E depois, quando soube que viveria, obcecavas os meus sonhos. Roubaste-me o coração e deixaste-me a sofrer de desejo.

Aurora estremeceu ao escutar aquela confissão singular. Poderia realmente acreditar naquilo que Nicholas estava a dizer? Amá-la-ia de verdade? Ou estava a dizer-lhe o que pensava que ela desejava ouvir para que continuasse a ser sua mulher?

− Nicholas − disse por fim −, um matrimónio necessita mais que desejo carnal para se aguentar ao longo dos anos.

− Nós temos muito mais do que isso, amor.

− Temos paixão. Não posso discuti-lo. Mas, quanto durará? A paixão pode desvanecer-se muito facilmente.

Ele contemplou os seus dedos entrelaçados.

− Ou pode converter-se em amor.

Aurora seguiu o seu olhar até às suas mãos enquanto miríades de emoções brotavam dentro dela: desejo, esperança, surpresa, necessidade, dúvida.

Ele inclinou a sua fronte contra a dela.

− Sê minha esposa, Aurora − disse com voz suave.

− Nicholas… − murmurou ela. Queria tanto acreditar nele. − Preciso de… mais tempo.

Ao fim de um momento, ele afastou-se para trás.

− Compreendo. Ainda não estás pronta para te comprometeres. − Beijou-a com suavidade na boca e pôs-se de pé soltando-lhe a mão. − Não tens de decidir já. Amanhã regressaremos a Londres, mas demorarei alguns dias a preparar o meu barco para partir.

− Tão depressa? − perguntou ela inalando com força e profundamente.

O belo rosto de Nicholas era um exemplo de solenidade enquanto a olhava.

− Receio que sim − hesitou. − Quero que venhas comigo para a América, Aurora, mas não pretendo obrigar-te. Isso só faria com que ficasses ressentida comigo. Tens de vir por tua livre e espontânea vontade, porque desejas estar comigo. Acredito com toda a minha alma que a tua resposta será afirmativa.

Depois deu meia-volta e deixou-a sozinha. Aurora viu-o afastar-se com o olhar nublado e o coração destroçado.

Atrever-se-ia a correr o risco de acreditar nele? Ou estaria Nicholas ainda a tentar resgatá-la da sua existência desapaixonada, adornando os seus argumentos com tentadoras seduções e promessas de amor a fim de a convencer? Como podia estar segura de que aquilo que ele sentia era amor verdadeiro? Como podia estar até segura do seu próprio coração?

Ao fim de um longo momento, contemplou o livro incrustado de joias que tinha no regaço. Lágrimas ardentes encheram-lhe os olhos ao recordar o destino da francesa do diário. O príncipe de Desirée tinha-lhe prometido arrebatamentos de amor mais preciosos que tesouros, mas, no final, só lhe tinha causado dor: a história terminava de modo trágico, com a morte do seu príncipe.

Desirée tinha feito a sua escolha − ficar com o seu amante −, mas isso convertera-se sem querer no seu maior ponto fraco. Atraiçoada pelas intrigas de uma concubina ciumenta, foi roubada do harém do palácio pelo inimigo mais acirrado do seu príncipe e transportada para a fortaleza de uma montanha longínqua. O príncipe tinha mantido um longo cerco, determinado em resgatá-la, mas embora tivesse matado o seu sequestrador, ficara mortalmente ferido.

Desirée chorara lágrimas de agonia enquanto o amante sucumbia nos seus braços. Todavia, era o seu angustiado lamento que ainda ecoava na mente de Aurora.

O pesar sabe a um veneno amargo na minha língua. Porquê... porquê... Porque me permiti amar-te?

Com dedos trémulos, Aurora enxugou as lágrimas interrogando-se, desesperada, se também estaria a sucumbir à mesma doença.

Uma faixa de lua pálida pendia sobre o leito onde Nick jazia entrelaçado com Aurora. Nunca tinha experimentado tal sensação, o simples prazer de observar uma mulher a dormir nos seus braços e saber que desejava que fosse assim para sempre. Podia renunciar à sua vida aventureira, porque amá-la a ela seria a maior aventura. Seria o suficiente.

Era a única mulher a quem havia desejado daquele modo na sua vida; de uma forma feroz, desesperada e permanente. Era a única que preenchia os espaços vazios da sua alma. Cada vez que lhe tocava sentia-se embargado por uma emoção tão intensa que o deixava sem fôlego.

Amava-a. *Amor*. Era como um fogo a arder profundamente no seu coração. Nicholas atraiu-a a si, apertando o seu rosto contra a embriagadora suavidade da pele dela, desejoso de absorver a sua essência.

Sabia que ela estava a vacilar. Pela primeira vez, Aurora estava realmente a considerar como seria viver na América como sua esposa. Pela primeira vez, atrevia-se a acreditar que algum dia conseguia conquistar o seu amor.

Pela primeira vez, podia sentir que se afrouxavam os tensos nós de temor que tinha no seu interior.

No dia seguinte, quando regressaram a Londres, Aurora ainda não tinha tomado nenhuma decisão. Sentiu-se agradecida por Nicholas ter optado por cavalgar ao lado da carruagem ao invés de viajar com ela, porque os seus pensamentos estavam num tal alvoroço que necessitava desesperadamente de tempo a sós, sem que a sua presença compelativa e enérgica subjugasse as suas sensações e a sua sensatez.

Quando a carruagem se deteve diante da sua casa, demorou a apear-se sentindo alguma relutância em pôr fim ao seu mágico interlúdio. Nicholas acompanhou-a até à escada principal, onde foram recebidos pelo seu majestoso mordomo.

Todavia, foi só depois de ter entregue o seu xaile a Danby é que Aurora reparou na estranha expressão do seu rosto.

− Que se passa Danby? − perguntou. − Estás doente?

− Estou bastante bem, obrigado, *milady*. − O ancião aclarou a garganta. − Mas se me permite a audácia, receio que deveria preparar-se para umas notícias estranhas. − Fez uma pausa e esboçou um sorriso. − Lorde March regressou.

− Harry? − replicou Aurora dividida entre o alarme e o desespero. − Voltou a fugir de casa?

− Não, *milady*, não se trata do jovem Harry. É o seu irmão mais velho, Lorde March.

Aurora sentiu um calafrio a oprimir-lhe o coração.

− Geoffrey? − sussurrou, com uma voz subitamente rouca. − Não, isso é impossível!

Deve ter dado a sensação de que ia desmaiar, porque Nicholas apressou-se a segurá-la pelo braço.

− Deves estar equivocado, Danby − esforçou-se por dizer. − Geoffrey faleceu no ano passado. Morreu no mar.

− Era o que se pensava − disse Danby solenemente −, mas nunca se encontrou o seu corpo. Parece que sua senhoria sobreviveu ao naufrágio e deu à costa nas praias de França. Estava muito ferido, mas na verdade está vivo, *milady*.

Emocionada e aturdida voltou-se para olhar para Nicholas.

Os seus olhos negros estavam ensombrecidos e a sua expressão era uma máscara de pedra.

CAPÍTULO 22

Sou a mais infeliz das criaturas, uma mulher atormentada pelo desgosto

Aurora, ainda agitada com a surpreendente revelação, subiu as escadas da elegante mansão londrina que pertencia ao conde de March. Um nó de expetativa comprimia-lhe o estômago perante a ideia de voltar a ver o seu antigo noivo depois de o ter dado como morto durante mais de um ano.

Pelo menos, não necessitava de se preocupar com o caráter indecoroso da sua visita. Segundo Danby, Lady March também se encontrava na residência, depois de ter viajado com o seu filho pródigo para Londres três dias antes, junto com o jovem Harry.

Aurora lamentava profundamente não ter estado na cidade quando Geoffrey regressara. Devia ter estado ali para o receber e o subterfúgio que tinha preparado para justificar a sua ausência de duas semanas só agravava os seus sentimentos de culpa. Tinha pensado contar que estivera de visita a uma antiga companheira de escola doente em Berkshire, quando a realidade era que se tinha entregue a duas semanas de prazer erótico com Nicholas.

Cerrou brevemente os olhos recordando o rosto de Nicholas ao tomar conhecimento da notícia. A sua expressão grave sugeria claramente que não recebia com agrado a ressurreição de March.

Ela própria mal conseguia acreditar naquela reviravolta do destino. Era incrível que o seu antigo noivo regressasse do túmulo.

Nicholas tinha-se oferecido para a acompanhar, mas ela necessitava de ver Geoffrey a sós, em privado. Ainda não sabia o que lhe diria, se lhe falaria do seu matrimónio e da sua crescente paixão por outro homem, mas sabia que o seu primeiro encontro ia ser demasiado pessoal, demasiado emotivo, para contar com público.

Aurora conhecia o lacaio que a recebeu, e quando pediu para falar com sua senhoria foi levada imediatamente para um salão. Preparou-se para o que podia encontrar, mas ficou surpreendida ao ver que foi Lady March quem veio saudá-la.

Era evidente que a condessa tinha estado a chorar, mas secou os olhos com um lenço de renda antes de pegar na mão de Aurora.

− Tinha esperança de poder falar contigo antes que visses Geoffrey. Eu… receio que deves preparar-te, Aurora. Não é o mesmo homem que conheceste.

− Danby disse que tinha sido gravemente ferido.

− Sim, é verdade… Ele… perdeu um braço.

Os seus olhos encheram-se de novo de lágrimas.

− Vamos sentar-nos − disse Aurora solícita.

Conduziu a condessa até ao sofá, sentou-se junto à perturbada dama e, para a consolar, passou-lhe um braço pelos ombros.

− Não sei bem o que aconteceu − disse Aurora, desejosa de distrair Lady March da sua dor. − Como conseguiu sobreviver?

Sua senhoria proferiu um suspiro vacilante, lutando por manter a compostura.

− Quando o navio se afundou na costa de França, Geoffrey foi arrastado para a praia muito ferido e sem se recordar de nada do seu passado, nem sequer da sua identidade. Foi recolhido por uma família francesa, com quem permaneceu ocultando-se do exército de Napoleão e recuperando a saúde. Mas o braço sofreu uma gangrena e teve de… − Estremeceu. − É um milagre que continue vivo e eu sinto-me muito agradecida, sinceramente, mas… meu pobre filho…

A voz quebrou-se-lhe num soluço e afundou o rosto nas mãos.

Durante um longo momento permaneceu sentada a chorar em silêncio, enquanto Aurora murmurava palavras tranquilizadoras de conforto. Por fim, as lágrimas da condessa cessaram e ela recuperou o suficiente para utilizar o lenço e enxugar os olhos.

− Oh, Aurora, estou tão contente que tenhas vindo! − exclamou com a voz sufocada pela renda. − És exatamente o que Geoffrey necessita. Sei que o apoiarás… − A condessa ergueu abruptamente o rosto consternado e sulcado de lágrimas. − A falta de um braço não te fará diferença…, pois não? Isso não mudará os teus sentimentos para com ele?

− Não − replicou Aurora com doçura. − Claro que não. Os meus sentimentos por Geoffrey nunca mudarão.

Lady March assentiu agradecida.

− Ele parece arrasado, Aurora. Ainda não recuperou totalmente a memória e está muito magro. Temo por ele. Mas agora que tu estás aqui… − forçou um sorriso −, tudo pode voltar a ser como antes. Podeis casar-vos este verão e assim serás minha filha de verdade.

Aurora sentiu o coração apertado, tanto pela esperança que lia nos olhos da sua amiga como pela dor que sabia que lhe causaria saber que na realidade não era viúva e que não podia casar-se com Geoffrey. Dispunha-se a responder, mas depois compreendeu que seria mais justo dizê-lo primeiro a Geoffrey.

− Gostaria muito de o ver, se for possível − disse suavemente.

− Sim, sim, claro… Creio que está na biblioteca. Direi a Starks que te acompanhe até lá.

Aurora conhecia o caminho porque tinha passado muitas horas agradáveis naquele compartimento, mas era melhor ser anunciada, dar tempo a Geoffrey para se preparar… e tempo para que ela pudesse controlar as suas próprias emoções.

Decorreram vários minutos até que se encontrou à porta da biblioteca, com o coração a bater dolorosamente. Geoffrey encontrava-se diante da janela, de costas para ela. A manga direita do casaco estava presa perto do ombro.

− Geoffrey? − disse em voz baixa.

Ele voltou-se lentamente para encontrar o seu olhar. A primeira reação de Aurora foi de choque ao olharem-se mutuamente a partir do outro lado da sala. O seu querido rosto tinha rugas causadas pela dor e estava muito mais magro que antes. Mas dirigiu-lhe o mesmo sorriso terno.

Aurora fez todo o possível para conter as lágrimas que insistiam em escapar dos seus olhos. Todavia, conseguiu esboçar um sorriso enquanto se dirigia a ele. Abraçou-o porque necessitava de lhe tocar, sentir que estava realmente vivo.

− Bem-vindo a casa − disse simplesmente, apertando o rosto contra o ombro dele.

Manteve-se assim, num abraço que era mais consolador do que carnal. Ele deslizou hesitante o seu braço são pelos ombros dela para a atrair mais a si.

Ao fim de alguns momentos, Geoffrey deixou escapar uma gargalhada suave.

− Devia ter percebido que saberias exatamente o que me dizer.

Aurora afastou-se esquadrinhando-lhe o rosto.

− Alegro-me muito de te ver. Senti muito a tua falta.

A bela boca de Geoffrey retorceu-se num sorriso amargo.

− Receio não poder expressar o mesmo. Quero dizer, em relação a ter sentido a tua falta. Até há poucas semanas não tinha qualquer recordação da minha vida anterior. Só imagens… − Acariciou-lhe a face. − Via o teu belo rosto, Aurora, mas não sabia porquê nem quem eras. Só quando Wycliff me encontrou é que as imagens se tornaram mais consistentes. Penso que vê-lo deve ter sacudido algo na minha memória porque desde então, lentamente, fui recuperando lembranças.

− Wycliff? O conde de Wycliff encontrou-te em França?

− Sim, Lucian salvou-me. Para dizer a verdade, tenho para com ele e para contigo uma dívida de gratidão. Foi por ti que passou os últimos dois meses a vasculhar todo o campo de França à minha procura.

Aurora franziu o sobrolho perguntando a si mesma o que estaria o conde a fazer em França quando ambos os países travavam uma guerra desde há anos.

− Como é isso possível? Como pôde Wycliff evitar ser capturado por forças napoleónicas durante um período tão longo?

− Na realidade, ia disfarçado.

− Disfarçado?

Geoffrey parecia sentir-se pouco à vontade.

− Aurora, vou confidenciar-te algo. Wycliff, é na realidade um espião. Pelo que tenho ouvido dizer, extremamente bom.

− Um espião? − Olhou-o fixamente e recordou-se de imediato das disparatadas histórias que o seu irmão mais novo lhe tinha contado sobre Geoffrey. − Harry afirmava que tu também estavas metido na espionagem − disse lentamente −, mas pensei que se tratava simplesmente de uma fantasia.

Geoffrey hesitou durante um longo momento.

− Eu ia cumprir uma missão para Inglaterra quando o meu navio se afundou.

Surpreendida, olhou-o incrédula.

− Nunca compreendi porque navegavas tão perto da costa francesa. Estavas a espiar?

− Não exatamente. Nada daquilo que os agentes de Wycliff fazem. Só tinha de decifrar os códigos secretos de várias mensagens. Sabes que fui sempre bom com cifras e quebra-cabeças.

− Porque é que nunca me disseste nada?

− Não queria que te preocupasses. Harry soube disso porque escutou uma conversa que não lhe dizia respeito. − Geoffrey franziu o sobrolho. − Nunca devia tê-lo mencionado, porque jurou manter segredo.

− Claro que me teria preocupado. − Aurora sacudiu a cabeça sem acreditar plenamente no que estava a ouvir. − Não consigo

compreender por que razão tinhas de te envolver em algo tão perigoso.

− Porquê? − Esboçou um sorriso fugaz. − Porque finalmente tinha a oportunidade de fazer uma contribuição digna, Aurora. Toda a vida gostei de ler, mas isso não significa que nunca tenha tido uma ânsia secreta de matar dragões, de ultrapassar os limites restritos do meu estatuto e posição social. Desejava de algum modo, ainda que pequeno, participar na luta contra Napoleão, salvar o mundo da sua tirania. Mesmo agora, voltaria a fazê-lo.

− Mesmo arriscando a tua vida?

− Não era suposto ser um grande risco. Eu devia simplesmente encontrar-me com um mensageiro em França e recolher os despachos… mas depois o meu navio deparou-se com uma tempestade. O que me recordo a seguir é que despertei num celeiro sem saber quem era. Passei a maior parte de todo este tempo como um homem sem nome nem passado.

Ela afastou um caracol da fronte sulcada pela dor.

− Mas agora recuperaste a memória?

− Não de todo. Todos os dias me recordo de algo novo. Aurora, não sou o mesmo homem que conheceste… Ainda sofro insuportáveis dores de cabeça e coxeio, além de ter perdido o braço…

Sentiu uma grande compaixão por ele.

− Geoffrey, lamento muito.

− Não desejo a tua compaixão, Aurora. Eu sobrevivi, ao passo que muitos homens bons não o conseguiram… incluindo a minha tripulação.

− Então não te oferecerei compaixão, mas posso oferecer-te a minha simpatia, pode ser?

Ele sorriu debilmente.

− Penso que sim.

Mas depois o seu sorriso desvaneceu-se lentamente quando pareceu reparar pela primeira vez no seu traje negro.

− Constou-me que, durante a minha ausência, desposaste um famoso primo americano de Wycliff.

Ela sentiu de repente um nó na garganta.

− Geoffrey… não sei o que dizer-te exatamente. A minha única desculpa é que o meu pai… estava a pressionar-me para que me casasse e… bem, lamento. Se tivesse tido a mínima ideia de que podias estar vivo, nunca teria saído de Inglaterra com Percy e Jane.

− A mãe disse que lhe explicaste que o teu matrimónio foi por coação.

− É verdade. Desejava desesperadamente evitar casar-me com Halford e o meu pai mostrava-se inflexível…

− Compreendo, Aurora. Devia ser difícil para ti desafiar os desejos de teu pai. De modo que te casaste com um criminoso condenado para escapar do marido que ele tinha escolhido para ti?

− Sim. Era suposto que o matrimónio só durasse um dia ou dois no máximo.

− Penso que ficaste imediatamente viúva depois disso.

Aurora hesitou. Aquele era o momento que tanto temera. Como podia dizer a Geoffrey que o seu marido não estava morto? Que continuava legalmente casada com outro homem? Que acabava de passar as duas semanas mais incríveis da sua vida saciando as mais apaixonadas fantasias com o seu amante? Que estava a pensar em sair de Inglaterra com ele?

Olhou para Geoffrey à medida que a culpabilidade a arrebatava com as suas garras afiadas. Tinha amado aquele homem durante a maior parte da sua vida. Era um amigo muito, muito querido, e ele quase tinha morrido. Estava ferido, ainda sofria… Não podia desferir-lhe outro golpe desvendando-lhe a verdade tão pouco tempo depois de recuperar a sua vida.

E em relação a Nicholas? Como podia ela divulgar a sua presença sem o pôr em perigo? Não tinha a certeza de como Geoffrey iria reagir. Se amava assim tanto a sua pátria que até tinha espiado por ela, o que faria ao saber que um pirata condenado se encontrava em solo inglês troçando do governo britânico? Em especial um pirata que estava casado com a mesma mulher com a qual ele próprio tinha estado comprometido em matrimónio?

Falar-lhe de Nicholas podia muito bem significar a sua morte. Aurora tinha de o proteger durante o máximo de tempo possível; até que estivesse a salvo fora do país. Tinha de ocultar o facto de que estava em Londres naquele momento, de que o tinha visto e estado com ele.

− Geoffrey, há algo que devo dizer-te − começou com cautela, sabendo que tinha de traçar uma linha muito ténue entre a verdade e a mentira. − Recentemente tive notícias… Percy escreveu-me a dizer que… o meu marido não chegou a ser enforcado. Nicholas Sabine está vivo.

Ele ficou durante um longo momento a olhar para ela antes que a compreensão se refletisse no seu rosto.

− Continuas casada com um pirata?

− Ao que tudo indica, sim.

− Não pode ser! − replicou com uma ferocidade inesperada. E ao ver que ela não respondia, franziu o sobrolho.

− O matrimónio pode ser anulado? Deve haver alguma possibilidade de o fazer.

Aurora olhou para Geoffrey pensativa.

− Talvez, mas duvido que seja fácil.

− Temos de o conseguir. − Uma expressão severa dominava as suas feições. − Este matrimónio deve terminar. Não podes continuar casada com um criminoso.

A reação dele não era exatamente a que ela havia esperado, mas devia ter pensado que Geoffrey desejaria protegê-la.

− Podes ter a certeza de que permanecerei ao teu lado, Aurora − prometeu Geoffrey. − Quando se souber a verdade decerto haverá um escândalo, mas não permitirei que o enfrentes sozinha.

Não podia negar que o escândalo era algo muito provável, pensou Aurora.

Ao ver que ela permanecia silenciosa, Geoffrey perscrutou o seu rosto.

− A minha mãe tinha esperança de que o nosso matrimónio se realizasse em breve, mas isto complica as coisas. Todavia, logo que a anulação seja concedida, desejo que saibas, Aurora, que se desejares manter o nosso compromisso, eu… sentir-me-ei muito honrado em ser teu marido.

Sentiu um baque de consternação.

− Geoffrey, não tens de fazer um tal sacrifício por mim.

A expressão dele tornou-se subitamente fria.

− Talvez fosse um maior sacrifício para ti do que para mim. Seria compreensível que não quisesses casar-te com um inválido.

− Geoffrey, não… por favor, não digas isso. Tu não és um inválido.

− Mas também não sou um homem completo.

− Claro que és. Com o braço ou sem ele, continuas a ser a pessoa de quem sempre gostei.

A expressão de Geoffrey permaneceu estranhamente solene. Depois, de repente, fechou os olhos e levou uma mão à fronte, como se tivesse uma dor insuportável.

− Estas dores de cabeça…

− Talvez devesses sentar-te − disse ela rapidamente, rodeando-lhe a cintura com um braço.

− Sim.

Permitiu que Aurora o conduzisse a uma cadeira e deixou-se cair nela pesadamente.

− Se não te importas… gostaria de descansar. − Parecia que lhe faltava o fôlego. − A minha resistência… desvanece-se de repente e deixa-me fraco como um rato.

− Sim, claro. Vou deixar-te a sós. Queres que te traga algo antes de sair? Uma compressa fria? Um pouco de vinho? Láudano?

− Não, obrigado. O láudano só me tolda a mente.

− Muito bem, então.

Mas antes que ela pudesse voltar-se, ele pegou-lhe na mão e fitou-a com os seus olhos azuis.

− Não te abandonarei, Aurora.

− Obrigada, Geoffrey − disse num murmúrio. − Mas por favor… não te preocupes com isso. Concentra-te apenas na tua recuperação. Podemos falar sobre o nosso futuro quando te sentires melhor.

Ele assentiu, reclinou a cabeça no assento e fechou os olhos. Aurora desejou de todo o coração poder fazer algo por ele.

Saiu da biblioteca e caminhou lentamente pelo vestíbulo, levemente consciente do vasto sentimento de desolação que a assolava. Sabia que agora não podia abandonar Geoffrey. Seria uma traição definitiva. O que sentia por Nicholas não importava, ela não podia abandonar o seu amigo de infância para começar uma nova vida na América com outro homem. No podia ferir Geoffrey dessa forma. Tinha de ficar em Inglaterra. Tinha de pedir a Nicholas que conseguisse uma anulação…

Estava tão abstraída nos seus sombrios pensamentos que não escutou Harry a descer a escada a correr até estar quase em cima dela.

− Rory, Rory!

Ignorando o susto que lhe pregou, deteve-se junto dela derrapando pelo solo de ladrilhos de xadrez, e abraçou-a alegremente.

− Dá para a acreditar nas boas notícias? Geoffrey está vivo! Agora serás minha irmã, viverás connosco e poderemos cavalgar todos os dias.

Aurora conseguiu esboçar um sorriso débil, mas, por dentro, sentia-se destroçada. Se antes a escolha era difícil, então agora, fosse qual fosse a sua decisão, magoaria um dos homens que afirmavam amá-la.

− Tens a sorte do diabo, Nick − disse divertido Lucian Tremayne, conde de Wycliff. − Quando regressei a Londres há três dias e li a tua mensagem dizendo que estavas vivo e tinhas assumido a identidade de Brand… bem, não me lembro de ter recebido um choque mais agradável. Mal consigo acreditar nos meus olhos. Pensar que nem sequer a Armada Britânica conseguiu matar-te.

− Esteve quase − replicou Nicholas seriamente enquanto fixava o olhar no seu copo de *brandy*.

− Lamento ter estado fora do país quando chegaste a Inglaterra.

Nicholas encolheu os ombros.

− Eu perdoo-te, Luce, se tu me perdoares por me assenhorear de uma das tuas escunas.

− Claro que sim! Terias feito o mesmo por mim se me tivesse encontrado diante do carrasco. Sabias que celebrámos uma missa em tua memória? Convidei metade da alta sociedade e obriguei todos os meus parentes antiquados a assistirem. Só para salvar as aparências, como compreenderás. Uma mostra pública de apoio para com a tua viúva. Agora lamento ter assumido todos aqueles gastos para nada.

Nick ergueu o olhar ao perceber o tom de gracejo do primo. Lucian era alto e ágil, com cabelos negros e ondulados e traços finos e aristocráticos cujo meio sorriso sempre pronto disfarçava a arrogância. Normalmente, Nicholas sentia-se bem com a camaradagem masculina que partilhavam, mas, naquela ocasião, não estava de humor para disputar o engenho de Lucian nem suportar o seu humor afável.

Poisou o copo de *brandy* sobre a mesa, pôs-se de pé e dirigiu-se à porta envidraçada, fitando o exterior. Por aquela altura Aurora já teria falado com o seu antigo noivo. Já teria tomado uma decisão? Era possível, até mesmo provável que, ao ver March de novo, este pudesse persuadi-la…

Nicholas cerrou os punhos enquanto a tensão corria como fogo pelas suas veias. Necessitava de todo o controlo que possuía para refrear as confusas emoções que o assaltavam: ciúmes, ira, temor… Agitado, voltou-se para passear uma vez mais sobre o tapete do gabinete do primo.

− Porque estás tão nervoso? − perguntou Lucian finalmente. − Estás a comportar-te como um tigre enjaulado. Se tivesse de adivinhar, diria que estás com problemas com alguma mulher.

− E não te enganarias − replicou Nick secamente.

− Presumo que seja com a tua esposa?

Nicholas fez uma pausa suficientemente longa para passar a mão pelos cabelos.

− Aurora não desejava o nosso matrimónio − disse finalmente −, mas agora que estamos casados… pedi-lhe que viesse comigo para a América. Estava quase convencida quando soube que March se tinha erguido do túmulo… − Fixou em Lucian um olhar sombrio. − Não posso crer que foste tu quem encontrou March. O que te levou a procurá-lo? Ele trabalhava para ti?

− Diretamente, não. Estava a decifrar despachos inimigos para o Ministério dos Assuntos Exteriores, mas profissionalmente os nossos caminhos nunca se cruzaram. Só vim a saber dos pormenores do seu desaparecimento no mar depois de ajudar a sociedade a aceitar de novo Lady Aurora como tua viúva. Depois, na minha última viagem a França, escutei um rumor… Dizia-se que um inglês de cabelos louros tinha ficado muito ferido num naufrágio e que vivia escondido perto da costa. Parecia lógico interrogarmo-nos se era possível que fosse March, uma vez que nunca se encontrou o seu corpo, embora eu não pudesse imaginar por que razão não se dava a conhecer. A minha principal suspeita era que talvez tivesse a memória afetada, e assim foi. Lamento que o seu regresso seja um grande inconveniente para ti.

Nicholas encolheu os ombros.

− Não posso dizer que preferia que não o tivesses encontrado. Na realidade, não desejo que esse homem esteja morto.

− Mas ter-te-ia agradado que permanecesse afastado durante mais algum tempo, não é verdade?

Nicholas sorriu com tristeza.

− Mais alguns dias teria sido o suficiente. Uma semana no máximo.

Lucian tomou um gole de *brandy* sem deixar de olhar para o primo.

− Ela é tua esposa, Nick. Tens o direito de lhe exigir que viva contigo.

− Não é assim tão simples.

− Não? Porque não?

− Porque não desejo uma mulher contrariada. Que prazer encontraria na nossa união se Aurora só se sentisse infeliz? Ela

salvou-me a vida, Luce. Como vou devolver-lhe o favor obrigando-a a viver comigo? Não, é ela quem deve tomar a decisão.

− Os teus dons de persuasão são os melhores que conheço, incluindo os meus. Se a desejas, porque não a convences a desejar-te como marido?

− E o que raio pensas que estive a tentar fazer durante todo o mês passado?

− Existe sempre a hipótese de rapto − sugeriu Lucian em tom ligeiro. − Pelo menos ganharias tempo.

− Essa não é uma opção. Seria um louco se recorresse à força física. Só lhe faria recordar o pai dela.

Lucian franziu os lábios e sacudiu a cabeça com fingida surpresa.

− O que te aconteceu, primo? Por acaso a tua experiência recente com a morte afetou-te o cérebro? O Nicholas Sabine que eu conhecia nunca teria descartado uma ação drástica para conseguir o que queria.

Um músculo retesou-se no maxilar de Nick.

− Isto não é um jogo de competição no qual Aurora é o prémio. Em tempos ainda acreditei nisso, mas isso foi antes de a conhecer.

− Parece que te apaixonaste por ela.

− Sim, apaixonei-me − respondeu Nicholas em voz baixa. *Apaixonara-se por uma mulher cujo coração pertencia a outro*. Com uma nova onda de frustração foi de novo posicionar-se junto da porta envidraçada.

Fez-se um longo silêncio enquanto Lucian digeria aquela informação.

− Quer dizer que vais limitar-te a deixá-la ir?

− Tenho de o fazer − replicou Nick tristemente. − Se ela ama March e quer estar com ele…

− Não posso imaginar que te limites a permitir-lhe escolher um homem que não és tu.

− Ri-te se quiseres, Luce, mas a felicidade dela significa mais para mim do que a minha própria. Sei que é capaz de ser difícil de o compreenderes uma vez que nunca estiveste apaixonado…

− Não me rio, garanto-te − interrompeu Lucian com uma solenidade surpreendente. − Nunca tive a infelicidade de sofrer dessa enfermidade, mas posso compreender os seus efeitos. Para ser sincero, eu próprio estava a pensar em entrar nas listas volúveis do amor. Tenho estado a pensar em tomar uma esposa.

− Tu? O esquivo Lord Wycliff? − Nicholas olhou para ele com ceticismo por cima do ombro.

Lucian era o solteiro mais cobiçado do país, com o tipo de riqueza, título e aspeto atraente que faziam com que as jovens recém-apresentadas na sociedade se derretessem. Há anos que as mamãs casamenteiras lhe lançavam armadilhas… e ele tinha-se esquivado a todas habilmente.

− Conheço a dama?

− Não. Ainda não a escolhi.

− Mas estás preparado para te amarrares a uma noiva?

− Não é a noiva que me interessa. Cheguei à conclusão de que está na hora de gerar um herdeiro.

Nesta altura, Nicholas fitou-o realmente surpreendido.

Lucian exibiu o seu encantador meio sorriso.

− Não olhes para mim como se de repente me tivessem crescido hastes. Não estou particularmente afeiçoado aos meus parentes, para além de Brandon e de ti. Se morrer, gostaria de deixar uma espécie de legado. A ideia de ter um filho, da minha própria carne e sangue, tem-me atraído cada vez mais ultimamente.

− Se morreres, Luce? − disse Nicholas lentamente. − Há alguma coisa que não me tenhas contado?

O olhar do primo ensombreceu-se.

− Tive recentemente uma… experiência fatídica. Uma visão da minha própria mortalidade. É surpreendente como um simples incidente nos faz reconsiderar todas as prioridades da nossa vida.

− Não é de forma alguma surpreendente − respondeu Nicholas com uma expressão severa. − Na realidade, é o mais normal. O que aconteceu?

Lucian permaneceu profundamente mergulhado nos seus pensamentos durante um momento, como se estivesse a recordar algo sombrio. Nick não chegou a saber o que poderia ter acontecido ao primo porque, precisamente nesse instante, apareceu o mordomo do conde para anunciar uma visita.

− Lord Clune deseja ver o senhor Deverill, milorde.

Lucian olhou para Nicholas, que assentiu.

− Trá-lo até aqui, por favor − ordenou sua senhoria.

Lord Clune saudou ambos os homens com um sorriso afável.

− Não é demasiado cedo para beber?

− Estamos a brindar ao regresso de Nick de entre os mortos − respondeu Lucian suavemente.

− Brindo a isso com todo o gosto. − Clune olhou para o copo de cristal que Lucian tinha na mão. − Acredito que seja da tua melhor reserva.

− Claro. − Lucien apontou para a garrafa de cristal que se encontrava sobre a mesa. − Serve-te tu mesmo. Então, o que te traz por cá, Dare?

− Um encontro interessante no meu clube − respondeu servindo-se de um copo. − Com um inimigo teu, Nick.

Nicholas voltou-se e recostou-se contra o umbral da porta, concentrando toda a sua atenção no amigo.

− Qual deles?

Clune sorriu.

− Tens assim tantos que necessites de perguntar? O capitão Richard Gerrod, da armada de sua majestade.

Nicholas sentiu-se a franzir o sobrolho.

− Gerrod? − repetiu Lucian pensativo. − Recordo-me que alguém chamado Gerrod deixou aqui ontem o seu cartão quando eu não estava. Conhece-lo?

− É o ansioso patriota que capturou Nicholas e o sentenciou a ser enforcado por pirataria. Agora está em Londres, e é evidente que vem em busca de sangue. O teu, Nick. Consta que, quando soube que tinhas escapado da forca, ficou sem pinga de sangue.

− Que descortesia da minha parte desiludi-lo − replicou Nicholas sarcasticamente.

− Não é altura para brincadeiras − comentou Clune friamente. − Gerrod considera-te carne de patíbulo, e está muito desejoso de emendar o erro que cometeu ao permitir que escapasses. Na verdade, tem estado a fazer averiguações acerca do teu primo americano Deverill. Não me surpreenderia nada que suspeite que te fazes passar por ele.

− E se suspeitar?

− Então isso coloca-te numa situação duplamente precária. Se eu estivesse no teu lugar, tornava-me menos visível. Na realidade, este poderia ser um momento excelente para regressares às colónias.

− Ou para fazer uma visita ao infatigável capitão.

− Não podes estar a falar a sério − disse Clune preocupado.

Nick contraiu um músculo do maxilar enquanto um sorriso sinistro curvava os seus lábios.

− Maldição, Nick, conheço esse olhar! − observou Lucian. − Vais dar cabo da tua vida por uma briga… e não posso censurar-te. Mas estou de acordo com Dare. As probabilidades estão terrivelmente contra ti. Seria muito mais prudente se renunciasses ao teu desejo de lhe retribuir o mal que te fez e, ao invés, pores-te a salvo afastando-te daqui. Pode ser que chegue o dia em que possas enfrentar Gerrod, mas no teu próprio terreno.

− Talvez.

Nicholas voltou-se para a janela com os músculos retesados, procurando descontrair-se. Ter-lhe-ia realmente agradado a possibilidade de um confronto físico com Gerrod e a oportunidade de voltar a fazer-lhe frente. Mas Nick sabia que o primo tinha razão. Naquele momento, seria um ato suicida lutar contra toda a armada britânica. Havia modos mais inteligentes de conseguir a sua batalha contra Gerrod.

O combate pelo coração de Aurora era o que não se atrevia a perder.

Nicholas cerrou o maxilar face à fria vaga de temor que lhe percorreu o corpo. Devia sentir-se alarmado com a notícia da sangrenta busca de Gerrod, mas o capitão não era a causa do temor que lhe comprimia o peito.

O que o aterrorizava era Aurora e a escolha que tinha de fazer entre dois maridos.

CAPÍTULO 23

A ideia de não voltar a sentir o seu contacto, as suas carícias intensas, é mais do que posso suportar

Com pensamentos sombrios, Aurora entrou no seu quarto e reparou que a luz das candeias tinha sido estranhamente atenuada. *Nicholas*. Deteve-se bruscamente, com o coração acelerado, como se sentisse a sua presença.

− Oh, *milady*, está muito escuro aqui! − disse a aia atrás de si.

− Está bem assim, Nell… Mudei de ideias. Ainda não pretendo preparar-me para me deitar. Creio que vou sentar-me antes tranquilamente durante uns momentos.

− Muito bem, *milady*. Deseja que aumente a luz da candeia?

− Não, obrigada. Por favor, deita-te. Não necessitarei mais de ti esta noite.

A aia fez uma vénia e retirou-se. Aurora fechou cuidadosamente a porta com o ferrolho e olhou em seu redor esquadrinhando o compartimento sombrio. Nicholas estava sentado entre as sombras no canto oposto, observando-a.

Levou uma mão à boca interrogando-se pela enésima vez como poderia comunicar-lhe a sua decisão.

− Então, falaste com ele − disse Nicholas rompendo por fim o tenso silêncio.

Ela assentiu lentamente, lutando contra a opressão que lhe comprimia a garganta.

− Sim, Geoffrey ainda me deseja como esposa.

Durante o espaço de alguns segundos Nicholas não respondeu. Limitou-se apenas a observá-la com os seus olhos negros e intensos.

− Não posso abandoná-lo, Nicholas. Já sofreu o suficiente.

A voz dele era baixa e uniforme quando se aventurou a falar.

− Queres romper o nosso matrimónio?

− Eu… não tenho outra opção. Não posso magoá-lo ainda mais. Ele perdeu o braço, Nicholas. Podes imaginar o que significa sofrer tal destino? Geoffrey necessita de mim ao seu lado.

O tempo pulsava entre eles, sombrio e infinito.

− E as tuas necessidades, Aurora? − perguntou finalmente Nicholas. − E as minhas?

Ela sacudiu a cabeça em negação.

− Não posso permitir que as minhas necessidades importem. Quanto às tuas… Tu és muito mais forte que Geoffrey.

Nicholas soltou uma gargalhada sem alegria.

− Conheço Geoffrey desde sempre, Nicholas − disse suplicante, procurando fazê-lo entender. − Faz parte do meu passado… parte de mim…

− E ama-lo.

As palavras surgiram austeras, sombrias.

Ela baixou o olhar.

− Não posso abandoná-lo. Não compreendes?

− Compreendo que estás a tentar protegê-lo. Estás empenhada em proteger toda a gente menos a ti mesma.

Ao notar a repentina dureza no seu tom de voz, Aurora rodeou o corpo com os braços, como que a defender-se das suas recriminações.

Após um momento, Nicholas exalou um lento suspiro.

− O que queres que faça?

− Quero… que tentes conseguir uma anulação.

Ele manteve-se em silêncio e completamente imóvel. Aurora aproximou-se dele, perscrutando a sua expressão entre as sombras. Nicholas devolveu-lhe o olhar com a mesma angústia que se refletia nos olhos dela.

− Muito bem − disse por fim. − Vou tentar.

− Vais tentar?

− Que o nosso matrimónio seja anulado, de modo a que possas ser livre para te casares com o teu verdadeiro amor.

Ela tinha esperado que ele opusesse uma resistência feroz, e não aquela tranquila resignação. Talvez não a amasse tanto como tinha afirmado. O desespero percorreu-lhe o corpo ao pensar nisso.

− Com o tempo esquecer-me-ás, Nicholas − disse sofrida. − Encontrarás alguém que possa ser a esposa que desejas.

− Achas que sim?

De repente, ele pôs-se de pé, já não resignado. Transpondo a curta distância que os separava, segurou-lhe os ombros com as mãos. Era impossível fugir da suave pressão que ele exercia naquele abraço perigoso e terno.

− Pensas que alguma vez poderei esquecer-te, querida? Que poderei esquecer tudo o que partilhámos?

− Era só paixão…

− Não, era muito mais. − Os seus olhos abrasavam. − Amo-te, Aurora. Compreende-o. Saboreia-o, respira-o…

Sem aviso prévio, cobriu a boca dela com a sua com um beijo feroz, exigente e violento, como se estivesse a castigá-la. Quando finalmente a libertou, ela estava a esforçar-se por recuperar o fôlego.

Ao afastar-se, os olhos negros e ávidos de Nicholas revelavam um poder e uma inflexibilidade que a assustavam e a subjugavam ao mesmo tempo.

Ela leu nos olhos dele a sua intenção antes de ele a segurar nos braços e a levar para o leito, depositando-a ali sem grande delicadeza.

Aurora tentou endireitar-se, mas foi impedida pelo seu corpo forte.

− Nicholas… não podemos fazer isto.

− Sim, podemos. − O seu sussurro era bravio e calmo. − Necessitas de recordar aquilo a que estás a renunciar.

Segurando-lhe na cabeça, manteve-se acima dela, observando-a. Os olhos dele ardiam com um fogo irado e devorador. A ternura que conhecia nele tinha desaparecido.

− Será que o teu amado Geoffrey pode fazer-te sentir o mesmo que eu? − perguntou-lhe. Devagar, introduziu a mão sob as saias dela e deslizou a palma pela coxa nua. − Pode incendiar-te o sangue apenas com um toque? Pode fazer os teus mamilos retesarem-se e a tua pele eriçar-se? Pode deixar-te húmida… como estás agora?

Encontrou o centro do desejo abrasador e latente. Quando deslizou o dedo pelo seu interior, ela conteve um grito retesando-se contra ele.

Era todo o convite que Nicholas necessitava. O seu olhar era duro, a sua intenção evidente, enquanto desabotoava os botões dos seus calções.

− Nicholas…

Beijou-a de novo para silenciar o seu protesto. Tinha de a fazer sentir o desejo que percorria o seu corpo, a sua necessidade feroz.

Não podia ter antecipado a apaixonada explosão que a sua ânsia tinha despertado nela. Aurora segurou-lhe na cabeça agarrando-lhe os cabelos e procurando atrair mais a boca dele de modo a que a língua entrasse mais profundamente.

Quando ela recebeu frenética o seu beijo devorador, ele subiu-lhe a saia até à cintura e lançou-se sobre ela. Nicholas podia sentir o pulsar de fogo que vibrava nela à medida que se introduzia no seu corpo dura e profundamente, reclamando-a num selvagem acesso de desejo.

Era como deslizar pelo fogo. Aurora arqueou-se selvaticamente debaixo dele e gemeu na sua boca com um som desesperado e angustiado. Um som que o atormentaria para sempre.

Estremeceu ao penetrá-la, com uma intensidade febril. Aurora alcançou o clímax quase nesse instante contorcendo-se nos braços dele com um grito desenfreado. Ela soluçava e murmurava o nome dele, enquanto com uma última e forte estocada ele rebentou no seu interior, sem controlo, selvaticamente.

No rescaldo abrasador, os sons ofegantes da sua mútua respiração enchiam o quarto. Nicholas permanecia submergido nela, interrogando-se se Aurora poderia perceber o desespero que vibrava nas ondas de calor que lhe percorriam o corpo. Pressionou o rosto contra o ombro dela para combater o frenesim que sentia no seu interior, a ânsia violenta.

Por fim levantou a cabeça.

− Não o faças, Aurora − sussurrou com voz rouca e baixa.

Ela moveu-se e abriu os olhos para olhar para ele angustiada.

− Eu… não tenho outra escolha.

Nicholas pôde ler o tormento no seu olhar. Ela acreditava sinceramente que estava a tomar a decisão certa. E talvez estivesse.

Contemplou-a dorido e vazio. Tinha perdido.

Nicholas fechou os olhos, sentindo-se angustiado e impotente. Um homem não podia obrigar ninguém a amá-lo. Não podia ordenar que um coração se rendesse pela pura força da sua vontade.

Não confiando nos seus poderes de oratória, pôs-se de pé e começou a arranjar as roupas.

Angustiada, Aurora, permaneceu completamente imóvel. A vulnerabilidade de Nicholas era infinitamente mais poderosa que a sua ira. Havia uma tal tristeza no seu rosto que sentiu vontade de chorar.

Sentou-se devagar, cobrindo as coxas nuas com a saia. Estava a tremer.

− Nicholas… lamento − sussurrou.

Ele fitou-a com os seus olhos negros.

− Eu sei.

Aproximou-se dela e segurou-lhe no rosto entre as suas mãos. Ficou a olhá-la durante um longo momento antes de se aproximar lentamente. Quando os seus lábios acariciaram os dela, Aurora sentiu-se trespassada por uma angústia dolorosa.

Depois retrocedeu e deixou escapar um suspiro trémulo, como se se esforçasse por manter o controlo. A sua voz não tinha inflexões quando falou.

− Tenciono partir amanhã à noite com a maré. Se mudares de ideias, sabes onde encontrar-me.

Deu meia-volta e dirigiu-se à janela. Ao fim de uns momentos, as sombras cobriram-no e reinou o silêncio.

Aurora levou os nós dos dedos à boca e mordeu-os com força. A dor no peito era tão intensa, que era como se uma faca lhe tivesse retalhado o coração.

Ele tinha realmente partido. Ela tinha-o mandado embora.

Cobriu o rosto com as mãos e chorou.

CAPÍTULO 24

É verdade que a paixão da carne pode gerar a paixão do coração. Eu sou disso uma prova viva

Aurora contemplou sem ver o convite para jantar de Lady March. A condessa pedia a Aurora que se juntasse a eles numa reunião familiar privada naquela noite, embora isso a obrigasse a infringir as normas estritas do luto. Realizaria um ato de misericórdia cristã, dizia Lady March, contribuindo para ajudar a reentrada de Geoffrey na sociedade.

Também lhes permitiria mostrar o seu apoio para com Aurora durante aquele período difícil da sua vida, até que a farsa do seu matrimónio fosse desmantelada. Aparentemente, a condessa ainda desejava Aurora como filha.

Aurora, aturdida, poisou o convite e contemplou o relógio de bronze dourado na prateleira da chaminé. Eram sete horas. O compromisso seria às oito. Devia apressar-se para se vestir e, todavia, não sabia se era capaz de ver Geoffrey e a mãe precisamente naquela noite. Se teria forças suficientes para fingir uma aparência festiva quando tinha o coração destroçado. Dali a umas breves horas, Nicholas partiria sem ela.

Uma nova vaga de tristeza inundou-a deixando-a fria e vazia por dentro.

Desesperada, pegou no diário e procurou uma página muito desgastada, a que relatava a morte do príncipe de Desirée.

As minhas lágrimas caem sobre o teu rosto pálido enquanto o teu sangue vital brota do teu corpo outrora poderoso. Desesperada, beijo os teus lábios de cera, incitando-te a viver. Mas os meus esforços são inúteis, impossíveis.

Abres os olhos, e o teu olhar negro está repleto de dor e ternura. «Não chores − sussurras em voz rouca. − As tuas lágrimas são um tormento.»

E o meu tormento? Parece que me arrancam o coração do peito! Meu Deus, não posso suportá-lo!

Levantas a tua mão trémula, tão débil agora, para me acariciar o rosto. «És livre, bela Desirée.»

Com o teu último suspiro, concedes-me a liberdade que eu ansiava. Mas, Deus misericordioso, o preço é demasiado elevado…

Aurora engoliu a dor ardente das suas próprias lágrimas. Tinha-se apercebido demasiado tarde que a liberdade não era nada comparada com o amor…

Um toque suave na porta do quarto interrompeu os seus sombrios pensamentos.

− A menina Kendrick regressou − informou Danby atrás da porta.

− Por favor, diz-lhe que estou indisposta − replicou Aurora fechando o diário.

Não podia enfrentar Raven precisamente naquele momento.

Um pouco mais tarde a pancada na porta repetiu-se, mas desta vez com muito mais força.

− Aurora? − chamou Raven insistente. − Tenho de falar contigo.

Com um suspiro de resignação, Aurora convidou-a a entrar. Necessitaria de mais resistência do que a que possuía naquele momento para enfrentar a intrusão determinada de Raven.

Ao entrar no quarto, a jovem fechou a porta atrás de si e deteve-se durante um momento. Aurora estava sentada diante da lareira apagada, sentindo tanto frio naquela tarde de julho como num dia de inverno.

− Estás realmente adoentada ou estás só a evitar-me porque sabes o que tenho para te dizer? −perguntou Raven.

− Dói-me a cabeça − replicou Aurora, o que não era totalmente mentira. − Mas sim − sorriu debilmente −, preferiria evitar esta conversa.

Sem se deixar desencorajar, Raven atravessou o quarto e posicionou-se diante de Aurora.

− Nicholas parte esta noite, sabes disso?

− Sim, sei.

− E tencionas deixá-lo partir?

− Raven… é o melhor. A Inglaterra é o meu país. Pertenço aqui. E devo ficar por Geoffrey.

− O meu irmão disse-me que lhe pediste que tente anular o vosso matrimónio para poderes casar-te com Lorde March, isso é verdade?

− Sim.

Raven semicerrou os olhos azuis revelando infelicidade.

− Estás a cometer um erro grave, Aurora. Devias ir com Nicholas. Ele ama-te.

− Eu… não tenho a certeza de que o que Nicholas sente seja amor.

− Eu penso que é.

Raven procurou na malinha de mão e retirou um pedaço de pergaminho dobrado.

− Pediu-me que te entregasse isto.

Aurora abriu a mensagem e leu-a febrilmente.

Aurora, compreendo que sintas que deves cumprir a tua obrigação para com March, mas não posso renunciar a ti sem ter a certeza de que compreendes os meus verdadeiros sentimentos. Ontem à noite disseste que com o tempo te esqueceria. Não esquecerei.

É curioso. Nunca compreendi o meu pai. Como é que um homem podia estar tão obcecado por uma mulher para permitir que o coração mandasse sobre o seu cérebro. E não há dúvida de que nunca pensei que pudesse acontecer comigo. Jamais desejei encontrar um amor como este, uma paixão tão profunda. Esse tipo de paixão que nos assola e nos faz perder o controlo. Mas não tive escolha, pelo menos desde que te conheci.

Agora compreendo, o que o meu pai sentia era verdadeiro. Quando encontramos a pessoa certa, nenhuma outra é suficiente.

És o meu amor, Aurora, e sê-lo-ás para sempre.

Aurora sentiu o coração revolver-se-lhe no peito. Nicholas amava-a sinceramente, já não podia continuar a duvidar. Jamais faria uma confissão tão terna e íntima apenas para conseguir uma conquista.

− Nicholas ama-te, Aurora − disse Raven com um fervor calmo. − Arriscou a sua vida para estar contigo. De que outras provas necessitas?

Era verdade. Nicholas tinha corrido o risco de ser capturado para estar com ela.

Procurando reunir todo o seu controlo, Aurora entrelaçou as mãos.

− Não posso abandonar Geoffrey, Raven. Ele necessita de mim ao seu lado. Está demasiado ferido para enfrentar o futuro sozinho.

− Não está sozinho. Tem família, amigos, já para não falar de título e riquezas… Oh, como eu gostaria de conseguir que deixasses de te preocupar com toda a gente menos contigo! − Raven dirigiu-lhe um olhar suplicante. − Não posso crer que desperdices esta oportunidade de viver um amor verdadeiro.

Aurora estremeceu perante a firme intensidade do olhar da amiga.

− Eu pensava que não acreditavas no amor.

− Acredito nele, só que não o desejo para mim. Mas contigo e com Nicholas é diferente. São feitos um para o outro, até eu posso ver isso.

− Geoffrey não é a única razão que me levou a ficar, Raven. Tenho outras responsabilidades… tu, por exemplo. Prometi deixar-te bem situada na vida.

− O que tens feito de uma maneira admirável − insistiu Raven. Aspirou profundamente e sentou-se na outra poltrona de orelhas que havia diante da lareira. − Não tens de te preocupar comigo, Aurora. Não queria dizê-lo ainda, mas… recebi uma proposta de matrimónio muito vantajosa.

Aurora olhou-a surpreendida.

− De quem?

− Do duque de Halford. Estou a pensar em aceitar.

− Não podes estar a falar a sério.

− Sabia que não o aprovarias. Mas esta é uma decisão minha, Aurora. Sou eu que devo viver com as consequências.

Aurora estremeceu.

− Não podes casar-te com Halford, Raven. Ele é… dominante, ditatorial e frio…

− Depois de o conheceres melhor, não é tão mau como pensas. É certo que é reservado e, claro, um pouco arrogante. E gosta de levar a sua avante. Mas qual é o cavalheiro que não gosta? Creio que poderei lidar com ele.

Aurora pegou-lhe na mão com toda a seriedade.

− Raven, compreendo o teu desejo de te casares com um título… Acreditas que deves cumprir os desejos da tua mãe, mas não posso evitar pensar que serias muito mais feliz se te casasses por amor.

Raven inclinou-se para ela com a mesma seriedade.

− Amas Lorde March? − perguntou-lhe.

− Sim, claro. Amei-o toda a minha vida.

− E amas Nicholas?

Aurora desviou o olhar, desejando não ter de responder àquela pergunta. O seu amor por Geoffrey tinha sido doce e terno, não aquela ânsia lancinante. O que sentia por Nicholas era tão complexo… tão perturbador… tão doloroso…

− Sei que não tenho experiência nas questões do coração − disse Raven −, mas não posso acreditar que o meu irmão te seja indiferente. Vi o modo como o olhas. Se isso não é amor, o que é?

«Paixão», desejou responder Aurora. Contudo, mesmo enquanto tinha aquele pensamento, recordou, com uma intensidade comovedora, a observação do diário. *A paixão da carne pode originar a paixão do coração. Eu sou disso uma prova viva…*

Aurora reconheceu desesperada que a paixão podia conduzir ao amor. Tinha sucedido a Desirée. E igualmente a ela.

A dor brotou do seu coração e aferrou-se na sua garganta. Teve dificuldade em responder.

− Não posso permitir que os meus sentimentos por Nicholas prevaleçam.

Raven levantou-se impaciente da sua poltrona e começou a passear pelo quarto.

− Que pensa Lorde March de tudo isto? Será que o homem não tem coração? Como pode exigir-te semelhante sacrifício?

− Ele não sabe da minha relação com Nicholas. Ontem só lhe disse que me constava que o meu marido ainda estava vivo.

Raven voltou-se e olhou-a fixamente.

− Não sabe que Nicholas está aqui, em Inglaterra?

− Não… não podia dizer-lho. Não podia causar-lhe essa mágoa. E além disso temia expor Nicholas. Pensei que seria melhor aguardar até ele estar longe e a salvo.

− Desculpa a minha franqueza, Aurora, mas o conde de March talvez não queira uma esposa com um anterior matrimónio anulado. Talvez não deseje manchar assim o seu nome de família.

− Geoffrey não está preocupado com o nome de família. Só está decidido a livrar-me do escândalo. Foi ele quem me propôs ajudar-me a obter a anulação. Deseja dar-me a proteção do seu nome assim que rompa o meu matrimónio com um criminoso.

− Mas se lhe dissesses o que sentes, que Nicholas não é um criminoso…

Aurora fechou os olhos com força lutando contra a sua angústia crescente. Não podia dizer a Geoffrey que amava outro homem. Não podia feri-lo desse modo. Se a queria como esposa, então ela não tinha outra escolha senão aceder aos seus desejos. Devia-lhe essa lealdade.

− Não devias permitir-lhe que decidisse por si mesmo? − perguntou Raven. − Devias dizer-lhe a verdade, Aurora, pelo menos acerca da tua relação com Nicholas. Seria injusto não o fazer. E isso poderia constituir uma grande diferença.

− Não posso dizer-lhe nada − sussurrou Aurora − até que Nicholas tenha partido.

− Mas, nessa altura, pode ser demasiado tarde! Aurora, não vês…?

Outra pancadinha cortês soou na porta, obrigando Raven a interromper a sua súplica apaixonada.

Quando Aurora, exausta, convidou a entrar, a porta abriu-se um pouco para revelar o grave rosto de Danby.

− Está aqui um cavalheiro que deseja vê-la, *milady*. Um tal capitão Richard Gerrod. Diz que é urgente que lhe fale acerca do seu marido.

Aurora sentiu que a cor lhe fugia do rosto. Santo Deus! O capitão Gerrod era o oficial naval que tinha capturado Nicholas no Caribe. Por essa altura já devia saber que o seu antigo prisioneiro continuava vivo. Saberia que Nicholas estava em Inglaterra? Mas porque viria Gerrod visitá-la senão para tentar encontrar Nicholas?

Durante alguns segundos, Aurora não conseguiu articular nenhum som. Foi Raven quem respondeu a Danby.

− Por favor, diga ao capitão que sua senhoria desce dentro de um momento.

− Com certeza − replicou o velho mordomo ao retirar-se.

Ainda assustada, Aurora voltou-se para olhar para Raven. A jovem estava pálida, só ligeiramente mais composta do que ela mesma.

− Tens de falar com ele, Aurora. Quando te informar que o teu marido está vivo, mostra-te muito surpreendida.

− Como sabes tu quem é Gerrod? − perguntou Aurora desconcertada.

− Nicholas avisou-me esta manhã quando veio despedir-se.

− Nicholas avisou-te!

− Ele sabe que Gerrod anda à procura dele. Por que outra razão pensaria em partir esta noite?

Aurora levou uma mão à dela. Na noite anterior, quando Nicholas tinha feito amor com ela, sabia que corria perigo mortal e,

todavia, não lhe tinha dito nada. Maldito…

− Não me disse nada − murmurou, dividida entre o medo e a ira ao pensar que Nicholas lhe tinha ocultado aquela revelação.

− Possivelmente porque não queria que te preocupasses − replicou rapidamente Raven. − Suspeito que pretendia que tomasses a decisão de o acompanhar sem nenhuma coação.

Coação? De imediato o temor superou a ira. Aurora pôs-se de pé.

− Tenho de avisar Nicholas…

− Não! − opôs-se Raven. − Garanto-te que ele já sabe que está a ser perseguido. Se desejas protegê-lo, farias melhor tentando afastar Gerrod do seu rasto. Devíamos inventar um plano, Aurora.

Aurora respirou profundamente, procurando dominar o pânico. Raven tinha razão. Se desejava ajudar Nicholas teria de enganar o capitão fazendo-o acreditar que não sabia nada acerca do paradeiro do marido.

Enquanto descia a escada em direção ao salão onde Gerrod a aguardava, o sangue gelara-se-lhe nas veias.

− Capitão − disse friamente, detendo-se junto à porta −, admira-me que tenha o descaramento de me procurar depois de tudo o que fez. Acredito que tenha uma boa razão para estar aqui.

A expressão do homem era severa, quase cruel, enquanto perscrutava o rosto dela.

− Procuro o seu marido, *milady*.

− O meu marido está morto, capitão − replicou Aurora friamente −, como o senhor bem sabe. Foi o senhor quem o condenou à morte.

− Então, não soube das notícias? − inquiriu Gerrod com ceticismo.

− Que notícias?

− Nicholas Sabine está vivo.

Aurora olhou-o fixamente e depois esforçou-se por adotar uma cuidadosa expressão de desprezo.

− A sua brincadeira é de muito mau gosto.

− Não é uma brincadeira, *milady*. O pirata, o capitão Sabre, efetuou uma fuga audaz no momento em que estava a ser transportado para Barbados para ser executado.

− Por que razão deveria eu acreditar numa história tão inverosímil? Espera que simplesmente aceite a sua palavra? Do homem que prendeu o meu marido e ordenou a sua execução?

− Não imaginava que necessitasse de provas, *milady* − replicou o capitão com severidade. − Estava certo de que Sabine já a teria visitado.

− E eu garanto-lhe que não.

Gerrod franziu o sobrolho.

− Tenho boas razões para acreditar que está a fazer-se passar pelo primo, o senhor Brandon Deverill. E consta que a senhora tem sido vista com Deverill.

− Não nego conhecer o senhor Deverill, capitão, mas penso que reconheceria o meu próprio marido, não lhe parece? − replicou Aurora com sarcasmo.

− Talvez ele a tenha enganado.

− E talvez o enganado tenha sido o senhor.

Ao ver que Gerrod cerrava o maxilar com ira e frustração, Aurora adotou um tom mais conciliador.

− Ainda que o meu marido estivesse vivo, o que eu não acredito, o que o faz pensar que tivesse vindo para Inglaterra? A casa dele é… era… na Virgínia.

− Se eu tivesse uma mulher tão encantadora, não hesitaria em procurá-la.

− Se assim fosse, decerto já me teria procurado. Mas não o fez.

− Está absolutamente certa disso? − inquiriu Gerrod, olhando fixamente para ela.

− Capitão… − respondeu ela pensando furiosamente −, estou comprometida para me casar com o conde de March, embora não seja feita nenhuma comunicação pública até o meu período de luto estar concluído. Acredita realmente que teria aceite um tal compromisso se ainda acreditasse estar casada com outro homem?

Pela primeira vez, a expressão do capitão revelou sérias dúvidas. Mas depois negou com a cabeça.

− Creio que está empenhada em proteger o seu marido, *milady*.

Aurora deixou deliberadamente que os seus traços demonstrassem frieza.

− E eu creio que o senhor se convenceu dessa fantasia por vingança ou por despeito. Não sei bem qual delas.

Gerrold voltou a mostrar-se carrancudo.

− Se o homem que procuro é realmente Deverill e não Sabine, então não tem nada a temer da minha parte.

Ela soltou um suspiro comedido, como se estivesse a pensar se o ajudava ou não.

− É do meu conhecimento que o senhor Deverill saiu de Londres há uns quinze dias mais ou menos, em viagem para Somerset… ou era Berkshire? Talvez devesse começar as suas buscas por aí.

Ele manteve um olhar severo fixo nela.

− Sem dúvida − replicou Gerrod com um sarcasmo renovado −, deseja enviar-me para bem longe daqui. Não, *milady*, acredito que conheça o paradeiro de Sabine.

− Está a acusar-me de mentir, capitão Gerrod? − Aurora ergueu o queixo majestosamente. − O senhor ofende-me, e tenho de lhe pedir que saia.

− Muito bem − proferiu Gerrod −, mas não desistirei. Encontrarei Nicholas Sabine e levá-lo-ei à justiça.

Aurora permaneceu tensa e em silêncio até ele ter saído. Depois soltou um suspiro trémulo. Esperava que as suas mentiras o tivessem convencido, mas duvidava seriamente disso.

Voltou-se para caminhar pelo salão e praguejou entre dentes. Devia haver algo que pudesse fazer para proteger Nicholas. Não podia suportar manter-se ociosa, deplorando a sua impotência.

Santo Deus! Talvez devesse ter construído uma história melhor. Talvez não tivesse sido prudente fingir que estava prometida a Lorde March. Agora teria de convencer Geoffrey a levar a farsa adiante se o capitão Gerrod lhe fizesse perguntas…

Geoffrey! Aurora ficou petrificada. Ele não sabia que Nicholas estava em Inglaterra. Tomaria conhecimento da notícia e então compreenderia que ela não lhe tinha dito a verdade. Sentir-se-ia ferido e atraiçoado…

Não, Aurora sabia que a revelação devia provir da boca dela. Tinha de ser ela a dizer-lho. Devia-lhe isso.

Voltou-se rapidamente para chamar o mordomo. Mas não era em Geoffrey que pensava quando pediu a Danby que se encarregasse da sua carruagem.

«Por favor», Nicholas, rogou em silêncio. «Por favor, salva-te». Não suportaria que Nicholas morresse, pois uma parte dela morreria com ele.

CAPÍTULO 25

O coração reconhecerá o seu único e verdadeiro companheiro

Encontrou Lorde March e a sua mãe aguardando a sua chegada. Ambos se levantaram para saudar Aurora quando esta entrou no elegante salão, e ambos acusaram surpresa ao vê-la vestida com o traje de dia de musselina e a camisa de manga larga. Pelo seu aspeto, era evidente que não tencionava jantar com eles.

− Aconteceu alguma coisa de mal, querida? − perguntou a condessa com preocupação.

Aurora pensou consternada que com efeito tinha sucedido algo muito mau. E também que devia sentir alegria ao ver o homem com quem tencionava passar o resto da sua vida, e não aquele terrível vazio.

− Perdoe-me, Lady March − replicou Aurora fugindo à pergunta −, mas tenho de falar com Geoffrey. A sós, se possível.

− Sim… com certeza − respondeu a condessa desconcertada. − Irei buscar uma echarpe. Creio que tenho um pouco de frio.

E retirou-se discretamente, deixando Aurora a sós com Geoffrey.

Ela viu a surpresa nos olhos dele, mas como sempre, comportou-se como um cavalheiro oferecendo-lhe uma cadeira sem a pressionar para que lhe desse uma explicação.

Todavia, estava demasiado agitada para se sentar. Com o coração dorido, voltou-se e começou a passear pela sala.

Viu que Geoffrey estava a observá-la, com as sobrancelhas unidas em sinal de preocupação.

− O que aconteceu, Aurora? É evidente que estás angustiada.

Ela ergueu os ombros, como se estivesse a preparar-se para receber um golpe, fez um esforço e voltou-se para ele.

− Eu… receio não ter sido totalmente sincera contigo, Geoffrey. Houve algo que não te disse.

− De que se trata, querida?

Aurora sentia os olhos a arder. Como poderia suportar ferir aquele homem? Não podia casar-se com ele. Não, quando amava Nicholas tão desesperadamente…

Tinha estado a enganar-se a si mesma a todo o momento. Os sinais tinham sido muito evidentes: a alegria que sentia ao ver Nicholas, o pesar ao ter de se separar dele, o terror perante a possibilidade da sua morte…

Naquela noite, ao conhecer o perigo que ele corria, tinha-se finalmente visto obrigada a reconhecer a verdade. Não podia perder Nicholas. Ainda que ele fosse morrer no dia seguinte, desejava estar ao seu lado todo o tempo possível.

− Aurora? − recordou-lhe Geoffrey ao ver que ela permanecia em silêncio.

Com um esforço, engoliu em seco para desfazer o nó que sentia na garganta. Não tinha escolha. Não podia deixar que Nicholas partisse.

− Mais tarde ou mais cedo, vais saber a verdade − começou finalmente −, mas desejava que fosse por mim.

− Aurora, por favor − disse ele suavemente −, espero que ponhas fim a este suspense.

Ela assentiu e exalou um suspiro tranquilizador.

− Ontem disse-te que o meu marido estava vivo, mas… há algo mais. Nicholas Sabine está aqui, Geoffrey, em Inglaterra.

Instalou-se um longo silêncio enquanto Geoffrey digeria aquela informação.

− O teu marido está aqui? − repetiu ele lentamente.

− Sim, tem estado aqui durante as últimas seis semanas.

− Tanto tempo?

Não conseguia decifrar a expressão dos olhos azuis de Geoffrey. Choque? Consternação? Ira?

Embora tivesse prometido controlar as suas emoções, Aurora deu por si a apertar as mãos.

− Geoffrey, eu… tenho estado com ele.

− Ele forçou-te? − perguntou num tom impregnado de ira enquanto as suas sobrancelhas se uniam e exibia uma expressão carregada.

− Não. Ele nunca me forçou. Eu… recebi-o de bom grado.

− Compreendo − replicou Geoffrey levando uma mão à fronte. − Importas-te que me sente?

− Sim… não, claro que não. − Aurora avançou um passo na direção dele. − Foi muito irrefletido da minha parte deixar-te de pé.

Ele deixou-se cair lentamente no sofá.

− Porque não me disseste ontem? − perguntou por fim.

− Não podia. Não queria magoar-te tão pouco tempo depois de teres regressado a casa. Tencionava dizer-to… em breve −

concluiu Aurora com pouca convicção.

Obrigou-se a olhá-lo nos olhos e foi sentar-se ao seu lado.

− Queria que tivesses tempo para te adaptares antes de tomares conhecimento disso… mas… surgiram umas complicações. A Armada Britânica anda à procura de Nicholas. Vieram ver-me há pouco e perguntaram-me se conhecia o seu paradeiro.

Geoffrey ainda parecia estar a pensar nas implicações da sua revelação anterior.

− Ontem levaste-me a acreditar que desejavas uma anulação do teu matrimónio.

− Pensava que o desejava − disse, inspirando de forma agitada. − Quando regressaste pedi a Nicholas que anulasse o nosso matrimónio e ele concordou.

− Pediste-lhe que rompesse o matrimónio?

− Sim.

− Porquê?

− Porquê? − Repetiu, perscrutando o rosto de Geoffrey. O olhar azul dele era solene e penetrante.

− Sinto curiosidade acerca das tuas razões − disse lentamente. − Se pretendias terminar esse matrimónio por mim ou porque o desejavas sinceramente.

Aurora olhou para as mãos entrelaçadas lutando por ocultar o desespero estampado nos seus olhos.

− Ama-lo… − Não era uma pergunta.

Sentiu que a visão se nublava enquanto assentia. Durante semanas tinha estado a lutar para não admitir o seu amor. Pensara que podia livrar-se de um desgosto amoroso repudiando Nicholas. Mas agora sabia que ficaria com o coração destroçado se o perdesse.

− Sim, amo-o. − As lágrimas ardentes que lhe queimavam os olhos começaram finalmente a correr. − Geoffrey, lamento muito.

− Aurora… não chores, por favor…

Ela negou com a cabeça em silêncio, debatendo-se por escolher entre a lealdade e o amor. Desejava cumprir a sua promessa de se casar com Geoffrey, contudo sabia que não poderia prosseguir com ela. Não podia partilhar a sua vida com aquele homem por muito que sentisse afeto por ele, quando o seu coração pertencia totalmente a Nicholas.

Enquanto lutava contra as lágrimas, Geoffrey exalou um suspiro.

− Que embrulhada o destino instalou nas nossas vidas − murmurou num tom repleto de ironia. − Aurora… olha para mim, por favor…

Ergueu-lhe o queixo com o indicador.

− Não tens de acabar com o teu matrimónio. − Exibia um sorriso agridoce. − Sinto-me honrado por estares disposta a sacrificar o teu futuro por mim, querida, mas não poderia permitir um gesto tão nobre. Não seria justo para ti nem para mim. Tu serias infeliz e eu não seria feliz sabendo o que sentes por outro homem. Não quero fantasmas no meu leito conjugal.

Ela engoliu em seco convulsivamente, com o coração despedaçado de dor por ele.

− Perdoas-me?

− Sim, claro que te perdoo, Aurora. Não podemos escolher a quem amamos.

− Eu amo-te, Geoffrey, mas não da forma que tu mereces. − Esforçou-se por aguentar o seu olhar gentil. − Tu mereces um amor verdadeiro, Geoffrey. O nosso compromisso… baseou-se sempre mais na amizade do que no amor, mais na conveniência do que na emoção. Nunca sentimos verdadeira paixão um pelo outro. Essa sensação avassaladora que faz rebentar guerras e desmoronar impérios.

Quando Geoffrey lhe pegou na mão ela enxugou energicamente as lágrimas procurando recuperar o controlo das suas emoções. Contudo, para sua surpresa, ele já não parecia preocupado.

− Compreendo o que queres dizer, Aurora. O verdadeiro amor é um fogo no coração. É um sentimento alegre e maravilhoso. Uma magnífica agonia. É ser incapaz de comer, de pensar e nem sequer de respirar a menos que se esteja perto do objeto do nosso afeto. É não nos sentirmos completos sem essa pessoa…

Atónita perante a sua calma confissão, Aurora ficou a olhar para ele interrogando-se como podia ele descrever os seus próprios pensamentos de um modo tão eloquente.

− Parece… que falas por experiência própria.

Ele sorriu debilmente.

− Falo mesmo. Receio também não ter sido totalmente honesto, querida. Durante o tempo que estive em França, apaixonei-me.

Aurora ficou boquiaberta, mas não disse nada.

− Havia uma rapariga, uma jovem da quinta onde cuidaram de mim até ficar bom. A sua família estava escondida, eram aristocratas que tinham sobrevivido ao terror. A filha mais velha… era tão gentil, Aurora, que não pude evitar apaixonar-me por ela.

− Porque não me disseste?

− Pela mesma razão que tu não me falaste da tua mudança de sentimentos. Não queria magoar-te. Além disso, como cavalheiro que sou, não queria ser eu a romper o nosso compromisso. Não teria sido minimamente um ato honrado.

Ela curvou lentamente os lábios num sorriso vago, à medida que sentia formar-se dentro de si uma alegria crescente.

− Quer dizer que estávamos ambos a tentar ser nobres.

− Evidentemente. Confesso que estou aliviado por teres entregado o teu coração a outro. Isso significa que posso pedir a Simone que seja minha esposa. Vamos, seca os olhos para que eu não me sinta tão culpado.

Aurora soltou uma gargalhada discreta, sufocada pelo lenço de linho que ele lhe entregou. Contudo, a expressão de Geoffrey voltou a ser solene enquanto ela enxugava a humidade das suas faces.

− Se este ano que passou me ensinou alguma coisa, Aurora, foi que o futuro não é seguro para ninguém. Se alguma vez tiveres a sorte de encontrar o verdadeiro amor, não deves arriscar-te a deixá-lo fugir.

Ela assentiu com uma concordância fervente, enquanto ao mesmo tempo se repreendia por se ter dado conta disso tão tarde. Se Nicholas morresse no dia seguinte, ela ficaria destroçada. Todavia, preferia um momento de abrasadora felicidade com ele do que toda a vida triste e cinzenta que tivera antes de o amar.

Nunca lhe confessara o seu amor. Da mesma forma que Desirée com o seu príncipe, nunca lhe tinha revelado os seus autênticos sentimentos até que… Por Deus! Esperava que não fosse demasiado tarde. Aurora soltou um profundo suspiro enquanto sentia um baque no coração.

− O que se passa?− perguntou Geoffrey.

Por um momento vacilou, interrogando-se se podia arriscar-se a contar-lhe o que tencionava fazer. Mas Geoffrey tinha-se mostrado disposto a sacrificar o seu amor por ela, possivelmente a manchar o nome da sua família com o escândalo só para estar junto dela, porque desejava a sua felicidade. Podia confiar nele. Ele não prejudicaria o homem que amava.

− Nicholas parte esta noite para a América.

− E tu pretendes ir com ele?

Ela perscrutou o seu rosto.

− Tenho de o fazer, Geoffrey. Podes compreendê-lo?

− Sim, querida. − A resposta foi suave enquanto lhe roçava a fronte com os lábios. − Compreendo. E se significa algo para ti, tens toda a minha bênção.

− Significa muitíssimo para mim.

Sorriu-lhe com doçura agradecendo-lhe, mas depois o sorriso desvaneceu-se à medida que uma nova angústia se apoderava dela.

− Só espero não chegar demasiado tarde. Nicholas tenciona partir para o Caribe com a maré alta.

− Então ainda dispões de uma hora ou mais. A maré alta será por volta das dez horas. Mas não te resta muito tempo para fazer as malas. Deves ir.

− Sim.

Pôs-se bruscamente de pé, com os pensamentos febrilmente às voltas na sua cabeça tentando fazer planos. Regressaria a casa com tempo suficiente para reunir algumas roupas e alguns artigos de primeira necessidade para as semanas que estivesse no mar. Mas de súbito deteve-se ao recordar outra obrigação.

− Devia despedir-me de Harry primeiro e explicar-lhe porque parto… ainda que talvez não lhe importe demasiado. Ele idolatra Nicholas.

− Harry conhece-o? − perguntou Geoffrey atónito.

Aurora devolveu-lhe um olhar inseguro.

− Nicholas tem-se feito passar pelo seu primo americano, Brandon Deverill.

− Ah, Deverill! − replicou Geoffrey secamente. − Ouvi Harry falar muito dele quando relatou vezes sem conta histórias do seu passeio a Londres. O meu irmão idolatra-o realmente.

− Imagino que a tua mãe não será tão indulgente.

− Só porque ainda não sabe nada acerca de Simone. Assim que lhe disser, sentir-se-á mais disposta a perder-te. Se quiseres,

acompanho-te a tua casa e depois ao cais − ofereceu-se Geoffrey. − Deduzo que é ali que deve encontrar-se o teu Nicholas.

− Sim, mas não precisas de te incomodar.

− Não é incómodo. E confesso que me agradaria conhecer o homem que roubou o teu coração.

Aurora voltou-se para sair com a mente rodopiando de impaciência e ansiedade. E se Nicholas já tivesse partido?

Então ela segui-lo-ia, disse uma voz decidida na sua cabeça. Se Nicholas partisse sem ela, Aurora contrataria um barco para a levar à América. Não deixaria que ele lhe escapasse.

Nicholas possuía o seu coração e nada mais importava.

Tinha decorrido quase uma hora quando Aurora chegou ao cais e procurou febrilmente o *Talon*, o navio de Nicholas. A neblina que subia do Tamisa ocultava a maior parte dos barcos que estavam atracados no embarcadouro, mas ela recordava-se bem da localização do navio da sua visita anterior e em breve avistou o *Talon* entre os mastros de outros cujas velas brancas fantasmagóricas tinham sido içadas.

Viu com alívio que a prancha de embarque ainda estava instalada, embora a tripulação se afadigasse pelo convés, posicionando cordames e segurando cabos, preparando-se já para soltar amarras.

Geoffrey teve alguma dificuldade em percorrer a prancha e fez uma careta de dor ao pisar o convés com a sua perna doente. Viram-se imediatamente intercetados por um marinheiro que os levou ao capitão, e este, por sua vez, conduziu-os ao mesmo camarote onde Aurora tinha feito amor com Nicholas numa noite que lhe parecia ter sido há uma eternidade.

A porta do camarote abriu-se, mas de início ela não viu Nicholas. O homem refastelado na tarimba era o primo dele, Lucian Tremayne, Lorde Wycliff, ao passo que o nobre sentado numa cadeira de madeira era Lorde Clune.

Nicholas encontrava-se de costas para ela, olhando pela escotilha para a noite escura. Aurora sentiu que o coração se lhe enchia de amor. Graças a Deus, não chegara demasiado tarde.

− Tem visitas, senhor − anunciou o capitão, depois fez uma vénia cortês e retirou-se.

Nicholas permaneceu completamente imóvel, mas os outros dois cavalheiros puseram-se de pé.

− Parece que, afinal, ganhei a nossa aposta − disse Clune num tom divertido.

− É verdade, Dare − replicou Lucian. − Mas desta vez não me importo de perder. Bem vinda, *milady*, estávamos a despedir-nos do nosso amigo americano.

Nicholas voltou-se lentamente como se não se atrevesse a sentir esperança, e olhou-a fascinado; os seus olhos negros e intensos procurando os dela.

Aurora avançou um passo dentro do pequeno camarote e deteve-se imediatamente, sem saber o que dizer. Como podia expressar tudo o que desejava e necessitava, diante de outras pessoas?

Ao ver que ela permanecia em silêncio, Nicholas baixou o olhar para o seu vestido de viagem e depois para Geoffrey, que se encontrava atrás dela. Ao vê-lo, ficou petrificado e a sua expressão tornou-se sombria.

− Então, vieste despedir-te − disse apaticamente.

− Não − replicou ela com voz rouca.

Geoffrey interveio.

− Creio que não nos conhecemos − começou entrando no camarote e avançando um passo diante de Aurora. − Sou March. − E ofereceu o seu braço são para lhe apertar a mão, mas Nicholas não fez nenhum gesto para a aceitar. − Compreendo que não me prodigalize um bom acolhimento − observou Geoffrey com ligeireza, sem se sentir ofendido −, mas não tem motivo para se preocupar. Já não sou seu rival. Aurora e eu chegámos a um acordo.

− Um acordo? − repetiu Nicholas cautelosamente, com o rosto ainda sem expressão.

− Sim. Creio que a sua mulher tem algo para lhe dizer.

Nicholas voltou de novo o seu olhar para Aurora, um olhar agora intenso e interrogativo.

− Não estou aqui para me despedir − anunciou ela devolvendo-lhe o olhar com firmeza. − Parto contigo.

Por um instante, distinguiu nos olhos dele um lampejo que podia ter sido de alegria. Mas depois, repentinamente, a sua expressão ensombreceu-se de ira. O olhar dele estava fixo na porta atrás dela. Nas suas costas escutou uma voz temida.

− Afinal, não estava enganado − disse secamente o capitão Gerrod. − O senhor é realmente Nicholas Sabine.

Com o estômago contraído, Aurora olhou por cima do ombro. Gerrod encontrava-se junto à porta, empunhando uma pistola que apontava diretamente ao coração de Nicholas.

CAPÍTULO 26

Só agora compreendo: os laços do amor são mais fortes que as correntes mais poderosas. Não há fuga possível

Ao contemplar a pistola mortífera, Nicholas sentiu uma emoção apunhalar-lhe o coração, não de temor mas de fúria. Não ia de forma alguma permitir que Gerrod o levasse como prisioneiro exatamente agora, quando se atrevera a acreditar que tinha o céu ao seu alcance.

Os seus dedos cerraram-se com força no copo de cristal que segurava na mão. Desde o princípio da noite que tinha passado metade do tempo com os seus amigos e uma consoladora garrafa de *brandy*, numa tentativa de afogar as suas mágoas, embora soubesse que nenhuma quantidade de álcool podia apaziguar a dor de perder Aurora. Mas a embriaguez tinha passado bruscamente quando ela aparecera como um anjo que tivesse brotado da sua febril imaginação.

E depois tinha chegado o próprio Gerrod que, evidentemente, a tinha seguido até ao cais. A menos que March o tivesse preparado assim com o intuito de eliminar o seu rival… Mas não era o momento de se preocupar com a forma como Gerrod o tinha encontrado.

O capitão Gerrod abriu caminho pelo camarote passando junto a Aurora e a March.

− Em nome da coroa − proferiu não sem alguma satisfação −, estás preso, Sabine.

Os olhos de Nicholas semicerraram-se enquanto ele avaliava a distância que o separava da pistola. Talvez pudesse arrebatar a arma a Gerrod, mas um confronto físico podia pôr Aurora em perigo.

Haveria outro meio, sem ser a violência física? Não estava certo de poder contar com a intervenção dos seus amigos. Afinal, eram cidadãos britânicos, e seria traição interferir com um oficial naval no cumprimento do seu dever. E, de qualquer forma, aquela batalha era sua.

Ao ver que Nicholas permanecia silencioso, Gerrod avançou outro passo na direção dele.

− O que tem para dizer em sua defesa, Sabre?

Nick sorriu.

− Digo-lhe que saia do meu navio, capitão.

Gerrod franziu o sobrolho.

− Tenho todo o direito de o prender. Irá acompanhar-me, senão…

− Senão o quê? Vai disparar a sangue-frio?

− Se me obrigar a fazê-lo, sim, mas prefiro vê-lo bailar no extremo de uma corda. Tenho meia dúzia de homens à espera no cais para o escoltar até à prisão de Newgate, onde se executará a sentença.

Com um ar despreocupado e sem parecer que se movia, Nicholas ergueu-se sobre as pontas dos pés pronto a saltar. Todavia, naquele preciso instante o seu primo falou:

− Ao que parece, o senhor é demasiado zeloso do seu dever, capitão − observou Lucian tranquilamente. − Confundiu a identidade deste homem. Estou absolutamente disposto a responder pelo senhor Deverill.

− Também eu − interveio Dare num tom divertido.

− Como vê, capitão, será a sua palavra contra a de dois pares do reino.

− Três − acrescentou Geoffrey tranquilamente.

Nicholas dirigiu um olhar surpreendido a March. O homem estava disposto a arriscar a sua honra por um estranho? Se assim era, fazia-o sem dúvida por Aurora. Evidentemente, March devia estar sob o seu feitiço. Se a amava, desejaria a sua felicidade acima de tudo.

Nick sentiu outra vaga de emoções pungentes, incluindo uma certa simpatia pelo seu rival. Conhecia a agonia de perder Aurora.

− Os meus mais sinceros agradecimentos, Lorde March − disse Nicholas solenemente.

− Deve admitir − sugeriu Dare ao capitão − que três testemunhas são difíceis de refutar.

A ira espelhou-se nas feições de Gerrod enquanto olhava para os três cavalheiros.

− Mentiriam para proteger este… pirata? É traição ajudar um criminoso.

− Aí é que o senhor se engana − replicou Lucian. − Este homem não é um criminoso. É um monárquico americano a quem foi concedido refúgio em solo britânico. E o senhor, capitão, está a agir ilegalmente ao tentar prendê-lo.

A fúria de Gerrod aumentou, e ergueu a pistola agitando-a diante de Nick. Pelo canto do olho, Nicholas viu que Aurora se

movia, mas não se atreveu a afastar a sua atenção da arma.

− Por Deus − praguejou o capitão − desta vez não escapará!

A sua diatribe foi interrompida por um uma pancada seca. Uma expressão aturdida estampou-se no seu rosto enquanto caía lentamente no solo.

Nicholas sentiu o coração subir-lhe à garganta. Aurora encontrava-se sobre o corpo tombado do capitão segurando na mão uma garrafa de *brandy* semivazia. Nick compreendeu que Aurora atingira com ela a cabeça do capitão.

A sua audaz ação surpreendeu tanto os seus amigos como a ele mesmo. Todos a olhavam com diversos graus de assombro.

Aurora cerrou o maxilar, aparentemente calma, mas pálida.

− Será que… o matei?

Nicholas agachou-se para tirar a pistola da mão de Gerrod e pressionou dois dedos no pescoço do homem.

− Não, está só desmaiado. − Dirigiu o seu olhar a Aurora. − Mais uma vez me surpreendes, anjo.

− Disseste que, por vezes, há que recorrer à violência − respondeu num tom desafiante. − Pensei que esta fosse uma dessas ocasiões. Ele tencionava disparar.

− De facto.

Nicholas pôs-se de pé e estendeu a pistola a Dare, e depois dirigiu-se a Aurora. Pegou na garrafa e depositou-a, junto com o copo que ainda segurava na mão, numa mesa próxima. Em seguida estreitou-a nos seus braços.

− Não podia permitir que te ferisse − disse ela com veemência olhando para ele.

− Estou tão feliz, querida − replicou ele com um sorriso.

Nesse momento, Gerrod moveu-se, embora não tivesse despertado.

− Por muito que me custe ter de interromper os pombinhos… hum… Brandon − interveio Dare −, creio que devíamos decidir o que fazer com o nosso ansioso amigo.

− Devíamos ir buscar uma corda para o amarrar − disse Lucian. − Duvido que de outro modo consigamos amansá-lo.

− Amarrá-lo? − perguntou Dare divertido. − A tua ingenuidade deixa-me perplexo.

Lucian exibiu o seu meio sorriso irónico.

− Ficarias surpreendido com o engenho que um homem pode desenvolver quando o risco é bastante elevado.

Nicholas soltou Aurora com relutância, voltou-se para rebuscar num armário e regressou com um pedaço de corda e uma faca. O primo fez as honras, ajoelhando-se para atar as mãos de Gerrod.

− Suponho que tens um plano, Luce… − disse Dare enquanto Wycliff se afadigava.

− Vou levá-lo e mantê-lo escondido até que o nosso amigo Brandon parta.

− E o que fazemos com os seus homens? − perguntou March.

− Ordenar-lhes-ei simplesmente que regressem aos seus postos. Duvido que me desafiem, especialmente se o seu capitão tiver uma mordaça e não poder contradizer-me.

− Gerrod ficará lívido por interferires no seu dever.

− E então? Não vou permitir que entregue Nick à corda do carrasco.

− Pode não chegar a ser enforcado − refletiu Dare em voz alta −, se Nick solicitasse o perdão ao príncipe regente.

− Em que estás a pensar exatamente? − perguntou Nicholas com extremo interesse.

− Em comprar o perdão. Pirata ou não, decerto poderias convencer Prinny da tua inocência se te oferecesses para lhe encher as arcas.

− Não há duvida de que vale a pena tentar − observou Lucian.

Acabava de atar os nós quando Gerrod despertou.

Gemendo, o capitão levou as mãos amarradas à cabeça e esboçou uma careta de dor. Ergueu o olhar, aturdido, e deparou-se com o conde de Clune a ameaçá-lo com a sua própria pistola.

− O senhor atingiu-me… − exclamou Gerrod perplexo. − Seu canalha… Como se atreve!

− Não − interveio Aurora fitando-o. − Fui eu que o atingi.

Nicholas não pôde conter um sorriso perante a expressão de surpresa do capitão.

− Não devia ter-me ameaçado, Gerrod, a minha… − Interrompeu-se antes de dizer a palavra esposa, recordando que devia continuar com a farsa. − Lady Aurora é uma tigresa quando se trata de defender os seus entes queridos.

Se o olhar matasse, Nick sabia que teria sido trespassado pelo olhar malévolo que Gerrod lhe lançou.

Por fim, o capitão voltou a sua irada atenção para os outros homens no compartimento.

− Não há dúvida de que os senhores foram enganados, milordes. Garanto-lhes que este homem não é Brandon Deverill mas

um pirata condenado…

− Essa cantilena começa a aborrecer-me − observou Dare. − Queres uma mordaça para o bom capitão, Luce?

Sacou de um lenço limpo e estendeu-o a Wycliff.

Gerrod encolheu-se horrorizado.

− Malditos sejam! Pagarão por isto! − ameaçou. − Acusá-los-ei a todos de traição.

− Duvido que seja bem-sucedido nisso − disse Lucian suavemente. − Descobrirá que a minha palavra tem mais peso do que a sua no Almirantado. Seja como for, a armada deve-me alguns favores, e Lorde Match é considerado um herói de guerra.

Quase salvaticamente, Gerrod dirigiu-se a Aurora.

− Vai arrepender-se se partir com este criminoso, *milady*. Será considerada uma fugitiva em Inglaterra. Jamais poderá regressar.

O olhar dela encontrou-se com o de Nicholas que se encontrava na outra ponta do pequeno camarote.

− Não importa − disse com firmeza e ternura nos seus olhos azuis.

Ele sentiu brotar a alegria no seu interior e esforçou-se ao máximo por não atravessar o compartimento e estreitá-la nos seus braços.

Nessa altura, Wycliff levou a mordaça à boca do capitão.

− Não pode fazer isto! − exclamou Gerrod começando a debater-se.

Lucian limitou-se a agarrar o capitão pela garganta e a olhá-lo fixamente com os olhos semicerrados.

− Espero que não me obrigue a enviá-lo para o seu Criador. Poderia facilmente encontrar-se sozinho no mar sem nenhum navio de resgate à vista.

Gerrod parou imediatamente de se debater.

«Bárbaro, mas eficaz», pensou Nick com satisfação.

Gerrod parecia ter engolido bílis.

Lucian amordaçou o capitão e depois forçou-o a levantar-se.

− Devíamos pôr-nos a caminho e deixá-los preparem-se para a partida.

− Obrigada, milorde − disse Aurora a Wycliff incluindo Clune no seu sorriso. − Obrigada aos dois.

Lucian ergueu uma sobrancelha.

− Por ajudar a salvar a pele dele? Não necessita de me agradecer. Sinto muito afeto pelo malandreco. Se o desejar, transmitirei as suas desculpas às suas amizades pela sua repentina partida.

Nicholas viu o sorriso de Aurora desvanecer-se.

− Que se passa, anjo?

− Raven… Não consegui despedir-me dela, e preocupa-me deixá-la sozinha em Inglaterra.

Ele olhou para o primo.

− Cuidarás da menina Kendrick por mim, Lucian?

− Com muito gosto.

− E eu − interveio Dare −, ofereço-lhe os meus serviços com todo o prazer.

− Desculpa-me − replicou Nicholas com um sorriso −, mas pedir-te que protejas uma dama é como esperar que um lobo guarde um rebanho de ovelhas.

− Neste caso, não tens nada a temer. Juro que serei tão casto como um irmão mais velho.

− Se vier a saber do contrário − ameaçou Nick só meio a brincar − penduro-te pelos polegares.

− Entendido. Bem, então adeus e boa viagem, meu amigo.

Quando os dois nobres saíram acompanhando o seu prisioneiro para fora do camarote, só ali ficou March. Nicholas observou que Aurora se aproximava do conde e lhe segurava na mão. Com o sorriso mais doce, ergueu a cabeça e deu-lhe um terno beijo na face.

Nick deu por si a cerrar o maxilar… mas fez um esforço para o suportar. Disse a si mesmo que já não tinha motivos para ter ciúmes do conde quando era ele quem reclamava Aurora como sua esposa.

March murmurou uma despedida e depois fixou o seu olhar em Nicholas.

− Cuide bem dela, Sabine, ou pode estar certo de que lhe farei uma visita na América.

− Fique tranquilo. Protegê-la-ei com a minha vida − prometeu Nicholas solenemente.

O conde desviou a sua atenção para Aurora.

− Desejo-te toda a felicidade do mundo, querida.

− E eu a ti. Simone é uma mulher afortunada. Talvez um dia possa conhecê-la.

Retrocedendo, March dirigiu a Aurora um último sorriso e depois saiu, fechando a porta do camarote atrás de si.

Nick soltou um lento suspiro procurando aliviar a brutal tensão do seu corpo. Quando Aurora se voltou para olhar para ele, os seus olhares cruzaram-se.

− Não estava enganado, pois não? − murmurou. − Amas-me?

− Sim, Nicholas, amo-te.

A alegria invadiu-o com uma tal intensidade que se sentiu estremecer. Em duas passadas chegou junto dela e estreitou-a nos seus braços, da forma que tinha desejado fazer desde a sua chegada a bordo da escuna. Os lábios de Aurora foram sufocados por um beijo apaixonado.

Embora a tivesse deixado sem alento, Nick não parou. A sua boca movia-se sobre a dela com avidez, como se estivesse desejoso de a saborear. Todavia, Nicholas acabou por interromper o terno assalto de modo a poder sussurrar-lhe com voz rouca:

− Di-lo de novo.

Ela entendeu a urgência do seu pedido.

− Amo-te − conseguiu dizer antes de ele interromper a sua declaração com outro beijo devastador.

Decorreu um longo momento até que Nick lhe permitiu voltar a falar, embora ainda se recusasse a soltá-la.

Ofegante de desejo e de amor, pressionou a sua fronte contra a dela.

− O que causou esta mudança no teu coração? − atreveu-se a perguntar-lhe.

− Compreendi que não podia viver sem ti − disse Aurora simplesmente.

− Então serás minha mulher? − Ergueu a cabeça para lhe inspecionar o rosto.

Os olhos de Aurora brilhavam de amor, o seu sorriso encantador deixou-o sem fôlego.

− Sim, Nicholas. Sê-lo-ei… mas com uma condição.

Aquilo finalmente fê-lo deter-se. Afastou-se para a olhar com cautela.

− Que condição?

− Que me prometas fazer pelo menos um pequeno esforço para conteres a tua temeridade.

− A minha temeridade?

− Desde que te conheço, tudo o que fizeste foi desafiar deliberadamente o perigo. Não tenciono voltar a ser viúva.

− E eu não tenciono permiti-lo.

− Disseste que querias proteger-me com a tua vida. Vi-te a olhar para a pistola de Gerrod como se planeasses algo desesperado. Tenho a certeza de que terias lutado com ele se eu não tivesse intervindo.

− Teria encontrado outra forma. Não me teria arriscado a pôr-te em perigo. − Nick não pôde reprimir um sorriso. − A expressão do rosto de Gerrod… Estava tão seguro de que me tinha em seu poder. Não esperava ter de lidar com a minha bela e corajosa esposa.

− Não fui nada corajosa. Estava aterrada a pensar que ele ia disparar. − Estremeceu. − Não podia suportar perder-te, Nicholas. Quero que me prometas que tentarás manter-te a salvo por mim.

− Prometo, querida. Os meus dias de aventuras temerárias terminaram, juro-te. Não quero arriscar-me a perder-te.

Fixou o olhar nos olhos azuis dela sem conseguir ainda acreditar na sua boa sorte.

− Quero passar o resto da minha vida contigo, Aurora. Quero ter filhos contigo e envelhecer ao teu lado. Quero dormir contigo, partilhar sonhos contigo e acordar ao teu lado…

Aurora pensou que nunca tinha ouvido palavras mais belas.

Naquele instante, sentiu o movimento do navio à medida que a âncora ia sendo levantada. Nicholas ergueu a cabeça e depois inclinou-a de novo para lhe tocar ao de leve nos lábios.

− Temos uma longa viagem pela frente. Sabes disso, não sabes, meu amor?

Ela sentiu o pulso acelerar-se ao pensar nisso; a perspetiva de passar semanas e semanas a sós com Nicholas enchia-a de alegria.

Ergueu deliberadamente os braços para lhe rodear o pescoço e fitou os seus olhos negros que brilhavam com tanta intensidade e ternura.

− Não será longa o suficiente − sussurrou, desejando proclamar aos quatro ventos a plenitude do seu coração.

Estava realmente a viajar para a Virgínia com Nicholas, como sua esposa. A enormidade da sua decisão já não a alarmava. Só podia contemplar o futuro com júbilo, emoção e esperança.

Nicholas era a sua vida. O único homem que amaria para sempre.

À medida que os seus lábios se moldavam aos dele, ocorreu-lhe uma frase do diário: *Ele mantinha o meu coração cativo, com correntes mais fortes que o aço.*

Pensou que era cativa de Nicholas, mas totalmente de sua livre e espontânea vontade.

Suspirou e entregou-se ao beijo abrasador. Nicholas possuía o seu coração, e ela sabia com uma certeza absoluta que estavam apenas no início de algo extenso e belo. O futuro abria-se diante deles. Um futuro brilhante e repleto de promessas. Marido e mulher, unidos por uma irresistível paixão conhecida como amor.

EPÍLOGO

Anotação do diário, 4 de fevereiro de 1814

Agora vejo a verdade com muita clareza. Toda a minha existência anterior não era senão uma sombra. Eu mantinha a vida à distância, sem me permitir aproximar dela.

Só tu me libertaste da minha prisão. Só tu me tocaste fundo o suficiente para encontrares o núcleo da paixão que havia dentro de mim. Só tu viste o que havia dentro do meu coração e desnudaste as profundezas do meu desejo.

Ensinaste-me o que era a paixão e depois o amor…

Aurora fez uma pausa na escrita e ergueu o olhar para a porta da sala de estar contígua ao quarto. *Nicholas*. Pressentiu a presença dele mais do que ouviu, tão acostumados estavam um ao outro.

Ele estava encostado à ombreira da porta com um ar despreocupado, tão irresistivelmente belo que Aurora sentiu um baque no coração. A luz brilhante do inverno reluzia dourada nos seus cabelos, que já não estavam escurecidos para dissimular a sua identidade.

Aurora sorriu-lhe, assolada de amor e desejo.

− Há quanto tempo estás aí?

− Não muito.

− Pareces estar a desenvolver o hábito de me observar.

− É verdade. É um dos meus maiores prazeres, contemplar a minha bela esposa.

Nicholas atravessou o quarto até ao lugar onde Aurora se encontrava sentada à sua secretária.

− Estás de novo a escrever sobre mim?

− Sobre nós − emendou.

Estava a escrever o seu próprio diário, expondo os seus pensamentos mais íntimos. Tinha desejado, necessitado, de uma forma de expressar a profundidade dos seus sentimentos em relação a Nicholas.

Ele era o único que podia lê-lo. Não tinha segredos para ele. Nicholas tinha-a conduzido por uma odisseia do coração, uma odisseia que ainda se estava a desenrolar. Cada dia com ele era uma nova maravilha; cada momento, uma alegria.

− Perdoa-me por te interromper, querida − disse-lhe, estendendo-lhe um pergaminho enrolado −, mas acaba de chegar isto de Lucian. Vais gostar.

Curiosa, Aurora poisou a pluma sobre a mesa e abriu o documento. Soltou um grito de alegria ao ver o selo real do príncipe regente de Inglaterra.

− Foste perdoado? − exclamou, lendo febrilmente.

− Sim. O preço foi exorbitante. Dois navios mercantes e uma escuna da companhia de navegação Sabine, mas agora posso regressar a Inglaterra sem uma sentença de morte pairando sobre a minha cabeça. E tu poderás visitar a tua pátria, querida.

Aurora estava eufórica, mais por Nicholas do que por ela. Ele já não era um fugitivo. Já não tinha de viver no terror de poder ser capturado como um criminoso e enviado para a forca.

− Se quiseres, podemos planear uma viagem para lá assim que a guerra terminar − disse.

Ela olhou-o pensativa. A guerra entre a América e a Inglaterra prosseguia com violência, na realidade perigosamente próxima das suas costas, o que tornava a travessia do Atlântico muito arriscada.

Aurora sorriu-lhe com gratidão, mas sacudiu a cabeça em negação.

− Não tenho uma necessidade urgente de regressar a Inglaterra − disse com suavidade. − Agora este é o meu lar, Nicholas. Tudo o que me importa encontra-se aqui. Exceto Raven, claro. O teu primo Wycliff enviou alguma notícia acerca dela?

− Uma breve menção. Ao que tudo indica, continua a ser a heroína de Londres. O seu compromisso com um duque só veio acrescentar-lhe atrativos.

Aurora franziu ligeiramente o sobrolho.

− Ela preocupa-me, Nicholas. Incomoda-me o facto de ter aceite a proposta de Halford quando tinha opções muitíssimo melhores.

− A mim também não me agrada a sua escolha, querida, mas já falámos disso antes e concordámos que eu não proibiria o matrimónio.

− Eu sei, mas ainda assim… Creio que fizemos bem em enviar-lhe o diário. Talvez a ajude a reconsiderar antes de se comprometer com uma vida sem paixão nem amor. Desejo que ela compreenda ao que está a renunciar e se aperceba que a felicidade provocada pelo amor vale bem o risco da dor.

− Tal como Desirée descobriu?

− Sim.

Aurora sorriu debilmente perante o olhar superior do marido.

− Tinhas razão, reconheço-o. No final, tanto o amor como a paixão foram arrebatados a Desirée, mas ela não lamentou ter amado. − Aurora olhou para Nicholas com sobriedade. − Só queria que Raven pudesse compreender que seria muito mais feliz se desposasse alguém por amor.

− Nós não o fizemos, lembraste? Tu tiveste compaixão de um pirata condenado e poupaste-me a um destino pior que a morte, sem conhecer nunca o teu amor.

Aurora estremeceu ligeiramente ao recordar o quão perto estivera de perder o seu destino.

Todavia, Nicholas não parecia estar tão afetado como ela por recordações sombrias, porque a sua boca curvou-se num meio sorriso.

− Por muito que me desagrade reconhecê-lo, devíamos estar reconhecidos a Gerrod. Se não fosse ele, nunca nos teríamos conhecido e muito menos casado.

Talvez devesse estar grata ao capitão, admitiu Aurora de má vontade. Pela primeira vez na sua vida era realmente feliz. Tinha um marido maravilhoso que preenchia o seu coração e uma família completamente nova. A mãe de Nicholas e as suas duas irmãs tinham-na acolhido ansiosamente como sua esposa, tornando-se tão íntimas como se fossem família de sangue. Não obstante, ainda não podia pensar em Gerrod com equanimidade, tendo em conta a forma como ele tinha desejado a morte de Nicholas.

− Wycliff tinha outras notícias para contar? − perguntou mudando de assunto. − Como é que se está a dar com a sua nova noiva?

− Na carta não diz. − O olhar de Nicholas demorou-se no dela. − Só espero que tenha metade da sorte que eu tive.

Aurora sorriu com suavidade, enrolou o pergaminho e voltou a atar a fita.

− Bem, diria que isto merece uma celebração.

Ele inclinou-se para a beijar ao de leve nos lábios.

− Posso imaginar o modo perfeito de o celebrar − murmurou carinhosamente ao seu ouvido. − entregando-me a outro dos meus maiores prazeres… satisfazer a minha bela mulher.

− Em pleno dia? − perguntou ela fingindo-se chocada. − Que escândalo!

O sorriso de Nicholas era magia pura e perversa. Fazia com que o sangue de Aurora se acelerasse e que os seus mamilos endurecessem com a necessidade do seu contacto. Quando ele a pôs de pé, ela encostou-se a ele de bom grado. Ardia de desejo por ele, com uma intensidade que só ele podia satisfazer.

Aurora sentiu o calor e a solidez do corpo dele quando os seus lábios se uniram. Ele beijou-a com ternura, com o seu sabor deliciosamente familiar, o odor deliciosamente tentador da sua pele cálida. Com uma febre crescente, ela abraçou-o permitindo que uma ânsia feroz crescesse no seu interior e transbordasse.

Então, sem palavras, ele conduziu-a até ao quarto e fechou a porta atrás de si.

Despiram-se um ao outro muito lentamente, prolongando o momento, entretendo-se a saborear e a tocar. Os olhos negros de Nicholas ardiam de desejo quando a estendeu nua no leito, enquanto o coração de Aurora disparava com o mesmo desejo perante a magnificência do corpo excitado de Nicholas. Extasiada, ouviu-o suspirar de prazer à medida que se unia a ela.

A carne quente e macia do peito dele pressionou-se contra os mamilos sensíveis, as suas coxas largas e duras separaram as dela. Todavia, aparentemente, não estava disposto a proporcionar-lhe a libertação. Ao invés, pretendia atormentá-la.

Aurora viu os olhos dele turvarem-se enquanto se movia sobre o corpo dela. Inclinado, depositava beijos leves e eróticos sobre a sua pele, os seus mamilos tensos e o seu ventre, descendo cada vez mais, até que os seus lábios encontraram o montículo do seu sexo. Ela inalou profundamente quando sentiu o delicioso contacto da sua língua quente e húmida a saborear a sua humidade. Aurora tremia sob o seu erótico ataque enquanto garras de paixão se cravavam no seu peito.

Por fim não pôde suportar mais e, agarrando os cabelos louros-escuros de Nicholas, Aurora pronunciou o seu nome com uma voz rouca e trémula, necessitando de sentir a sua carne quente a deslizar para dentro dela.

− Nicholas, por favor…

Aurora sabia que ele o desejava tanto quanto ela; a sua ereção pressionava-se fortemente contra a sua coxa, imensa e

impaciente, enquanto ele a cobria com o seu corpo.

As mãos dele enredaram-se nos cabelos dela e beijou-a com avidez, com um beijo lento e profundo ao mesmo tempo que a penetrava lentamente. Um gemido baixo proveio da sua garganta enquanto a carne quente de Aurora o envolvia.

Ela acolheu-o plenamente e arqueou-se debaixo dele à medida que Nicholas a preenchia com um fogo abrasador. O corpo de Aurora estava pleno dele, fundindo-se com ele. Sentiu vontade de chorar. Cada vez que Nicholas lhe tocava era tão novo e belo…

Estava certa de que ele sentia a mesma maravilha. Um estremecimento fez sacudir Nicholas e retirou-se só o tempo suficiente de encontrar o olhar dela, com os seus olhos ardentes fixos nos dela. Depois voltou a arremeter, mergulhando profundamente dentro dela, tão profundamente que Aurora não podia discernir onde acabava o corpo dele e começava o dela.

Ao fim de uns momentos, chorou, enquanto vagas de calor vibravam a partir do seu centro mais profundo. Vibrações que arrastaram Nicholas atrás de si.

Moveram-se como se fossem um só e explodiram em simultâneo, fragmentando-se em pedaços de luz brilhante e quente. Era como se as suas almas se tivessem fragmentado e recomposto lentamente, fundindo-se com uma doçura insuportável.

Acalmaram-se lentamente, com pequenos tremores ondulando pelas suas terminações nervosas e prolongando-lhes o prazer. Sonolentos e saciados pelo êxtase, mantinham-se abraçados, com os membros entrelaçados.

− Minha vida − sussurrou Nicholas contra a fronte dela, fazendo eco dos seus próprios pensamentos. − Minha própria alma.

Com o coração repleto de amor, Aurora suspirou satisfeita. O amor tinha-lhe imposto uma escolha irrevogável, mas não se arrependia em absoluto. Aquela sensação de comunhão entre eles era inegável. Estavam destinados a estar juntos.

Pressionou o rosto contra a cálida carne do ombro do seu marido pensando no diário de Desirée. *O coração reconhecerá o seu único e autêntico companheiro.*

Era verdade, pensou Aurora. Nicholas era o seu companheiro, agora e para sempre. Ele tinha despertado paixões ocultas no seu coração e provocara-lhe mais felicidade do que era possível imaginar. Ele era o seu único e verdadeiro amor, e ela não podia pedir mais nada.